

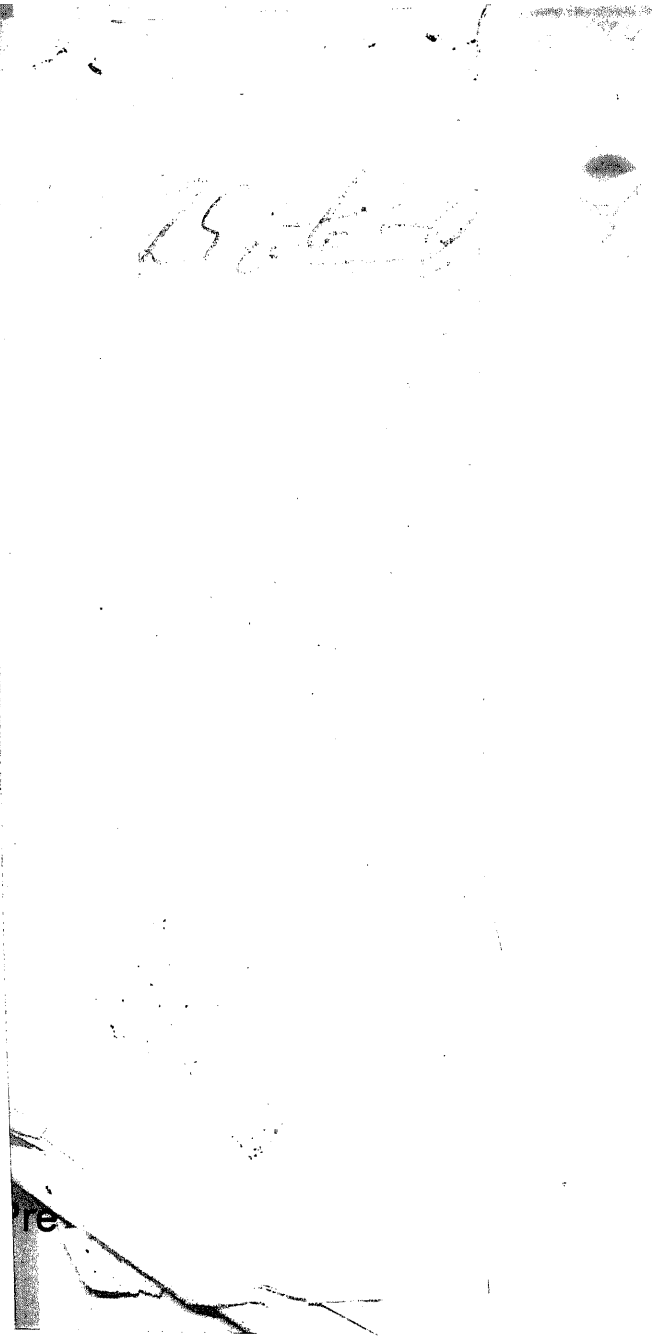
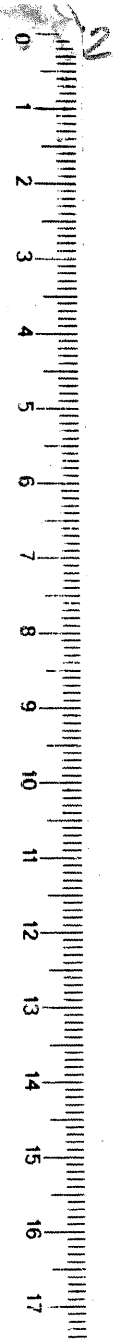
da Comp. de Poes. de Granada R. 10972
P O E M A S

LVSITANOS DO DOVTOR

ANTONIO FERREIRA
DEDICADOS POR SEU FILHO
*Miguel Leite Ferreira, ao Principe D.
PHILIPPE nosso senbor.*



EM LISBOA.
Impresso com licença, Por Pedro Crasbeeck.
M. D. XCVIII.
Com Priuilegio. A custa de Estuão Lopez Liureiro.



da Comp. de Ar. de Granada N. 10982
P O E M A S

LVSITANOS

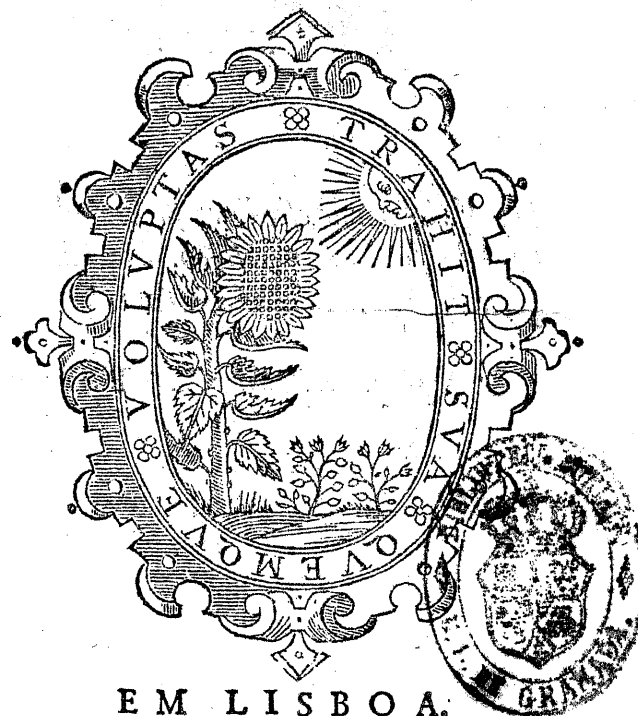
DO DOCTOR

ANTONIO FERREIRA

DEDICADOS POR SEU FILHO

Miguel Leite Ferreira, ao Principe D.

PHILIPPE nosso senhor.



EM LISBOA.

Impresso com licença, Por Pedro Crasbeeck.

M. D. XCVIII.

Com Privilegio. A custa de Estuão Lopez Liureiro.

3190121

Licença do sancto Officio.

Vista a informação que se ouue, pode-se imprimir este liuro, & depois de impresso venha a este conselho, pera se conferir com o original, & se dar licença pera correr. Em Lisboa 6. de Fenereiro de 1597.

Diogo de Soufa. Marcos Teixeira,

Da mesa do paço.

Que se possa imprimir este liuro, vista a licença do sancto officio da Inquisição. Em Lisboa a 30. de Agosto de 1597. E como foy visto nesta mesa,

Pereira. D. Aguiar. A. Dalmeida. Fonseca,

SENHOR.

Esteue a lingua Portuguesa não conhecida no mûdo, por causa dos ingenhos Portugueses não terem experimentado nella, o q̃ outras nações mostraram nas suas: tẽ q̃ Deos foy seruido darlhes el Rey D. IO A M III. tio de V.A. (a quem deuidamente coube o nome de pay da patria) q̃ inspirado do seu pio zelo espertou os estudos das letras, & a Vniuersidade, q̃ o grãde Rey D. DINIS fundára em Coimbra, & despois se mudou a Lisboa, tam de proposito tornou assentar em Coimbra, q̃ mais parecia instituy-la, que reformala. E como a inclinação dos Reys seja a mais guardada ley de seus vassallos, cõcorreo cõ nouo feruor a aprender toda a nobreza deste Reyno, & começou esta aruore em breue tẽpo produzir tã suaue fruito, como mereciã o animo, & mãos de quẽ a plãtou. Em todas as facultades ouue varões insignes, dos quaes hoje florecẽ muitos, & algũs se inclinaram à Poesia, auendo q̃ com ella ficauã as letras mais ornadas. Naq̃lles tempos o Doutor Frãcisco de Sã de Miranda foy o primeiro, q̃ cõ a singular brandura dos seus versos Lusitanos começou mostrar o descuido dos passados, & que esta lingua he capaz de nella se cantarẽ Damas, Capitães, & Emperadores

Com cujo exéplo meu pay, q̄ então estava nos estudos, pretédeo com a variedade destes sens manifestar como a lingua Portugueza, assi em copia de palauras, como em grauidade de estylo a nenhũa he inferior. E có mór honra desta nação mostrara estaverdade, senão fora impedido có o seruiço del Rey no Desembargo, & a morte tã anticipada lhe não cortara o fio a mores esperanças, deixádome em tal idade, q̄ o não conheci. Esteue este liuro por espaço de quaré ta annos, assi em vida de meu pay, como depois do seu faleciméto, offerecido por vezes a se imprimir, & sem se entéder a causa, q̄ o impedisse, não ouue effeito. Agora q̄ có a idade foy crescêdo a razaõ, conheço qual era, & quãto deuo á boa estrella q̄ o detinha vir a luz, esperãdo chegasse a de V. A. com seu emparo, & fauor. A que eu có o deuido acataméto o offereço, cófia do, q̄ có benigno, & real animo será recebido, assi pola obrigação, q̄ V. A. tem de fauorecer os bõs ingenhos, q̄ có amor, & sancto zelo de tal Rey começará mostrar-se nestes Reynos, como pola muita parte, q̄ a V. A. cabe na boa reputação desta lingua, ficãdo desculpado meu atreuimento, có a deuida, & natural obrigação, q̄ os filhos té de procuraré perpetuar có hõra a memoria de seus pays. Deos guarde a V. A. De Lisboa a 15. de Mayo de 1598.

Miguel Leite Ferreyra.

EV el Rey faço saber aos que este aluará virem. q̄ auêdo respeito ao que na petição atras escripta diz Miguel Leite Ferreyra, ey por bem que por tempo de dez annos imprimidor, nem liureiro algũ, nem outra pessoa, de qualquer qualidade q̄ seja, não possa imprimir, nem vender em todos estes Reynos, & senhorios, né trazer de fora delles o liuro de poesia intitulado Poemas Lusitanos, de que na dita petição faz menção, cõposto por Antonio Ferreira seu pay, saluo aquelles liureiros, & pessoas q̄ pera isso tiuerem poder, & licêça do dito Miguel Leite. E qual quer imprimidor, liureiro, ou pessoa que durando o dito tempo de dez annos imprimir, ou vender o dito liuro nestes ditos Reynos, & senhorios, ou o trazer de fora delles sem licença de Miguel Leyte, perdera para elle todos os volumes que imprimir, vender, ou de fora trazer, & alem disso encorrera em pena de cem cruzados, a metade para o dito Miguel Leyte, & a outra para quem o acufar. E mando a todas as justiças, officiaes, & pessoas a que o conhecimento disso pertencer, q̄ cumprão inteiramente este aluará, como nelle se contẽ, & quero que valha & tenha força, & vigor, posto que o effeito delle aja de durar mais de hum anno, sem embargo da ordenação do liuro segũdo titulo vinte & oito. E o dito Miguel Leyte Ferreira, fara imprimir este aluará, & em cadernar no principio de cada liuro, & sem isso não poderá vender o dito liuro, & fazendoo este aluará lhe não valerá. Pero de Seixas o fez em Lisboa a cinco de Septembr. de 1597. annos.

R E Y.

DE D. FRANCISCO DE MOVRA.

A Antonio Ferreyra, em vida.

CAnte Apollo, Parnaso, Eurota soe
Ferreyra sempre. Ferreyra às estrellas
Contenta: pois aos ceos tal nome voe.
Chegaste, diuino sprito, a entendellas.
Chegaram a t'endender ellas tambem.
Que querem mais de ti? que tu mais dellas?
Que quer o mundo mais, que em si te tem?

DE IERONIMO CORTE REAL.

COroadas de myrtho, & de verd'hera
Musas, Graças, & Venus, & os Amores
Num bosque nunca entrado de Pastores
Na primeira menham da primavera
Hũa coroa, de que se podera
O grande Apollo honrar, teciam de flores,
E banhada em sua fonte, em seus liquores,
Quaes nunca a ninguem ver o tempo dera,
Este diuino dom de mãos tecido
Diuinas, a ti, Antonio, sô guardamos,
Esperada luz nossa, & nossa gloria.
Pera ti neste Louro o penduramos
(No Louro isto escreuiam) tam deuido
A ti, quanto honraràs nossa memoria.

DE

DE FRANCISCO DE SA DE

Menezes, na morte de Antonio Ferreira.

Sprito, qu'entre os homês peregrino
Da tua patria andaste, em quanto a fria,
E escura idade nossa s'acendia
No fogo de que tu só foste dino,
Deixaste o mortal peso, & ja diuino
Nessa alta luz, & sempre claro dia
Ergues tua voz em mais doce armonia,
Cantádo ao Rey da gloria immortal hyno;
Oh branco Cisne, que de doce canto
Encheste est'ar, & com mais leues penas
Tornaste a esse ceo, donde partiste,
Por ti sempre os Amores farão pranto.
Por ti suspiraraõ sempre as Camenas;
Por ti será este campo sempre triste.

Er.

ERRATA.

Fol. 16. pag. 2. lin. 24. o m' l fol, diga o meu fol. fol. 41. pa. 2. l. 7. octofoo, octofos. fol. 35. p. 1. l. 14. pequena, pequena. fol. 37. p. 2. l. 21. restituída, restituída. fol. 49. p. 1. l. 23. guiaspe, o guiaspe. & l. 7. viuas, viuias. fol. 18. p. 2. l. 3. nem, num. fol. 17. p. 2. l. vlt. estendam, estendem. fo. 56. p. 2. l. 21. chamu, chamu. fol. 63. p. 2. l. 6. drunidade, diunidade. fol. 35. p. 2. l. 21. deixaste, tornaſte. fol. 76. p. 1. l. 17. chorauam, choraram. fol. 101. p. 1. l. 11. vida, vide. fol. 126. p. 2. l. 19. arrafadas, arrafados. fol. 136. p. 1. l. 5. Agifelao, que Agifelao. & l. 19. della, delle. fol. 146. p. 2. l. 14. roubado, roubando. fol. 171. p. 2. l. 14. cobiço, cobiçoſo. fol. 177. p. 1. l. 4. fo noros, sonorofos. fol. 179. p. 1. l. 21. aquella, aquelle. fol. 191. p. 1. l. 14. o ocioſo, o ocio. fol. 192. p. 1. l. 10. feu, teu. fo. 193. p. 1. l. 18. amigo, imigo. fo. 201. p. 2. l. vlt. cauſa, couſa. fol. 202. p. 1. l. 18. Rey, Reyno. fol. 207. p. 2. l. 27. eſtes, eſtas. fol. 209. p. 2. l. 1. repende, reprende. fol. 215. p. 2. l. 14. eſtendo, eſtendendo. fol. 139. p. 1. l. 5. ſeguro, ſegura.

Em muitos volumes ſe não verá a mór parte deſtes erros que ſe atalharam no diſcurſo da impreſſão. Os dous Sonetos que vão as fol. 24. fez meu pay na linguagem que ſe coſtumaua neſte Reyno em tempo del Rey D. Dinis, que he a meſma em que foi compoſta a hiſtoria de Amadis de Gaula por Vaſco de Lobeira, natural da cidade do Porto, cujo original anda na caſa de Aueiro. Diuulgaraõſe em nome do Infante, D. Afonſo filho primogenito del Rey D. Dinis, por quaõ mal eſte príncipe recebera (como ſe ve da meſma hiſtoria) ſer a fermola Briolanja, em ſeus amores tam maltratada.

PRIMEIRA PARTE

DOS VERSOS DE ANTONIO FERREIRA.

AOS BONS INGENHOS.



Vos ſo canto ſpritos bem nacidos,
A vos, & as Muſas offereço
a Lira:

Ao Amor meus ays, & meus gemidos,
Compoſtos do ſeu fogo, & da ſua ira.
Em voſſos peitos ſaõs, limpos ouvidos
Cayã meus verſos, quaes me Phebo inſpi
Eu deſta gloria ſó fico contente, (ra.
Que a minha terra ame, & a minha gête,

DOS SONETOS.

LIVRO I.

A LI.

DOS SONETOS.

SONETO I.

Luro, se luz defejas, mal t'enganas.
 Quanto melhor ferá dentro em teu muro
 Quietos, & humilde estar, inda que escuro,
 Onde ninguém t'empêce, a ninguém danas!
 Ugeitas sempre ao tempo obras humanas
 Co'a novidade aprazem, logo em duro
 Odio, & desprezo ficam: ama o seguro
 Silêncio, fuge o pouo, & mãos profanas.
 Ah não te posso ter! deixa yr comprindo
 Primeiro tua idade, quem te moue
 Te defenda do tempo, & de seus danos.
 Dirás que a pezar meu folte fugindo,
 Reynando Sebastião Rey de quatro annos:
 Anno cincoenta & sete: eu vinte & noue.

II.

Aquella, cujo nome a meus escritos,
 Que a meu amor dará melhor ventura,
 Toda virtude, toda fermosura,
 Qu'apos si leua os olhos, & os spritos,
 Aquella branda em tudo, sô aos gritos
 Meus furda, aspera, ôs rogos, a Amor dura
 Podia c'um sorriso, húa brandura
 D'olhos curar meu mal, ornar meus ditos.
 Mas que dará de si húa esteril vea?
 Hum desprezado amor? húa cruel chãma?
 Se não desconcertado, & triste pranto?
 Quem de tristezas viue, so me lea;
 Cante a quem inspira Amor mais doce canto:
 Busco piedade sô, não gloria, ou fama.

Eu

LIVRO I.

III.

EV não canto, mas choro, & vay chorando
 Comigo Amor, de terme afsi obrigado
 Em parte tal, que nem a elle he dado
 Valerm'em mais, que de yrme consolando.
 Vayme sempre ante os olhos figurando
 Aquella fermosura, em que enleuado
 Ha tanto que ando, & así com meu cuidado
 Me vou tras ella em fim triste enganando.
 Mas não pode soffrer tamanho engano
 Amor, que nos conhece, & de tal verme
 Foge, & me deixa sô de pura magoa.
 Olhome então, & vejo o desengano:
 Afronta a alma cançada, & por valerm'e,
 Desabafo desfeito em fogo, & em agoa.

III.

SE eu podesse igualmente mostrar fora,
 Ao menos do meu fogo hum rayo claro,
 Naquelle sprito aceso, puro, & raro,
 Que a escura terra aclara, os ceos namora,
 Se as faudosas lagrymas, que chora
 Minh'alma apos hum bem seu, que tão cara
 A fortuna lhe faz, & o tempo auaro,
 Em que ja bem nenhum, nem razão mora,
 Sofreria, ô Amor, mais brandamente
 A força do teu viuo, & doce fogo,
 Que nouamente em mim s'esconde, & cria.
 Choraria meu mal comigo a gente,
 E de pura piedade esperaria
 Ouuiremme inda os ceos meu sancto rogo.

A 2 Dos

DOS SONETOS.

V.

D Os mais fermosos olhos, mais fermoso
 Rosto, qu'entre nós há, do mais diuino
 Lume, mais branca neve, ouro mais fino,
 Mais doce fala, riso mais gracioso:
 Dum Angeheo ar, de hum amoroso
 Meneo, de hum sprito peregrino
 S'acendeo em mim o fogo, de qu'indino
 Me finto, & tanto mais assi ditoso.
 Não cabe em mim tal bemauenturança.
 He pouco hũa alma sô, pouco hũa vida;
 Quem tiueffe que dar mais a tal fogo!
 Contente a alma dos olhos agoã lança
 Polo em si mais de ter, mas he vencida
 Do doce ardor, que não obedece a rogo.

VI.

NÃO he minha tenção louuar aquella,
 Que entre todas na terra tal parece,
 Qual a fermosa Lúa resplandece
 Junto da mais escura, & baixa estrella.
 Estes meus olhos, que podêram vella
 Guiados sô do Amor, que a sô conhece,
 (Que sem Amor ninguém vela merece)
 Dão verdadeira fê de quanto ha nella.
 Outro alto estado, outr'honra, outras riquezas,
 Outras graças em tudo diferentes
 Das que vemos lhe deu quem tudo cria.
 Esta venham correndo ver as gentes,
 Nella verâm dos ceos nouas grandezas,
 E nella pera os ceos caminho, & guia.

La-

LIVRO I

VII

L Agrimas costumadas a correrme.
 Quem vos pôde deter? sahi correndo
 Deces, & ristes: vão vos todos vendo,
 Húrriam, outros chorem de tal verme.
 Onde poderei eu, de mim esconderme?
 Se quanto mais resisto, & me defendo,
 Então me venço mais, & vay crescendo
 A força, como pollo defenderme?
 Quem meus olhos olhar, rido, ou chorando,
 Sentirá nelles logo hum momento
 D'algun sprito, que os lá rege, & manda.
 Este chorar me faz, este cantando
 Me leua a pos meu mal, sem hum momento
 Esta alma liure ter do estado, em que anda.

VIII

S'Erra minh'alma, em contemplaros tanto,
 E estes meus olhos tristes, em vos ver,
 S'erra meu amor grande, em não querer
 Crer que outra cousa hahi de mor espanto,
 S'erra meu sprito, em leuantar seu canto
 Em vós, & em vosso nome sô escreuer,
 S'erra minha vida, em assi viuer
 Por vos continuamente em dor, & pranto:
 S'erra minha esperança, em se enganar
 Já tantas vezes, & assi enganada
 Tornarse a seus enganos conhecidos,
 S'erra meu bom desejo, em confiar
 Que algũ hora serãm meus males cridos,
 Vós em meus erros sô sereis culpada.

A 3

Na 6

NAõ Tejo, Douro, Zêze, Minho, Odiã, I
 Mondego, Tago, Aulia, Vouga, Neiva, & Lima,
 Nem os que correm la nõ oriental Chama
 Nilo, Indo, Gange, Eufrate, Hydaspes, & Tana:
 Não Pinho, Baya, Euzeirio, Vindo, Fera, ou Cana
 Nem doce fuzpar em pfoa, ou rima
 O fogo apagaraõ, quem mimi de cima
 Do terceiro ceo cae, & dos olhos mana
 Qu'õ ceo outra vez sabra, & o mundo alague,
 Sopre de toda parte brando vento,
 Ardendo m'estarã meu fogo em meo.
 E eu morrerci, porque se não apague,
 Entãõ de mor prazer, m'õ gloria cheo,
 Quanto m'õ parece o meu tormento.

Parecerã, senhora, em outra idade
 Milagre grande, o que hoje todos vemos.
 Quem astra, que crea, tões extremos
 D'amon, de fermofura, & crueldade
 Algũs dirãõ: se não fora verdade,
 Quem podera intrentar isto, que lemos?
 E se tal foy, ja agora não teremos
 Pagar se bom amor mal, por novidade.
 Cada hum dara juizo sobre mim.
 Todos condenarãõ vossa aspercã
 Chorando minhas magoas, quando as lerem.
 Mas esta gloria fo terey em fim,
 Que juntos nos leraõ, & os que as ererem,
 Dirãõ: igual ao amor foy a dureza.

Mon:

Mondego, tão soberbo vas da vista
 Da tua fermosa Ninpha, que parece
 Que quanto achas diante, se offerce
 Recolhetto, sem auer, quem te refusa
 Que tẽ o Oceano grande (que a conquista
 Nossa, sem feio humilde) te obedece,
 D'ali te leuã ao Indo, & s'engran de ceo
 O Gange, & Nilo, de que tua agoa he vista
 Therys com suas Ninphas s'acompanham
 Por honra desta Ninpha, em uersada
 E por todo seu reyno a vão cantando,
 Estas tuas agoas rogo, em que se banham
 Os seus cabellos d'ouro, que cantada
 Seja por la tambem a pena, em que andãõ

Quando entõar começo com voz branda
 Vosso nome d'amor, doce, & suaue,
 A terra, o mar, vento, agoa, flor, folha, aude
 Ao brando som s'alegra, moue, & abrandã
 Nem nuuem cobre o ceo, nem na gente anda
 Trabalho cuidado, ou peso graue,
 Noua cor toma o Sol, ou se erga, ou laue
 No claro Tejo, & noua luz nos manda
 Tudo se ri, se alegra, & reuerdece
 Todo mundo parece que renouã
 Nem ha triste planeta, ou dura sorte
 A minh'alma se chora, & se entristece
 Marauilha d'Amor cruel, & noua
 O que a todos traz vida, a mim traz morte!

A 4

Não

XIII.

NÃO aparece o Sol, triste está a terra:
 As nués carregadas, os ceos tristes,
 Estes finaes, que vos meus olhos vistes,
 O que mal vos promettem, o que guerra:
 Aquelle Sol formoso, que na Serra
 Nos foz amantecer, vos o encobristes:
 Parece que sentio que não dormistes,
 Esperando sua luz, quem vo la encerra.
 E por fazermos mal, o fez ao dia,
 Que queixandose está doste mal nosso
 Em tempo, que tão mal lho merecia.
 Eu não me queixarey, porque não posso,
 Nem doutro mayor, mal me queixaria:
 Mas vos olhos choray, que isto he mais vosso.

XIII.

O Olhos donde Amor suas frechas tira
 Contra mim, cuja luz m'espanta, & cega,
 O olhos onde Amor se esconde, & prega
 As almas, & em pregandoas, se retira:
 O olhos, onde Amor amor inspira,
 E amor promette a todos, & amor nega,
 O olhos, onde Amor também s'emprega,
 Por quem também se chora, & se suspira!
 O olhos, cujo fogo a neve fria
 Acende, & queima, o olhos poderosos
 De dar à noite luz, & vida à morte!
 Olhos por quem mais claro nasce o dia,
 Por quem são os meus olhos tão ditos,
 Que de chorar por vos lhes cubre em forte!

Onde

XV.

ONde está aquella imagem pura, & bella
 Artificio diuino entre nos raro?
 Onde aquelle olhar brando, que tão caro
 Me foy? & o resplandor de hũa, & outra estrella?
 Quem a doce voz ouue? ah quem aquella
 Diuina graça vê? onde o tão claro
 Fogo, que ca m'inflamma? onde o seu charo
 Thefourõ esconde Amor, que so tem nella.
 Fazer poderá ausencia que eu não veja
 Aquella viuua imagem: não fara
 Que d'alma, onde anda escrita, se m'aparte,
 Mas qual estrella, ou forte me dara,
 Que pois em vão dali fair deseja,
 Abrande da dureza ja algũa parte?

XVI.

Bem podeis vos, senhora, ajuntar fogo
 A este, que n'alma ardendo, aos olhos corre,
 Bem me podeis trazer em riso, & em jogo,
 Pois Amor contra vos, ninguem focorre:
 Bem vos podeis fazer surda a meu rogo,
 E a esta alma, que ante vos de si se corre,
 Bem me podeis tornar em cinza logo,
 Mas ficará o sprito, que não morre.
 Este vos chama, & vê, & suspira, & chora,
 Este irá dando a vosso nome fama,
 Qu'Amor me ajudara, que eu so não posso.
 Não apagueis a luz da clara chama,
 Que de vos nasce, que vira algũ'hora,
 Qu'em minha morte choreis dano vosso.

Se

SE vos podesses com desprezo, ou ira,
 Com abaixar os olhos, voluer noíto,
 Crendo danar a gloria, & doce gosto:
 Dest'alma, que vos vê, & em vão suspira,
 Quebrar aquella força, que me tira
 De mim mesmo, & me faz estar la posto:
 Onde vos vejo sempre, ja desposto
 Soffer Amor, que em vão contra mim se ira,
 Desculparia eu vossa crueldade,
 S'algũa dura estrella, ou triste sorte
 Mudar podesse minha grã firmeza,
 Mas ja que em vão, senhora, he tal dureza,
 E qu'em mim estareis sépr'em vida, & em mor
 Ao menos não estejais contra vontade. (te,

XVIII.

HVS olhos, que ao Sol claro, à Lua, ao Norte,
 Seu lume tiram, & onde resplandece
 Hũa diuina luz, que os qu'apparece,
 Faz no perigo não temer a morte:
 Hús crespos laços de ouro, que o mais forte
 A tam, & prendem, de que se enriquece
 Amor, & foge, porque não empeço
 Nelles, temendo algũa dura sorte,
 Riso, que em riso conqerte meu pranto,
 Sprito, que em mim todo bem inspira
 Ferosura no mundo nunca achada
 São a só causa, porque assi suspira
 Minha alma em vão, & porque em doce canto
 Antes será desfeita, que cansada.

Don-

Donde tomou Amor, & de qual vea
 O ouro tam fino, & puro para aquellas
 Tranças louças de que esphera, ou estrellas
 A luz, & o fogo que assi em mim se ateia:
 Donde as perlas? a voz de que serca?
 Os brancos lyrios donde, & as rosas bellas,
 Aquelle viuo sprito pondo nellas,
 De que formou hũa noia ao mundo Ideia?
 Antes a neuê a alitura, a cor as rosas
 Do seu rosto tomaram, & a harmonia
 As aues da voz doce, suave, & branda.
 Não são ante ella as estrellas mais fermosas
 Nem mais sereno o ceo, ou claro dia.
 Nem mais fermoso o Sol na sua esphera anda.

XX.

S Ae minha alma as vezes a buscaruos
 Tão apressadamente, que aparece
 Que algũa estrella a força, & se offerece
 Encaminhala la, onde possa acharuos.
 Mas quando vos não vê, & vê que deixaruos
 De buscar lhe he forçado, assi esmorece,
 Que quando Amor ja acode, a não conhece,
 Se não pelos sinais, que traz de amaruos.
 E no tempo, em que esta mais descuidada
 No perigo inda, em que se viu, cuidando,
 Então subitamente a fálteais.
 Quereila andar, senhora, assi enganando,
 Para que viua, & assi viue enganada:
 Assi entre morte, & vida a sustentais.

Quem

Quem vio neve queimar? quem vio tão frio
 Hum fogo, de que eu arço: quem chegando
 A morte viuo, & ledo estar cantando?
 Parece quanto digo de fuario.
 Dizeo tu Mondego manio rio,
 Que m'ouues, qu'o vês, & o vas chorando:
 Digamno tuas Nymphas, que escuitando
 Meus segredos estão, qu'eu dellas fio.
 E Amor, que aqui esta, sabe a verdade,
 Que nesta agoa tam fria esta acendendo
 O fogo de meus olhos distilado.
 Tristes lagrimas minhas, que correndo,
 Mais o peito arde, quando picdade
 Terão hús olhos deste triste estado?

XXII.

Sol, que ja tantas voltas aos ceos deste,
 E de todas me viste estar chorando,
 Faze que este teu lume, que tomando
 Vas d'outra luz, qual nunca ca tiueste,
 Minhas lagrymas seque, se foubeste
 Algũ hora ser triste, & chorar, quando
 Aquelle amado teu Louro abraçando,
 Tornar lhe sua forma não podeste.
 Ah Phebo, qu'inda tu da dura terra
 Abrandar tua planta a tí podias,
 Inda com doces lagrymas regala.
 Eu como abrandarey húa dura Serra,
 Por quem as noites choro, choro os dias,
 E não m'ouue, nem vê, nem cre, nem fala?

Quan-

XXII.

Quantas vezes Amor comigo, cheo
 De noua marauilha ja de hum posto
 Se, poem a olhar aquella, em cujo rosto,
 Em cujos olhos o que escreuo, leo!
 Ves, diz, que fermosura? que meneo?
 Que doce riso? que estar tão composto?
 Qu'ouro, que neve, & lume, ante quem posto
 Do Sol o rayo fica escuro, & feo?
 Olha com que brandura os olhos vira!
 Com que graça os abaixa, & os leuanta
 Ricos de mil despojos, mil victorias!
 Que affeitos faz! que sprito não aspira
 A deixar ca de si claras historias
 Mouido só de fermosura tanta?

XXIII.

EM quanto solto ao sol brando ar mouia
 O ouro, que Amor de sua mão fia, & tece,
 D'amorosos spritos o ar se enchia,
 De que amor doce em toda a parte crece.
 Hum lhe daua o nó crespo, outro tecia
 Laços, em que toda alma liure empece,
 Outro o soltaua ao vento, & parecia
 Decer então o Sol mais do que dece.
 Namorauase o claro Sol da terra,
 Hia crescendo o dia mais fermoso.
 Min'alma de si mesma estaua fora.
 Mas recolhendo o Amor, eis que se cerra
 Triste o ceo, escuro o dia, o Sol queixofo,
 E minh'alma dali sempre em vão chora.

O ca-

DOS SONETOS.

XXV.

O Cabellos d'Amor rico thesouro,
De que s'arma, guerreia, vence, & mata,
Cabellos, com que Amor, os que vence, ata,
E triumphando vay com palma, & louro.
O Cabellos, com que feu arco d'ouro
O Amor encordoa, & desbarata:
Quanto acha diante, & se o vento os defata
Dá noua vida ao mundo, & eu arço, & mouro.
Cabellos, em que Amor nasceo & se cria,
De que mil redes tece, laços mil,
E almas mil em cada laço prende:
Cabellos, que o outro fazem baixo, & vil,
Com que inda o sol mais clara luz daria,
De cada hum de vós minha alma pende.

XXVI.

A H porque não posso eu em prosa, ou rima
Tão alto levantar o brando nome,
Que em toda praya estranha, estranho clima
Brandura a fera gente delle tome?
Com que eu batendo as asas vá por cima
Da baixá inueja, & assi a vença, & dome,
Que em vão seus dentes quebre, & dura lima,
Em vão louuor esconda, erros affome?
Mas pois não basta o sprito a empresa tanta,
Bastar deuita ao menos aqueixarse
Esta lingua em meu mal só fria, & muda.
Assi a clara vista me ata, & espanta,
Que quando della espero môr ajuda,
Então a vejo em dano meu calarse.

Sone.

LIVRO I.

XXVII.

M Vitas vezes quisera (tal me vejo),
Não ser nascido, ou não ter visto aquella,
Porque assi mouro, quando espero vella,
Como de a não ver, quando desejo.
Mas logo torno, & m'enuegonho, & pejo
Do meu mesmo erro, a culpa he tua, ou della
Amor cruel, que em amalla, & remella
Se conuerte em fim sempre alma, & desejo.
Mais quero assi viuer, que qual viuera,
Sem ter visto, o que vi, ditosa sorte,
Quando olhos meus tão altamente olhastes!
Perdido fora, se me não perdera,
Que inda que mouro, bem comprada morte,
Por esta gloria, que me vos mostrastes.

XXVIII.

O Fogo, qu'em meu seo guardo, & crio,
Hora tam docemente a alma m'inflama,
Que co a brandura da sua doce chama
O feu mais viuo ardor se me faz frio.
Hora de tristes lagrimas hum rio
Dos olhos, porque entrou o Amor, derrama,
Ao som das quaes a lingua canta, & chama
Aquella por quem choro, & por quem rio.
Cresce o fogo no peito, crescem'agoa
Nos olhos, a voz cansa, o sprito voa
Apos quem traz em só fugirme o tento:
Ella me vê, eu de fogo húa viua fragoa.
Chora Amor, & fortuna meu tormento,
E em vão meu grito em seus ouvidos soa.

Onde

DOS SONETOS.

XXIX.

ONde quer qu'eu esteja, onde me vire,
 Ou dia, ou noite, ou sô, ou entre a gente,
 Aquella fermosura me he presente,
 Por quem me manda Amor, qu'em vaõ suspire,
 Ou corra agoa, bulla herua, ar brando espire
 Na flor, no ceo, na lua, no oriente,
 Sol roxo na alua aurora, & na luzente
 Branda estrella de Amor, qu'amor lh'inspire.
 Ali a vejo, ali se me affigura:
 Mas mais em neuc, ou fogo, ou na asperca
 De hũa rocha, ou nũa onda furiosa.
 No rosto amor, no peito traz dureza:
 Não sey se mais fermosa, se mais dura,
 Ah bem dura he, porem bem he fermosa.

XXX.

ESTE peito, que está de fogo cheo,
 Como aos olhos me vay tanta agoa dando?
 Ou como a não pod'ella yr apagando?
 Que segredo d'Amor, que nouo enleo?
 Eu que o padeço sô, o entendo, & creio.
 Está Amor com agoa o fogo temperando,
 Hum contrario com outro sustentando,
 E entre duas mortes hũa vida em meo.
 Desta arte vfa Amor com quem está quedo,
 Vendo o bem, que deseja, mas quem parte
 A alma, partindo donde deixa a vida,
 Ou em cinza o fará o fogo cedo,
 Ou em lagrimas a alma derretida
 Vencerá sua pena, & do Amor arte.

Eu

LIVRO I.

XXXI.

EM dia escuro, & triste fui lançado
 Dos ceos na terra tam pesadamente,
 Que vendo ao longe o sprito o mal presente,
 Eu logo de mim mesmo fuy chorado.
 Em lagrymas nasci, a ellas fui dado:
 Nellas passei minha idade innocente.
 Tanto ha, que historia triste sou a gente!
 Tanto ha, qu'o ceo espero ver mudado!
 Hum grande bem a quem não custou muito:
 A quem foy dada tão ditosa sorte,
 A que o mal não coubesse por medida?
 Não eram minhas lagrymas sem fruto,
 Pois por vos eram, nem o ferá a morte,
 Que mais doce he por vos, que sem vos vida.

XXXII.

SE meu desejo sô he sempre veruos,
 Que causarâ, senhõra, qu'em vos vendo,
 Assim me'encolho logo, & arrependo,
 Que folgaria então poder esqueceruos?
 Se minha gloria sô he sempre teruos
 No pensamento meu, porque em querendo
 Cuidar em vos, se vay entristecendo?
 Nem ousa meu sprito em si deteruos?
 Se por vos sô a vida estimo, & quero,
 Como por vos a morte sô desejo?
 Quem acharâ em taes contrarios meo?
 Não sey entender o que em mim mesmo vejo.
 Mas que tudo he amor, entendo & creio,
 E no qu'entendo, & creio, nisso espero.

B

Eu

E V vi em vossos olhos nouo lume,
 Qu'apartando dos meus a neboa escura,
 Viram outra escondida fermosura,
 Fora da forte, & do geral costume.
 Em vão-seu arco Amor armar presume:
 Que esse alto sprito, essa constancia dura
 A outro mais alto Amor guarda a fé pura,
 Em mais diuino fogo se consume.
 Nesta desconfiança inda s'acende,
 Em mim hum vão desejo de aprazeruos,
 E pera isso so busco ingenho, & arte.
 Senhora que al fara quem chega a veruos
 (Ia qu'o desejo a mais senão estende)
 Que daruos de su'alma toda parte?

DOce Amor nouo meu tambem tomado
 Quando será o tam ditoso dia,
 Que dos enganós liure em que yuia,
 Me veja em ti de todo sossegado?
 Quando sera, que tendo triumphado
 Do que tam cegamente me vencia,
 O mal, que tanto d'antes me aprazia,
 Em verdadeiro bem veja mudado?
 Amor doce, qu'em mim de nouo crias
 Nouo desejo, nouo sprito, & santo.
 Illustrado de hum nouo lume raro,
 Guiame àquelle fim, que m'escondias,
 Muda esta minha noite, em dia claro,
 Leuantarey em teu nome alegre canto.

Não

NÃO lagrymas fingidas, não de cores
 Falsas o rosto tinto, não cortadas
 As palauras por arte, nem pintadas
 Em versos ingenhosos falsas dores,
 Nem nomes vaós do Amor, & dos Amores,
 Nem magoas da fô boca bem choradas,
 Nem leues esperanças mal tomadas,
 Nem apos fogos vaós, mil vaós treinores,
 Mas verdadeiro, puro, casto, & santo
 Amor cantando vou, qual n'alma escondo,
 Qual o mundo tera por seu exemplo.
 E aquelle raro sprito, qu'eu conte m'plo,
 Leuantando me irá meu baixo canto,
 Limando o rude, & no que falta, pondo.

QVando vos vi, senhora, vi tão alto
 Estar meu bem, que logo ali em vos vendo,
 O achey juntamente, & fuy perdendo,
 Ficando num momento rico, & falto.
 E tal foy de vos ver o sobre salto,
 Qu'os olhos outra vez a vos erguendo,
 Senti a vista, & sprito yr falecendo,
 Quando me olhei, & vi posto tão alto.
 Ficou de sua prisaõ a alma tão leda,
 E os olhos de vos verem tão soberbos,
 Que toda outra cousa desprezaram,
 Não os tenho ja mais, que pera veruos.
 Tudo mais lhes defende Amor, & veda.
 E elles que abverão, pois vos olharam?

B 2

Val-

XXXVII.

VAlles, ferras, & montes, bosques, prados,
 Aruorês, heruas, sombras, folhas, flores,
 Aues, agoas, & Nymphas, & Pastores,
 Que do meu claro Sol fôis illustradôs,
 Em meus versos fereis sempre cantadôs.
 Sempre das Musas, sempre dos amores
 Ouireis o som doce nos lououres
 D'aquella, que venceo estrellas, & fados.
 Eu digo aquella ao mundo dos ceos dada,
 Exemplo de sanctissimos costumes,
 Rara em saber, & rara em fermosura,
 Que com a luz dos seus dous claros lumes
 Minh'alma me illustrou, dantes escura,
 Dina de em toda lingua ser cantada.

XXXVIII.

QVando eu vejo faiz a menham clara
 Nos olhos dia, as faces neve, & rosas,
 Afugentando a sombra, qu'as fermosas
 Cores do campo, & ceo d'antes roubâra,
 E quando a branca Delia a noite aclara,
 E traz nos brancos cornos as lumiosas
 Estrellas, serenando as tempestosas
 Nuues, qu'o grosso humor nos ceos juntara,
 Tal he, digo comigo, a clara estrellas,
 Que minh'alma me encheo doutra luz noua,
 E meus olhos abriu ao que não viam.
 Assim me leua a vida, & ma renoua,
 Assim as vãs sombras, que antes me escondiam
 O claro ceo, fugindo vão ante ella.

Vay

XXXIX.

VAY, minh'alma cansada a vós, buscando,
 Como de tempestade, hum porto manso,
 E achia em vossos olhos seu descanso,
 Onde está ardendo em fogo doce, & brando.
 Ali todo meu bem se me está dando,
 Ali viuo, me estendô, ali descanso,
 Nem me doe dor, nem no trabalho canso,
 Ali meus dias ledos estou contando.
 Cantada seja sempre a ditosa hora,
 Que se acendeo em mim tam doce fogo,
 Que então deleita mais, quando mais arde.
 Ouuido foi dos ceos meu sancto rogo:
 Mais pois mais piedade inda la mora,
 Dure est'amor, & junto acabe tarde.

XLIX.

TEM m'Amor preso em hũas redes d'ouro,
 Mais que as de Vulcano artificiosas,
 Que quanto mais estreitas, mais forçosas,
 Mais docemente nellas viuo, & mouro.
 Achei, onde perdime, o meu thesouro,
 E viminhas cadeas tão fermosas,
 Que inueja estão fazendo às gloriosas
 Coroas triumphaes de Palma, & Louro.
 Triumphem la os grandes vencedores,
 Mostrem inimigos mortos, outros viuos,
 Cheos soberbamente de sua fama:
 Eu os meus olhos de vos fô catiuos,
 Eu as minhas prisões, & a minha chãma,
 Eu mostrarei ao mundo os meus amores.

B 3

Def-

XLI.

Despois qu'o meu espirito, então fô claro,
Quando enxergou em vos o fogo puro,
Em que docemente arde, em tanto escuro,
Soube assi descobrir dos ceos hum pharo,
Despois que nesse espirito ao mundo raro
O meu se transformou, & o cego, & duro
Tyrânno, que me vio posto em seguro,
Deixou armas, & reyno em desamparo,
Eu fiquei tam soberbo triumphando,
Que sacodido o jugo, as pufoés rotas,
Gritei a grandes vozes: liberdade!
Aqui de vontade arço em fogo brando,
Aqui está bom amor, aqui verdade.
Aqui ficam dormindo as armas botas.

XLII.

DAquella vista, de que se mantinham
Meus olhos, & tamh'alma assi apartado,
Nem o dourado Sol, nem o ceo estrellado
Tem para mim a graça, qu'antès tinham.
Aquelles meus amores, que hiam, & vinham
Repartindo seu fogo em cada lado,
De qu'o meu nouo amor, doce cuidado
Em prazer amoroso se foltinham,
E aquella tam víua fermosura,
De que os meus olhos lá fenão fartavam,
E alma enchia d'amor, & de brandura,
E quanto de meus bés ca me figura
Minha doce lembrança, & me ta dauam
Vida contente, me dão morte dura.

Tejo

XLIII.

Tejo triumphador do claro Oriente,
Que Nilo, & Ganges por senhor conhecem,
Tejo de áreas d'ouro, onde florecem
Palos, Pomona, & Flora eternamente,
Tu leuas, onde eu fico, tua corrente,
Se faldosas lagrymas merecem
(Pois tanto com ellas tuas agoas crecem)
Piedade, em tí as recolhe brandamente;
E antes qu'ao mar pagues seu direito,
A destra mão da tua praya hum monte
Com graciosa soberba se levanta,
Ali fiquei ao meu amor fugeito.
Ali tuas agoas parte, & mostra tanta
Destes meus olhos, quanta da tua fonte.

XLIII.

Os dias conto, & cada hora, & momento,
Qu'alongandome vou dos meus amores,
Nas arvores, nas pedras, heruas, flores
Parece que acho magoa, & sentimento.
As aues, que no ar voam, o Sol, & o vento,
Montes, rios, & gados, & pastores,
As estradas, & os campos mostram as dores
Da minha faldade, & apartamento.
E quanto m'era lá doce, & suaue
Mais triste, & duro Amor ca mo apresenta,
A que entreguei da minha vida a chauce.
Em lagrymas força he qu'as faces laue,
Ou que não sinta a dor, que na tormenta
Memoria da bonança faz mais graue.

B 4

Aquel-

DOS SONETOS.

XLV.

A Quellas olhos, qu'eu deixei chorando,
 Cujas fermosas lagrymas bebia:
 Amor, com as suas tendo companhia,
 Ante os meus se me vão representando.
 Os faudosos suspiros, qu'arrancando
 Duas almas, em qu'hũa troca Amor fazia,
 Qu'a quẽ ficava, era a que partia,
 E a que hia, a ficava acompanhando,
 Aquellas brandas, mal pronunciadas
 Palavras da faudosa despedida
 Entre lagrymas rotas, & quebradas,
 E aquellas alegrias esperadas
 Da boa tomada, ja antes da partida,
 Viuas as trago, não representadas.

XLVI.

A Ti torno, Mondego claro rio,
 Com outr'alma, outros olhos, & outra vida:
 Que foy de tanta lagryma perdida,
 Quanta em ti me leuou hum defuario?
 Quando eu co rosto descorado, & frio
 Soltava a voz chorosa, & nunca ouvida
 Daquella mais que Serra endurecida,
 A cuja lembrança inda tremo, & esfrio.
 Doc'engano d'Amor! que m'efcondia
 Debaixo de vãs sombras, que passaram
 Outro ditoso fim, qu'alma ja via.
 Ia á minha noite amanheceo hum dia,
 Ia rim os olhos, que tanto choraram, ou
 Ia repouso em boa paz, boa alegria.

La

LIVRO

XLVII.

EV vejo inda aqui os finaes das agoas,
 Que minh'alma estilou em viuo fogo,
 Quando eu trazido ao vento em leue jogo
 Fazia soar ao longe minhas magoas.
 Inda o ardor daquellas viuas fragoas,
 Inda a dureza ao piadoso rogo
 Se me figura, & vejo do meu fogo
 Accfas yr correndo as manfas agoas.
 Inda daquelles tristes meus gemidos
 Hũa voz ficou de todo não desfeita,
 Sendo a cinza do fogo ja apagada.
 Merce de Deos! que hũ'alma tão fogueira:
 A vãos cuidados, dias tam perdidos,
 Refez nũa hora bemaumenturada.

XLVIII.

Quando se enuolue o ceo, o dia escurêce,
 Affopra o brauo vento, o alto mar geme,
 O sol se nos esconde, a terra treme,
 Trouoa a noite, o rayo resplandece,
 Eu olho aquella parte, onde esclarece
 Hum sol, qu'eu vejo fô, & elle fô veme,
 E com sua luz, em quanto o mundo teme,
 De la m'alegra o sprito, & fortalece.
 Meu perpetuo verão, meu claro oriente,
 Donde o dia me vem, donde douradas
 Vejo as nuuês correr, os ceos fermosos!
 Ditofas ayes, a que foram dadas
 Pennas, ditosa a terra, a que he presente
 A luz destes meus olhos faudosos!

Vou

SONETOS.

XLIX.

Vos suspiros todo est'ar enchendo,
 Vou a terra de lagrymas regando,
 Mais agoa aos rios, mais ás fontes dando,
 E com meu fogo em tudo fogo aeendo.
 E quando os olhos meus, senhora, estendo
 Para onde o Amor, & vos m'estais chamando,
 As altas serras, em qu'os vou quebrando,
 Da vista me tolher s'estão doendo,
 Mas nisto açode Amor, que sempre voa,
 Eu pelas asas, eu pelo arco o tenho,
 Té me levar consigo onde desejo.
 E jurarey; senhora, que vos vejo.
 Jurarei qu'essa doce voz me soa:
 Nesta imaginação sô me sostenho.

L.

A Ssi da fonte cristalina, & pura,
 Meu Rio, a tua clara agoa a vea enchendo,
 Sempre igual, sempre doce, & sem mistura,
 Que a turue, te o mar largo vâ correndo,
 Assim canto de Amor, & de brandura
 Sempre aqui o caminhante estê detendo,
 Ent' ti se banhe, & pife tua verdura
 Marilia, & as brancas flores va colhendo,
 Que as lagrymas faudozas, que derramo,
 Num vidro de cristal, contra corrente,
 Que trazes, mandes lá a tua fresca praya.
 E â mais branca tua, Nimpha as apresente
 Nas brancas mãos, de quem me ama, & amo.
 (Isto cortaua Alcippo nãa alta Faya)

Quan-

LIVRO

LI.

Quantos suspiros, triste, & quam e
 Ardendo vejo vir dentro a meu peito
 Daquella doce parte, onde eu desfeito
 Em lagrymas fiquey todo, & em gemidos!
 Vereis em agoa hūs olhos consumidos
 Mensageiros de Amor não contrafeito,
 A alma achareis lá, se do direito
 Caminho, não vistes mal perdidos.
 Tornaiuos pois àquelle doce abrigo
 Do meu amor, donde assi em vaõ partistes,
 Ficando eu escondido la em feu seo:
 E dizeilhe: senhora, hūs olhos tristes
 Vimos la sô chorar, sem fim, sem meo:
 Ca o tendes, ca buscay o vosso amigo.

LII.

A Legrame, & entristece a Real cidade,
 Qu'o Douro rega, & meus Sãs ensobrecem
 Com as armas, & tropheos, que resplandecem,
 E resplandecerão em toda idade.
 Isto me alegra. E fazme faudade
 Ver a ditosa terra, em que apparecem
 As rayzes de hũa planta, em que florecem
 Ferosura, saber, & alta bondade.
 Aqui o tronco nasceo, que em toda parte
 Deu gloriosos ramos de honra, & gloria
 Nas armas, & esquadrões do fero Marte.
 E por mais se illustrar sua clara historia,
 Daqui nasceo. hũa Dama, em que tod'arte
 O ceo pos, eu vontade, alma, & memoria.

Quan-

UNETOS.

LIII.

Qu'era que eu tome a t'er diante
 Destes meus olhos o seu doce obgeito,
 A quem hum honesto Amor me fez sogeito?
 E qu'eu ante ella esereua, an'ella cante?
 Nem tu, Amor, es composto de diamante:
 Nem eu de pedra tenho este meu peito,
 Que perto esta d'em agoa ser desfeito,
 Se sprito algum não ha, que mo leuante.
 Representame, Amor, as mais fermosas
 Lagrimas, antes perlas, que tu viste
 Sayr de hús olhos de chorar indinos.
 Qu'armas me das tu, com que as forçosas
 Lembranças vencer possa, & os tam continos
 Golpes mortaes, que ferem hū alma triste?

LIIII.

SE com vos ver, senhora, así la ardia,
 Que com quanto essa vista m'abrandaua
 Meu fogo, as mais das vezes esperaua
 A morte, qu'ante vos de mim fugia,
 Quanto pois contra vos ca erraria,
 Se a vida, qu'eu pera vos ver guardaua,
 E nesse doc'engano sustentaua,
 Podesse, sem vos ver, foster hum dia!
 Tormento aos olhos he ver outra cousa:
 Baixeza ao sprito ter outro cuidado,
 Nem mais desejar sabe, nem deseja.
 Faça a fortuna bemauenturado
 O cobiçoso, qu'em nada repoufa,
 Eu, se vos não vir, moura, ou logo veja.

A que

LIVRO

L V.

A Que alçarey os olhos, pois não ve,
 Aquelles olhos, de que eu fõ viuia?
 Onde leda minh'alma se estendia,
 E onde repoufaua o meu desejo.
 La vay meu sprito ardendo, agoas do Tejo,
 O triste corpo fica pedra fria,
 (Quanta tristeza custa hūa alegria!)
 Tè me tornar o dia que eu desejo.
 Em tanto nestes Valles, nestos Montes
 Tam longas noites, & tão tristes dias,
 Crescerão com meu choro heruas, & flores.
 Quando olhos meus, olhos não ja mas fontes
 Tornareis ver as vossas alegrias?
 Quando est'alma enchereis de seus amores?

LVI.

DO que em vos vi, senhora, me presenta
 Amor hūa imagem noua, & peregrina,
 De cuja luz guiado o sprito atina
 Saber se ca faluar na sua tormenta.
 E os perigos vencer, com que me tenta
 A ausencia dessa vista, & voz diuina,
 Claros finaes de hū alma dos ceos dina,
 Que tanto delles ca nos representa!
 Escureceome o Sol, fugiome o dia,
 Vencia ja o espanto ao fraco sprito,
 Vendo os perigos, qu'eu ja la temia.
 Alcey a Amor hum piadoso grito:
 Elle me pos em saluo, & deu por guia
 Quanto de vos deixou nest'alma escrito.

Quan-

SONETOS.

LVII.

Quando eu os olhos ergo àquella parte,
 Onde o meu nouo Sol o dia aclara,
 E me vejo tam longe da luz clara,
 Que resplandece em mais ditosa parte,
 A alma faudoza se m'arranca, & parte
 Lá onde a terra mais fermosa, & clara,
 Mais sereno o ceo faz a vista clara,
 De que meu fado triste, & cruel me parte.
 Cançam os olhos, fica sô o desejo
 Entre altas ferras, onde deixo escrito
 Em cada pedra, ou tronco o vosso nome.
 Ali ou veruos, ou morrer desejo.
 Isto canta meu verso, & meu escrito.
 Nem quero outra memoria, ou outro nome.

LVIII.

Quando eu os olhos ergo àquelle rosto,
 Que faz à minha dor alegr'engano,
 Ditosa chamo a hora, o dia, & o anno,
 Que como cera estou ao fogo posto.
 Não mortal não de humana arte composto,
 Nem he humana voz, né sprito humano
 Isto, que eu ouço, & vejo, & do seu dano
 Fica a alma namorada à dor do gosto.
 Aquelle, sô momento, aquelle ponto,
 Que mais mouro, mais viuo: & aquelle dia
 Da minha morte sô na vida conto.
 Oh meu sô bem! ô minha sô alegria,
 Se afsi durasses! tudo tem seu conto,
 A vida foge, a morte está em espia.

DOS

DOS SON

LIVRO

I.

Nimphas do claro Almonda, em
 Nascimento, & se criou a alma diuina,
 Qu'hũ tempo andou dos ceos ca peregrina,
 Ia la tornou mais rica, do que veo;
 Maria, da virtude firme esteo,
 Alma sancta, Real, de imperio dina
 A baixeza deixou, de qu'era indina,
 Ficou sem ella o mundo escuro, & feo.
 Nymphas, que tam pouco ha, qu'os bõs amores
 Nossos cantastes cheas de alegria,
 Chorai a vossa perda, & minha magoa.
 Não se cante entre vos ja, nem se ria,
 Nem dê o monte herua, nem o prado flores,
 Nem dessa fonte mais corra clara agoa.

II.

O Alma pura, em quanto ca viuias,
 Alma la onde viues ja mais pura,
 Porque me desprezaste? quem tam dura
 Te tornou ao amor, que me deuias?
 Isto era, oque mil vezes promettias,
 Em que minh'alma estaua tam segura,
 Que ambos juntos hũa hora desta escura
 Noite nos soberia aos claros dias?
 Como em tam triste carcer me deixaste?
 Como pude eu sem mim deixar partirte?
 Como viue este corpo sem sua alma?
 Ah que o caminho tu bem mo mostraste,
 Porque correste a gloriosa palma!
 Triste de quem não mereceo seguirte.

Despo-

SONETOS.

III.

Despois triste, corpo mal nascido,
 Escura prisaõ minha, & peso graue,
 Quando rota a cadea, & volta a chao
 Me verey de ti folto, & bem remido?
 Quando co sprito pronto, aos ceos erguido,
 (Despois que est' alma em lagrymas bem laue)
 Batendo as asas, como ligeira aue,
 Irei aos ceos buscar meu bem perdido?
 Triste sombra mortal, & vam figura
 Do que ja fui hús dias só softida
 Daquelle sprito, por quem ca viuia,
 Quem te derem nesta prisaõ tam dura?
 Não viste a clara luz, a sancta guia
 Que te la chama á verdadeira vida?

IIII.

Com que magoa (ó Amor) com que tríteza
 Viste cerrar aquelles tam fermosos
 Olhos, onde viuias, poderosos
 D'abrandar com sua vista a môr dureza!
 Roubada nos he ja nossa riqueza,
 Nossos cantos serão versos chorosos,
 E suspiros tristissimos, queixosos
 Da morte, que nos pos em tal pobreza.
 Eu perdi o meu bem: tu, Amor, tua gloria.
 Eu o mal sol: & tu teu doce fogo
 Honesto, & sancto ao mundo, raro exemplo!
 Mas viua ferá sempre a alta memoria
 Daquelle, que nos ceos viuia contemplo,
 A quem humilde peço ouça meu rogo.

Aquel:

SONETO

IV

Aquelle claro Sol, que me mostra
 O caminho do ceo mais chao, m... to,
 E com seu nouo rayo ao longe, & ao perto
 Toda a sombra mortal m'afugentata,
 Deyxou a prisaõ triste, em que ca estaua.
 Eu fiquei cego, & só co passo incerto,
 Perdido peregrino no deserto,
 A que faltou a guia, que o leuata.
 Assim co sprito triste, o juizo escuro,
 suas sanctas pisadas vou buscando,
 Por valles, & por campos, & por mentes.
 Em toda parte a vejo, & a figuro.
 Ella me toma a maõ, & vay guiando.
 E meus olhos a seguem feiros fontes.

VI.

Aquella nunca vista fermosura,
 Aquella vira graça, & doce riso,
 Humilde grauidade, alto atiso,
 Mais diuina, qu'humana Real brandura,
 Aquella alma innocente, & sabia, & pura,
 Qu'entre nos ca fazia hum parayso,
 Ante os olhos a trago, & la a deuiso
 No ceo triumphar da morte, & sepultura.
 Pois por quem choro, triste? por quem chamo
 Sobre esta pedra dura a meus gemidos,
 Quo nem me pode ouuir, nem me responde!
 Meus suspiros nos ceos sejam ouuidos,
 E em quanto a clara vista se m'esconde,
 Seu despojo amaro, amey, & amo.

C

Hum

SONETOS.

VII.

Agora aporchorci, lido to a esperança
 Escura ju' o brando Amor de si me daua,
 E quanto mais gemia, & suspiraua,
 Mór era a minha bemauenturança.
 Agora nesta triste, & cruel mudança,
 Com que a morte de longe, m'ameaçaua,
 O meu prazer perdi, que bem lograua,
 Suspiro em vão polo que não s'alcança.
 Lagrymas bem choradas, bem devidas,
 Ao desejo do bem, qu'inda que tarde,
 Sostenta o sprito com seu doce engano!
 Mas tristissimas lagrymas perdidas
 Tras hum bem, que fugio, & tras hum dano,
 Que remedio não deixa ou cedo, ou tarde!

VIII.

Quem pode ver hum coração tam triste?
 Quem húa vida, que ha inueja á morte,
 Que se não doa, por mais duro, & forte,
 Do que tu (Morte) em mim fizeste, & viste?
 Se nunca o Amor t'offende, nem resiste,
 Antes desejam sempre húa igual sorte
 Os que bem se amam, & qu'hú golpe os corté,
 Porque hum tam doce amor cruel partiste?
 Mas tu não poderás, por mais que possas,
 Partir as almas, & os pensamentos,
 Qu'onde querem, se vem, s'amam, s'entendem,
 Triunpha agora destas cinzas nossas,
 Qu'inda juntas ao sprito altos assentos
 Terão, onde tuas forças não s'estendam.

Com

LIVRO

IX.

Co alma nos ceos pronta, o sprito
 Leue o sembrante, a vista graciosa,
 Aquella, antes da morte, ja gloriosa
 Espera o combate derradeiro.
 De sancta se armada, & verdadeiro
 Amor diuino, venceo a espantosa
 Morte, que nella pareceo fermosa,
 E noua estrella a fez no ceo terceiro.
 E tomadome a mão leda, & rissonha
 Meu doce amigo (diz) vinda he minh' hora,
 Quem nos assi ca atou, soltou o nó.
 Quem mais cuida que viuue, esse mais sonha.
 La onde se não geme, nem se chora,
 T'amara mais est'alma, o corpo he pó.

X.

Qual bom Planeta, qual boa estrella, ou sino
 Inuocarei? qual sprito piadoso,
 Que incurte este desterro faudofo,
 Que me faz ser no mundo peregrino?
 Onde eu os olhos claros, & o diuino
 Rosto via, onde ouuia o deleitoso
 Som da voz branda, qu'em tão amoroso
 Fogo m'imflamma, de qu'eu só fui dino,
 Ali he minha vida, & a minha terra.
 Ali se satisfaz alma, & desejo.
 Ali todo meu bem se m'offerece.
 Em toda outra parte acho odio, & guerra.
 Em toda a parte o Sol se m'escurece.
 E fogo, & morte vejo, em quanto vejo.

C 2

Estas

SONETOS.

XI.

as aqui chorando encerra
 E tua chama, que ca ardeo mais pura
 N'escuro humano, a que foi tam dura
 A Morte, qu'ante tempo lhe fez guerra.
 Cega, & cruel: que contra si mesma erra.
 Quando apagar cuidou a fermosura
 Do mundo, então a parte mais segura
 A subio, donde mais aclara a terra.
 Quem vir estes despojos faudosos
 Do triste Alcippo, pera sempre triste,
 Lagrymas, & suspiros daqui leue.
 E sejam, diga, a Alcippo os ceos piadosos.
 Seja ao fermoso corpo a terra leue.
 Tu dá do sprito ao mundo a fe, que viste.

DE D. SIMAM DA SYLVEIRA.

XII.

SEpultado em tristeza, em dor, em pranto,
 Esquecido das Musas, & de ti
 Te vejo sem alegria estar afsi,
 Como aquelle, a que deu pasmo, & espanto.
 Vejo a casa, em que estás, de cada canto
 Tremer, vejo chorar, vejo daqui
 Esse rio, esse monte, o ceo por ti
 Cuberto estar de negro, & escuro manto.
 Não reyne, Antonio, em ti tal defatino,
 Deixa lagrymas vás, poem fim às dores,
 Asserena o sembrante, triste, & escuro.
 Enche teu peito suave, & peregrino
 D'outro desejo mais faõ, d'outros amores,
 Com que em ti, sem temer, viuas seguro.

A D.

LIVRO

A D. SIMAM DA SYLV.

XIII.

DEsfeito o sprito em vento, o corpo em prato,
 Tam poderosamente fui de ti
 Chamado, que tornei, Simão, afsi
 Como da morte à vida, em nouo espanto.
 Ergueste, doce Orpheo, co teu bom canto
 Hum sprito morto, a cujo som daqui
 S'alçou todo ar escuro, & so por ti
 Rompi d'altra tristeza o grosso manto.
 Foi remedio a meu mal, meu defatino:
 Fugio o juizo, deu lugar as dores,
 Que ja me tinham junto ao reyno escuro.
 Andou o sprito hum tempo peregrino
 Buscando entre vás sombras seus amores,
 Tu mo tornaste agora em bom seguro.

XIII.

VAY nouo Sol esclarecer o dia
 La onde elle s'esconde, & s'escurece,
 Vay noua Lua la, onde anoitece,
 Dar luz a terra, & aos olhos alegria.
 Vay branca Diana com tua companhia,
 A cuja vista o campo reuerdece,
 Dar nouo preço a terra, qu'enriquece
 Contigo, & perati suas flores cria.
 Esperando t'esta o dourado Tejo,
 E suas fermosas Nimphas, que temperam
 Nos teus lououros, os seus instrumentos.
 Vay alegrar as almas, que t'esperam,
 E todo feu amor, & feu desejo
 Tem posto só nos teus contentamentos.

C 3

Rey

SONETOS.

XV.

Re, bemaventurado, este he o dia,
 Que quatorze annos ha, qu'o mundo espera
 Desdo teu Tejo, a Oriental esphera,
 E da Zona torrada, â Zona fria,
 Quando outra noua luz, noua alegria,
 Qual' no teu nascimento o sol ja dera,
 Veremos na dourada, & ditosa era
 Da tua tam esperada Monarchia.
 Benigno o ceo r'estâ, obediente a terra,
 Abraçan' se entre si Iustica, & Paz,
 Qu'a ti, buscando abrigo, vem fugindo.
 Erguendo a Christam Fe, que fraca jaz,
 Aos teus igual iustica repartindo,
 Terâs sempre paz sancta, ou sancta guerra.

XVI.

Se saber, fermosura, & Real estado,
 Pureza d'alma, & limpa castidade,
 S'hum desprezo da gloria, & vaidade
 Do mundo assi esquecido, & fopeado,
 S'hum viuer contente, & descansado,
 Fundado em fe, esperança, & charidade,
 S'então alto lugar, baixa humildade
 Se hum sprito nos ceos todo enleuado
 Podêram fazer bemaventurada
 Neste mundo, & no outro hũa creatura,
 Nos na terra, & nos ceos te coroamos.
 De Deos serâ tua alma festejada.
 De nos honrada tua sepultura,
 De que grandes milagres esperamos.

Que

LIVRO

XVII.

Que Apelles, que Lyfippos poderiam
 Pintar, ou esculpir estas figuras
 O Principes diuinis? que pinturas
 A tanto dom de Deos responderiam?
 Que ingenhos dos antigos bastariam,
 (Iâ que não bastam cores, nem esculpturas)
 Escrueueruos? que pedras, por mais duras,
 A vossos nomes não se abrandariam?
 As aruores, as pedras, os metais,
 As cores, & as tintas vos desejam,
 Os liuros, todo mundo, & os ceos mais.
 Vos os olhos, & ingenhos nos cegais,
 Com esse resplendor, os ceos vos vejam,
 Elles vos louuem, & façam immortais.

XVIII.

A Jupiter tres Deosas se queixâram,
 Vendo de Vrenha a tam fermosa planta
 Não he minha honra, nem riqueza tanta
 (Diz Iuno) pois no mundo igual me achâram:
 Nem eu sou só, a que tanto celebrâram,
 (Se queixa Pallas casta, fabia, & santa,
 Pois hũa Madalena se leuanta,
 Em quem todos meus dões os ceos juntâram:
 Eu fora (dizia Venus) mais queixosa,
 Se quem venceo a minha fermosura,
 Nam vira de meu filho tão vencida.
 Sofrei (Jupiter diz) sua ventura,
 Pois eu soffro a ventura mais ditosa
 De Iorge, a quem dos ceos foy concedida.

C 4

Clas

SONETOS.

XIX.

Clarissimo Marquez, em cujo sprito
 Nouo lume de gloria resplandece,
 S'a viua chamma, que ja em ti parece,
 Igual fosse meu verso, & meu escrito,
 Tu ferias, senhor, cantado, & dito
 Grande entre aquelles, a que Apollo tece
 Gloriosa coroa, & a que offerece
 De seus nomes a fama hũ alto grito.
 Mas em quanto eu desejo mör alteza
 A meu ingenho desigual ao peso,
 Tu conferua tua vida, & tua saude.
 E leuanta esse peito a alta grandeza
 Da viua gloria, da viua virtude,
 Qu'õ templo te abrirã a outros desejo.

XX.

Ev vejo arder teu peito em noua gloria,
 Clarissimo Dom Pedro, mal contente
 Dê não largar ja as pennas altamente.
 Onde te chama a tua clara historia.
 Por ti florecera a alta memoria
 De teus grandes auõs, & o rayo ardente,
 Que em ti s'esconde, noua luz à gente
 Trara na paz, na guerra, & na victoria.
 Sosslega teu sprito em tanto, & espera
 Tempo, senhor, que não tardara muito,
 Em que mostres ao mundo, o que eu ja vejo.
 Tu veras das tuas obras o alto fruito,
 Eu cingirei por ti as fronres d'Hera,
 Se igual nacer meu verso a meu desejo.

Escre-

LIVRE

XXI.

Escreue Dom Diogo, escreue, & c.
 No meo dos trabalhos mais constante,
 Ousado vay contra a fortuna auante,
 Qu'ella te proua, & ella te leuanta.
 Que poder auera, que força tanta
 Contra esse peito armado de diamante,
 Que nelle se não rompa? & não quebrante
 A fortuna, que ja de ti s'espanta?
 Canta, pois tu cantando es tam cantado,
 Apollo se te inclina, Amor s'abranda.
 E teu nome mais cresce cada dia.
 Seguro pelo mundo corre, & anda.
 Que não podes ser nelle desterrado,
 Antes sem ti desterro elle seria.

XXII.

Choras, Antonio: & leuam Lima, & Douro
 Com as suas, as tuas lagrymas vamente
 Chamando aquella, que resplandecente
 Mostrando estã dos ceos o seu thesouro.
 D'outra neuue vestida ja, & d'outro ouro,
 Qual não vê, nem comprehende a cega gente,
 Despreza essas vãs lagrymas contente
 Co a gloriosa palma, & immortal louro.
 O alma bem nascida, que mostrada
 Ao mundo foste só por nosso espanto,
 Inda esses breues dias te deuemos.
 Andaste ca esse tempo aos ceos roubada.
 Deuense a mortos lagrymas, & pranto.
 Nos viua entre Anjos Angela cantemos.

Em

SONETOS.

XXIII.

Tu lá, Andrade, ós votos fantos
 Imagas pola faude da irmam santa,
 E ella á máy de Deos mil hymnos canta,
 E tu ao filho, & á máy compoés mil cantos:
 E quantos passos la cos pés daes, tantos
 De graos ergueis a casa, onde luz tanta
 Resplandece, que cega, offende, & espanta
 Os que de la cahiram em fogo, & em prantos.
 Eu co sprito inquieto aos ceos suspiro
 D'hum sol ao outro, d'húa a outra sombra,
 Em faudoso pranto; em brando rogo,
 Que deste duro jugo, que hora tiro,
 Liure hũ hora ao sol claro, a doce sombra
 Me veja arder quieto em sancto fogo.

XXIII.

EM duas partes deixei la partida
 Minh'alma faudosa, Amor o sabe,
 E vos, senhor, aqu'igual parte cabe
 E sempre cabera dest'alma, & vida.
 Nem viua eu mais, qu'em quanto conhecida
 Esta verdade faça, então acabe,
 E se mais quer, ou desejar mais sabe
 Minha vontade, nunca seja crida.
 Por vos suspiro, & polo claro lume
 D'hum nouo sol, que la da luz ao dia,
 E por norte tomey do meu bom porto.
 Ia la cuidaua quando tornaria:
 Pois entre nos por força, & por costume
 Al nostro esser insieme é raro, e corto.

Berq

LIVRO

XXV.

BERNARDES, cujo sprito Apollo inspira;
 Vólue teu doce canto a mim mal dado
 Ao grande objecto teu, que leuante do
 Por ti sera a alta gloria, a que ja aspira.
 Inda onde quer, qu'esta, chora, & suspira
 O triste Ifante em ver tão mal chorado
 Seu doce amor, de que ca tam magoado
 Não fartou d'agoa os olhos, peito de ira.
 Isto sò pede aos ceos, qu'inda da terra,
 Qu'a sua cinza esconde, hum rayo claro
 Noua luz traga á sua sepultura;
 E aclare a nuuem, que nos cobre, & cerra
 Aquella mal chorada fermosura,
 Tam digna do amor seu no mundo raro.

XXVI.

LIMIANO, tu ao som do claro Lima
 Inda por ti mais claro á sombra fria
 A branca Nimpha, que te deu por guia
 Amor, fazes soar na doce rima.
 E em quanto cantas, flores mil de cima
 Derrama Cytherea, & hum Louro cria
 Para as tuas frontes Phebo, & em companhia
 D'outros, teu nome leua ja a outro clima.
 Eu mudo, & triste, em lagrymas banhado
 Vou gastando a alma em esperar hũa hora,
 Que minha cruel forte esta detendo.
 Entraõ solto, entraõ liure, & a mim tornado,
 Teu brando som iria o meu regendo:
 Em tanto teu bem canta, & meu mal chora.

Vincio

SONETOS.

XI.

✓ Ino, eu vejo do Oriente aclarar
 Venus lançar em ti seus mais fermosos
 Rayos, & ledo o pay os amorosos
 Olhos tem postos em sua filha clara:
 Vejo que minha estrella o ar aclarar,
 O ceo serena, ao sol da mais lustrosos
 Rayos de luz, a mim os piadosos
 Olhos so cerra de sua luz auara.
 Ditosa tu, ditosa a dourada hora,
 Que te vio cá nascer, & assi r'encheo
 De todo bem, que se do ceo deseja!
 Eu que direy de mim? ditoso seja
 Quem a tam alta luz olhos ergueo,
 E ditosa a alma, qu'a suspira, & chora.

XXVIII.

N Vm concauo penedo, onde quebrauam
 Sua mor força as ondas furiosas,
 Dous brandos nomes de duas mais fermosas
 Nymphas Lilia, & Celia se cortauam.
 Abrindo a pedra as letras, aclarauam
 As nués, brandos ares amorosas
 Virações spirando, as mais irosas
 Ondas naquella parte alfossegauam.
 Ao pé dos doces nomes, que cortaram
 Aonio, & Vincio em immortal memoria,
 Seus nomes, & estes versos escreueram,
 Em duas aqui quatro almas se juntaram:
 Aqui porto quieto as ondas deram,
 Lilia, & Celia a Amor honra, ao mundo gloria.

Glo-

LIVRO

XXX.

G Loriosos spritos coroados
 Dos lourós immortaes, que ca ganhauam
 Quando co claro fangue bem comprastes
 Estes assentos, que vós la saõ dados.
 Tam dinos d'entre nos serdes cantados!
 Em quanto a clara fama, que deixastes,
 Igual trombeta, & voz ca não achastes,
 Estaueis como em Lethe sepultados.
 Eis que ja vós nasceo hum nouo sprito,
 De cuja voz sereis no mundo ouuidos,
 Por cuja mão sayreis da sepultura.
 Duas vidas, dous lumes concedidos
 Vos saõ, de que alça a fama immortal grito,
 Vida no verso, vida na pintura.

XXXI.

O S qu'a fortuna Deosa sua faziam,
 E por mór Deosa nos ceos a assentauam,
 Est'honra, esta vão titulo lhe dauam,
 Porque de suas mudanças se temiam.
 Mas aquelles, que della não pendiam
 Em vez de a adorarem, lhe pisauam
 Cos pés sua fraca roda, & desprezauam
 A falsa diuidade, em que não criam.
 Quanto sera de ti mais desprezada
 Felicissimo Ioão, que dos ceos certo
 Tés premio igual aos dotes, que te deram!
 Seguro premio, não vario, ou incerto,
 Como os que da fortuna outros tiueram,
 Qu'a ti não pode dar, nem tirar nada.

Quan-

SONETOS.

CXXII.

Amor se pode humanamente
 cantar, tu o sentes, ou cantar, tu o cantas
 Salicio: & em quanto a doce voz leuantas
 Tudo arde em fogo, em tudo amor se sente.
 Sô Flerida, & Amor a ella obediente
 Ao viuo fogo teu, lagrymas tantas,
 Aos grandes versos, cõ qu'o mundo espantas,
 Olhos, & ouvidos certam cruelmente.
 Por ventura qu'em quanto à estrangeira
 Lingua entregas teus doces accentos,
 Não he tua voz com tanto effeito ouuida.
 Dã pois à dor sua lingua verdadeira,
 Da os naturaes suspiros teus aos ventos,
 Por ventura será tua dor mais crida.

XXXIII.

Alma innocente, que teu veo despindo
 Solta desta prisão estreita, & cícura,
 Vestida ja da eterna fermosura
 Esse espaçoso ceo andas medindo,
 Ditosa, que tambem foste fugindo
 Do que mais nos engana, & menos dura,
 E viues ja sem fim leda, & segura,
 De nossas sombras vãs piadosa rindo.
 Quam bem atalhaste à tua verde idade
 Meu Betancôr! así o merecia
 Esse diuino sprito aos ceos nascido.
 Meu amor chorará tua saudade
 Mas ditoso em meus versos será lido
 O teu primeiro, & derradeiro dia.

Bom

LIVRO IV

Na antiga lingua Portu.

XXXIII.

Bom Vasco de Lobeira, & de g.
 De prão que vos auedes bem contado
 O feito d'Amadis o namorado,
 Sem quedar ende por contar hirem.
 E tanto nos aprougue, & a tambem,
 Que vos feredes sempre ende loado,
 É entre os homes bõs por bom mentado,
 Que vos lerão adeante, & que hora lem.
 Mais porque vós fizestes a fremosa
 Brioranja amar endoado hu nom amarom,
 Esto cambade, & compra sa vontade.
 Ca eu hei grã dô de auer queixosa,
 Por sa gram fremosura, & sa bondade.
 E er porque ô fim amor nom lho pagarem.

XXXV.

Vinha Amor pelo campo trebelhando
 Com sa fremosa madre, & sas donzellas,
 El rindo, & cheo de ledice entre ellas,
 Ia de arco, & de sas setas non curando.
 Brioranja hi a fazom sia pensando
 Na grã coita, que ella ha, & vendo aquellas
 Setas de Amor, filha em sa mão hũa dellas,
 E metea no arco, & vayse andando.
 Deshi volueo o rôstro hu Amor sia,
 Er, disse, ay traydor, que me has fallido,
 Eu prenderey de ti crua vendita.
 Largou a mão, quedou Amor ferido,
 E catando a sa setra, endoado grita:
 Ay merce, a Brioranja, que fugia.

Soli-

SONETOS.

XXXVI.

O caminno mais arduo, que nos guia,
 Da nossa escura noite àquelle dia,
 Em que viue tam clara a immortal gente,
 Esperta este meu sono, em que dormente
 Tiue tégora est'alma, se me guia,
 Por onde eu suba aos ceos, qu'antes não via,
 De mim mesmo enganado cegamente.
 Escuro, triste, morto, & mal viuido
 Tempo, de magoa, & de arrependimento,
 Gástado em vaos desejos, vaos cuidados!
 Ia achou meu vago sprito seu assento:
 Sejam ou esquecidos, ou chorados
 Os tristes dias, em que andei perdido.

XXXVII.

Despois de cinco lustros ja aquella hora,
 Qu'ao mundo me mostrou em noite escura,
 Me torna a quarta vez, & com brandura
 Do mau planeta me defende agora,
 Tempo he, que hū'alma, que ja ha tanto chora,
 Vos moua a magoa, ó clara fermosura,
 Qu'os ceos ornais, & tendes a escritura
 De quanto ca s'espera, & quanto mora.
 Tu do mundo grã Pay, tu poderoso
 Rey d'estrellas, & ceos est'alma guia
 A ti seu alto fim, por ti criada.
 Por ti se mouem os ceos, por ti o dia
 Nos nasce: aquelle só sera ditoso,
 Que sem ti não espera, nem cre nada.

Eis

LIVRO

XXXVIII.

Eis o mar, eis o vento, espanto, & n
 Aos tristes nauegantes, cruel morte
 Em tod'a parte mostram, ali o mais forte
 Quer, por não ver mais mal, morrer mais cedo.
 Quando aquelle poder, que firme, & quèdo
 Tem seu eterno imperio, a triste sorte
 Num ponto muda, & guia a nao, qu'a porte
 Em saluo pelo mar, que abre co dedo.
 Vence o prazer ao medo, torna a vida
 Como furtada a morte, notio ceo
 Parece, & nouo sol, & nouo dia,
 Assim hū'alma enganada, que perdida
 Anda em tão alto mar, de escuro veo
 Cuberta, tu alto Deos me aclara, & guia.

XXIX.

Onde m'esconderey, Senhor, de tí?
 Temet' est'alma recebida em vão.
 Estes meus olhos como te verão,
 Pois meu triste peccado te pos hi?
 Oh Senhor piadoso que não vi,
 Nem veio ind'ategora, estend'a mão,
 Da m'a estes olhos luz, & humi coração
 De carne; que de pedra foy tèqui.
 Ouelha sou, senhor, qu'ando perdida,
 Ingrato filho fuy, que mal gastei
 Os talentos da graça, que me deste,
 Mas se me tu buscares, tornarey.
 Buscame com tua graça, pois quiseste
 Morrer assim na cruz por dar-me vida.

D

A esta

SONETOS

XLII.

A lta. ja vimmos, Virgem fanta,
 Humildes, & deuotos peregrinos,
 Que os olhos fejam de te ver indinos,
 Ver o que o mundo todo alegra, & espanta,
 E que a pureza em nós não feja tanta,
 Tua graça nos fará, Senhora, dinos
 De ouires nossos versos, nossos hynos,
 Que cada alma fiel te offrece, & canta.
 Grandes são teus poderes, tuas grandezas.
 Nossos sinaes, Senhora, não esperamos.
 Depois de Deos, de ti tudo mais cremos.
 Alimpa em nossas almas suas torpezas.
 Desfaze as neuoas, com que nos cegamos;
 E estes grandes milagres cantaremos.

XLI.

A Njo enuiado àparelhar as vias
 Do Cordeiro de Deos por ti mostrado,
 Que no ventre da mãy sanctificado.
 No ventre de sua mãy ja conhecias,
 Declarador d'antigas profecias,
 Mais que profeta de Deos tam louuado,
 De quem o mesmo Deos foy bautifado;
 Luz clara, que todo homem alumias.
 Aquella tua voz sancta, que soaua
 No deserto, grã Ioão, a penitencia,
 De tua vida innocente, o fangue, & a morte.
 Criem em minh'alma hũa noua innocencia
 Sancto zelo, amor firme, animo forte,
 Com que siga tua luz, que aos ceos guiaua.

A guia

LIVRO

XLII.

A Guia diuina, que tam altament
 De Deos guiada alem dos ceos voaste,
 Donde os môres segredos nos mostraste,
 Qu'escondidos estauam à cega gente:
 Com teu rayo de luz resplandecente
 O mundo escuro, & triste alumiaсте,
 E quanto lâ de Deos, em Deos achaste,
 Por ti o mundo o confessa, o cre, & o sente.
 Tu no peito de Deos adormeceste.
 Tu fô foste por filho a sua mãy dado,
 Mil coroas de gloria mereceste.
 Discipulo de Deos o mais amado,
 Deste diuino fogo, em que tu ardeste,
 Seja este sprito meu sempre inflâmado.

XLIII.

Diante do cutello riguroso
 Do Tyranno cruel, esperando a morte
 Co animo cad'hum tam firme, & forte
 Quanto era o do algoz mais brauo, & iroso,
 Estauam os sanctos Frades, deseioso
 Tanto cad'hum de cayr nelle a forte,
 Que por mais depressa, que o aço corte,
 Remisso lhes parece, & vagaroso.
 Oh Xarife cruel! que essa crueza
 A ti o he fô, a elles gloria, & vida,
 A nós esse seu fangue grã thesouro.
 Com que esforço, & vigor, & fortaleza
 Nos ensinam correr à promettida
 Grã coroa de gloria, não de louro!

D 2

Ray.

NETOS LIVRO II.

XLIII.

Rayna fancta, aos Reys exemplo raro,
 Ao mundo espanto, luz a neuoa escura,
 Por onde ja rompendo des'altura
 Lançando estas em nós teu rayo claro,
 Desse rico thesouro, que tam charo
 Te foy ca, & possues ja segura
 De to roubarem, parte nos procura
 De quem para nos sô o comprou tam caro.
 Rayna fancta, que na môr alteza
 Da terra, mais humilde aos ceos voaste
 Com o mundo fazendo força ao ceo,
 Esta tua terra, o fancta, que pisaste,
 Rompendo com tua luz feu escuro veo,
 De tua humildade enche, & fortaleza.

XLV.

Spritos coroados da victoria,
 Com q̄ triumphando estaes nos ceos da terra,
 Almas fanctas, & puras, que da guerra
 Nossa liures viueis em paz, & em gloria,
 Ou denunciando as gentes a alta historia,
 Qu'a pura se nós mostra, o ceo nos cerra,
 Ou do mundo enganoso, que sempre erra,
 Fugindo, nos deixaffeis tal memoria,
 Vossos despojos fanctos, milagrosos,
 Corpos, & fangue, & lagrymas, & mortes,
 Qu'essa vida immortal ja vós subiram,
 Presentay la por nós com piadosos
 Olhos deste desterro, onde os mais fortes
 Por hum enganó vão do ceo cahiram.

DAS

DOS

EPIGRAMMAS.

A HVM RETRATO DE DO-
 na Catherina de Soufa.

Mostrou o q̄ pode a mão, a tinta, & arte:
 Mas sô o que se não ve, he Catherina.
 Onde ella não está toda, não está parte
 Diuina fermosura, alma diuina.
 Taes graças raramente o ceo reparte;
 Mas inda d'outras foy mais altas dina.
 A quem tal a criou deu vida, & alma,
 Triúphou do múdo, té nos ceos a palma.

A IERONIMO CORTE REAL.

Qvem pode, grã Jeronimo, louuarte
 Dos raros doés, q̄ em ti os ceos jūtaram?
 No pincel vences natureza, & arte,
 Na lira quantos a melhor tocaram:
 Na forte espada representas Marte,
 Nos brádos versos poucos te igualaram:
 Atè no claro fangue, & gentileza
 Fortuna, & ceos roubaste, & natureza.

D; DE

LIVRO I

DE ANACREONTE.

PRenderam as Musas por noua aventura
 O Amor em laços, & prisoões de flores,
 Entregaramno em guarda à fermosura,
 Que atado o tenha bem, poré sem dores.
 Ajuntà Venus doés, & com brandura,
 Que soltem, roga, o filho seus amores.
 Mas inda que ja seja resgarado,
 Dali fica a seruir acostumado.

DE GREGO.

CAnte quem quer do furioso Marte
 As armas, cante Troya já abrafada:
 A minha cruel guerra, a força, & arte,
 Que me venceu, será de mim cantada.
 Nem arma, nem soldado teue parte
 No vencimento meu, nem frota armada,
 Mas hum bello esquadrão, que d'improuiso
 Sahio d'hús olhos, & d'hum brando riso.

TRA

LIVRO I

TRADVZIDO CONTRA O
 maldizente.

TV, que com a lingua feres, monstro es,
 Não animal; cos dentes fere o Cão,
 Co a ponta o Ceruo, tu Ceruo não es,
 O Lião com as vnhas, tu não es Lião.
 E se Lião, ou Cão, ou Ceruo es,
 Se Lião, vayte onde os Liões estaõ,
 Se Cão, o mesmo Lião te despadace,
 Se Ceruo, o mesmo Cão te corra, & cace:

A LESBIA.

FVrtou a aljaba a Amor (quando dormia)
 Lesbia, acorda Amor, põe-me a chorar.
 Não chores, filho meu, (Venus dizia)
 Lesbia fermosa a tem, tornart'a dar.
 Nada ha mister de ti, do que nella hia,
 Teu fogo, & setas podeas escufar.
 Cos olhos, fronte, riso fere inflamma
 De mòr ferida, mais ardente chamma.

D4 A hum

LIVRO

AHVM RETRATO DE DIDO.

A Mão do pintor deu noua vida.
 Não me deu a honra diffamada.
 Nem Dido foy de Aneas conhecida,
 Nem vio Carthago sua frota errada.
 Eu mesma me matey porque soffida
 Fosse a fe casta a meu Sicheo só dada.
 Vinguei sua morte, ergui noua cidade.
 Valha mais, que os poetas, a verdade.

A VENVS E CVPIDO.

Dizem que antigamente o ceo cahia
 Cõ cruel guerra armada entre sua gête,
 Marte d'espada armado em brauecia,
 Neptuno armado de seu grã Tridente.
 Co corisco de Ioue o ceo tremia.
 Todos s'ameaçauam cruelmente;
 Tanto qu'Amor cõ a mãy foi visto armado,
 Cad'hũ dá as armas, tudo he pasiguado.

Fer-

DOS EPIGRAMM

FERMOSURA.

AO Touro cornos, vnhas ao Lião,
 Voar à Aguiã, ao Ceruo ligeireza,
 E a todas as mais Feras quantas são,
 Deu su'arma, & sua força a Natureza.
 Ao homem deu esforço, & boa razão:
 Não tem que dar á feminil fraqueza.
 Pois que lhe deu? ah deu lhe fermosura
 Arma que ferro, & fogo inda mais dura.

MARTE NAMORADO.

Forjava em Lemno com destreza, & arte
 Sêtas a Amor de Venus o marido:
 A branda Venus lhe poem mel d'hũa parte,
 Mas d'outra parte lhe poem fel Cupido.
 Entrou brandindo a grossa lança Marte,
 Riose das sêtas. Queres ser ferido
 D'hũa? (Amor diz) proua hora se te praz;
 Ferioo; riose Venus: Marte jaz.

DAS

DAS ODES, LIVRO I

Ode primeira.

Vja daqui o odioso
Profano vulgo, eu canto
A brandas Musas, a hūs spritos dades
Dos ceos ao nouo canto
Heroico, & generoso
Nunca ouuido dos nossos bōs passados.

Neste sejam cantados
Altos Reys, altos feitos,
Costumese este a nosso â Lira noua.
Acendei vossos peitos,
Ingénhos bem criados,
Do fago, qu'o mundo outra vez renoua.

Cad'hum faça alta proua
De seu sprito em tantas
Portuguesas conquistas, & victorias,
De que lédo t'espantas
Océano, & dās por noua
Do mundo ao mesmo mundo altas historias.

Re-

LIVRO I.

Renoua mil' memorias
Lingua aos teus esquecida,
Ou por falta d'amor, ou falta d'arte,
Sẽ para sempre lida
Nas Portuguesas glorias,
Qu'em ti a Apollo honra darão, & a Marte.

A mim pequena parte
Cabe inda do alto lume
Igual ao canto; o brando Amor sō figo
Leuado do costume.
Mas inda em algũa parte,
Ab Ferreyra, dirão, da lingua amigo!

AOS PRINCIPES D. IOAÕ,
& D. Ioana.

Ode II.

Principes nossos, nosso bem, & gloria,
Esperança dos ceos, prazer do mundo,
Nascidos hum para outro, por Deos dados
Ao sceptro occidental, & do Oriente:
Vivey felices, pios, vencedores
De novos mundos: novos mares se abram,
Nouas minas pareçam, nouas terras;

De

DAS ODES.

De tropheos, & despojos carregadõs,
 De victorias famosas, & bandeiras
 A barbaros tomadas, & sugeitas
 A vossa, qu'he de CHRISTO, tornem sempre
 Os vossos Capitães, que o mundo teme,
 Coroados de Louro, com collares,
 Com sceptros, ricas purpuras, & trunfas
 Dadas a vossos nomes em tributo.
Viuey felices, pios, vencedores,
 Em ouro escritos sejam vossos nomes,
 Em cedro, em diamante, em todo mundo.
 Nouas estatuas se ergam com letreiros
 Dignos de vós, & vós tam dignos delles,
 Que igual espanto sempre, & credito achem,
 Que suspirem, em os vendo, os mais famosos
 Reys, & Emperadores, que vierem,
 Como fez Alexandre co de Achilles,
 Como Cesar tambem co de Alexandre,
 Como vós suspiraes polos, que vedes
 Erguer com tanto espanto a vossos pays.
Viuey felices, pios, vencedores,
 Mais que o grande Alexandre, Iulio, Augusto,
 Mais que os passados Reys, vossos aúes,
 Mais que os presentes Reys, de que sois filhõs,
 Que o mundo tanto teme, & honra, & ama,
 Como

LIVRO I.

Como cousas diuinas por Deos dadas.
 Conseruay vos seus nomes, & estendeyos,
 Se mais ha qu'estender, do que elles fazem,
 Conseruayos, que nisso fareis muito.
Viuey felices, pios, vencedores,
 Creça a terra, & s'estenda, que pisardes.
 Creçam, quanto mais derdes, os thesouros.
 A vos se venham todos, em vós achem
 Remedio a suas vidas, & suas honras.
 A vós se venham Parthos, venham Scythas
 De sua vontade propria sogeitarse
 A vosso jugo, a vós mais seruir queiram,
 Que ser seruidos d'outros, & adorados.
Viuey felices, pios, vencedores,
 Deixainos de vós vossas semelhanças
 Nos rostos, nos spritos, nas grandezas,
 Porque nelles vejamos a vos mesmos,
 Assim como em vos vemos vossos pays,
 Que despois d'enfadados ca da terra
 (Que delles ficarã tam saudosa)
 Sobindo para os ceos, vos deixarão
 O mundo governando, & triumphando.
Viuey felices, pios, vencedores,
 Estrellas sejaes ambos lá no ceo,
 Estrellas das mais lucidas, & claras,

Def-

DAS ODES

Depois, que cá deixardes este mundo,
Em que não cabereis, por mor que seja.
Mas não vos peze de entre nós viuerdes
Muitos annos, & muitos por nossa honra,
Pois tendes lá tam certos os assentos
Nos altos ceos, como estes cá da terra,
Principes nossos, nosso bem, & gloria.

A D. IOÃO DLANCASTRO
filho do Duque d'Aueiro.

Ode III.

Porque tam cruelmente
(Meu João humanissimo) sem culpa
Tua te affliges tanto?
E porque esse innocente
Peito, que de nenhum vicio te culpa,
Tam puro, casto, & santo
Com tristes pensamentos,
Que essa tua alma branda estão roendo,
Em tanto dano meu
Mal tratas? taes tormentos
Deixa a quem com razão está temendo
Algum grande erro seu.

Não

LIVRO I.

Não teme, não espera,
Não pende da fortuna, ou vãos cuidados
A consciencia pura,
E assi não desespera
De chegar aos bons dias esperados
Tam léda, & tam segura,
Que o mundo desprezando
Configo se enriquece, & mais descansa
De si tam satisfeita,
Que em si se está prezando
De desprezar o porque o mundo cansa.
De ver que ella a direita
Via seguindo váy
A virtude leuando sô por guia.
Não torce, não duuida,
La mais della se say,
Por mais qu'o mundo della se desuia.
A coroa deuida
Voando, que guardada
Nos ceos lhe está, da terra se leuanta.
Tem sempre o que deseja,
Com não ter nunca nada.
Pisa a fortuna, nada a vence, & espanta.
Que por forte, que seja,
Falsa Deosa, & tyrana

(Se)

DAS ODES.

(Segundo a fez a cega antiguidade)
 Que val contra a prudencia?
 Em que lhe empece, ou dana?
 Falso poder, & falsa divindade
 Nascida da imprudencia
 D'aquelle pouo errado,
 Que a qualquer appetite mau, injusto
 Logo hum Deos levantavam,
 Só pera seu peccado
 Ficar honesto, desculpado, & justo.
 Aquelles adoravam
 Os appetites seus.
 Ditofos nós, que tam alto subimos,
 Que nos ceos hum thesouro
 Temos, qual esses teus
 Olhos, bom Ioão, vem, apos este imos,
 Tu de palma, & de louro
 Com razão coroado,
 Eu da humilde, & sempre verde hera,
 Seguindo tuas pisadas
 Nas nuës levantado
 Assim ferey, senhor, descansa, & espera.
 Ia chegam as douradas
 Horas, que te esperando
 Estuër am tégora: & vem correndo

Para

LIVRO I.

33

Para teu bem, & gloria.
 Por ti só vem chamando
 Aquelles claros titulos trazendo,
 Por que tua memoria
 No mundo eterna mente irá viuendo.

AOS REYS CHRISTÃOS.

Ode IIII.

Onde, onde assim crueis
 Correis tam furiosos,
 Não contra os infieis
 Barbaros poderosos
 Turcos de nossos roubos gloriosos?

Não pera amal perdida
 Cabeça do Oriente
 Nos ser restituída
 Tam pia, & Christamente
 Roubo a vos feo, & rico à Turca gente,

Não pera a casa sancta,
 Sancta terra pisada
 Dos infieis com tanta
 Afronta vossa, armada
 A mão vos vejo, nem bandeira alçada.

E

Nem

DAS ODES

Nem pera em fogo arder
 Desdo chão té as ameas
 Meca, & Cayro; & se ver
 Trazido em mil cadeas
 Em triumpho o seu Rey com noſſas preas.

Ab cegos contra vós
 Vos leua cruel furor!
 Ab que fartando em nós,
 E em voffo ſangue o ardor,
 Que o imigo tem fazeilo vencedor.

Vós armas, vós lle daes
 Ao couarde ouſadia,
 Em quanto vos mataes,
 Eis Rhodes, eis Vngria
 Em ſangue, em fogo, em noua tyrannia.

Paz ſancta dos céos dada
 Por vida só, & bem noſſo
 Como tam deſprezada
 Deſſe injuſto odio voffo
 Reys Chriſtãos, he? crueis chamaruos poſſo.

Nunca ſe vio fereza
 A eſta, que vſaes igual,
 Armados de crueza.

Hum

LIBRO I.

34

Hum ao outro animal
 Da meſma natureza não faz mal.

Tornay, tornay, ò Reys
 A paz, tendeuos hora,
 Olbayuos, & vereis
 Com quanta razão chora
 A Chriſtandade a paz, que lancaes fora.

A D. AFONSO DE CA-
 ſtel Branco.
 Ode V.

Fuge o vulgo profano
 Vay com deſcuſtumada
 E leue penna, Afonſo, pello ar claro,
 Deixando deſprezada
 A inueja, que em ſeu dano
 Perſeguir o melhor tenta, & mais raro.

Sprito às Muſas charo,
 Ia te vejo yr voando
 Em noua forma, muito môr que humana
 Nouas pennas criando
 Liure do baixo, & caro
 Peſo da terra, qu'ò ſprito dana.

Quam baixamente engana

Ez

Aigno-

DAS ODES

*A ignorancia cega
Como por cima della o sprito voa!
Que áquillo sô se emprega
A que a gente profana
Não chega, & sempre viue, & sempre soa.*

*A soberba coroa
Dos Reys, que medo, & espanto
Poem ao fogeito pouo, que os adora,
Mas quanto imperio, tanto
Em mã fortuna, ou boa
Mal seguro tremendo estã cada hora.*

*Não descansa, não mora
Sancta felicidade
Em torres, em thesouros, em grandezas,
Errada vaidade!
Isso bens são de fora,
Nosso sô he o saber, que tanto prezas.*

*Tudo al são pobrezas
Num animo contente,
Que mil mundos despreza, & sô deseja
Deixar à sua gente
Por honra & por riquezas
Saber, & vida liure de odio, & inueja.*

Este

LIVRO II.

35

*Est'ama, este sô seja
Teu fim, teu sô cuidado
A fonsso meu, que nouo sprito guia
De Apollo ao seu sagrado
Monte, donde inda eu veja
Correr por ti o licor, qu'antes corria.*

A HVA NAO D'ARMADA,
em que hia seu irmão Garcia Frois.

Ode VI.

*A Sfi a poderosa
Deosa de Chipre, e os dous irmãos de Helena
Claras estrellas, & o grã Rey dos ventos
Segura Nao, & ditosa
Te leuem, & tragam sempre com pequena
Tardança aos olhos, que te esperam attentos;*

*Que meu irmão, metade
Da minha alma, que como encomendado
A ti deues, nos tornes viuo, & são
Do fogo, & tempestade,
A que se auenturou co sprito ousado,
Vença, á dura fortuna, a boa tenção.*

Quem cometteo primeiro

E 3

So

DAS ODES

Ao brauo mar num fraco pao a vida,
De duro enzinbo, ou tresdobrado ferro
Timba o peito, ou ligeiro
Iuizo, ou sua alma lh'era a borrecida
Digno de morte cruel no seu mesmo erro.

Sprito furioso

Que não temeo o pego alto reuoluido
(Entregue aos ventos, posto todo em sorte,)
Do sempre tempestoso
A frico, nem os vaos cegos, & o temido
Scylla infamado ja com tanta mortel!

A que mal ouue medo

Quem os monstros no mar, que vão nadando,
Com secos olhos vio? quem o ceo cuberto
De triste noite, & quedo
Sem defensão, co corpo só esperando
Está a morte cruel, que tem tão perto?

Se Deos assi apartou

Com summa prouidencia o mar da terra,
Que a nós os homēs deu por natureza,
Como ouue homem, que oufou
Abrir por mar caminho mais a guerra
Qu'a paz? & a morte mais, roubo, & cruexa?

Que

LIBRO I.

36

Que cousas não comettes,

Onfado sprito humano em mar, & em fogo.
Contra ti sô diligente, & ingenhoso?

Que ja te não promettes,

Des qu'o medo perdeste â morte, & em jogo
Tês o que de si foy sempre espantoso?

Hum o ceo cometteo:

Outro o ar vão exprimentou com pennas
Não dadas a homem: outro o mar reparte,
Que por força rompeo.
Senhor, que tudo ves, que tudo ordenas,
Pera a ti sô chegarmos dà nos arte.

A MANOEL DE SAMPAYO.

Ode VII.

S Ampayo, tu là sô

De mim estás, não das Musas, não do sancto,
Fresco, saõ, & brando ar, que as Graças crião,

Nessa felice terra

Regada da corrente graciosa

D'hum nouo Tybre, ou Pô,

Que noua gloria, & espanto

Ao grande Oceano leua, claro rio

Manso Mondego meu, onde sobião

E 4

Mens

DAS ODES

Meus olhos de bũa Serra
 Ver com desprezo o mundo: saudosa
 Agoa, que tam soberba vay correndo
 Tomando senhoria
 Dos campos, & das agoas, & dos mares,
 Que ledos dentro em si a vão recolhendo.

Doces, sacros, lugares
 De brancas Nymphas, musicos pastores
 Habitas, verdes heras, verdes touros,
 Valles sombrios, & fontes
 Doces, puras, & frias, que manando
 Estão lagrimas tristes
 Dos doces meus amores.
 Isto tês lá Sampayo: eu câ que tenho?
 Lá, amigo, te deixei, lá meus thesouros.
 Ah secos, & altos montes,
 Negros fumos, maos ventos, que turuando
 Meus bõs intentos andam! se sentistes,
 Imigos meus (lhes digo) porque a vida
 Desejo, em qu'a sostenho,
 Deix'aime o pensamento, que descansa
 No que deseja, qu'em al hê perdida.

Que vejo, em que não cansa?
 Afronta esta alma triste em tanto aperto.

So-

LIVRO I.

37

Soberbas portas, prodigas larguezas,
 Vaõs faustos, vãs palauras
 Iuos longe de mim, y tristes ventos.
 Fique eu de vos seguro.
 O qu'em desastre, & acerto
 (Ah olhos cegos, corações errados)
 Anda, seguis? isto chamaes riquezas?
 Ditoso tu, que lauras
 Tua terra cos teus bois, & os pensamentos
 De boa esperanza enches: peito puro
 Sancta alma, lingua sam, mãos innocentes
 Desejo, os mais estados
 Fortuna, dá a quem queres: eu sô quero
 Viuer seguro, & liure entre os contentes.

Isto desejo, & espero.

Quem me desta riqueza enriquecesse?
 Quem visse já o tam claro, & aluo dia
 Em que assi repousasse
 Este sprito inquieto, que pendendo
 Está de seu perigo?
 O Céos, quem merecesse
 Pender sempre de vós, sem mais do mundo
 Querer, que vida honesta! esta queria
 Meu Sampayo, esta achasse.

San-

DAS ODES

*Sancta, rustica vida, aborrecendo
T'estão ; pois eu te busco, pois te sigo,
Deixa os que te desprezão vente a mim,
Contigo lâ num fundo
Valle viuirey eu liure, & contente,
Leda a vida terei, seguro o fim.*

A D. ANTONIO DE

Vasconcellos.

Ode VIII.

TE quando aysi, cruel, o peito duro,
Das noue irmãs morada
Cerrará, como ingrato ao dom diuino?
Té quando aysi negada
Do liquor doce, & puro
Nos será a copia, & parte igual deuída
Do lume, de que tu foste aysi digno?
Não te foy dada a vida,
Não esse sprito aceso em alto fogo
Para ti so; noisso he, o noisso queremos.
Vença ja o justo rogo
A dura força, Antonio, & restituda
Nos seja parte já do que em ti temos.

Eu digo o canto teu, eu digo a lira,

Que

LIVRO I.

38

*Que te dê o louro Apollo,
Para honra sua, & para gloria noffa,
Que d'hum ao outro polo
Soará; já te inspira
Nouo furor: ah solta o doce canto,
Contra o qual nũa inueja, ou tempo possa.
Tardas, cruel, & em tanto
Altos Reys, altas armas perdem nome.
Encrucefe o Amor, quem ha, qu'o abrande?
Quem ha, qu'a cargo tome
As victorias de fama, & eterno espanto
Dos Reys passados, quaes Deos sempre mande?*

*Altas victorias, em que tanta parte
Tem inda os tão chegados
Teus auôs ao Real sangue, às altas Quinas,
De louro coroados
Por mão do brauo Marte;
Ah porque lhes serão por ti negadas
As altas Rimas de seus nomes dignas?
As bandeiras tomadas
A Reys vencidos em tão justas guerras,
Aquellas fortes mãos, que coroauão
Reys grandes em suas terras
Por ferro, & fogo de tão longe entradas*

A ti

DAS ODES

A ti seu sangue já s'encomendauam.

*Mas em quanto tua sorte te não chama
Das armas à dureza,
(Inda tempo virá) com as Musas paga
A antiga fortaleza
Dos teus, à immortal fama
Que por exemplo ao mundo sempre viua
Contra a morte cruel, que tudo apaga;
Outr'hora a chama viua,
Qu'o cego moço, onde quer, acende,
Com teus suaues versos nos abrandá,
E a que nos tanto offende
Cruel aljaba sua lbe cattiua.
Isto te pede Apollo, isto te manda.*

*Em quanto a lèda, & branda idade dura
Com seus lyrios, & flores,
Com a cor viua, com o fogo inteiro,
E em quanto dos amores
Reyna doce brandura
Liure da neue, que seu fogo esfria,
E torna o lèdo Abril, triste Janeiro,
Ao som da fonte fria,
A doce sombra do alto pinho, ou faya,*

Soé

LIVRO II.

39

*Soe na branca canna a branda Flora,
Ponhase o Sol, ou faya,
Não cesse o canto, que ja magoa cria
No duro Amor, que ja de brando chora.*

DAS ODES.

LIVRO II.

*Ao Senhor D. Duarte, filho do
Iffante D. Duarte.*

Ode I.

*S*Erás escrito, & em alto som cantado
Da graue, & doce lira
D'Andrade pera ti sò dos ceos dado,
Que à gloria, a que ja aspira,
Igual fauor lbe inspira
Teu animo, DVARTE,
Planta real, honra de Apollo, & Marte.

*Aos teus altos tropheos, que leuantados
Com tanto espanto, & gloria
La vejo, aos triumphaes arcos ornados
Das presas da victoria
Alta, & immortal memoria*

Dará

DAS ODES

Dará, viuo na terra
Deixando teu grã nome em paz, & em guerra.

Não voa meu sprito a tanta alteza,
Nãõ ousa vergonhosa
A baixa lira minha ante a grandeza
Daquella tam famosa
Trombeta gloriosa,
Que ja ouço soar
Ou na Africana terra, ou no seu mar.

Quem do sangue infiel a gran corrente
De que se ja alagando
O largo campo está, quem dignamente
Dirã o fogo, que alçando
Se vay aos ceos, deixando
Em cinza, & pô desfeitos
Muros, Misquitas, armas, feros peitos?

Em quanto tal nãõ tento, & veda Apollo,
Que os tam altos lououros
Do grande Rey, senhor de polo, a polo,
Teu tio, dos mayores
O mòr: & os teus, menores
Nãõ faça, escurecendo
Com baixo canto o qu'outro irã erguendo:

Vay

LIVRO II.

40

Vay tu (isto ousarei pedirte) dando
Novo fauor, & vida
As altas Musas, que te estam chamando,
Comece ser sentida
De ti a voz, em que erguida
Serã tua clara fama,
Que todo sprito ja d'amor inflamma.

A PERO D'ANDRADE Caminha. Ode II.

Fogem, fogem ligeiros
Nossos dias, & annos
Andrade, que bem viue? que mal dura?
O que foy dos primeiros,
Serã dos derradeiros.
Iguaes aos bens os danos
Todos vãõ dar em triste sepultura.

Torna noua verdura,
Torna verãõ, & inuerno:
Claro apos chuua o sol, pos noite o dia.
Ah nossa ley tam dura!
Despois da noite escura
Do mòrtal sono eterno
Jã mais torna esta luz, qu'a vida via.

Tri.

DAS ODES

Triste quem se confia
 Em cegas esperanças
 Que no môr nosso bem nos defenganam.
 Quem nome de alegrias
 Cã achou, como sabia
 Auer medo às mudanças?
 Cruéis, que tanto podem, tanto danam!

A fonte, donde manam
 De nosso erro os perigos,
 Qu'he, senão proprio amor mal cõselhado?
 Desejos vaõs, que enganam,
 E a pura alma profanam.
 E entregam a seus imigos,
 Donde tarde vem ser seu mal chorado.

Quanto mundo he passado!
 Soberbas Monarchias
 De Asia, de Græcia, & Roma imperios tantos,
 Que o mundo sogigado
 Tinham, como forçado,
 Ves em quam poucos dias
 Cabiram suas grandezas? seus espantos?

Que ficam, se não prantos,
 E saudades tristes

Da-

LIVRO II.

41

Daquellas cousas grandes, que acabâram?
 Quantos triumphos, quantos
 Lédos, & doces cantos
 Passados tempos vistes,
 Que? senão magoa, & espanto nos deixâram?

Hay quanto em vão chorâram
 Apos a dura morte
 Tam pouco ha nossos olhos saudosos!
 Quanto bem nos roubâram!
 Mas que choros bastâram
 Mudar a dura sorte
 Dos crueis fados, tristes, inuejosos?

Spritos gloriosos
 Que desta baixa terra
 Fostes morar aos ceos em clara alteza,
 Ditosos vós ditosos,
 Que ja victoriosos
 De tam misera guerra
 Despistes esta nossa vil baixeza.

Cesse pois a tristeza,
 Cesse já a saudade
 Baixa, alça o sprito aos ceos, pera que vejas

F

Com

DAS ODES

Com que noua grandeza
Vestida a fortaleza
Iá d'immortalidade
De teu irmão está, qu'em vão desejas.

A FRANCISCO DE
Sã de Meneses. Ode III.

Não mostra em toda parte
Igualmente o dourado
Rayo o sol; nem igual veraõ, & inuerno,
Nem lume igual reparte.
Daquelle fogo eterno
Deos do ceo cà nas almas inspirado.

Hora hum à primeira bora
Triste Saturno vio:
Hora outro brando Ioue, ou Phebo claro.
Neste a vam Lua mòra,
Destoutro o sprito raro
Sò gloria: outro brando ocio so seguio.

Eis hum à patria chama
Triste, & cruel, chorada
No mais alto latino, & grego canto;
Eis outro gloria, & fama

Des-

LIVRO II.

42

Deixou, & eterno espanto
Ao mundo em sua memoria tam cantada.

Eu tomo sò o intento
Da piadosa gente,
Que honra justa quis dar ao claro sprito,
Não fazem annos cento,
Mas o alto feito, ou dito
Hum homem de mil homẽs diferente.

O rayo, que correndo
Foi sempre com victoria,
Em quanto gente achou, ou achou terra;
Começaua ir viuendo,
E ja fim dado à guerra
Do mundo tinha, & chea a clara historia.

Olba em quam verdes annos,
Em que tempo, a que imigo
Foy, & tornou tam famoso o Africano,
Sò fim dos crueis danos,
Qu'o grã pouo Romano
Padecia do odio cruel, & antigo.

O sucessor de Lulio,
Que tres vezes fechou

F 2

De

DAS ODES

De Iano o templo, em paz de todo o mundo:
Em que idade o grã Tullio,
Com seu saber profundo
Por Principe do mundo o nomeou?

Ab tu Francisco viste
A luz, que s'acendia
Naquelle real sprito, que criaste:
Por que inda tua alma triste
Suspira, ali prouaste
Quam cedo o fogo a escuridão vencia.

E tu quanto ha que mostras
(Vencendo o sprito a idade)
Taõ altas differenças entre tantos!
Onde às tam claras mostras
Se acharaõ novos cantos,
Qu'em partê igualar possam a verdade?

Quantos outros gastaram
No mundo escurecidos
Mais annos, sem saber, sem fortaleza!
Em viuos s'enterraram
Em infamia, & baixeza,
Nem dos qu'entaõ viuiam conhecidos.

Te

LIVRO II.

43

Te quando a injusta ley,
Tè quando o mao costume
Iulgarã pelas folhas, não por fruitos?
Inite a Deos o Rey:
Iã de cem annos muitos
Moços foram, & mil moços deram lume

A AFONSO VAZ CAMINHA
na India. Ode IIII.

I A generoso Afonso, já chegaste
Aquella parte, a que de cá fugia
Teu alto sprito, apos a luz, que via
D'alta virtude, que tu tanto amaste.
Fouorauel o cèu, mar, vento achaste,
Teu peito sempre igual, & sempre inteiro,
Posto no verdadeiro
Caminho d'alta gloria, & d'alta fama
Vejo arder todo em gloriosa chamma.

Vay ao esprito, vay co esprito ousado
Onde te chama a duvidosa sorte.
Triumphã da fortuna, & rouba à morte
O nome, que dos ceos te serà dado.
De sancto zelo, & sancta força armado
Pondo os olhos no ceo, mãos nos inimigos,

F 3

Que

DAS ODES

Que medos, que perigos
 Contra ty poderaõ? olha o bom pay,
 Que teu braço & teu pé guiando vay.

Onde os olhos poràs, que os gloriosos
 Sinaes do seu sangue inda não vas vendo?
 Que terra iràs pisando, ou mar correndo?
 Que os fortes braços vissem ociosos?
 Entre os feitos, & nomes lâ famosos
 O animoso loãõ veràs escrito
 Com aquelle viuo sprito,
 Com qu' o teu t'arma, & anima, & cò a luz
 Do ceo, ond' está, teu bõ caminbo aclàra (clara).

Aprende (diz) de mim, filho, a virtude,
 E os honrosos trabalhos d'alta gloria,
 E do teu claro sangue aysi a memoria
 Conserua, que a não gaste o tempo, ou mude.
 A poderosa maõ de Deos ajude
 A tua, como a minha nessa idade,
 Com que pola verdade
 Da sancta Fè, de sangue & pô cuberto
 Sejas medo, ao inimigo ao longe, & ao perto.

Isto te diz teu pay: tu ouue, & guarda

Nesse

LIVRO II

42

Ness' animo constante, ô bem nascido!
 Mas eis tẽ vejo arder co sprito erguido
 Aysi ao trabalho, que ja cres, que tarda.
 Ah vence esse aluroço, & o tempo aguarda
 Da boa occãsiãõ: às vezes dana
 O muito esforço, & engana
 Confiado nas forças a esperança,
 Que seguida se quer com temperança.

Ajuda Deos a boa fortaleza
 De conselho, & razaõ acompanhada:
 A força sobre si aleuantada
 Despreza irado, & torna em vil fraqueza.
 Ousou tentar a bayxa natureza
 Os altos ceos: eis torres, eis Gigantes
 Tam espantosos dantes
 Soruidos num momento, & a mesma terra,
 Sobre quem aysi se alçauam, em si os enterra.

Do espantoso Tigre, & do Lião
 As grandes forças vence amanha, & arte.
 Não dauam sempre as forças ao grã Marte
 Victorias, nem o ardor do coração.
 Proprias armas dos homẽs sãõ razãõ.
 Siruam os membros ao corpo, elle à prudencia.

F 4

A

DAS ODES

A sancta obediencia
Assi fundada, & ao capitaõ denida
Será do alto ceo fauorecida.

Vença o conselho á força, & o bem desejo
Da doce fama obedeca á justiça,
E ant'a lustrosa honra, a vil cobica
Fuja, de todo bem desíio, & pejo.
Mas em que me detenho? eu não te vejo
ô meu Caminha, firme em tua carreira
Correr á verdadeira
Estrada, que te vay teu sprito abrindo,
Teus bens aúds, & teu bom pay seguindo?

A ANTONIO DE SA DE
Meneses. Ode V.

Es nos torna a nascer o anno fermoso,
Zefiro brando, & doce Primavera,
Eis o campo cheiroso:
Eis cinge o verde Louro já a noua Hera.
Iã do ar caydo gera
O cristalino orualho beruas, & flores,
As Graças, & os Amores
Coroados de alegria

Em

LIVRO III

45

Em doce companhia
De Nymphas, & Pastores ao som brando
Doces versos de Amor vão reuezando.

Apos a branda Deusa do terceiro
Ceo, q̄ triumphando vay de Apolló, & Marte,
E entre elles afrecheyto
O seu doce fogo, onde quer, reparte
Fogem de toda parte
Nnuês; a neue ao sol tẽ entãõ dura
Se conuerte em brandura,
E d'alta, & fria serra
Cayndo, rega a terra
Agoa já clara: a cujo som adormece
Toda fera serpente, & o Myrtho cresce.

Renasce o mundo, & torna á forma noua.
Do seu dia primeiro: o sol mais puro
Sua luz nos renoua,
E affugentando vay o inuerno escuro.
O monte caluo, & duro,
O valle dantes triste, & turuo rio,
Ar tempestoso, & frio
Os tornam graciosos
Aquelles amorosos

Olhos

Olhos de Venus, faces de Cupido, e o nobre
 Criando em toda parte hũ Chipre, hũ Gnido.
 Já deixa o fogo o laurador, já o gado
 Da longa prisão, fozto coraes, e falta
 Roçado o verde prado, e o verde prado
 Nem agoa clara, nem verdura falta.
 Eis tira da nuore alta, ou Progne com seu ninho,
 Ou Philomena, ou Ticyro, e inda sem penha
 Cria a terra aue lede, Por esperar que cedo
 Do seu fermoso dom Cloris vencida,
 Não sofrerà fer delle em vão seguida.
 Agora nos tambem nos coroemos
 Ô Claro Antonio, de Hera, e Myrtho, e Louro,
 E mil odes cantemos
 A branda Venus, mil a Apollo louro,
 Que com seu raze de ouro
 A escura nuuem do teu peito aclarã.
 Ah quanto suspirã!
 Ah como desfazendo
 Em tenro pranto, e erguendo
 Os olhos ati, Phebo, Nise triste.

Cha

Chamar ô Sol, ô Sol com magoa o mistel
 Olho claro do cêo, vida do mundo,
 Luz, que a lãa, e estrellas alumias,
 Ô mouedor segundo
 De quantas confas cã na terra cria.
 Crespo Apollo, que os dias
 Trazes fermosos, e as douradas horas,
 Lã des' alto, onde moras
 Com tua luz clara, e sancta,
 Que o mão Saturno espanta,
 Torna a Antonio, e conserua a luz primeira,
 Do puro sangue a cor, e a força inteira.

Os mais brandos liquores, suaves cumos
 Das mais saudaveis plantas busca, e colhe
 Os mais cheirosos fumos,
 Que Arabia em si, em si Sabã recolhe;
 Faze que onde quer que olhe
 O teu bem Sa, prazer, e riso, e canto
 Veja; ab Phebo, a quem tanto
 Teu claro lume adora,
 E ao Douro, que inda chora
 Do seu passado medo a viua magoa,
 Não negues a hũ sam vida, a outro clara agoa.

Avi

DIAS ODES

A vida foge como a luz a sombra,
 Quem poder viua, em quanto hũa hora tarda,
 Hora, que espanta, & a sombra,
 Nem escusa recebe, ou ponto aguarda.
 Quem sua vida guarda
 Para outro dia: quem no leue vento
 Faz firme fundamento?
 Anda o ceo, volue o anno,
 Mostrando o defengano
 Desta vida incõstante, & em fim mortal,
 De bens escassa, prodiga do mal.

Ô meu bom Sã, em quanto nos defende
 A vida breue longas esperanças,
 Tu lèdo o sprito estende
 Por honestos prazeres, sans lembranças,
 Liure das vãs mudanças,
 Em que andam os mais em sorte ao vèto postos,
 Cos inconstantes rostos;
 Lã sempre hum, sempre inteiro,
 Seguindo o verdadeiro
 Caminho, que o alto ceo te chama, & guia
 Contente viue o anno, o mes, & o dia.

DAS

DAS ELEGIAS.

47

A FRANCISCO DE SA DE ME
 nefes, na morte do Principe D. Ioão, a
 quem seruió de ayo, & Cama-
 reiro mòr.

ELEGIA I.

TRistissimo Francisco, quem podesse
 Por arte, ou por ingenho alcançar tanto,
 Que meo a tuas lagrimas possessse!
 Quem ja fim a teu justo, & triste pranto
 Pedisse, cru seria: chora triste,
 Justo he teu choro, & meu desejo sancto.
 Acende mais o fogo, quem resiste
 Na môr chamma. De cà te vejo arder
 Despois qu'ô nosso lume morto viste.
 Aquella Real planta, que crescer
 Com tanta fermosura começaua,
 Promettendo da terra aos ceos s'erguer,
 Aquella flor fermosa, qu'alegraua
 Tantos olhos, & almas, que tua mão
 Com tanta diligencia nos criaua,
 Colhéranta ante tempo: ja no chão
 Cortada, & seca jaz; vala seguindo
 Co alma, & co desejo, triste, em vão.
 Vejote ir em suspiros consumindo

Os

LIVRO

Aos ceos queixoso, porque te apagaram
 A clara luz, que se hia descobrindo.
 Porque tam cruel mente te cortaram
 Teu bem, tua honra, & tantas esperanças,
 Quantas ja para sempre nos faltaram:
 Como ouue tempo para taes mudanças,
 Dizes, ô céo? tal foy? & assi pasmado
 Com lagrymas acordas, & te lanças.
 Ah quam triste te he tudo, quam pesado!
 Tu mesmo ati te trazes bem assi,
 Como por força hum grã peso arrastado.
 Deixa o pranto, Francisco, torna ati,
 Fala contigo só, vayte buscando,
 Tu ati mesmo es necessario aqui.
 Olha quantos teu mal estão chorando,
 Olha o mando quaõ triste, & saudoso
 Fica de com que tanto se hia honrando.
 Quanto vemos, quam triste, & quam queixoso
 Da morte está! mas ah, que inda que seja
 Choroso a todos, he ati mais choroso.
 Por mais que o mar, a terra, o céo se veja
 Chorar aquella Principe, tu mais
 Choras, mais o ama tua alma, mais deseja.
 Effes suspiros teus, effes teus ays
 Tam justos, tam devidos, câ me soam,

Co

DAS ELEGIAS.

48

Co som das tristes lagrimas iguais.
 As musas de Acipreste se coroam,
 E toda aruore triste: deixam louro,
 E ao som desse teu pranto, o seu entoam.
 Suas capellas, seu cabello d'ouro
 Arrancam, & desfazem, tu as guias,
 Dizendo perdeo o mundo o seu thesouro.
 Ah que tu mais que todos conbecias
 Aquelle grã IO AM de ti criado
 Nouo lume noua alma nelle vias.
 Pois tanto com razão sera chorado
 Mais de ti, quanto ao mundo promettendo
 Delle mais hias, a que foi roubado.
 Que grandezas não estauamos já crendo
 De seu sprito, & teu, qu'o informauas?
 Que fortuna, que guerra, ou mal temendo?
 Polo publico bem te desuelauas
 Grã Francisco, tuas horas, & tua vida
 Em noffa vida, & honra sô gastauas.
 Hay tanta diligencia tão perdida
 De nós, que tu lâ lenas, real sprito,
 Aos ceos, onde melhor he conbecida!
 Igual ao pensamento era teu dito,
 Igual ao dito a obra; se vineras,
 Quanto nos câ de ti ficara escrito!

So

LIVRO

Ao menos Reyno triste conheceras
 A industria de Francisco, em te criar
 Principe, com que mal nenhum temeras.
 Francisco elleito fô para ensinar
 Hum principe a ser principe, tambem
 O deixaram saber por ti reinar.
 D'hum bem fora pendendo outro môr bem,
 Que já s'bia mostrando: mas a morte
 Atalhou: sempre armada ao melhor vem.
 Isto teu peito generoso, & forte
 Sente sô, & chora: o que de ti sabias
 Te faz mais dura a dor da triste sorte.
 Conheceste a ti bem, & conhecias
 A noua idèa de Rey, porque esperavas
 Conforme a teu sprito, a que a fazias.
 Claros sinaes de tanto bem nos danas
 Principe sancto, todos em ti viamos
 Quam bem aquelle sprito em ti passauas.
 Os olhos, de que nós todos pendiamos,
 Pendiam de Francisco, que guiando
 T'os hia sempre ao bem, que nos queriamos.
 Esse teu alto sprito leuando
 Da terra tanto aos ceos, tè que subio
 Là pera sempre, a terra desprezando.
 Quem em taõ breue vida tanta vio?

Quem

DAS ELEGIAS.

49

Quem em tam poucos dias tantos annos?
 Que sprito igual de hum corpo tal sabio?
 Ditofo tu, que liure dos enganos
 Do mundo, & da fortuna, limpo, & puro
 Aos ceos voaste, sem prouar seus danos.
 Deixaste, clara estrella, o triste, & escuro
 Ar, de que cá viuias, quam luzente
 Entre os choros dos Anjos te figuro!
 Que baixa cousa te parece a gente!
 Que pouquidade o mundo! ves o Rey
 Quam pouco he d'outros homès diferente.
 Qual jamais se liurou da geral ley?
 Veja, quem o não crer, tua morte agora,
 De que outra morte já m'espantarei?
 Principe glorioso, não te chora
 A terra: não Francisco: sô choramos
 Quanto em ti nos roubou hũa triste hora.
 Se contr'essa tua gloria desejamos
 Verte outra vez na terra, erro grande he,
 Perdoanos, senhor, com amor erramos.
 E tu Francisco, em quem mais certa fê
 Ficou do que sabias, nos desculpa,
 Nos ceos, a qu'o guiaste, reyne, & estê.
 Tua he sua gloria: nossa serà a culpa
 Se lba inuejarmos: d'amor he o desejo,

G

Mas

LIVRO

Mas tal amor não quer, dos ceos o culpa.
 Viue tu, grã Francisco, qu'en o vejo
 Dos ceos encomendarte o seu thesour,
 Que cá deixou, & eu em tuas mãos desejo.
 Não de pedras vãs he, não de baixo ouro;
 Mas outro sprito seu, de que tremendo
 Lá está o barbaro Turco, o Indio, o Mour.
 Felicissimo parto, em que viuendo
 Estamos; vida nossa, que t'está
 O Reyno todo já em tuas mãos metendo,
 Por tua mão, Francisco, crescerá
 Felicemente. Deos, que nolo deu,
 Igual ao sancto pay por ti o fará.
 Aqui repousará o sprito teu,
 Quanto viste em sinas, & em figura
 No pay, Deos quis guardar a este dom seu.
 Augusto SEBASTIAM, qu'alta escriptura
 Encherá, começando por tua guia
 Obedecer aos ceos, a elle a ventura.
 Enxuguense teus olhos, já se cria,
 A quem tu serás Néstor, quem da terra
 Tarde aos ceos subirá, luz, & alegria
 Do mundo, grande em paz, & grande em guerra.

Na

DAS ELEGIAS.

50

NA MORTE DE DIOGO
 de Betancôr.

ELEGIA II.

Darei choros, ou cantos á tua morte
 Meu Betancôr? á tua verde idade
 Direi ditosa, ou triste a dura sorte?
 Lagrimas pede minha saudade,
 E aquelle amor tam viuo, inteiro, & puro,
 Que fez de ti, & de mim hũa só vontade.
 Como será meu coração tam duro,
 Que te não chame, que te não suspire,
 Pois sem ti acbo todo este ar escuro?
 Que cousa pôde vir, que mude, ou tire
 A lembrança de ti, meu doce amigo?
 Que cousa, a que já lèdo os olhos viro?
 Chorarei eu, & chorarão comigo
 Musas, Graças, brandura, & cortesia,
 E tudo o mais, que se nos foy contigo.
 Aquella alta esperança, que crescia
 Cada vez mais do teu diuino sprito,
 Como nos enganou nossa alegria!
 Tu alçaras ao longe hum alto grito
 De gloriosa fama; em toda a parte
 Se cantára teu nome, & teu escripto.

G 2

Aquel

LIVRO

Aquelle raro ingenho de tanta arte,
 Tanto estudo, & doutrina culto, & ornado
 Que versos dera a Amor, que canto a Marte!
 Aquelle raro ingenho tam criado
 No vosso seo dos primeiros dias
 Por vós, ó Musas, fora coroado.
 Já crescias noua Hera, já crescias
 Nouo Laureiro pera dar coroa
 A quem tam justamente te deuias.
 Quem a Mantua fiz'era igual Lisboa,
 Quem a corrente de Arno dera ao Tejo,
 E a doce frauta, qu'em Arcadia soa.
 Com que doce facundia, & bom despejo
 Soára a viua voz na verdadeira
 Doutrina, a que aspiraua seu desejo!
 Que caminho tam chão, que tal carreira
 Hias, meu Betancôr, lèdo correndo,
 S'a morte não correra mais ligeira!
 Foy sempre a clara luz resplandecendo
 Do fogo em ti aceso, alto, & diuino,
 Que tantos bês nos hia promettendo.
 Sprito raro, de mil annos digno,
 Todo de Deos, & de saber composto
 Iulgaste o meu amor do teu indigne?
 Leuasteme da vida o doce gosto

Que

DAS ELEGIAS.

51

Que teu tam brando amor de si me daua,
 Fico eu sem ti, como em deserto posto.
 Qu'nta parte de s'alma tua tomava
 Esta minh'alma, tanta me falece
 Da vida, que contigo m'alegrava.
 Agora em magoa minha reuexcede
 O alegre tempo já tam bem vinido,
 Que tam doces memorias m'offerece.
 Quando tambem cantado, & bem ouuido
 Era de nós teu verso culto, & brando
 Digno de ser em toda parte lido.
 Estauam as brandas Nymphas escuitando
 Do Mondego então lèdo, hora saudoso,
 Qu'o seu bom Betancôr estaõ chamando.
 Torna, ah torna, bom sprito, ao amoroso
 São das Nymphas, que te tal criaram,
 Das suas flores, & agoas tam mimoso.
 Como cruel? assi em vão t'ornaram
 Dos melhores dões seus? assi t'alcaste
 Ingrato, co qu'em ti enthesouraram?
 Ah torna (dizem) qu'inda não leuaste
 A coroa deuida éssas tuas fontes.
 Assi nossos amores desprezaste?
 Quantos valles pisamos, quantos montes,
 Meu Betancôr, colhendo heruas, & flores!

G 3

Quan-

Quantos rios bebemos, quantas fontes!
 Hora cantando a vida dos Pastores,
 Que tu amavas tanto: hora escrevendo
 Nos tenros troncos nossos bons amores.
 Outr' hora hum ouvindo, outro dizendo
 Aquelles são conselhos, bons segredos,
 Com que hã alma, a outra alma estava vendo.
 Ouvilhos so dos ceos, & dos penedos,
 Das mansas aves, & das agoas claras,
 Que nos ambos banhavam, estando quedos.
 Quantas verdades, & simprezas claras
 Guardareis sempre em vós, bosques sombrios.
 Ditoso tempo, se me mais duráras!
 Emfim ao rio a fonte, ao mar os rios
 Correm, más mais ligeiras nossas vidas,
 Que assi nos pendem de tam fracos fios!
 Mas não se dirã nunca que perdidas
 Foram no mundo tuas breves horas,
 Antes em melhor vida convertidas.
 Ditoso tu, meu Betancôr, que môras
 Na eterna vida, na luz sempre clara,
 Onde o summo bem sempre ves, adoras!
 Quem fora tam ditoso, que cortara
 Contigo est' alto mar, fugindo o peço,
 E contigo batendo ajas, voára!

Ab

Ah que duro deserto, & carcer cego
 Fugiste, alma ditosa & bem leuada
 A gloria, que eu chorando, mal te nego.
 Antes serã de mi sempre cantada
 A ditosa hora, que tam leuemente
 Te passou a essa eterna, alta morada.
 De boca em boca irã de gente, em gente
 Sempre viuo teu nome. E aquelle dia,
 Que aos altos ceos voaste eternamente,
 M'encherã de saudade, & de alegria.

A MAYO.
ELEGIA III

V Em Mayo de mil heruas, de mil flores
 As frontes coroado, & riso, & canto,
 Com Venus, com Cupido, cos Amores.
 Vença o prazer à dor, a riso ao pranto,
 Vãse longe daqui cuidado duro,
 Em quanto o lèdo mes de Venus canto.
 Eis mais alua a menham, mais claro, & puro
 Do Sol o rayo: eis correm mais fermosas
 Nuões afugentando o ar grosso, & escuro.
 Sae a branda Diana entre as lumiosas
 Estrellas tal, qual já ao pastor fermoso
 Vco pagar mil horas saudosas.

G4

Mar

LIVRO

Mar brando, sereno ar, campo cheiroso,
 Foge a Tristeza, o Prazer solto voa,
 O dia mais dourado, e vagaroso.
 Tecendo as Graças vão noua coroa
 De Myrtho a mãy, ao filho mil Spritos,
 O fogo resplandecê, a aljaba soa.
 Mil versos, e mil vozes, e mil gritos
 Todos de doce amor, e de brandura,
 Hũs s'ouuem, hũs nos troncos ficam escritos.
 Ali soberba vem a Ferosura,
 Apos ella a Affeição cega, e catiua
 Quanto hũa mais chorosa, outra mais dura.
 Ah manda Amor assi: assi quer que viua
 Contentê a triste, do que seu Deos manda,
 Deseja inda mais dor, pena mais viua.
 Mas quanto o moço encruece, a mãy abranda,
 Ella a peçonha, e o fogo ilhe tempera:
 Assi senhora de mil almas anda.
 Ali o Engano em seu mal cego espêra
 Hũ' hora doce: ali o Encolhimento
 Sem causa de si mesmo desfespêra.
 Aos olhos vem atado o Pensamento,
 Não vai a mais qu'ao qu'ali tem presente,
 E em tanto mal, tudo he contentamento.
 Em riso, em festa corre a lèda gente.

Tras

DAS ELEGIAS.

53

Tras o fermoso fogo, em que sempr' arde,
 Cada burr, quanto mais arde, mais contente.
 Manda Venus ao Sol menham, e tarde
 Que seus crespos cabellos loure, e estenda,
 Qu' em vir s'apresse, qu' em se tornar tarde.
 Ao brando Norte, que affopre, e defenda
 Do ardor da festa a branda companhia,
 Em quanto alcan de Myrtho fresca tenda.
 Corre por toda parte clara, e fria
 Agoa: cae doce sombra do alto Louro,
 Canta toda aue canto d'alegria.
 Ella a neve descobre, e solta o ouro:
 Banhamna as Graças na mais clara fonte,
 Aparece d' Amor rico thesouro.
 Caem mil flores da dourada fronte,
 Arde d' Amor o bosque, arde a alta serra,
 Aos olhos reuerdece o campo, e o monte.
 Despende Amor seus tiros, nenhum erra,
 Mil de baixo metal, algum do fino,
 Fica de seus despojos chea a terra.
 Vencida d'hũa molher, e d'hum minino.

A D. LVIS FERNANDEZ DE
 Vasconcellos, vindo da India.

ELEGIA III.

Clas

CLarissimo Luis, a noua vida
 Por comũs rogos bons cá bem tornado,
 Fique a fortuna mã sempre vencida.
 De todos igualmente desejado,
 Alegre a todos vês, & às Musas brandas,
 Que tu cantas tambem, de que es cantado.
 Em quanto d'hum naufragio em outro andas
 Das ondas, & dos ventos reuoluido,
 E lentas esperanças de ti mandas,
 Outro Grego, ou Troyano não vencido
 Dos seus duros trabalhos nos tornãste
 Assim inda mais claro, & conhecido.
 Da fortuna, & dos ventos triumphãste
 Igual áquelles animosos peitos:
 É como ouro no fogo, o teu prouãste.
 Não frias sombras, não os brandos leitos
 Altos spritos prouam: que ociosos
 Se gastam, & como em cinza estão desfeitos.
 Melhor comprados foram, mais custosos
 Aquelles nomes altos, que inda soam,
 Dos que virtude, & esforço fez famosos.
 Inda entre nós de boca em boca voam
 De tanto tempo já os spritos puros:
 Inda de verdes folhas se coroam.
 Por duras armas, por trabalhos duros

Varios

Varios costumes, varias gentes vendo
 Tornãrem inda erguer fermosos muros.
 Hora a furia do brauo mar rompendo,
 Hora os lancaua a sorte à praya imiga
 Quanto mòres perigos, mais vencendo.
 Pòdes entrar, Luis, na historia antiga
 De tantos da fortuna vencedores,
 Que já ao teu alto sprito se sogiga:
 Rico vês de trabalhos, & lououres
 Dignos dessa constancia inteira, & forte
 Rara nos grandes Reys, & Emperadores.
 Mil vezes posto em duuidosa sorte
 Fizeste só ajudado do teu sprito
 Enganos illustriissimos à morte.
 Serã cantado pois, serã escrito
 Entre os claros spritos d'alta fama,
 De que inda tanto ouuimos, tanto he dito.
 Noua luz deste à gloriosa chãma,
 Em que os claros nũs teus sempre ardẽram,
 Que ja a teus filhos alta mente chama.
 Tu pois os justos fados te volueram
 A tantos olhos de te saudosos,
 E os honrosos trabalhos fim posẽram,
 Descansa já nos braços anorosos
 De quantos com amor te suspirauam,

E

E viue doces dias ociosos.
 Por ti as Musas tristes não cantauam,
 N'ouos cantos entoam, nouas liras
 Para a tua léda vinda te guardauam.
 Deixa as iras de Marte, deixa as iras
 Do furioso mar, & brauos ventos,
 Em que mais males viste, dos que ouuiras.
 Quieta agora os altos pensamentos.
 Tuas armas pendura, enxuga as roupas,
 Logra com paz teus bõs contentamentos,
 Bem deues à tua vida, se a bem poupas.

A PERO D'ANDRADE CAM-
 nha, em reposta doutra sua.

ELEGIA V.

Não tinha visto sol daquelle dia,
 Qu'õ meu se me eclipsou, deixando escuro,
 Quanto d'antes alegre, & claro via.
 Nem meu sprito, que no golpe duro
 De todo me cabio, podia alçar-se:
 Nem achaua à sua dor lugar seguro.
 E esta alma deseiosa de soltar-se
 Deste carcer cruel, qu'a tem forçada,
 Tentaua por si mesma desfatar-se.

Assi

Assi lhe ficou viua, assi entalhada,
 Mais qu'em duro metal, ou em diamante
 Aquella de mim nunca affaz chorada.
 Quando hũa noua luz se pos diante
 Dos meus olhos, qual vem a menham clara,
 Rompendo as grossas nuuês de Levante.
 Eu digo aquella doce, aquella rara
 Melodia do teu verso tam brando,
 Cujõ suaue som todo ar aclãra.
 Aquella luz fermosa olhos alçando,
 Vi nouo dia, & Sol, que com seu rayo
 A triste noite m'bia afugentando.
 E inda prouando erguerme, Andrade, cayo,
 Combate ao fraco sprito a dor antiga:
 E como a desafio em campo sayo.
 Mostrãste à alma estrada cham, que siga
 Conheço, amigo, minha grã fraqueza,
 De todo seu remedio cruel imiga.
 Armado tinha o peito de dureza
 Contra mim mesmo, & contra a poderosa
 E comum ley da humana natureza.
 Aspera sempre, & então mais rigurosa,
 Quando hum amor de duas almas parte,
 Contra a que fica menos piadosa.
 Andrade, que farey? qu'a melhor parte

De

LIVRO

De mim perdi, hay pera sempre triste,
 Que cobrala não val ja força, ou arte!
 Aquelle doce fogo, em que me viste
 Contente arder soberbo do meu fado,
 A que já cantos mil alçar me ouuiste:
 Aquelle nò, que docemente atado
 Me tinba em suaue jugo, em prisaõ lèda,
 Tam cruelmente assi me foy cortado!
 Quem de tam alto deu tam triste queda?
 Ficando sò por seu remedio a morte?
 Quem suas justas lagrimas lhe veda?
 E qual serà hum coração tam forte,
 Antes barbaro, cru, & adamantino,
 Que golpe tam cruel não quebre, ou corte?
 E pude eu ver, Marilia, o teu diuino
 Sprito d'amor todo, & de brandura
 Desemparar teu peito delle digno?
 E pude eu ver aquella fermosura
 Dos teus olhos, qu'os ares serenaua,
 Ficarme assi ante os olhos cega, & escura?
 E aquella doce voz, que m'encantaua
 Entre rubis formada, & perlas finas
 Qu'os mais furiosos ventos abrandaua,
 E mil outras, não humanas, mas diuinas
 Graças assi enterradas num momento,

Que

DAS ELEGIAS.

65

Que de mil annos pareciam dignas?
 Ab falsos bês! quem crêra qu'eram vento
 Tantas verdades, tantos bõs amores
 Inda d'outros mayores fundamento?
 Crescei magoas crueis, & crescei dores,
 Quebrai o vagoroso, & triste fio,
 Qu'a longa a cruel Parca em seus lauores.
 Leuoume a dôr, Andrade, mas confio
 Que perdoaràs à força do costume,
 Mais poderosa, quando a contrario.
 Vi com tua claridade nouo lume,
 Abrioseme o ceo todo, & ali vi escrito
 Quanto teu douto verso me resume.
 Alcei os olhos c'um piadoso grito,
 Pequei, disse, senbor: vsai piedade:
 E deça nouo esforço ao fraco sprito.
 Vença a razão à tam cega vontade,
 Leuante hum alto muro de paciencia,
 Deixe já as sombras vãs pola verdade.
 O qu'o tempo obra ao longe, obre a prudencia
 Com cedo: (assi me dizes) nisso posto
 Faço já à minba dor mais resistencia.
 Enxugo os olhos, contrafaço o rosto,
 O fogo porem dentro laura, & arde.
 Est'he da minba vida o sò meu gosto.

Foge.

LIVRO

Fogeme a morte, mas por mais que tarde,
 Esta alma em sua prisã sua hora espera,
 Que pois não veo então já me vem tarde.
 Quem m'aquella ditosa estrella dera
 Dos teus tam sanctos pays, qu'ambos hū' hora
 Iantou nos ceos em mōr amor do qu'era!
 Quem se já viffe onde Marilia mora!
 Là nos ceos mais amiga, & mais fermosa:
 Qu'outra cousa suspira est' alma, ou chora?
 Inda a vejo de mim là saudosa,
 O caminho me mostra, a mão m'estende,
 Toda risonha; & toda graciosa.
 E o rayo aparta, que me a vista offende
 Daquella claridade Impiria, & noua,
 Qu'olbo mortal não vê câ, nem comprende.
 São (me diz) sanctas obras certa proua
 D'alma, qu'este lugar alto deseja.
 Deixa lagrimas vãs, a alma renoua.
 Se m'amas (amigo) o amor seja
 Conseruares lâ bem tua vida pura
 Té qu'o Senhor te chame, & eu câ te veja.
 Aquella, que chamauas fermosura,
 Foy sombra vam, tornouse, o qu'era, em terra.
 Outros mais altos bês de câ procura:
 Aos falsos bês do mundo os olbos cerra.

A Afon

DAS ELEGIAS.

57

A AFONSO D'ALBOQUER-
 que, em louvor dos Commentarios
 que compos dos grandes fei-
 tos de seu pay.

ELEGIA VI

A Fonso d'Albuquerque, por ti escrito
 Teu clarissimo pay viue, & florece,
 De quem co nome herdaste es'alto sprito.
 E o teu branco Carualbo reuerdece
 De mais fermosas folhas, nouas flores,
 De que inda seu real tronco se guarnece.
 Fizeste teus, os seus claros lounores,
 Dandolbe eterno assento entre a memoria
 Dos grandes capitães, & Emperadores.
 E renouaste nelle a antiga historia
 Do grande Macedonio, que parece
 Mostrar inueja desta noua gloria.
 Com quanto já de longe resplandece
 Seu rayo, E a tua nua, & cham pintura
 Noua aos olbos do mundo se offerece.
 Vestida de sua propria fermosura,
 Não de outras cores vãs, & lisongeiras
 Aparece a verdade clara, & pura.
 Testemunhas serã as Reaes bandeiras,
 Que vencedoras vio o sol oriente

H

L4

LIVRO

Lã nas prayas do mâr mais derradeiras.
 De Persia, & Arabia a tributaria gente
 Viram de seu despojo as prayas cheas
 E do barbaro sangue a grã corrente.
 Turuãram o Nilo, o Gangê, o Hydasphe as veas
 Vendo altas fortalezas leuantadas,
 E o vencedor pendão entr'as ameas.
 De Méca as portas tê então cerradas
 Tremêram verse, não sômente abertas,
 Mas do grande Alboquerque conquistadas.
 Quantas ilbas, & terras descubertas
 Foram por ellè ao mundo? quantas minas
 D'ouro tè li a todos encubertas?
 Quem mais gloriosas fez as Reaes Quinas?
 Quem o Portugues nome mais famoso
 Com mais victorias de triumpho dignas?
 Ousado Capitão, & venturoso,
 S'a morte não cortâra teus intentos,
 Que fruto inda nos deras tam fermoso!
 Ati se deuem os altos fundamentos
 Do Oriental Imperio, qu'inda dura
 Firme entre tanto mâr, & tantos ventos.
 Não pode a inueja a clara fermosura
 Escurecer da tua viua fama,
 Por mais que contra ti s'armasse dura.

Rom.

DAS ELEGIAS.

58

Rompeo o rayo, da tua alta chamma
 As vãs neuoas: venceste, & vè s'agora.
 O teu tam alto sprito, qu'o mundo ama.
 Inda hoje Roma, inda hoje Grecia chora
 Dos seus bõs Capitães premios escuros:
 E mortos os suspira, honra, & adora.
 Quantos trophêos alçados, quantas muros
 Rotos a suas victorias se trocãram
 Despois a muitos em desterros diros!
 Nunca igualmente se galardoãram
 Em vida os altos feitos: sô na morte
 Seu verdadeiro premio, & honra achãram.
 Louuouse, agora espanta o peito forte
 Do teu illustre pay, a alta paciencia,
 Qu'em tudo lhe deu tam ditosa sorte!
 Espanta a ousadia com a prudencia,
 Que juntas nelle igualmente venciãram,
 A constancia, a justiça, a continencia.
 Desprezando as vãs vozes, que impediãram
 O nosso bem, tudo venceo sofrendo;
 Que premios a este Fabio se deuiãram?
 Quanto suou, quanto sofreo viuendo
 Tu lho pagaste agora, filho digno
 De tal pay, que immortal foste fazendo.
 Não falo no alto premio, que ao diuino

H 2

Sprit

Sprito seu nos ceos lhe serâ dado,
 De que por obras não parece indigno.
 Falo na terra, em que nenhum estado,
 Nenhum titulo illustre igual seria
 A honra de o ter tambem ganhado.
 Toda piedade, & amor, que se deuia
 De tal filho a tal pay, tens bem comprido,
 Tornandolhe a sua noite em claro dia.
 Não está toda honra no sepulchro erguido.
 Mausoléos aos mortos não dão vida,
 Que emfim tudo por tempo he consumido.
 Mais he vencer o tempo, & ter erguida
 Hũa viua estatua contra a morte, & della
 Triumphar. D'ambos já fica vencida,
 D'ambos direi ditosa a clara estrella.

A M O R F U G I D O.

De Moscho.

E L E G I A VII.

Correndo os prados vays correndo os montes
 Cabello solto ao vento, dos pés nuos
 Deixados os seus banhos, & suas fontes,
 Em busca de Cupido a triste sua
 May, & catina Venus, voz em grito,
 Suspira, & chora, & cansa, & geme, & sua.

O fi-

Ô filho, minhas forças, meu sprito,
 (Grita) meu só poder, minha alegria,
 Por quem meu nome he tam cantado, & escrito!
 Onde te foste assi cego, & sem guia?
 On le minino, & só por mil desertos
 Meu só prazer, & doce companhia?
 Em toda parte tens inimigos certos,
 E tu voando vás com as leues pennas,
 Não deixam rasto teus passos incertos.
 Assi deixaste Nymphas, & Camenas?
 Assi meus doces cantos, & instrumentos?
 As fontes frias, ribeiras amenas?
 Tornayme meu Amor, se o leuaes ventos.
 Tornayme meu Amor, se o banhaes agoas.
 Soltaimo, se o là tendes, pensamentos.
 As frias neues, as ardentes fragoas,
 Em que tremeis, & ardeis, temperarey,
 Doamuos os que ouuis as minhas magoas.
 Nymphas, por hum prazer, mil vos darey.
 Faunos, eu pagarey vossos amores.
 Tornayme o Amor, que eu volo tornarey.
 Abri vossas choupanas, meus Pastores,
 Descubrime, se o tendes, meu thesouro,
 Eu o farey piadoso a vossas dores.
 Bons sinas tem meu filho: creppo, & louro,

H 3

Não

LIVRO

Não muito aluo do corpo, a cor parece
 De viuo fogo; & leui aljaba d'ouro.
 Quem inda o não vio bem, nem o conbece
 Não crea â sua idade, â sua brandura,
 Quando mais manso está, mais s'encruece.
 Velho na idade, moço na figura,
 Ioga, graceja, & ri; & entrè riso, & graça
 Almas fere; as feridas são sem cura.
 Não ha virtude, que não contrafaça,
 E nelle não ha virtude, nem vergonha,
 E sempre busca onde môr mal vos faça.
 Pequeno corpo; grande, & mâ peconha,
 Braço pequeno, a força de Gigante,
 Cego, & não erra onde sua sêta ponha.
 Quem ha, a quem sua mão destra não espante?
 De que treme inda là o Reino escuro?
 Tu Proserpina o dizê, Orpheo o cante.
 Tem asas, com que voa pelo ar puro.
 Assim voando vay, & vay ferindo,
 Não val defenza, ou arma, ou forte muro.
 D'hũa parte, & d'outra vão caindo
 Mil mortos, mil feridos, chea a terra,
 Os clamores em vão aos ceos sobindo.
 Hé nũ, & pobre, viue da sua guerra;
 E sendo a todos tam claro perigo,

Quem

DAS ELEGIAS.

60

Quem menos o ama, & honra, cuida qu'erra.
 Tambem da propria mãy sua he imigo.
 Como? & não me ferio? pois entregaymo,
 Que nunca fareis delle bom amigo.
 S'acertardes de o auer à mão, ataymo,
 Não ajaes de suas lagrymas piedade,
 Que chora, quando quer, chorando daymo.
 Nem com branduras vos mude a vontade:
 Então lhe lançai mais fortes cadeas,
 Olhay, qu'essa brandura he crueldade.
 Que vos prometta os mares, & as areas,
 Não lho creaes, não lhe queiraes seu bejo,
 Que hã tem o fogo, qu'arde em sangue, & veas,
 E cega os olhos, engana o desejo.

AMOR PERDIDO.

De Anacreonte.

ELEGIA VIII.

ERa alta noite, quando descansa
 Dos trabalhos do dia a humana gente,
 E ja â mão de Boote Vrsa virava.
 Amor me bate â porta: eu impaciente
 Quem hẽ, digo, o que bate a tam mãs horas?
 E meu sono me quebra cruelmente?
 Abreme (diz) quem quer qu'es, qu'aqui moras,

H 4

Que

L I V R O

Qu'eu sou Cupido, que perdido ando
 Por esta escura noite aſſi a deſoras.
 Quem me recolha, & aqueute ando buſcando
 Morto de frio, da chuva-ornalhado:
 Não te temas de mim minino brando.
 Ergome à preſſa: & de magoa cortado
 Lume acendo, abro a porta, entra tremendo
 O moço todo frio, & enregelado.
 Vejo que de ſeus ombros vem pendendo
 Hũa aljaba, vejo arco, & aſas vejo,
 De nada diſto entãõ me eſtou temendo.
 Ao fogo o ponho, o enxugo, o abraço, & bejo.
 Aquentolhe entre as minhas as mãos ſuas.
 Siruo com todo amor, & bom deſejo.
 Alimpolhe a agoa, que das carnes nuas
 Dos ſeus louros cabellos corre em fio,
 E ſofres (digo) Amor, noites tam cruas?
 Em quanto o amimo, em quanto delle fio,
 Eſtã calado, & quedo: & em quanto o fogo
 Lhe aqueuta o brando corpo, & vence o frio.
 Tanto que aquece, toma o arco logo,
 E prouar quero, diz, ſe danou a agoa
 Meu arco, & armao, como em riſo, & jogo.
 Em mim o deſarma: em mim hũa viuua fragoa
 Se acende: & rindo preſtes mente voa,

E

D A S E L E G I A S .

61

E inda o cruel dâ magoa ſobre magoa.
 Folgã, ô hoſpede (diz) com a noua boa,
 Que bom leuo meu arco: fica embora.
 Mais duro ſou do que meu nome ſoa.
 O bem, que me fizeste, em ti o chora.

A S A N C T A M A R I A M A G -
d a l e n a .

E L E G I A I X .

A Quella, a quem foi muito perdoado,
 Porque amou muito, o peito em fogo, em agoa
 Os olhos, a alma toda num cuidado;
 Aquella ſancta pedra, & viuua fragoa
 Do ſeu amor ſe vay, os ceos, & terra
 Enchendo de ſuſpiros, & de magoa.
 Mas no piadoſo zelo a tençaõ erra
 D'ungir o morto, não de eſperar viuo.
 Quem fez com a ſua à noſſa morte guerra.
 Quem com ſua priſaõ o mundo catiuo
 Libertou do poder, & tyrannia
 Do eſcuro reyno, & fogo ſempre viuo.
 O véo do templo roto, em noite o dia,
 As pedras, o tremor, o geral triſteza
 Mais que homem o confeſſaua, & descobria.
 Na morte a vida eſtaua, a honra, & riqueza

Em

Em pobreza, & infamia: a certa gloriã
 No mór desprezo posta, mór baixezã.
 Mas ja os ricos despojos da victoria
 Aos ceos leuãra, & abrindo a immortal vida,
 Glorioso fim dera à sua historia.
 Já d'aquella luz clara, que escondida
 Andaua, os claros rayos seus soltando,
 A sancta humanidade era vestida.
MADALENA, que a estrada vay pisando,
 Por onde á morte foy, por quem suspira,
 A alma ao qu'os olhos vem estã sô dando.
 De saudade chea, & chea de ira,
 Do seu amor, da cruel gente fera,
 Daquella terra alma, nem boca tira.
 Se por homem sô o chora, que fizera
 Alumiada d'outro nouo sprito,
 Se quem lho deu despois, entã lho dera?
 Falece já agoa aos olhos, voz ao grito,
 Arde toda em amor, arde em lembrança
 D'aquelle, que em sua alma traz escrito.
 Leua pintada a viua semelhança
 Ante os olhos, do seu rosto fermoso,
 Em que a ira despois fez cruel mudança.
 Aqui descabellado, aqui choroso,
 Diz, bia o meu senhor; aqui despido

Parte

Pareceo ante todos lastimoso.
 Co peso da grã cruz aqui cabido
 De seu sangue, suor, & pô cuberto,
 Aqui entre dous ladrões nella estendido.
 Co sprito quebrado, o peito aberto
 Hora cãe **MADALENA**, hora esmorece.
 Chega ao sepulchro, sol já descuberto.
 Busca o lugar, a pedra reconhece,
 Quem a reuoluerã? eis torna ao pranto.
 Mas a sancta tençãõ Deos não falece.
 Eis a pedra reuolta, eis nouo espanto:
 De neue, & sol vestido hum Anjo claro
 Estã sentado no sepulchro sancto.
 Diz-lhe que resurgio seu doce & charo
 Senhor, & co alma lèda vay correndo
 Consolar do bom **PEDRO** o desemparo.
 Eila torna com elle, & inda não crendo
 Tamanho bem, sô fica no moimento
 Em viuo fogo os olhos desfazendo.
 Ab **MARIA**, leuanta o pensamento.
 Porque entre os mortos buscas quem a vida
 A terra trouxe, & tem no cèo o assento?
 Aquella piedade concedida
 Tam larga a teus errores, como agora
 Parece que he de ti mal entendida?

Quem

LIVRO

Quem teu Lazaro morto chamou fôra
 Da sepultura, já de quatro dias,
 Como tua pouca fé por só homem chora?
 A quantos olhos luz, a quantos vias
 Dar mãos, e pés e lingoas, que cantando
 Delle hiam altas grandezas, que tu crias?
 O unguento, que estauas derramando
 Sobr'a sua cabeça, não mostrava
 Que em viuo já o estaua sepultando?
 Já aquella grã carreira, que esperava,
 Correo com grã victoria o grã Gigante.
 Já o templo restaurou, que derribava.
 Vencedor glorioso, e triumphante
 A tunica deixando dada em sorte
 Se vestio d'outra noua de diamante.
 Já o vendido Ioseph, já o Sansão forte
 Preso, o grã Iônas na Balea metido,
 He liure, as portas quebra, mata a morte.
 Como manso Cordeiro offerecido
 Por si á morte, como grã Lião
 Vence o tribu de Iuda promettido.
 O sudario, e despojos, que hi vês, dão
 Claro sinal, que como verdadeiro
 Deos se ergueo Deos; o teu temor he vão.
 Ea Galilea, disse, que primeiro

Iria

DAS ELEGIAS. LIII 63

Iria ter que os scus; da mão direita
 Do pay virâ no dia derradeiro.
 Piadoso senhor, de amor sozeita,
 Inda que baixo amor, s'engana, e cega
 MARIA, mais não ves, mais não sospeita.
 Inda cos crauos tens sua alma prêga.
 Representalhe a dor, e saudade
 A humana vista, a mais alta lhe nega.
 Mas tu tambem mouido de piedade
 Das lagrimas, qu'em ti não são perdidas,
 Lhe enche, do que deseja, sua vontade.
 Não podem, grã senhor, ser comprehendidas
 Tuas grandezas, entendelasá
 Por ti, Deos, logo della serã cridas.
 Chorando no moymento por ti estã:
 Mandas teus Anjos, tu tambem pareces.
 Quanto alcança de ti quem se te dá!
 Ah MARIA, quem amas, não conheces?
 Esse he o grande hortelaõ, o que plãta a vinha,
 Em que tu teu jornal tambem mereces.
 Tal forma à tua fraca fé conuinha,
 A vista se t'encobre, à voz s'aclara,
 A voz, qu'em ti tam branda força tinha.
 Aquella fermosura aos ceos tam chiara
 Não a podes tocar tẽ de luz noua

Teres

LIVRO DAS ELEGIAS.

Terés a vista, & alma inda mais clara.
Em teu sprito a antiga fê renoua.
Este he o qu'antes sobias Deos chamar,
Torna a seus irmãos já co' alegre noua.
Ditosa, que primeiro a podés dar:
Por ti sua diuinidade s'apregoa,
A elles a humanidade quis mostrar.
Ditosa, que tam alta, & grã coroa
De gloria mereceste! ab grande amor,
Qu'a tanto chega, a tanto sobe, & voa!
Gloriosa MARIA, esse feruor,
Em que tua alma ardia, a grã corrente,
Em que a lauaste pera o grã senhor,
Inflamme, & abrande a fria, & dura gente.

DAS ELOGAS.

ARCHIGAMIA

EGLOGA I.

Castilio. Serrano.

No

EGLOGA I.

64

NO tempo, qu'o cruel, & furioso
Imigo dos Pastores, & dos gados,
Da terra, & das sementes bellicoso
Marte, segundo contam, por peccados
Do mundo, contra o mundo tam iroso
Desceo, que tè os lugares mais sagrados
Assi com ferro, & fogo commettes,
Que tudo de ira, cinza, & sangue encheo:

Nas derradeiras partes do Occidente,
Onde o Sol de cansado se refaz
De noua luz, pera a tornar à gente
Donde se parte, que às escrituras jaz,
E pola que ali deixa, outra excellente
Léua, & muito mais clara da que traz,
O pacifico IOAM, & piadoso
Reynaua então, no mundo glorioso.

Eu digo aquelle Rey de grandes Reys,
Que desde Tejo muito alem do Nilo
Com suas armas obrigou, & leis
Tomalo todas por seu Rey, & seruiio.
Filho daquelle, que no mar vereis
Em Balea sentado, ou Crocodilo
Em lugar de Neptuno, & seu tridentê
Na mão, como seu Rey, & de sua gente.

Foy

ARCHIGAMIA

Foi este Rey dos ceos à terra dado
 Para remedio da que se perdia
 Paz ja no mundo: nunca tam cerrado
 Esteue laxo, que d'antes so bia
 Abrir-se a cada passo, no passado
 Tempo, que em ira, & odio todo ardia.
 Assim presa em cadeas teue a guerra,
 Que só paz reinou sempre em sua terra.

Cantauam os pastores descansados
 Pelos valles, & campos tam seguros,
 De si, & de seus rebanhos descuidados,
 Como quem não temia os maos, & diros
 Inimigos, de que fossem salteados.
 Suas choupanas eram fortes muros.
 Seus versos, & cantigas todas eram
 Louuar o seu bom Rey, que os ceos lhes d'eram.

Crescia a grossa espiga, & se segava,
 Depois que já quebrava de madura,
 Daquella mesma mão, que a semeava:
 Pascia o gado gordo da verdura
 Da ferra, que roya se queimava
 Para lhe renovar sua pastura,
 As agoas claras tam liures corriam,
 Quam liures caminbantes as bebiam.

O cla-

EGLOGA I.

65

O claro Tejo, Douro, Minho, Odiana
 O már seguramente vão buscando.
 Não os seca o imigo, não os dana,
 Lèdos vão docemente murmurando.
 O som dos quaes tambem segue Diana,
 Que ao longo com suas Nymphas vay cacando.
 Sobia ali fazelo, mas agora
 Em outra parte já com Pallas mora.

Em outra melhor parte, que parece
 Que mais qu'as outras todas lhes conuinha;
 Onde o claro Mondego, quando cresce,
 Inueja faz ao már; onde a Raynha
 Seu templo sacro sancto, que hi parece,
 Com seus milagres honra; onde se vinha
 Tomar antigamente a alta coroa,
 Daquelle, que daqui tomou Lisboa.

Aqui Pallas, & Phebo se sentaram.
 E escolhendo na terra seus assentos
 Os mais doces, & frescos, começaram
 Aos homês leuantar os pensamentos
 A cousas, que té li nunca cuidaram
 Cegos sô de seus cegos mouimentos,
 Os ceos, & as estrellas, que não viam,
 Lá agora as sabem ver, d'antes as criam.

I

Mas

ARCHIGAMIA

Mas *Venus*, que também d'antigamente
 Tinha tomado posse dessa terra,
 (Que inda hoje se ve nella o innocente
 Sangue da branda *Nimpha*, odio, & guerra
 Do pay co filho) triste, & descontente
 Temendo as mōres *Deofas*, a hũa *Serra*
 Se foi co seu minino, & ali esperou
 Tè que hũa, & outra *Deofa* a visitou.

Não he nossa tenção tomar te o teu,
 (Lhe diz *Diana*) nem *Minerua* vem
 Para isso: mas se queres tu & eu
 Com ella aqui viuamos: não conuem
 Que hũa queira roubar à outra o seu;
 Quanto cada hũa de nós todas tem
 Juntemolo aqui nesta tua *Serra*,
 Daqui sō mandaremos toda a terra.

E *Phebo* com seu canto ajudará
 Amarnos mais a genté, & mais temernos.
 Com sua doce lira forçará
 Os *Tygres*, & *Liões* obedecernos.
 Tè que aquella *IOANA*, que virá,
 Nos force irmola ver, em vez de vernos.
 Iremos mais seguras, mais honradas
 Todas três indo juntas, qu'apartadas.

Não

EGLOGA I.

66

Não pode já tardar, teu filho o sabe,
 Que nunca a deixa, nunca mōr façanha
 Fez, que ferila: razão he qu'acabe
 De mostrar hum tamanho bem a *Hespanha*,
 A todo mundo, ao mundo todo cabe
 Parte, não he sōmente ella, & *Alemanha*,
 O grande *Oceano* o diga, diga o *Nilo*,
 Não podê *Eufrates*, *Gange*, & *Indo* encubrilo.

Pera vodas tam grandes bem parece
 Que, *Venus*, já daqui nos percebamos;
 Hum tam alto *Himinêo* não merece
 Que da maneira d'outros a elle vamos.
 Já *Phebo* se exercita, já guarnece
 A curua lira, á qual sempre cantamos,
 Irão as nossas *Nymphas*, vão as tuas
 Cantando ao som da lira as graças suas.

Todas desta maneira concertadas
 Vão se logo as tres *Deofas* polas mãos,
 A qual mais alua, & loura, assi trauadas
 Com seus rostos alegres, peitos saõs.
 Mui diferentes daquellas passadas
 Iras nascidas de appetites vaos.
 Por on.le quer que passam, vão caindo
 Mil flores de qu'o chão se vay cobrindo.

I 2

Aquel

ARCHIGAMIA

Aquella fonte antiga, que hum serrano
 Fez de lagrymas suas (que antes era
 Hum grã penedo duro) Lusitano
 Pastor, que nũa serra se perdera;
 (Segundo contam) fez lbe tal engano
 Amor, que nesta fonte o conuetera,
 O corpo em agoa ali ficou desfeito,
 Do sprito não se sabe bem qu'he feito.

A agoa desta fonte vay chorando.
 Aquem deixa esquecer o sprito nella
 Parece que por Lesbia vay chamando.
 A quantos acontece yr ter com ella
 Não sey de que se ali vão namorando:
 Não sei que se lhes nasce sô de vella.
 Os olhos postos n' agoa, aos pensamentos
 Vem logo bñs amoroſos moimentos.

As heruas ali mais que em outra parte
 Parece que enuerdecem; ali mais cores
 Parece a Natureza que reparte
 Pelas frescas boninas, pelas flores.
 Ali nunca parece que se farte
 De chorar Philomela os crueis amores.
 Ali juntas as Deofas se sentaram
 E a tudo noua graça acrecentaram.

Em

EGLOGA I.

67

Pondo seus ricos arcos, & vestidos
 Aquelles brancos corpos nũs mostraram.
 Ao Troyano Paris já despídos.
 Os seus cabellos soltos spiraram
 Hum odor, qu'a nenbũs mortaes sentidos
 Nunca chegou, & assi na fonte entraram,
 Qu'he d'então pera cá dellas morada
 Mas d'buã sô, das outras emprestada.

Como à sagrada fonte ali cada hora
 Os Pastores vão ter, este suspira
 Este tange, outro canta, o outro chõra,
 Todos ali Amor leua, & Amor inspira.
 Ali doce brandura d'almas mora,
 Que todo pensamento baixo tira.
 Doces são os queixumes, doce a dor,
 Doce agoa, doce fogo, & doce amor.

Serrano aconteceu, que todo hum dia
 S'achou ali como elle costumava,
 O pranto, qu'então fez, derreteria
 De pedra hum coração: bem s'enxergava
 Na terra, qu'ao redor humedecia
 Das agoas, que dos seus olhos lançava.
 Quando o amigo Castilio ali chegou,
 Evendo tal, com magoa assi falou.

13

Ca-

ARCHIGAMIA

Castilio.

- Amor cruel! que já nunca te fartas
 De nossa morte, dize porque assi
 Hum triste coração d'hum corpo apartas?
 Este corpo, que tens lançado abi,
 Menos te á de seruir morto que viuo:
 Dalhe alma, & vida ao menos para ti.
 Mas ah que digo eu triste? tambem sirao
 A quem taes pagas dá: tambem mas daõ,
 Hay dôese d'hum catiuo, outro catiuo,
 Serrano amigo, tu não ves o chaõ,
 Onde estàs, que de seco, qu'antes era,
 Tam humido tens feito? dá cá a mão.
 Leuantate, leuantate: quísera
 Que te vira tua Lesbia qual estàs,
 A ver se a morte, ou sua mão te dêra.
- S. Hay, hay, Castilio amigo, hay. C. que bas?
 S. Não sey: Parece como que me trazem
 De dentro desta fonte. C. onde te vas?
 S. Mas eu estaua sonhando. C. olbay que fazem,
 Estes doudos amores; eu diria
 Que algũs encantamentos nelles jazem.
 S. Não sey que hora isto foy, que bem te ouuia:
 Mas não saberey dar fê de palaura,
 Em outro mundo estaua, outro ceo via.

Que

EGLOGA I.

68

Que meo me daràs pera que eu abra
 Este meu peito? & lance delle fora
 Esta peçonha, que assi nelle laura?
 Vesme aqui viuo, & saõ: daqui a bũ hora
 Não sey se me veràs; vayseme a vida
 Em fogo, em vento, em agoa, q̃ alma chora.
 A memoria de mim trago perdida.
 Muiatas vezes me busco, não me vejo.
 Minh'alma de mim mesmo anda fugida.
 Hora a borreço o campo, hora o desejo.
 Afrauta; que me alegre, m'entristece,
 Eu a mim mesmo ás vezes me sou pejo.
 Ves tu essa herua como reuer dece
 Co orualho fresco, & quanto mais à fonte
 Se chega, tanto mais verde parece?
 Ves o rio, que vay de monte a monte
 Carregado de roubos, & queixumes,
 Que hora ameaça, hora não sofre a ponte?
 Ves agora n'aldea bõs costumes?
 Hũs rostos brandos, riso, & bom amor
 Fora de mãs sospeitas de ciumes?
 Veràs daqui a pouco vir o ardor
 Do sol, queimar as heruas, & secarse
 O rio, o campo, a herua, a folha, a flor.
 Veràs na nossa aldea vir mudar se

14

Aque

ARCHIGAMIA

Aquella liure, aquella boa' sultura
 De vida sem hum d'outro não fiarse.
 Que poderás já ver, que tenha dura?
 Mudase o tempo, & o ceo. O gado hora anda
 Morrendote de fome, hora em fartura.
 A que dizes hora isso: me demanda:
 Digo, Castilio, qu'eu sô viuo firme
 Em minba dura estrella, que me manda.
 Que já cuidei daqui por vezes yrme,
 Em o cuidar sômente me tornaua.
 Morria já, sem me partir, por virme.
 O corpo como yria, onde ficaua
 Presa, & catiua est' alma já de tanto?
 Riame então de como m'enganaua.
 Esta fonte ouuiu hoje aqui meu pranto:
 E como se o sentiisse, parecia
 Qu'ajudaña entoar tam triste canto.
 Hora fazia pausa, hora corria
 Com murmurio hora graue, & hora agudo,
 Differas qu'algum sprito ali auia.
 Em fim cansey. Estiue hum espaço mudo.
 Tornei a cometter yr mais auante,
 Não pude: antes perdi o tento a tudo.
 C. Agora creo que nada ha, qu'espante
 A quem muito ouue, ou vé. lá ouui dizer

De

EGLOGA I.

69

D'hũa cue, que não morre, sem que cante.
 D'outra tambem, que quando quer morrer
 Ajunta os páos, com as asas fere o fogo,
 Queimase ali, & dali torna a nascer.
 Tomaua eu isto, quando o ouuia logo
 Por fabula, & por graça: senão quando
 Eu mesmo hum dia vim cabir no jogo.
 Este meu fogo (dizia eu) em que ando,
 Quem mo faz hora: eu mesmo. què me inflama?
 Eu: eu o atico, eu me vou. queimando.
 Dos olhos de Crinãura nasce a chamma,
 Em qu'eu ardendo estou nas. prisões d'ouro,
 Qu' Amor cabellos falsamente chama.
 Nunca já de mim foy o brauo Touro
 Apartado das vacas tam temido
 Em campo raso sem Carualho, ou Louro.
 Nunca o espantoso Lobo perseguido
 Dos importunos Caës, o Porco fero,
 Que escumando vem sangue embrauecido,
 Como me he seu rosto: às vezes quero
 Esperalo, não posso; logo cayo.
 Ali então da vida desespere.
 Vejo tornar cad'anno o alegre Mayo
 Vestido de mil flores de alegria.
 Hüs se alegam d'o ver, mas eu desmayo.

Le

ARCHIGAMIA

Leuame a morte logo à fonte fria,
 Ali em meu canto triste me desfaco,
 Que inueja àquella triste aue faria.
 Mas não sey como dahi a pouco nasço
 De nouo tal, que eu mesmo me pergunto
 Quem sou, que busco, ou quero aqui, q̄ faço?
 Ditoso aquelle, a que algũ hora junto
 Veo todo seu mal, & já acabou;
 Mas eu nem viuo sou, nem sou defunto.

S. E nunca ouuiste tu, que o már gerou
 D' Amor a cruel mãy? porque t'espantas,
 Se a cruel condiçã do már tomou?
 Quando tu na bonança alegre cantas
 (Se algũ hora a tiueste) eis vem as ondas
 Mais altas do que tu tua voz leuantas.
 Vay hora entã buscar onde te escondas
 Daquella furiosa tempestade;
 Nem cõ quem sales ha, nẽ a quem respondas.

C. Quando de dentro d' agoa, ò crueldade!
 Nasceo o fogo, que nos vay queimando,
 Que remedio esperamos? que piedade?
 Mas contame o teu sonho, assi enganando
 A dor desta cruel chãma estaremos,
 O pensamento ao duro Amor furtando.

S. Pera môr nosso mal lho furtaremos,

Por

EGLOGA I.

70

Porque acode de spois tam furioso,
 Que quer que todo tempo lhe paguemos.
 Mas este sonho, amigo, milagroso
 Diràs que he. Parecia que no centro
 Dessa fonte lá dentro me leuauam,
 Como que m'enganauam, mas diziam
 Duas Nymphas, q̄ me hiam companhando,
 Serrano, não chorando, mas contente,
 Erindo has de ir à gente, que te chama,
 Pera dares câ fama do que vires.
 D'en tanto prazer rires não tês culpa,
 Que o tempo te desculpa. Eu me calaua,
 Porque assi me espantaua do que via
 Que quasi o não cria. Ao pé do monte
 Debaixo desta fonte solapado,
 Não sey como leuado fui das duas
 Nymphas, que pelas suas mãos me tinham,
 Ellas sôs me sostinham, & me guiãram
 Atè que me deixãram onde estendendo
 Minha vista, tremendo, a todas partes,
 Vi cousas d'outras artes, & maneiras
 Tam nouas, & estrangeiras, como era
 Estar a Primauera ali metida
 Assi como escondida. Tal verdura
 Em campo, nem pintura não parece,

Qual

ARCHIGAMIA

Qual dentro ali florece. Flum campo chaõ
 Morada do veraõ, das mais fermõsas
 Heruas, & mais cheirosas flores cheo
 Se faz ali: & no meo està esta fonte
 Cercada do alto monte, que ò redor
 Parece muito mòr do que cã agora
 A vista ve por fora. Ali nascia
 Esta agoa nũa pia de cristal
 Laurada de hum metal mais fino que ouro,
 De Palma, Myrtho, & Louro rodeada,
 E hũa aue namorada em cada ramo,
 (Eu sonho a isto nãõ chamo) assi cantauam
 Que todo ar serenauam. Ao doce canto
 Floreciam entre tanto nouas flores
 Pintadas de mil cores; & hũs spritos,
 Amorosos spritos! qu'inspirauam
 Por todo ar, que voauam, doce amor.
 Ali gado, ou Pastor nunca chegãra,
 Que logo s'enxergãra nas pegadas.
 Nunca foram pisadas, nem colbidas
 Aquellas bem nascidas beruas, plantas
 De differenças tantas, nem geada,
 Nem do Sol tinha entrada ali o rayo.
 Perpetuo Abril, & Mayo pareciam
 Que sempre ali viniã. Flũa daquellas

Ou

EGLOGA I

71

Ou Nymphas ou Donzellas, ve, pastor,
 Dizias, sem temor o que quiseres,
 Que aqui s'õ ha molheres, nãõ recees,
 Ry, folga, nãõ prantees, como fazes;
 Aqui Amor, & pazes, & prazeres
 Viuem; ves os tangeres, que lã soam.
 Quam docemente toam? Nymphas sãõ
 Das Deosas, que aqui estãõ Pallas, Diana,
 E Venus, que a IOANA, que jã vem
 Fazem festa. Porem tu estã cansado:
 Daqui lãdo, & deitado ouuirã tudo.
 Ficaua eu como mudo. Ella entãõ se bia
 Aquella companhia, que chegaua
 A fonte, onde eu estaua. Vinham todas
 Como a celebrar vodas, com capellas
 De Myrtho as Nymphas bellas, porem mais
 As tres Deosas s'õ tais, que quem as vira,
 Nos rostos presumira que elles eram.
 A mim porem me dêram sobre salto,
 Que do juizõ salto assi á primeira
 No rosto, & na maneira Venus tiue
 Por Lesbia; mas retiueme, & entre tanto
 Co doce som, & co canto se sentãram
 Todas, como chegãram ao redor d'agoa.
 Que dor, que mal, que magoa senteria,

Quem

ARCHIGAMIA

Quem visse que tangia num psalteiro
 Minerva, & c'um pandeiro concertava,
 Que hora Venus tocava, hora acodia
 Com sua voz? Corria a fonte clara,
 Em qu'a Deosa inspirara ao mesmo ponto,
 Tam certa no seu conto, que ja mais
 Deixaram de yr iguais. Entao aquellas
 Nymphas louras, & bellas comecaram,
 Qu'as Deosas lho mandaram, hum novo canto,
 De qu'eu de puro espanto arrebatado
 Fiquei como encantado. E so m'achava
 La onde o Tejo lava a gra cidade,
 Qu'em toda a Christandade espanta, & soa,
 Eu digo a alta Lisboa do Occidente
 Raynha, & do Oriente: & parecia
 Qu'entrar no mar o via, & o mar batendo
 Co as ondas, qu'encolhendo hora se vao,
 Hora tornando, dao naquella praya,
 Sem que nunca se saya ja d'hum certo
 Ponto. Chegueime perto: mas nao sey
 Como d'agoa m'achei em hum momento
 Cercado, quando attento, fiquei tal;
 Que co rosto mortal torno fugindo
 Atras, & inda seguindo as ondas me hiam,
 Nao sey que me queriam: entao tornavam

Reco:

EGLOGA I.

72

Recolherse, & deixauam descuberto
 Quanto tinham cuberto. Amanheceo,
 Claro o Sol pareceo, & d'outra cor,
 De nouo resplandor, & claridade,
 Em qu'hua diuidade conbeceras,
 Se teus olhos poseras nelle fitos,
 D'algus sanctos spritos, qu'o mouiam,
 E ao Tejo o traziam a se banbar,
 De qu'o Tejo, & gra Mar ficauam taes,
 Tam claros, tam iguaes, que nao se viam
 As que dantes se erguiam, ondas brauas.
 Pera onde quer que olbauas, prata vias,
 Taes as agoas dirias. Eis que say
 D'agoa, & soberbo vay em todo estado
 O gra Tejo dourado, em cristalino
 Carro d'ouro mais fino guarnecido.
 De neue seu vestido era, & a partes
 Pedras de nouas artes reluziam
 Tanto, qu'os que as viam, assi cegauam
 Que nao determinauam bem o qu'era.
 No carro hua alta Sphera se mostrava.
 Na mao Tejo leuava o gra Tridente,
 Que de la do Oriente lhe mandou,
 Quando se fogueitou Neptuno a elle.
 Vinham derredor delle algus Tritoes,

Que

ARCHIGAMIA

Que com seus ricos dões sempre o vem ver.
 Seu rosto, & parecer logo mostrava
 Qu'este era o que mandava o grande mar.
 Ali se vem juntar a alta Raynha
 Thetis, que tambem vinha à Real festa,
 Como hũa dona honesta, antiga, & graue.
 Vinha entregar a chave do thesouro
 Das ricas perlas, & ouro do Oriente
 A clara, & excellente, & alta IOANA,
 Que como hũa Diana reluzia,
 Com sua companhia alem do Tejo.
 Cegame a luz, que vejo. Eis aparece
 IOANA, o ceo esclarece: viras yr
 O Tejo a mais partir, mas mansamente
 Com Thetis obediente a presentarse
 Aquella, que chamar-se ja começa
 Do grande mar cabeça, a cujo lado
 Vinha o tam nomeado Duque elleito
 Com razão a tal feito alto IOAM,
 De cuja fê, & mão de CARLO a filha
 Do mundo maranilha se fiaua;
 E assi authorizava a magestade
 Real, & a gravidade do alto officio,
 Qu'a quem o via indicio dava claro
 De ser no mundo raro seu sprito,

Ao

EGLOGA I.

73

Ao qual nenhum escrito igual seixia,
 Neto bem parecia do Rey sancto.
 Do mundo amor, & espanto IOAM segundo,
 Do grã MESTRE, que o mundo saudoso
 Deixou de si ditoso filho, & digno.
 Eis já no cristalino carro entrava
 O grã Rey, & passava da outra parte,
 De que Vulcano, & Marte sinâes davam
 Cos fogos, que tiravam temerosos,
 Mas entãõ deleitosos. Tejo viste
 Ô Tejo em ti, & sentiste o teu grã Rey,
 Por cuja regra, & ley viues, triumphas,
 E tiras ricas triumphas, & coroas
 A Reys por onde soas com grã medo.
 O mar quieto, & quedo num momento,
 Mostrando a catamento a seu senhor
 Com toda hõnra, & amor o recolhia.
 Elle d'alta alegria o peito cheo
 D'alma là bem no meo agasalhava
 A filha, que lhe dava o valeroso
 Duque tam glorioso. Logo o Tejo,
 (Lida cuido que o vejo) ás Nymphas manda
 Que em voz suave, & branda derramando
 Mil flores, vão cantando a grã IOANA
 Mais diuina, que humana. Parecia

K

Que

ARCHIGAMIA

Que a terra, & o ceo se ria, o Sol dourava:
 E seus rayos mostrava de luz pura.
 A voz, & a fermosura amansando biam
 Das Nymphas a agoa, viam os que olhavam
 O ouro que mostravam lá nas veas
 Das douradas areas. Cast. Dize amigo,
 Assim nunca em perigo ver te queira
 Tua Lesbia, que maneira, que arte tinha
 Esse canto? Ser. Convinha que eu tiuesse,
 Ou que Apollo me desse hum tal sprito,
 Para que fosse dito com tal graça,
 Que nelle não desfaça. Hora cantavam
 Huas, bora ajudavam, & respondiam
 Outras. Se bem me lembra assi diziam.

Vem claro Phebo a tam ditoso dia
 Dar noua luz das outras diferente,
 Vem claro Phebo co resplandecente
 Rayo teu aquestar a terra fria.
 Vem dar final ô Phebo d'alegria,
 Que o ceo tem de tam sancto ajuntamento,
 Mil annos, mil, & cento
 Viuam em paz IOAM, com sua IOANA
 Assim seja, & será, assi o quer Diana.

Lá vem aquella luz tam desejada

Dar

EGLOGA I.

74

Dar noua luz á terra, gloria, & honra,
 Lá vem aquella Nympha, de quem se honra
 Até a praya do mar mais apartada,
 Lá vem IOANA tal, qual foi julgada
 No monte d'Ida Venus do Pastor,
 Pagar aquelle amor,
 De que arde quem a espera: venha, venha.
 Não chum, vento, mar, nada a detenha.

Não vedes como logo conformaram
 Nos rostos, & nos nomes, nos amores?
 Não vedes como em tam iguaes ardores
 De tam longe bñ polo outro se inflamaram?
 Não vedes como os ceos logo os criaram
 Hum para outro? Hã sô estrella, hã fado
 A ambos está guardado.
 Lá vem IOANA. Torna a idade d'ouro.
 Nestes ambos tês, Mundo, teu thesouro.

Qual no cerrado horto he a branca Rosa,
 Que nunca foi cheirada, nem colhida,
 E qual a branca neve, que sobida
 Na serra está tam alua, & tam fermosa,
 Tal vem IOANA, tal vem que inuejosa
 Lhe pôde ser com suas Nymphas bellas,

K 2

Quan-

ARICHIGAMIA

Quando no meo dellas
 Diana sae, Diana assi o confessa.
 Depressa vem, mas venha mais depressa.

Por onde quer que vem, se ri a terra.
 Por senhora a festeja, & reconhece.
 Todo campo, que pisa, reuerdece,
 Florido, fica o monte, o valle, & a ferra.
 Tudo he prazer, & amor. Ha so gra guerra
 Sobre quem mais festejará sua vinda.
 E pera môr bem inda
 Assi tambem o ceo vem festejando,
 Que Dezembro, em Abril fez ir mudando.

Que Principe, & que Rey tam glorioso
 Vos nascerá a seus pays tam semelhante!
 Dos quaes por muito que já a fama cante,
 Mayor será seu nome, & mais famoso.
 Hum Priucipe fortissimo, & espantoso
 Aos Barbaros, que delle estaõ tremendo,
 Lá os altos feitos vendo.
 A que não chegam Iulios, Paulos, Drusos.
 Assi o fiam as Parcas nos seus fusos.

IA

EGLOGA II
 IANIO
 EGLOGA II

75

Pierio.

Aonio.

Ves o sepulchro triste do fexmoso
 Pastor roubado ao campo, aos ceos levado
 Do fado bom para elle, a nós danoso.
 Em quanto ao mar tuas redes, en o gado
 A verd'herua deixamos, co estas flores,
 Honremos o chaõ já delle pisado.
 IANIO, saudade dos Pastores,
 Da ribeira do Tejo saudade,
 Das Nymphas, dos prazeres, dos Amores:
 Honra do campo, gloria desta idade:
 Gracioso nos olhos, branco, & louro,
 Recebe os pobres doës da sam vontade.
 Este Cedro, esta Faya, este alto Louro
 A teu nome leuanto: escrito seja
 Teu nome, IANIO, inda em letras d'ouro.
 Com lagrymas de dor, & magoa veja
 O Caminhantè a pedra, que escondendo
 Teu brando corpo está, que o ceo deseja.
 Aonio, assi te estem no mar enchendo
 As Nymphas tua rede, & do perigo
 Das ondas, & do vento a vãõ sostendo;

K3

A33

*A*ssi na tempestade bom abrigo
 Dem ao teu barco, assi se mostre hū hora
 Branda ati Galathea, Amor amigo:
 Que aquelles tristes versos, com que chora.
 N'osso Sazio sua dor, se na memoria
 Os tens, como elle n'alma, os cantes bora.

A. Renouasteme a dor da triste historia:
 Chouemme tristes lagrymas dos olhos,
 Co'a dor da perda da passada gloria.
 De Cassia, Myrba, incenso, tres, tres molhos
 Queima aqui o triste Sazio cada dia,
 O gado cardos pasce, pasce a brolhos.
 Em triste voz, que alma n'pos si trazia,
 Ao som das ondas, qu' biam murmurando,
 Metido n'ua lapa assi dizia:
 Pastor fermoso, doce, branco, & brando
 De FILLIS triste, que tam s'õ deixaste,
 Ouue sua voz, que os ventos vaõ leuando.
 Torna a sandosa praya, que pisaste,
 Torna a este campo, que tam verde, & l'edo
 Contigo era, & tam triste ja tornaste.
 Aqui a menham rosada, o vento quedo,
 Aqui claras, & brandas sempre as agoas,
 A noite trazias tarde, o dia cedo.
 Pastor fermoso, agora as altas taboas

Da

Da dura rocha turuam o claro rio
 Mostrando em suas quedas tristes magoas.
 Quantas vezes aqui o dourado fio
 Tirauam as brandas Nymphas ao sol alto
 No frio inuerno, a sombra no estiõ!
 Escondeoas no mar o sobrefalto
 Da tua morte, deixas d'berua o monte,
 E d'agoa o rio, & d'aues ja o ar falto.
 Nem aruore da sombra, nem da fonte
 Agoa, nem dia o Sol, nem a noite estrellas,
 Nem ha, quem l'edo cante, ou de amor conte.
 Quem p'õde ouuir as aues? quem ja vellas?
 Quem as frautas, que em choro o som mudara,
 Pois tu eras a graca, & o som dellas?
 Nunca despois a verde berua prouaram
 Os tristes gados; nunca mais beb'eram
 Em agoa clara, desque te choraram.
 O branco orualho os campos ja perd'eram:
 As boninas as cores, & estes prados
 De cardos, & despinhos ja s'ench'eram.
 Reuerdeciam d'antes s'õ olhados
 Dos teus olhos fermosos, que os qu'os viam,
 Leuauam de ti, IANIO, pendurados.
 Com teus olhos fermosos floreciam
 Os campos, nascia berua; as sementeiras

K 4

Ati

Ati sô parecia que cresciam.
 IANIO soauam os bosques, & as ribeiras
 De Pastores, & Nimpas tam cantado,
 De tua FILIS tristes companheiras.
 IANIO de todos, de mim mais chorado,
 Quem lêbrará sem magoa as breues horas,
 Que com FILIS te via o verde prado?
 Em vão FILIS suspiras, em vão choras:
 Em vão choramos, chora o mar, & a terra.
 Tu, IANIO nosso, lêdo nos ceos moras.
 Em luz, em paz, em gloria, já da guerra
 Dos barbaros Pastores, já do dano
 Dos tempos liure em si o céu te encerra.
 Não temes lá as espreitas, mão engano
 Do Lobo ao simpregado, em bõ. descanso
 Viues, em melhor dia, em melhor anno.
 Assim cantaua Sazio: manso, & manso
 As lagrymas corriam: o som, & o canto
 O ar calado, o mar tornaua manso.
 P. Igual à triste dor, o triste pranto
 De Sazio a IANIO: & de sua voz ouuido.
 Aquem não fará magoa, não espanto?
 Olha o meu gado, Aonio, que esquecido
 Da verde herua, tam murebo inda parece,
 Que he delle o brando nome conhecido.

Inda

Inda o céu se reuolue, & s'escurece:
 Inda o mar se leuanta: ves o vento
 Como lá nessas ondas se embravece?
 Em quanto tu cantauas, tudo attento
 Calaua: o campo, & o mar; como calaste,
 Em tudo a triste dor fez mouimento.
 Com esse hora outro pranto me lembraste,
 Que hãa voz triste ao longo desta praya
 Fazia igual, Aonio, ao que cantaste.
 Era então noite escura (inda desmaya
 A alma à lembrança) a voz era cansada,
 Os versos vi cortados nesta Faya.
 ALMA, dizia, ò alma bem leuada
 A clara vida, da prisão escura,
 Do teu despojo nua, & desatada:
 Alma toda innocente, toda pura,
 Que debaixo dos ceos tens sol, & lua,
 Olhos n'outra mais alta fermosura.
 Esta praya, em que já por honra tua,
 E de FILIS, mil Nimpas coroadas
 De flores vos cantaram à lira sua,
 Este limo, esta areia, em que afinadas
 Com FILIS nos deixaste as terras plantas,
 Vistas serãõ com dor, com amor lembradas.
 A. Doce tanges, Pierio doce cantas,

Brar

IANIO

Brando na voz, em tua frauta brando.
 Co som deleitas, com a dor espantas.
 P. Vaite à tua rede, Aonio, eu vou leuando
 Com lagrymas o gado. A. Deos renoue
 Outro tempo mais lédo: mas ô quando?
 A. A noite ven se escura, & neua, & choue.

TITYRO

EGLOGA III.

Serrano. Castalio.

Hã fresca menham, fria, orualbosa
 Ao longo do Mondego, que corria
 Com a agoa clara, mansa, & graciosa
 Quando já o claro rayo reluzia
 Do lauro Phebo n'agoa, & começava
 O orualho derreter, dourar o dia.
 Ao pe de hum grã Ceyceiro rodeava
 O gado de Castalio, & de Serrano,
 Que ambos hũ bom amor sempre juntava;
 Mas outro Amor cruel, Amor tyranno
 Os trazia ambos taes, que pareciam
 Douz spritos perdidos tras seu dano.
 Ambos mancebos, ambos se perdiam
 Hum por hũs olhos verdes, outro brancos;

Ambos

EGLOGA III.

78

Ambos cantauam sempre, ambos tangiam.
 Diziam que aprenderam de dous Francos
 Pastores, que com as Musas se criaram
 Dous Linos, dous Orpheos os nossos Francos.
 Bem conhecidos são; Sãs se chamaram
 Hum de Mneses, outro de Miranda,
 De que as irmãs, & Phebo s'espantaram.
 Einda hoje entre nós soa a voz tam branda
 Do seu diuino canto, que lbe ouuimos,
 Que todo o ceo aclara, & o ar abranda.
 Ditofos nós, qu'em nosso tempo uimos
 A nomeada Arcadia tam vencida
 Destes nossos Pastores, que seguimos.
 Aconteceo, qu'em quanto era ouuida
 De mim hũ bella Nimphe, que cantando
 Na vea d'agoa estaua mea metida:
 Hum cordeiro dos meus se foy lançando
 Para onde ambos estauam, o qu'eu seguindo,
 Ouui Castalio estarme já chamando.
 Tityro amigo, sejas tambem vindo
 Como este claro Sol, que nos aqueyta;
 Aqui, diz, teu cordeiro veo fugindo.
 Deixa o mais gado ao moço: aqui t'assenta,
 Não ves esta clara agoa, que nos chama?
 Esta berua verde, que se nos presenta?

Aqui

TITIRO.

*Aqui se esfria aquella doce chamma,
 Que arde em nòs sempre: aqui Amor s'engana.
 Aqui queres amar quem te desama.
 Se o Sol muito apertar, temos choupana
 De cannas, & ramada bem cuberta,
 Onde nem entra sol, nem chuua a dana.
 Senteyme. Eis s'ergue entre elles grã referta
 De quem tange melhor, ou melhor canta.
 A contenda entã mais a voz esperta;
 Assim hora hum, hora outro a voz leuanta,
 Serrano.*

*Musas, ou vos me day hum verso brando,
 Qual a meu Sã, que a Phebo bem se iguala:
 Ou s'eu em vãõ trabalho ir lbe chegando,
 O som me fuja à lira, a voz à fala.
 Castalio.*

*Pastores, coroay, que vay crescendo,
 Este nouo poeta de Hera, & flores:
 E Magallio de inueja estê morrendo,
 Que a todos para si rouba os lououres.
 Serrano.*

*Meus versos lê meu Sã, minba Musa ama.
 E meu Sã versos faz, que Apollo espantam;
 Ati, Sã, sempre minba Musa chama.
 Ati meus versos rusticos se cantam.*

Cast.

EGLOGA III.

79

Castalio.

*Aquem, Sã, te ama, nunca Apollo negue
 Seu diuino furor, com que te cante.
 E rompase Magallio, rompa, & cegue;
 E de meus versos lâ entre si se espante.*

Serrano.

*Ô rustico Magallio sem brandura,
 Nunca som doce em teus ouuidos soe,
 Magallio peito de cortica dura,
 Todo o bom sprito atras te deixe, & voe.*

Castalio.

*Crinaura entre hũs salgueiros verdes via:
 E sem me ver a vista lbe furtava;
 Ella em me vendo, ria se, & fugia.
 E não sey qu'entre dentes me falava.*

Serrano.

*Que me aproueita, Lesbia, verte, & amarte,
 E que nem me desprezas, nem desamas,
 Se quando a lingoa solto, por falarte,
 Volues o rosto, & rustico me chamas?*

Castalio.

*Triste a vista he do Lobo ao manso gado,
 O chnueyro à seara já madura.
 As aruores o vento; a mim o irado
 Rosto de Filis tam fermosa, & dura.*

S.

TITYRO.

- S. Doce he a chuva à terra desejosa:
 Aos cordeiros o prado d'herua cheo:
 A abelha o orvalho: a mim Filis fermosa,
 Por quem hoje mais claro o dia veo.
- C. De duas pombas achei hoje hum ninho,
 Tuas, Crinaura, são, se as tu quiseses,
 E teu será, se o tomo, o branco Arminho;
 Clorys mo pediu já, se o tu não queres.
- S. Dez maçans de cor d'ouro ontem colhidas
 A furto num cerrado aqui te tenho.
 Para ti, Lesbia, foram escolhidas.
 Lesbia; só por te ver trazer tas venho
- C. Dos teus olhos, Crinaura, sae hum rayo
 De fogo, que a fria neve acenderá.
 Em te vendo arco, sem te ver desmayo.
 Mais doce a morte, vendote, será.
- S. Lesbia cruel, & quanto já auerá
 Que esta minh'alma ardendo
 Anda apos ti? & esse teu peito frio
 Me conuerteo num rio?
 Olha como este rio vou enchendo.
- C. Olha como este rio vou enchendo
 De lagrymas, & magoas,

Das

EGLOGA III.

80

- Das lagrymas se vay todo turuando,
 E das magoas chorando.
 Ah de meu fogo vão ardendo as agoas!
- S. Ah de meu fogo vão ardendo as agoas!
 E tu estás mais fria
 Que a fria neve, & mais que pedra dura,
 Em quem agoa acha brandura.
 Hum marmore meu pranto desfaria.
- C. Hum marmore meu pranto desfaria;
 E teu peito parece
 Que quanto mais, Crinaura cruel, te chamo,
 Quanto mais, te figo, & amo,
 Tanto em ti mais essa dureza cresce.
- S. Lesbia minha mais que o Sol fermosa,
 Mais alua que alua Lua, & mais côrada
 Que as ardentes estrellas,
 E luz de todas ellas,
 Mais que as flores de Mayo graciosa,
 Estes versos, em que es de mim cantada,
 Cortem neste Ceiceyro os bons Pastores,
 Crescerá elle, crescereis Amores.
- C. Crinaura minha mais que o lyrio branca:
 Mais vermelha que rosa, & mais ligeira

Pera

TITYRO.

Pera fugir, que o vento,
 De quem seu pensamento
 Tirar de ti não pôde, vem arranca
 Est' alma triste, que inda esta he a primeira
 Piedade, que vsarás com quem a vida
 Sempre guardou por ser por ti perdida.
 Isto só me lembrou do que cantâram
 E dali pera cá sempre nos montes
 Os Pastores Castalio nomeâram,
 Faunos nos bosques, Nymphas em suas fontes.

LILIA.

EGLOGA III.

POr Lilia em viuo fogo Aonio ardia
 Lilia prazer do amor, & nada tinha
 O triste que esperar, & o Amor crescia.
 Entr'hūs bastos vlmeiros só se vinha
 De tristes sombras; a alma ali forçada
 Com só chorar, com suspirar detinha.
 Hora em som triste, em voz desconcertada,
 Lilia, que inda que viua inda que moura,
 O nome ouue, assi d'elle era chamada:
 Lilia, nimpha branca, nimpha loura,
 O dia nos teus olhos amanhece,

Dos

EGLOGA III.

81

Dos teus cabellos, Nimpha, o Sol se doura.
 Com tua vista hum nouo Abril florece
 Em toda parte: á tua voz se abranda
 O Amor na môr ira, & se adormece.
 Lilia fermosa em tudo, em tudo branda,
 A mim só dura, eu em que errey em amarte?
 Amor te me mostrou, & amar me manda.
 Meu descanso só he, Nimpha, cantarte
 Ao sol, à sombra, em campo, em bosque em rio,
 E meu premio; ah cruel, em vão chamarte?
 Hora co rosto descorado, & frio
 No ardor do sol, hora no inuerno ardendo,
 Ou todo chãma, & fogo; ou neue, & frio.
 O cruel Lilia! & não te irá mouendo,
 Já que a amor não, a piedade hum tanto
 O fogo, que em meus olhos estás vendo?
 Ouueme, Lilia, por ti só meu canto
 Renouarey, por ti, cruel, meu fogo
 Tenbo por doce, & por prazer o pranto.
 Por ti toda outra festa, & riso, & jogo
 Desprezo: por ti sombras, & agoas quero,
 A prazerte he só, Lilia, aos ceos meu rogo.
 Não desprezes meus versos, que inda espero
 Com teu nome aos Pastores ensinado
 Dos bosques, amansarfe o Amor fero.

L

Tam

Tambem eu canto, tambem sou chamado
 Dos Pastores poeta, & eu não os creio,
 Em quanto de ti sou tam desprezado.
 Pois tam rustico sou, Lilia, ou tam feo?
 Pouco há que me vi n'agoa: a cor mortal,
 Desque te vi, & te chamo em vão, me veo.
 Quanto melhor me fora, pois não val
 Contigo Amor, não deixar nunca a triste
 Filis, inda que ati em nada igual!
 Choraste, Filis, ah quando me viste
 Partir de ti, & d'alma saudosa
 Suspirando cos olhos me seguiste.
 Alua Filis tambem, não tam fermosa
 Ô Lilia, não tam loura; porém era
 Inda que de amor liure, piadosa,
 As capellas de Myrtho, Louro & Hera
 Feitas da minha mão não desprezaua,
 Nem os rusticos doês da primauera.
 Já eu hum' hora para ti juntaua
 Diuersas heruas, flores & boninas
 Em que o cheiro melhor se misturaua,
 Heruas tratadas sô das mãos diuinas
 Das Musas, & das Gracas, dos Amores,
 Das tuas mãos, & olhos, Lilia, dignas.
 Mas não tas ousey dar: em taes tremores.

Me

Me trazes! & chorando as espathey
 Com magoa (quando as viram) dos Pastores.
 Quantas vezes quisera, & comecey
 Cantar teu nome, donde tu podesses
 Ouirme, & em começando, me caley!
 Quantas vezes dizia em mim; quisesse
 Lilia, espreitarme hū' hora, tu verias
 Sinaes do meu amor, a que fé desses.
 Se viraõ tam ditosos algūs dias,
 Que pisando contigo esta verdura
 Traga o coração cheo de alegrias?
 Olha, Nympha fermosa, que pintura
 De campos, & de ceos, menbãs, & tardes:
 Vem tu acrecentar sua fermosura.
 Sôlta ao vento os cabellos, não os guardes
 Em vão: estende os olhos pelos prados;
 Vem, Nympha, foge o dia, vem, não tardes.
 Aqui ao tirar, & recolher dos gados
 Soam as rusticas frautas namoradas
 Dos rusticos Pastores namorados.
 Aqui seguindo eu, Lilia, tuas pisadas,
 Viuendo dos teus olhos te traria
 As maçans brancas, & vuas orualbadas:
 Das Nymphas hãa te offereceria
 Os cestimbos de Lyrios escolhidos,

L 2

E

LILIA.

E l'èda, com tos dar, se tornaria.
 Outra os louros cabellos esparzidos
 Te cingeria de Hera, ou verde Louro,
 Com versos bem cantados, bem tangidos.
 Este seria, ô Lilia, o meu thesouro.
 Mas ah triste, que cuido? estou sonhando
 No que desejo, & em vão desejo, & mouro.
 Aonio, Aonio, quem te està enganando?
 Lilia não te ouue, ao vento te desfazes,
 Se se ella não mudar, vaite mudando.
 Outra acharâs, se a Lilia não aprazes.

TEVIO.

EGLOGA V.

Aonio. Vincio.

Porque, já que aqui ambos nos juntamos,
 Meu Vincio, ao pé desta arvore sombria:
 Dos nossos bons amores não cantamos?
 Serana a menham veo, alegre dia,
 Verdeja o campo, o vento a furia abranda:
 Cantemos de Amor só, que Amor nos guia.
 Eu ah, da dura Lilia, tu da branda
 Celia, ouçamno os ceos, ouçamno os montes,
 Ouçao, se aqui voando o Amor anda.
 Verâs ao doce nome logo as fontes

Correr

EGLOGA V.

83

Correr mais claras, o ceo mais sereno,
 Lilia, tu de meu canto não te afrontes.
V. Para cantar de Celia o dia he pequeno,
 Minha voz baixa, baixo Apollo, & Lino.
 E em vão cantarey, pois em vão pena.
 Que voz, que som, ô Celia, ao teu diuino
 Nome se igualará? tu Lilia canta,
 De Celia nomear ninguem he digno.
A. Como? a tanta ousadia es vindo? a tanta
 Cegueira, que Celia ante Lilia ponhas?
 Lilia, q' Amor co a vista incende, & espanta?
 Antes que a môr perigo te desponhas
 Toca tua frauta, Vincio, alça teu canto.
 Tudo t'apostarey, por mais que ponhas.
V. Inda que não cuidey nunca ousar tanto,
 Forçame Amor, & forçame a verdade.
 Canto o meu não será mas será pranto.
 Roubarte o teu, Aonio, he crueldade.
 Baste a vergonha, baste o gosto, & gloria.
 De mostrar hum do outro a falsidade.
A. Eis vem o nosso Teuio, que a victoria
 Iulgará justamente: Teuio às Musas
 Nouo Apollo, noua honra à sua memoria.
 Já te vejo mudado: já as escusas
 Não te aproneitaraõ. Teuio a contenda

L3

Ouue

- Ouve, & julga entre nós, como bem vsas.
- V. Oitue me, Teuio, & dame deste a emmenda
De sua vam ousadia, que eu espéro
Que a voz lhe fuja, & Pallas o reprenda.
- T. Começay, mas ou Tityro, ou Sincero
Por juiz vos quisera. Aqui deitado
Aosom desta agoa clara ouuiruos quero.
Calado o campo está, & o manso gado
Quietamente pasce, Apollo queira
Vir vosso canto ouuir delle inspirado.
- A. Lilia, porque tua vista, que a primeira
Vez me leuou tras si, me estás negando?
Vem, Lilia, verte ey eu, & irey cantando
Teu nome a som da frauta, & da ribeira.
- V. Celia, porque minh'alma pura, inteira,
Que de mim foge, & ati se vay, voando,
Não recebes? cruel, teu nome brando
Nesta voz soará, & na derradeira.
- A. Quem não vio Lilia, não vio fermosura.
É quem não vio Aonio, não vio fogo.
Mostroulha Amor, & fez se surdo ao rogo,
É Lilia branda aos olhos, à alma dura.
- V. Quem a Celia não vio, não vio figura
Da menham clara, ah vioa Vncio, & logo
Por

- Por Celia sospirou; por riso, & jogo
Lulgou do prado a flor, do ceo a pintura.
- A. Sobre esta clara fonte, que vestida
De verde musgo está, dest'alta Faya,
Em quanto Lilia canto, sombra caya,
Com que esté do sol sempre defendida.
- V. A agoa desta ribeira, onde hora ouuida
A branca Celia he, nunca se faya
De sua area, & seixos; mas leuaya
Nimphas, ao doce som desempedida.
- A. Andaua hũa menham colbendo rofas
Lilia, & estaua Amor nũa escondido,
Tocandoa Lilia, foi Amor ferido
Das aluas mãos, & faces vergonhosas.
- V. Quando a fermosa Celia entre as fermosas
Nimphas parece, Amor fraco, & rendido
Deixa arco, deyx a frechas, & corrido
Se vay batendo as asas furiosas.
- A. Tres forão sempre as Graças nomeadas,
Em quanto a minha Lilia não nasceo;
Tanto que Lilia ao mundo appareceo,
Por quatro são as Graças já contadas.
- V. Nove do claro Sol fõram chamadas

TEVI O.

Sempre as irmãs, que o mundo conheceo;
 Tanto que Celia nos resplandeceo,
 Por dez saõ ja as irmãs do Sol cantadas.
 A. Vem Lilia branca, & loura, aqui te chama
 O rosado veraõ, aqui te cria
 Flores o verde prado, & em companhia
 D'Aonio as pisarás, que tanto t'ama.
 V. Por Celia sou todo agoa, todo chamma:
 O monte o sabe, o rio, a noite, o dia.
 Celia a meu pranto he dura, ao fogo fria,
 Em mim o apaga, Amor, ou Celia inflama.
 T. Cesse já dos Pastores de Arno a fama.
 Doce me he vosso canto, & doce seja
 Meus Pastores, a quem mal vos desama.
 Ambos iguaes no canto, inda ambos veja
 Muitos annos cantar, & vejaes cedo
 A alma chea cada hum do que deseja.
 Sem pender d'esperança, nem de medo.

MAGICA.

EGLOGA VI.

Lcidas. Menalo.

D E Lcidas, & Menalo Pastores
 O nono canto, que de Amor ouvido,

Indo

EGLOGA VI

85

Indo pelo ar voando, cos Amores
 Ao brando som se diz que foy detido;
 Escondido com elles entre as flores
 Cada hum a magoa, & lagrymas mouido,
 Ao mundo perdoar am entre tanto,
 De Lcidas, & Menalo o som canto.

Tu Marilia, tu sò ingenho, & arte,
 Tu sprito me dás, que inda algũ hora
 Leuante por ti, por toda a parte
 Ao mundo mostrará que o que em ti hora
 Tamanho espanto faz, á menor parte
 D'outras tuas não chega, ouueme agora.
 E esse teu alto sprito hum pouco engana
 Co som da pastoril, & baixa canna.

Jã a grossa, & escara sombra da cuberta
 Terra, co cego rayo começaua
 A alua Lua entre as nuuës encuberta
 Apartar pouco, & pouco, & eis se mostraua
 Hora mea, hora toda descuberta,
 Hũa nuuem rompia, outra acerraua:
 Quando cheo de dor, que a alma sentia
 Ao pé de hũa Faya Lcidas dizia.

L.

L. Sae clara, branca Lua, os ceos serena,
 O ar abranday em quanto aqui vamente
 A ti, & aos ceos me queixo, & a minha pena
 Moou às estrellas magoa, dor à gente.
 E tu meu cruel genio, esta pequena
 Tardança da triste alma me consente.
 Day montes sempre fê do que me ouuistes.
 Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Aqui os valles ouuem, aqui os montes,
 Aqui os Pinheiros, & altas Fayas falam,
 As magoas dos Pastores choram as fontes,
 Ao som das frautas aues feras calam.
 Os rios se detem nas suas pontes,
 As aruores co vento não se abalam.
 E vós Nymphas ouui, se amor sentistes,
 Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Ao rustico Serpillo se dá Flora,
 Flora de tantas mãys tam desejada:
 Ao rustico Serpillo, quem não chora
 Licidas, a quem fora tambem dada?
 Onde justiça, onde igualdade mora?
 Quem esta roda traz, a si, forçada?
 Como, lumes do ceo, tal consentistes?

Ajuda

Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Que senão poderá já ver no mundo?
 Que não esperaremos os que amamos?
 Revoluanse as areas: lá no fundo,
 O rio se semee, onde pescamos.
 As estrellas ao centro mais profundo
 Decam, co sol o dia não vejamos.
 A tudo causa, o ceos, já nos abristes.
 Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

O bem igual amor, & bem deuido,
 Frios te eram meus versos, rouca a lira.
 Todo som, todo canto aborrecido,
 Com desprezo me olbauas, & com ira.
 Lá achaste hum entre todos escolhido.
 Serpillo: ah cega moça! (em vão suspira)
 Vingay, estrellas, o roubo, que encobristes,
 Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Flora enganada, quem tão mal te cega?
 Serpillo rustico he, não tange, ou canta.
 Que engano, ah moça, ao odio teu te entregae
 E o teu amor te tira, & a si te encanta?
 Ama Serpillo: o teu Licidas nega.

Quan

Quanta vingança das de ti, o quanto
Ira moues ao ceo, a que em vão resistes!
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Muitas vezes te vi em moça, e hum dia,
(lá eu aos tenros ramos bem chegaua)
As sanguinbas Amoras te colhia,
As maçãs no regaço te lançaua.
Inda eu então d'Amor linco vinha,
Mas senti-me arder, quando t'olhaua.
Pagay, olhos, agora o que então viste.
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Ab já sey qu'he Amor, não de brandura
Filho, mas d'odio só, e d'asperza,
Gerado do diamante, e rocha dura,
Imigo a noſſo ſangue, e natureza.
Onde virdes, Pastores, fermofura,
Fugi, que ali está Amor, ali dureza.
Ditosos, que de ſuas mãos ſayſtes
Ajuda, frauta triste, os versos tristes.

Pastores (ſe algum está a meu canto attento)
Que por amor em vão a alma partistes.
Pastores, que perdeis vozes ao vento.

E

E a cruel Flora em vão, como eu ſeguistes,
Não facaes de vans ſombras fundamento.
Deixa já frauta triste os versos tristes.
Isto Licidas diſſe. o que cantaua
Menalo, Apollo o diga, que o eſcutana.

M. Traze agoa, que cauei, na branca area,
Licia, com minha mão, em o Sol nascendo;
Acende, e apaga nella eſta candea
De tres lames, tres vezes, e acendendo;
A mea della gasta: na outra mea
O meu encantamento irey fazendo.
Tu, ſancto Amor, minhas palauras guia.
Trazeime, versos meus, o meu bom dia.

Arde o ſagrado incenſo; ſô falecem
Versos; versos a mortos tornam vida.
Com versos ſecos campos reuerdecem,
Com versos a Lua he nos ceos detida.
Aos versos as ſerpentes obedecem,
Delles foi já Proſerpina vencida.
Cantando Orpheo Euridice trazia;
Trazeime, versos meus, o meu bom dia.

Este ſagrado Myrtho ati, fermofa

Venus

MAGICA.

Venus, ati também o teu sagrado
 Loureiro, louro Apollo, a branca Rosa,
 O Lyrio de ninguém já mais tocado
 Ao casto Amor consagro: piadosa
 Me se Mãe, me se filho: & tu cantado
 Phebo sempre em tristeza, & alegria.
 Trazeyme, versos meus, o meu bom dia.

Ata, Licia, ata o laço de tres cores
 Com tres nós, & em atando, diz: eu ato
 De Marilia, & Alcippo os bons amores;
 Diga Amor, diga Venus, & eu os ato.
 Estas duas capellas de alvas flores,
 Que aqui a Apollo pus, eu as defato.
 Esta a mim, esta a Alcippo meu tecia.
 Trazeyme, versos meus, o meu bom dia.

Em quanto Alcippo tarda he o dia escuro,
 Encobremmo mil nuuês: eis derramo
 Da Phenix casta a cinza, em que o seu puro
 Corpo se queima, & nasce, & Alcippo chamo.
 Vem Alcippo, vem já; porque tam duro
 Es a Marilia: ah meu Alcippo eu te amo.
 Contigo o ceo se me esclareceria.
 Trazeyme, versos meus, o meu bom dia.

Qual

EGLOGA VI

88

Qual por montes, & bosques a cansada
 Nouilha o branco Touro em vão buscando
 Junto d'agoa em verde herua sô deitada
 Da noite, que já vem, não se lembrando,
 Ali de saudade traspassada
 Toda em seu brando amor se está gastando.
 Tal por mim, meu Alcippo ver queria.
 Trazeyme, versos meus, o meu bom dia.

Este limo trazido lá do Nilo
 Me deu Merys, & esta herua que lá nasce
 Tinta no sangue do espantoso Horilo,
 Que mil vezes he morto, & mil renasce.
 E esta espinha de hum manso Crocodilo,
 Que n'agoa viue, & na ribeira pasce.
 Com isto em mil formas Merys se fazia.
 Trazeyme, versos meus, o meu bom dia.

Aqui d' Alcippo tenho inda guardados
 Os seus doces despojos, inda leo
 Mil versos em meu nome aqui cortados
 Nesta Faya, esta Faya Alcippo tred.
 Dos prazeres por ti profetizados,
 Alcippo, inda o primeiro me não veo.
 Mostra a verdade, Alcippo, a quem te cria.

Tra

MAGICA.

Trazeime, versos meus, o meu bom dia.

Eis as folhas boliram do Loureiro.

Eis o Myrtho com flores se levanta.

Ouco as as pouco aljaba do frecheiro.

A mão direita Philomela canta.

Alcippo vem, Alcippo verdadeiro

No casto amor, e na firmeza sancta.

He Alcippo, ou me engana a fantasia.

Cessai, versos; já chegou o meu bom dia.

DAPHNIS.

EGLOGA VII.

Eurillo.

Licidas.

A Qui, Licidas, canta, olha quam branda

Por entre as verdes cannas vem bolindo

A fresca viração, qu' este ar nos manda.

Olha quam enlaçada vay sobindo

Pelos altos Ulmeiros a verde Hera,

De que tam doce sombra está cayndo.

Se hora cantasses, Licida, eu te dera

Bom premio: ah pastor canta: eu quero darte

Hum premio, que inueja a Tityro fizera.

L. E a

EGLOGA VII.

89

L. E a qual boim cantor, ou em que parte

Viste, Eurillo, vender nunca seu canto,

Que Apollo gracioso nos reparte?

E. E qual preço será tam rico, e tanto

Licida, que igualar possa a brandura

Do teu som, que desfaz o Amor em pranto?

L. Sò da branca Marilia a fermosura

Negra nos olhos, negra nas pestanas

Meu canto paga, minha voz apura.

Rustico Mevio, ah porque mal profanas

O som deuido às Musas? e os Amores?

Porque infamas, mão Bauio, as doces canas?

E. Mevio, e Bauio são rusticos pastores;

Tu meu Licidas sò, tu sò nos cantas.

Mevio, e Bauio são Rãs, não são cantores.

A quem tu não deleitas? não espantas?

Pareça Mevio bem, Bauio deleite.

Tu a mim canta e tange às Musas sanctas.

Hum vaso tenho ali de puro leite

D'aquella branca Cabra hoje mungido,

Dartoe, e hũ tarro d'Hera, em q' to deite.

Hum noao tarro, Licidas, trazido

D'estranhas terras, d'hũ grã mestre obrado,

Por onde licor nunca foy bebido.

Nunca o cheguey os beijos, mas comprado

M

Por

DAPHNIS.

Por hum tenro cabrito, assi té gora
 Injeiro o tiue sempre, & bem guardado.
 Cada vez que as figuras vejo, chora
 A minb' alma de magoa. Estâ a ribeira
 Do rico Tejo, onde Neptuno môra.
 Ali tristes pastores, & primeira
 Chorosa Venus, Satyros, Syluanos
 De toda flor, que em Papho, & Gnido cheira,
 Hum PASTOR cobrem, a que os leues annos
 Fugindo vaõ. Amor ali esmorece,
 Entaõ sô piadoso de seus danos.
 Co-brando Adonis todo se parece
 O moço branco, & loiro; ah crueldade!
 Os olhos cerra, como que adormece.
 Cruelmente cortado em mocidade,
 Como do duro arado a branca rosa,
 Que o duro laurador moue piedade.
 Em outra parte estâ como queixosa
 Contr' os ceos hãa NIMPHA mansamente
 Chorando, & assi chorando mais fermosa.
 Lucina mais que nunca diligente
 Hum minino á luz clara entaõ mostrando
 Da triste Nimpha parto seu resente,
 O dá às douradas Horas que criando
 O vaõ mimosamente; & eis que as tres Fadas

1a

EGLOGA VII.

90

Lâ na mão tenra hum cetro lhe estâo dando.
 Logo apos as Nymphas, que espantadas
 Sãem do fundo pego, d'bum alto monte
 As estrellas por Protheo são mostradas.
 E como que cum dedo aos ceos aponte,
 Com outro no minino, por escrito
 Teus dias (diz) ledos o mundo conte.
 A mãõ do mestre igual ao grande sprito
 Licida, esta viua obra aqui cortou.
 Lâ na Arcadia se fez vendeoma Eucrito.
 Mas se a tua voz, que sempre me soou
 Branda, em quanto aqui o sol o pasto tolhe,
 Soltar quiseres, Licida, en to dou.
 Licida canta; assi amorosa te olhe
 Aquella, a quem tu cantas, & te teçã
 Fresca capella, quando as flores colhe.
 Sempre às tuas ouelhas reuerdeça
 O prado; & o triste inuerno, que tememos,
 Aos olhos da tua Nimpha nos floreça.
 O nosso DAPHNIS que já aqui não vemos;
 O brando Daphnis, com teus versos chama.
 L. Versos a DAPHNIS, doces versos demos.
 Voz de Licidas he, que Marilia ama.

M3

Quê

DAPHNIS.

Que fontes, ou que bosques lá forçadas
 Vos tinbam, de Apollo irmãs fermosas,
 Quando a DAPHNIS as cores demudadas
 Vos não tornauam dellê piadosas?
 Como aluas flores do Sol são cortadas,
 Como murchas do frio as brancas rosas
 Se cortou Daphnis: nós que esperaremos?
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Tinhauos por ventura o vosso monte?
 Ou as alturas lá do fresco Pindo?
 Porque eu não creio que em sua branda fonte
 Vos estiuessê o Mondego encobrindo.
 Não creio que por mais que se nos conte
 Da fresca Tempe, assi fosseis fugindo
 O amor de Daphnis, por quem cá vos temos.
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Daphnis chorâram na montanha as feras.
 Chorâram os Lobos, os Leoês chorâram.
 Despiramse os ulmeiros de suas Heras,
 Os rios ds suas fontes se tornâram.
 As Nymphas contra si crueis, & feras
 Pelas prayas em vão. Daphnis chamâram.
 Daphnis, ah Daphnis, onde te acharêmos?
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Cho

EGLOGA VII.

91

Chorou o barbaro Scythia, o duro Gêta
 Em quantos campos rega o Gange, & o Nilo.
 Chorou o Arabe, o Indio, o destro em sêta
 Partbo, o grande Alifante, o Crocodilo.
 Bem prometteo tua morte o cruel cometa,
 Que vimos, ninguém soube entã sentilo.
 Ah rusticos, que os ceos nunca entendemos!
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Veio Ouylio Pastor, que na ribeira
 Do Tybre suas manadas apascenta,
 Quem leuará, diz, já por cham carreira
 O gado? quem da chea, & da tormenta
 O recolherá são? quem verdadeira
 Semente à terra lança, & a crescenta?
 Quanto em ti, bom Pastor, todos perdemos!
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Vinbam outros Pastores lá das serras
 Da neue frias, outros das campinas:
 Ditoso Daphnis, nos em fangue, & guerras
 Ficamos (dizem) tu melhor atinas.
 Outros pastos terás lá, outras terras,
 Fontes, que sempre lá manam continas.
 Tu vás viuer, nós cá nos matarêmos.
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

M3

Não

10 DIA PHNIS.

Não tanto o Delphim lá, não mar chorava.
 Não tanto Philamela lamentou.
 Não tanto Ariadne aos ventos se queixava.
 Nem tanto Cisne em morte pranteou.
 Nem tantas vezes Eccho a voz tornava
 Do fermoso Pastor, que em vão chamou.
 Quanto Daphnis choraram, & nos choremos,
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Daphnis, tu aos Pastores ensinavas
 Como ao curral viria o bravo gado.
 Tu as surdas serpentes encantavas.
 E os duros Tourões punhas ao arado.
 Aqui d'ũa sebé, aqui d'outra cercavas
 Teu rebanho das Lobos bem guardado.
 Se são nos fica o gado, ati o deuemos.
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Daphnis, tu sacrificios ordenaste
 Aos Pastores, tam sanctos: tu lhe ergueste
 Pera os ceos novo sprito, & leuasteste
 Altar á sancta paz, em que viueste.
 Com quanto amor bom Daphnis ja pisaste.
 Estes campos, & esta agôa aqui bebeste!
 Brando Daphnis, sem ti como a bebeamos?
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Ab

E GLOGIA VII.

92

Ab Daphnis, chama, Daphnis, ab suspirando
 O teu mimoso gado, Pastor, brando.
 Quem iuda esse teu resto hum tempo virá,
 Que sempre lê do nome tua alharido.
 No manso peito teu nunca entrou ira.
 Amaste em vida, ab & morreste amando.
 Quando outro amor, o bom Pastor, te enquis?
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Ab, que a Malua, & a Ortiga reverdece;
 D'hum dia n'outro torna outra herua noua,
 Sé case o campo, com Abril florece.
 Mayo cad'anno a pintura renoua.
 Desaparece o dia, eis aparece.
 Acaba o anno o Sol, o Sol o ennoua.
 Nos pera sempre desaparecemos.
 Versos a Daphnis, doces versos demos.

Ficay minhas ouelhas, meus cordéiros
 (Diz Daphnis) claras fontes, bõs pascigos:
 Tenhais de meu herdeiro mil herdeiros.
 Viuei em paz, pastores, meus amigos.
 Mil Dezembros conteis, & mil laneiros
 Num amor juntos contra os maos inimigos.
 Daphnis (dizei) que nos amou, amemos,
 Versos, & flores a seus ossos demos.

M 4

E. Mel

E. Mel puro da tua doce boca mana
 Meu Licidas, tem versos fãnos são.
 Phebo tempera a tua suave cana.
 Nunca a voz te enfraquaca, nunca a mão
 Te canse, nunca este ar deixe de onuirte
 Ao sol, á sombra, em inuerno, & verãõ.
 Fresco leite no tarro vou mungirte.

FLORIS.

EGLOGA VIII.

LA onde o claro Tejo a praya lava
 Rica das brancas conchas d'Oriente
 Lá sem cabellos n'agoa o sol molhaua:
 Quando seguindo Amor, fugindo a gente,
 D'hum alto, que o mar longe descobria
 Té onde o Tejo perde sua corrente,
 Lidia cos olhos, triste, em vão seguia,
 Quanto a vista alcançaua, a Não ligeira,
 Que co seu Floris desaparecia.
 Como se fõsse aquella a derradeira
 Vista de Floris, Lidia assi chorosa
 O chamaua em voz alta na ribeira.
 Floris cruel, & dás te a furiosa

Força

Força do mar, & vento, & a mim, que te amo,
 Deixas assi morrer de ti saudosa?
 Se li te soa a voz, com que te chamo,
 Torna Floris, ah torna; & não te abrandas
 Ah duro, a quantas lagrymas derramo?
 Nymphas do doce Tejo; Nymphas brandas,
 E tu das doces agoas brando Tejo,
 Que o grande mar já co Tridente mandas.
 Ali vay meu amor, & meu desejo.
 Se amor sentis, fazey que tornar veja
 Aquella cruel Nao, que fugir vejo.
 Ou pondemo já viuuo onde deseja
 Floris, se tanto folgã assi fugirme,
 Bom vento, imiga não minhá te reja.
 Porque assi, Floris meu, folgas partirme
 Esta minh' alma? antes ma leuas lá:
 Assi podesse eu toda apos ti irme.
 Se o meu amor em premio meu me dà
 Odio, & por me fugires, poës em sorte
 A vida aos ventos, Floris, torna câ.
 Torna, & viue tu, Floris: quem tam forte
 Em te amar he, será em deixar a vida;
 Cessarã o meu amor, & a tua morte.
 Ah duro! he na montanha alta seguida
 Do Lião a que o foga, he do Carneiro

No

Nô campo a ovelha, & eu sou deti fugida?
 Não o creio, meu Floris, não: primeiro
 O Amor deixará os doces Amores,
 Seu Myntbo Venus, Phebo o seu Loureiro,
 O verde Abril secará as tenras flores,
 Reuerdecerá o campo em seco Agosto,
 Que tal cream de Floris os Pastores.
 Já t'eu vi algum' hora o branco rosto
 Por Lidia em doces lagrimas banhado,
 Outr' hora em doce riso, & brando gosto.
 S'a algum vento inconstante tens já dado,
 Como te dêste ati, minhas lembranças,
 Tu sò deues de ser nisto culpado.
 Branca Lua, senhora das mudanças,
 Dos tempos, & dos mares, s'algum' hora
 Em desejos viueste, em esperanças;
 Inda o Latmio penedo, inda là chora
 Tuas doces magoas, inda se deleita
 Do teu amor, onde teu Endimion mora:
 Leua cos brancos rayos teus direita
 Aquella não, & tem firme a vontade
 De Floris, a quem eu seja sempre aceita.
 Aues, que seranaes a tempestade,
 Aues, que saudosas já chorastes
 Das ondas, & do vento a crueldade,

Sal.

S'algũ' hora já as ondas desejastes
 Brandas a vosso amor, entregue aos ventos,
 Doa vos meu amor, Aues, que amastes.
 Sête dias podeis os mouimentos
 Dos ventos abrandar: mas sête sêttes
 Os detende hora là nos seus assentos.
 Se me isto, ò branca Alcione, promettes,
 Inda là te pareça em sua figura
 Teu Ceyce, por quem n' agoa inda te metes.
 Eu em tanto das flores, & verdura
 Tecerey mil capellas ao teu brando
 Filho, ò Deosa d'amor, & de brandura.
 E assi colbendo as flores vigiando
 Estará o mar minh' alma, & á doce lira
 Alcippo os doces versos seus cantando.
 Cantará comõ em vão chora, & suspira
 A vista da cruel Não, que inda a parece
 Aquella, que Theseo por seu mal vira.
 Como se queixa ao mar, como esmorece
 A moça ali deixada em tanto medo.
 Entre tanto o cruel desaparece
 Estaua a triste Ariadne no penedo
 D'bũa parte mar brauo, d'outra feras,
 Ditosa morte, se vieras cedo!
 Cruel Theseo, cruel, diz, que fizêras

A bum

FLORIS.

A hum teu cruel imigo, se a quem t'ama
 Assim deixas ao mar, & as bestas feras?
 Depois me cantarâ da que inda chama
 D'alta fogueira já com a espada nua.
 O cruel, que do mar enxerga a chama.
 A causa, diz, da morte, & a espada he tua.
 Falso Troyano, sô a mão he minha.
 Vingue em si, quem mal ama, a culpa sua.
 Tambem do nadador, que bia, & que vinha
 Ondas ao rosto, o peito as ondas duro
 A luz, que o lá chamava, & o câ detinha.
 Em fim mar cruel es, pouco seguro
 Aos bons amores, lanças morto â praya
 O triste moço, Hero do alto muro.
 Agora brando mar a furia caya,
 Em quanto Floris vem, clara, & serena
 Sobre estas ondas tua fronte saya.
 Vos, Amores, voay, & hũa doce pena
 D'essas pregay a floris, com que ardendo
 Sintâ do fogo meu parte pequena.
 Outros as brancas ondas vão rompendo.
 Outros postos estem ao ferro, & fogo.
 Meu Floris a sua Lidia estê câ vendo,
 Saudoso d' Amor, brando a meu rogo.

Mis.

EGLOGA IX.

95

MIRANDA.

EGLOGA IX.

Alcippo. Androgeo.
 Quanto tempo, ô Androgeo, não cantamos?
 An. Fugimos o prazer, & torna tarde.
 Saudosos por elle suspiramos.
 Ves o mundo, que vay? ves que fogo arde
 Por tanto campo lá, por tanta serra,
 Que a nossa câ ameaça? Al. Deos a guarde.
 An. Mal nascidos Pastores, triste terra
 Tanto tempo queimada, crueis mãos,
 Contra vossas entranhas moveis guerra.
 Tomay, Pastores, conselhos mais saõs.
 Olhay o Lobo, que lá está em effreita,
 E o melhor leua sempre dent'as mãos.
 Junto num corpo o gado por direita
 Estrada, em sangue tinto hum sò seguindo,
 Que jornada fareis aos ceos aceita!
 Irseosbia (eu o vejo) o mar a brindo,
 Abaixandose ferras; que heruas & agoas
 Irieis, & que campos descobrindo!
 Al. Não lembrêmos, Androgeo, tantas magoas.
 Corre o mundo já assim tras seu mal cego.

Ar

MIRANDA.

Ardem no peito d'ira viuas fragoas.
 Mores rios lá vejo, não to nego,
 Mais espaço os campos, mas ditoso
 Quem seu gado apascenta em bom fofego.
 Em quanto o nosso gado aqui mimoso
 Bebe do doce Tejo a agoa corrente,
 Não lhe queiramos bem mais delitoso.
 Vivamos, & cantemos lédamente,
 E aquella diuidade celebremos,
 Que a fonte agoa nos dá fruíto á semente.
 An. E a que ouvidos me mandas que cantemos?
 Al. De Marília, de Delia, & dos Amores.
 Nem o pouo nos ame, nem o amemos.
 An. Surdos ouvidos, barbaros Pastores,
 Quam mal bebeis do Tejo as agoas claras!
 Quam mal pisaes as bem nascidas flores!
 Al. Quantos tu, claro Phebo, desemparas,
 Venham buscar o teu diuino lume
 Nos brandos olhos de duas Nymphas raras.
 An. Quem de Pindo subir ao alto cume
 (Não posso erguer a voz, & a noite ao dia
 Cantando ajuntey já, tudo he costume).
 Al. Arde em chãmas o peito, a lingua he fria.
 As lagrymas sam fogo, o rosto neue.
 Quem juntamente assi me queyxa, & esfria?
 An.

EGLOGA IX.

An. Algum vento amoroso, brando, & leue
 Ajude minha voz, & ma leuante.
 E parte della á branda Delia leue.
 Alcippo, eu não posso ir mais por diante,
 Fogeme a voz, carregafeme o sprito.
 E não sey quem me manda que não cante.
 Al. Eu vejo aquelle alto vlmo, Androgeo, escrito.
 De fresco ferro está (vem ver) talhado.
 Eis que todo tremeo, & soou hum grito.
 An. Algum segredo, Alcippo, aqui guardado
 Está de Fauno, ou Nympha, lê. Al. Diuino
 Verso he, & não de humana mão cortado.
 An. Nymphas agradas, Nymphas, não sou digno
 De ver vossos segredos: tu me ajuda,
 Tu me sê, brando Apollo, hora benigno.
 Aquella Lira, a cujo som se veo (ma,
 Do Tybre, & d'Arno Apollo, a Neiuá, e Li-
 Porquem verde era o campo, o rio cheo
 Corria á voz da noua Tosca Rima,
 Despois que o bõ Miranda, em cujo seo
 O sancto fogo ardeo, se foy acima,
 Pendurou aqui Phebo, aqui guardada
 Manda ser dos Pastores sempre hórada.
 Al. Feristeme a alma de hũa ponta aguda.
 Androgeo, he morto o nosso bom Miranda.
 An.

MIRANDA

An. *Ho fizeste a minha lingua muda.*
 Al. *Ô bom Poeta, e já a tua doce, e branda*
Voz se calou; já por aqui não soa,
Nem os ventos serena, o mar a branda?
 An. *Ah, já aquella innocencia sancta, e boa*
Do bom velho, aquella alta, e sam doutrina
Nos deixou: quam depressa o melhor voa!
 Al. *Ah, sancto velho de mil annos digna*
Era tua vida, e inda mil annos cedo.
Quem honra o campo? quem virtude ensina?
Já não do pé da Faya, ou do penedo
Muscofo te ouvirá o campo, e o vale
Cantar da terra, e ceos o alto segredo.
O Rio seque, e o campo; Apollo cále.
Chorem as tristes irmãs, nem ja aqui soe
Frauta, pois nenhũa ha, que a tua iguale.
Nem Pastor cante, nem Touros coroe.
Nem tenha Hera, ou Loureiro ja verdura.
Nem Nimpba d'agoa saya, ou aue voe.
Perdeste Apollo já tua fermosura,
Do teu poeta sempre tam cantada,
Perdeste, Amor, teu fogo, e tua brandura.
Ô doce, e graue Lira temperada
D'aquella mão, que a sti te fez famosa,
Não consintas ser de outra mão tocada.

A

EGLOGA IX.

97

A nossa idade, que tu tam ditosa
Fizeste, te honre sempre, e louue, e ame,
Pois por ti será sempre gloriosa
E quem ha ja, que co som brando chame
As bellas Nimpbas a lugar sombrio?
E pelo verde chaõ flores derrame?
Quem vestirá dos vlmos já o rio?
Quem cobrirá de sombra as claras fontes?
E os tenros Myrthos guardará do frio?
Aquelle som, que enchia d'berua os montes,
Que o gado derramado a si juntaua,
E que os rios detinha nas suas pontes:
Aquelle som, que tam doce soaua
Por toda a parte, ah já morreo contigo.
Que fará quem ouvirte desejava?
Ah meu bom mestre, ah Pastor meu amigo,
Como minh'alma, e olhos se estendiam
Por verte, e o duro tempo foyme imigo!
Mas inda que os meus olhos te não viam,
Ca te tinha minh'alma, e os teus bons cantos,
Lá me leuauam, e de ti todo enchiam.
Day ao vosso Poeta tristes prantos
Tejo, Mondego, Douro, Lima, Odiana;
Ô Nilo, ô Gange, daylbe lá outros tantos.
 An. *Não pode a obrigação, Alcippo, humana*

N

Fugir

MIRANDA.

Fugir o bom Miranda, nos ceos he ido.
 Nunca do campo aos ceos o passo engana.
 Mas quando poderàs ser esquecido?
 Estarte ham Tygres, & Liões chamando.
 Será de Tygres teu bom canto ouvido.
Al. Vejo vir nosso Sázio lá chorando.
 Sázio, que docemente a si pendias
 D'aquella boca, & som suaue, & brandol
 Viue tu lá, Miranda, immortaes dias
 Da coroa de Louro ido à da gloria:
 E em quanto com tua luz de lá nos guias,
 Recebe isto, que canto em tua memoria.
 Aqui Neyua, aqui Lima triste chora,
 Quebra seu arco Amor, Apollo a lira,
 Sêca a fonte Hyppocrene, os Louros Flora.
 O bom canto emmudece, Eccho suspira.
 Mas no ceo lêda a innocente alma mora
 Do bom Miranda, que de lá inspira
 Sancto fogo de amor, & sancta paz,
 Lá estás Miranda, aqui sò terra jaz.

SEGADORES.

EGLOGA X.

Ao senhor D. Duarte.

No

EGLOGA X.

98

No campo do Mondego ao meo dia
 Douz segadores Falcino, & Syluano,
 Em quanto os outros jazem à sombra fria
 No mais ardente sol de todo ano:
 Elles sos segam & cantam a porfia
 D'Amor, hum seus bens canta, outro seu dano,
 Arde o mundo, a Cygarra sò responde,
 Amor hora a parece, hora se esconde.

Inda daquella Nimpha saudofo,
 Que no claro Mondego se banhaua,
 E tanto tempo trouxe em vão queixoso
 O Pastor, que Serrano se chamaua.
 Que conuertido em Cisne no amoroso
 Seu fogo ardendo, o seu fim cantaua,
 Inda a busca o Amor menham, & tarde,
 Ella o despreza, & em outro fogo arde.

Namorouse o Amor dos seus amores
 D'aquelle Pastor triste, & fez-lhe guerra.
 Quem vio tam desiguaes competidores?
 Amor contr' hum pastor, fogo co a terra?
 Em fim chorâram Nimpbas, & Pastores
 Serrano morto naquell' alta serra.
 Ella o Amor fugio, que em vão a chama.
 S'em vão Serrano amou, & elle em vão ama.

N 2 Dalé

SEGADORES.

Dali o cruel ficou, segundo soa
 Afrontado de si mesmo, & corrido.
 Menos dizem que fere, & menos voa,
 E assi do mundo he já menos temido.
 Fez de seu fogo em si hũa proua boa,
 Sospirou de sua frecha em vão ferido.
 Da sua diuina forca perdeu parte,
 Com que vencia a Iupiter, & Marte.

Forçado da deshonra, & da vergonha
 Ao bosque, ao campo, ao rio vay fugindo.
 Ali vanamente em seus amores sonha.
 Ali em seu fogo s'está consumindo.
 Contra a rustica gente sua peconha
 Mostra, & seu fraco arco está brandindo.
 Outros dizem que agora he mais cruel,
 Mais armado de fogo, mais de fel.

E por fazer hũa aspera vingança
 Em castigo daquella offensa sua,
 Faz quem mais ama, amar sem esperança,
 E a mais fermosa Nimpba faz mais crua.
 Cresce o amor, no mal não ha mudança:
 Castiga em ti, cruel, a culpa tua.
 Ou se ser desprezado te doe tanto,
 Poem do teu fogo nellas outro tanto.

Alto

EGLOGA X.

99

Alto senhor, se a teus altos ouvidos
 Chega o som baixo da çamponha minha,
 Serám meus versos tam engrandecidos,
 Quanto pera os ouuires lbes conuinha.
 Outros mayores, que te são deuidos,
 Já os tentey em vão: que não softinha
 O peso do teu nome alto, & Real
 Tam fraco ingenho, & voz tam desigual.

Ia, senhor, teu Andrade se aparelha
 Ao alto canto desta empresa dino;
 Já com todas as musas se aconselha
 Em que modo, em que som mais peregrino
 Cante teu nome: & como colhe a Abelha
 Da melhor flor o seu liquor diuino,
 Assi escolhe o melhor de Apollo, & Marte,
 Para mostrar ao mundo o grã DVARTE.

Tu por honra das Nimpbas tam fermosas
 Lilia, & Celia, que aqui são cantadas,
 De Falcino ouue as queixas amorosas,
 De Syluano ouue as rimas namoradas.
 E de Lilia, & de Celia desejosas
 De cantar sempre, & sempre aparelhadas
 Estão as Musas, & ellas inspirauam
 A Falcino, & Syluano o que cantauam.

N 3

Falci

SEGADORES.

S. *Quem te não ama, Amor, não te conhece.
Quem se queixa de ti, de todo he cego.
Com amor se semea, & madurece
O branco trigo, que eu cantando sego.
Com amor a agoa do Mondego cresce,
Com amor cantam Nymphas no alto pego.
Com amor cantarey os meus amores,
E vencerey cantando os segadores.*

F. *Quem a Amor chama amor, o nome lhe erra.
E he mais cego, quem lhe cego chama.
Frechas, & fogo que são senão guerra?
D'onde, senão dos olhos lança a chamã?
Não embebe tanta agoa a grossa terra,
Nem tanto a loura espiga a fouce chama,
Que eu mais agoa dos olhos não derrame,
E que mais polo Amor em vão não chame.*

S. *Se tu ô Celia aqui chegasses hora,
Logo eu deffes teus olhos esforçado
Mais feixes destes segarey num hora
Dos que Falcino tem hoje segado.
Não venbas, Celia, ah, não sayas fora.
Que arde o Sol muito, está o campo abrasado,
E inda o Sol arderá mais, em te vendo,
Que por te ver, se vay assi detendo.*

F.

EGLOGA X.

100

F. *Se aminba Lilia aqui hora viesse,
Não arderia o Sol quanto agora arde,
Que eu sei que antes os rayos encolhesse
Mudando a festa nua fresca tarde.
E que ant'ella a sua luz escurecesse.
Roga, Sylvano, ao Sol, q̄ hum pouco aguarde.
Verás, se Lilia vem, a differença,
Verás quem em amar, & em segar vença.*

S. *Pufme a olhar a menham como sabiã
Alua, & rosada, & tam resplandecente;
Eis que por outra parte aparecia
Celia, abrindo ao mundo outro Oriente.
Em quanto hũa fermosura, & outra via,
Conbeci a differença claramente.
Perdoay, disse, Estrellas radiosas,
Inda as cousas mortaes são mais fermosas.*

F. *Fugiome Alma, já o sey, pera a fermosa
Lilia, ali a acolheita tem segura.
Que fizera se branda, & se amorosa
Lilia lhe fora assi, como lhe he dura?
Ou se a não auisara que enganosa
De Lilia era aquella fermosura?
Ilabey buscar, & hey medo que fiquemos.
Lâ ambos. Dize, Amor, que aqui faremos?*

N 4

F.

SEGADORES.

- S. *Quem seu trigo semea em terra boa
Recolhe sempre o desejado fruto,
Quando Abril sua agoa branda coa,
E quando Mayo vem ventoso, & enxuto.
Não venha o mão Soão, que a espiga moa,
Nem muito frio o Sol, nem quente muito.
Assi a Amor tambem seus tempos vem,
E quem seus tempos lhe erra, não o tem.*
- F. *Eu semeey, Sylvano, em hora escura
Em parte, onde não choue, nem orualha.
Enganoume da terra a fermosura,
Nem semente colbi, nem grão, nem palha.
A Aristo nasce o trigo em pedra dura,
Que parece que ao vento o lança, & espalha.
Assi co Amor mais a ventura val,
O mal paga co bem, o bem co mal.*
- S. *Lilia fala, Amor está falando.
Lilia ri, Amor tambem está rindo.
Lilia chora, Amor está chorando.
Lilia abre os olhos, estão Amor abrindo.
Lilia canta, Amor está cantando.
Lilia vayse, vayse o Amor indo:
Nisto sô desconformam: Lilia he dura,
O Amor dizem que todo he brandura.*

Nes

EGLOGA X.

101

- F. *Nos cabellos de Celia o Amor se tece,
Nos seus olhos Amor seu fogo acende.
Amor na boca, & testa resplandece,
N'alua, & rosada face Amor se estende.
Amor nos brancos peitos, lhe adormece.
Em tudo nella Amor se ve, & entende.
Mil amores censigo Celia traz,
Quem Celia ouuindo, ou vendo terá paz?*
- S. *A Ceres he deuida a sementeira.
As Rosas ao verão: a Flora as flores
A Bache a vida: a Pallas a Olineira.
A Abril o verde prado: a Mayo as cores.
A Lilia a fermosura verdadeira.
A Lilia as graças, a Lilia os Amores.
Os sospiros, & as lagrymas em sorte
A Amor couberão: & a mi, por Lilia, a morte.*
- F. *O Sol o inuerno, o Sol o verão traz,
O mesmo Sol a noite, o Sol o dia.
Assi Amor faz guerra, Amor faz paz:
O mesmo Amor tristeza, & prazer cria.
O Sol a calma, o Sol a chuua faz,
O mesmo Sol a terra aqueyta, & esfria:
Assi agoa co fogo ajunta Amor
E lagrymas mistura, riso, & dor.*

S.

SEGADORES.

S. *Se lagrymas não foram todo ardera,
E se não fora o fogo, todo em agoa
Por ti, ô Lilia, já me desfizera,
Assi por ti sou Lilia viua fragoa.
S' Amor a hum contrario outro não dera,
Quem tanto ardor sofrêra? quê tanta agoa?
Assi co agoa, & co fogo sou mais forte,
Assi passo por ti dobrada morte.*

F. *Tu passas, ô Cygarra, a sésta ardente
Cantando à sombra dessas verdes ramas.
A noite fria dormes docemente;
Não te queixas d' Amor, nem seu bem amas.
Viues cantando, & como quem não sente,
Cantando morres, & tua morte chamas.
Ô ditosa Cygarra, se tu amasses,
Eu sey que nem dormisses, nem cantasses.*

S. *Quando mostrarte quero o pensamento
Lilia, que n' alma escondo, & o que queria;
As palauras se vão da boca em vento,
E de hum mortal suor a alma se esfria.
Arço por ti, & em vão mostralo tento.
Mas bem to mostra a minha couardia.
Se me calo, os meus fogos são mais fortes,
Assi mouro por ti, Lilia, duas mortes.*

Pasto

EGLOGA X.

102

F. *Pastores, buscaes fogo? vinde aqui,
Que mais fogo quereis, que o q̄ staes vendo?
Fogo sou, desque a branda Celia vi:
Et tudo quanto toco em fogo acendo.
Acendey vossas iscas, & fugi:
Não vos chegueis a mim, que ireis ardendo.
Arderá, se o tocar, o bosque logo.
Fugi, que quanto vejo, be calma, & fogo.*

S. *Falcino, a voz, & a fouce te enfraquece.
A ordem de segar leuas errada.
A espiga, que ante os pés se te offerece
Deixas, & segas a que está arredada.
A mão te treme: o rosto amarelece.
Hum rego mal segaste, do outro nada.
Vayte à sombra, Falcino, vayte ao rio.
Que eu segarey cantando ao Sol, & ô frio.*

F. *Bem podes tu vencer na fouce, & braço,
Mas serás no amor de mim vencido.
Esses erros, Sylvano, eu não os faço,
Que não trago na fouce o meu sentido.
Mas tu, a quem Amor dá tanto espaço,
Não tens jornal tam grande merecido.
S' eu hoje Lilia virá, eu sô segára,
Sem descansar, outra mayor seâra.*

Erguei

SEGADORES.

*Erguei-vos já ô fracos segadores,
Que jazeis ategora â sombra fria.
Vinde ver como segam os amores
Na môr força da calma ao meo dia.
O doce Amor! quem sofre teus ardores,
Como do sol o ardor não sofreria?
Amay, amigos, seruosha proueito.
Tereis o corpo ao sol, & â neue affeito.*

ANDROGEO.

EGLOGA XI.

Este ultimo fauor sô me concede
Rustica Musa, & dame hum nouo canto,
Qual mex amor, a meu Androgeo pede.
A Androgeo meu, que eu amo, & me ama tanto
Meus versos dou: Filis fermosa os lea:
Filis de Androgeo abraude o fogo, & o prãto.
Lêue ao mar clara, & doce sempre a vea
O Tejo, em quanto eu canto, & onda salgada
Não toque em sua dourada, & branca area.
Filis cruel, de Androgeo tam cantada.
Filis cruel, de Androgeo viua morte,
Tè quando queres ser em vãõ chamada?

Amor

EGLOGA XI.

103

*Amor nesses teus olhos se fez forte.
No brando peito teu pos sua dureza:
Qual pôde ser do triste Androgeo a sorte?
Em outro mundo, em outra natureza
Viues, outro ceo ves, outras estrellas,
S'essa ingraticidãõ chamas fortaleza
Olha, Filis fermosa, as Nymphas bellas,
Que não desprezam sempre os seus Pastores,
Que lbes tecem, & lbes dão frescas capellas.
Porque cria Abril beruas, Mayo flores,
Porque correm, ô Filis, agoas claras,
Se tu tês por vãos sonhos bons amores?
Tu desprezas Amor, tu desemparas
Assi, cruel, quem te ama? ah Filis dura!
Quanto outra foras, se tu em vãõ amãras!
Não basta ô Filis essa fermosura?
Não deesses olhos teus o rayo claro?
Não deessa neue a tam rara brancura?
Inda a quem te ve queres que mais caro
Custe sua morte? & porque o desesperes
Que em ti, nem no Amor mesmo ache emparo?
Filis, ou tu com as frechas do Amor feres.
Ou fere o Amor cos teus olhos fermosos.
Porque inda mais dureza ajuntar queres?
Ah mouãnte, cruel, os saudosos*

Gri-

ANDROGEO.

Gritos, ab mouante os suspiros tristes,
 Que não ousam mostrarse inda queixosos.
 Dizey montes, & valles o que ouuistes:
 (Inda o som doce pelos ares voa)
 Dizey qual aqui o triste Androgeo vistes,
 Teu nome, que tam alto ao longe soa
 Na doce voz de Androgeo, & doce cana,
 Por quem tua fermosura se pregoa,
 Teu raro sprito alçado em mais que humana
 Voz, que amor cria, & espanto em toda parte,
 Porque a quem tambem o canta tanto dana?
 Filis, do meu Androgeo a melhor parte
 Me tens roubado, & tu desconhecida
 Vences inda em dureza ao brauo Marte.
 S'algũ'hora acertou de fer ouuida
 De ti sua voz tam branda, ou se algũ'hora
 Viste do mortal rosto a cor perdida,
 Verias bẽm, ô Filis, que não chora
 A sua morte Androgeo, pois que te ama,
 Mas a dor de deixar de verte hũ'hora.
 Ditosa a morte, por ti, Filis, chama,
 Os Pastores lhe chamam desditosa.
 Filis cruel! que tal amor desama.
 Vem o agreste Pan triste, & choroso
 As fronte de pampilhos coroado,

An

EGLOGA XI.

104

Androgeo, de quem andas, diz, queixoso?
 De ti te queixa sô, ou do teu fado.
 Amor effas tuas lagrymas não sente,
 Que nos olhos de Filis ves armado.
 Nem lagrymas a Amor, nem a corrente
 Ribeira farta o prado, nem a Abelha
 O alecrim, nem sol, & agoa a semente.
 Vem outro, chora; vem outro, aconselha.
 E tu, Androgeo, estás em teu perigo,
 Qual ante o Lobo a paciente Ouelha.
 Veo Venus, sorrindose consigo,
 O riso he falso, esconde a dor no peito.
 Androgeo, diz, consolate comigo.
 A quem deuia Amor ser mais sogeito
 Androgeo, que a mãy sua? pois tu sabes
 Quanto mal o seu arco me tem feito.
 Bem he que com tuas Musas não te gabes
 Que resististe a Amor, a quem deuendo
 Ficas, que em tal amor, Androgeo, acabes.
 A Venus o Pastor olhos erguendo:
 Mãy cruel, diz, de filho tam cruel,
 Quam leda estás a minha morte vendo!
 Nem para si a Abelha faz o mel.
 Nem para si a Ouelha sua lam cria,
 Nem para si Amor he amor, mas fel.

Mas

ANDROGEO.

Mas pois est' alma a Filis se deuia,
 Filis aguarde: Filis em si a tenha,
 Que essa he na morte a sô minba alegria.
 Venham aqui Pastores sempre, venha
 O meu Alcippo; a fermosura cantem
 De Filis, porque a vida inda sostenha.
 E cortem versos, que soem, & espantem
 Quantos despois vierem, vindo a crua
 Morte de Androgeo; & quem os ler, encantem.
 Filis, eu morrerei: serâ essa tua
 Vontade feita, verâ o que deseja.
 Se mal o Amor me mata, a culpa he sua.
 A todos encuberta, & que se veja
 Do triste Androgeo a triste sepultura
 Nesta terra, que pisas, Filis, seja.
 Filis, tu a pisas, não me serâ dura.

NATAL.

EGLOGA XII.

Ao Duque d'Auciro D. Ioão.

SE Pastores de Deos foram ouvidos,
 De quem poderã já ser desprezados,
 Clarissimo Senhor? bem recebidos
 Sejam estes de ti, de quem cantados

Teus

EGLOGA XII.

105

Teus feitos virâm ser, que engrandecidos
 Deixarã nossos tempos, se seus fados
 Chegarem a tanto bem, tu lhes darás
 Nouo sprito, voz noua, em que soarás.

A Deos cantam seus versos em memoria
 Da honra, que hoje lhes fez; honram seu dia:
 Ditofo dia, em que se vio a gloria
 Dos ceos na terra, & em ambos alegria,
 Deuiase outro verso a tal historia.
 Mas quem igual no mundo lho daria?
 Não bastarã cantar Poetas mil.
 E Deos ouue hoje a frauta pastoril.

Ioão. Serrano. Castilio.

Pastores, a quem hoje o grã MININO
 Deos, & homem, IESV se descobrio,
 Cantay com nouo sprito, & som diuino.
 Em vos, ô felicissimos, se vio
 Quam baixas saõ a Deos as cousas altas,
 Quam alta a humildade, & onde a subio.
 Senhor, que por perdãõ de nossas faltas
 Deceste hoje dos ceos, & a baixa terra
 Sobre todos os ceos pões, & exaltas,
 Senhor, que por sô paz de nossa guerra
 Vens alegre morrer, amor, & paz

Nos

Nos inspira, & perdoa ao mundo que erra.
 Cantay, Pastores, cujo canto apraz
 Aquelle grã MININO eterno, & sancto,
 Que hoje em presepe entre dous brutos jaz.
 Tu Castilio primeiro, siga o canto
 Serrano. Eya Pastores, começay;
 Cantay a Deos tal gloria, ao mūdo espanto:
 C. Vem, grã MININO, Deos, & homem say
 Noua, & diuina luz alumiar
 O cego mundo, que perdido vay.
 S. Vem cordeiro de Deos, vem nos lauar
 Com teu sangue inocente, & os mãos enganous
 Do falso mundo vem desfenganar.
 C. Vem profecia já de tantos anos,
 Esperança de justos, que te creram
 Sem te ver, a curalos de seus danos.
 S. Ditofas almas, que te conbeceram.
 Ditofas bocas, que de ti falaram.
 Ditofos liuros, que de ti se encheram.
 C. Ditofos são: mas mais os que adoraram
 Ham MININO por Deos, sô nu, chorando,
 Que entre animaes em palha enuolto achârao
 S. ô sanctas mãos aquellas, que tocando
 Estaõ a Deos! ô claros olhos sanctos,
 Que em taes trevas, ta luz estaõ olhando.

C.

C. Aja nos altos ceos, na terra cantos
 De gloria, & paz; alegrate ô inferno,
 Não aja agora em ti dores, nem prantos.
 S. Ia se mostrou ao mūdo o VERBO ETERNO
 Filho de Deos, já nos nasceo, já chora
 MININO descoberto ao frio inuerno.
 C. Não em leito real nasceo, não mora
 Em paços de soberba, & de vam gloria,
 Em feno jaz, ali o bruto o adora.
 S. ô gloriosa noua, ô alta historia!
 Ditoso o tempo, em que à terra o ceo veo,
 E ditosos os que honram tal memoria.
 C. Este a terra fundou, & pos no meo
 Dos ceos, criou o Sol, a Lua, & estrellas,
 Este he, de quem o mundo todo he cheo.
 S. Este o homem formou de nada, & as bellas
 Cousas todas, que vemos, fogueitou
 A seu pés, como proprio Senhor dellas.
 C. Por elle reinam Reys, elle criou
 A mesma Mã, que o cria; O marauilha
 Grandel era virgem, virgem, & may ficou.
 S. ô MARIA ditosa, mã & filha
 De Deos, esposa, & serua, hoje pariste
 Deos teu pay, teu Senhor, que ati se humilha
 C. ô MARIA ditosa, pois já viste

02

0

NATAL.

- O fruto do teu ventre promettido,
 O que Eua nos tirou, restituiste.
- S. Onde quer que teu nome for ouuido,
 Tudo se alegre, todos lédos cantem.
 Seja nos ceos, & terra engrandecido.
- C. Teus segredos se cream, inda que espantem
 A Quem os não entende, Deos os faz,
 A Deos por ti as almas se leuantes.
- S. Mor milagre, mor proua hi, onde jaz,
 Faz teu filho, & de Deos, que se pomposo
 Viera, ali Pastores, & Reys traz.
- C. Rey, que sentado estás no precioso
 Estrado d'ouro, & prata, olha a pobreza
 Do teu Rey, do teu Deos tam poderoso.
- S. Hoje se desprezou tua riqueza.
 Hoje sô se abateo teu alto estado.
 Todo mando ante Deos he grã baixeza.
- C. Quem vio hoje hum pastor tam leuandado,
 Que ve, & fala com Deos, porque confia
 No que tanto dos ceos foy desprezado?
- S. ô. rico estado aquelle, em que se fia
 Seguramente hũa alma! aquelle he Rey
 Que liure bebe o leite, & agoa fria.
- C. Sô alto, sô ditoso chamarey
 Quem desprezando a baixa, & pobre terra,
 Aos

EGLOGA XII. 107

- Aos ceos seus olhos ergue, este honrarey.
- S. O Pastores ditosos, que da guerra
 Do mundo estaes tam liures, & dormis
 Seguramente em valle, em campo, em ferra.
- C. ô Pastores ditosos, que fugis
 Da fortuna, de inimigos, & seguros
 Pisando esta herua verde aos ceos vos is.
- S. Em choupanas viuey, os altos muros
 Deixay quem se teme: Deos vos ama,
 Dãuos frutos gostosos, sãos, maduros.
- C. Hoje quis Deos tomar a vossa cama
 De palha, & feno: dormi meus Pastores
 Seguros nella. a vos primeiro chama.
- S. Ajuntayuos aqui vos Lauradores,
 Que a terra reuolueis co arado duro,
 Chamayuos hoje Reys, & Emperadores.
- C. O rico desprezay, se o peito puro
 Não têm, se mais seu ouro, que a Deos ve.
 Humilde he vosso estado, mas seguro.
- S. Os que hi por Deos te adoram, Deos lhes de,
 MININO, grossos campos, bons pascigos,
 Sequense à gente mã, que te não cre.
- C. Aos teus Pastores entre sy amigos
 Corram as agoas claras, corram rios
 De puro leite, sequense ôs inimigos.

NATAL.

S. Pastores Christãos sois, não sois gentios,
 Filhos de Deos, irmãos de Deos pou pay
 Vosso sangue, de que já andaes vazios.
 C. Pastores, que chamaes ao grã Deos pay,
 Hoje irmão se vos fez, paz, & irmãdade
 Vos trouxe, & vos deixou, tal dom guarday.
 S. Torne este nosso tempo àquella idade,
 Que tudo era sam paz, & puro Amor,
 Sem meu, sem teu, sem muros, sem cidade.
 C. Tu, nosso bom loã, merecedor
 Eras daquelle tempo, & de outro estado.
 Digno tambem de ti, tempo melhor.
 S. Tu, nosso bom loã, seràs alçado
 Onde o sprito te leua, que conhece
 O bem do campo, & foge o pouoado.
 I. Amigos meus, tal canto não merece
 Meu nome; a Deos cantay, & assi cantando
 Vamos, em quanto o Sol desaparece.
 Olhay como esta voz, que imos soltando
 He doce, & alegre! olhay como responde
 Tam clara a este verso Eccho, & o vai entoãdo!
 Nouos versos cantay, nouos componde.
 Temperay vossas Cannas docemente.
 Deos volas onue, a Deos nada se esconde.
 Gloria nos ceos lhe seja, & Paz à gente.

Epi-

AOS PRINCIPES DE PARMA. 108

EPITHALAMIO

AO CASAMENTO DA SE-

nhora D. Maria, com o Senhor
 Alexandre Farnes, Prin-
 cipe de Parma.

E Staua Amor seu arco guarnecendo,
 Em nouo fogo as sêtas temperando,
 Cercado dos Amores, hūs tecendo
 A corda, outros a aljaba cruel dourando.
 Pelos floridos prados vaõ colhendo
 Outros mil flores, sô de Amor cantando,
 Mil flores, que todo anno ali florecem,
 Das quaes ó filho, & à may capellas tecem.

Nunca vistas no mundo, nem cheiradas
 As flores são, que Amor pera si cria,
 D'huãs o liquor faz, em que apuradas
 As sêtas ficam, quando as elle afic:
 D'huãs o liquor frio, em que banhadas
 As outras são, quando as do fogo esfria,
 Em todas cruel, em todas espantoso.
 Inda mais nas segundas temeroso.

04

Ar

EPITHALAMIO.

Ardem duas forjas; duas bigornas batem
 Não os feos ministros de Vulcano,
 Hũs fermosos Amores, que debatem
 Sobrẽ quem farã mais ao mundo dano.
 Ali os tiros, com que se combatem
 Os duros peitos, ali a arte & engano,
 Ali os desejos, & temores suam,
 Hũs coraçõs abrandam, outros encruam.

Tempẽra hũa agoa o chumbo, outra agoa o ouro,
 Escolhe Amor dos tiros quaes lhe aprazem.
 Aqui estã o seu poder, & seu thesouro,
 Aqui os vencidos seus despojos trazem.
 Hũs coroados vem de Myrtho, & Louro,
 Outros miseramente mortos jazem.
 Segundo a cada hum lhe coube em sorte
 Assim ou viue em gloria, ou viue em morte.

Entrou a mãy: & vendo assim occupado
 O filho em nouas setas, nouo fogo,
 Despois de o beijar, tendoo abraçado,
 Porque es, meu filho (diz) duro a meu rogo?
 Tẽ quando sofrerás tam desprezado
 Andar teu nome, & eu trazida em jogo?
 Para quem tomas arco, ou a quem te armas,
 S'õs teus mores inimigos dãs as armas?

Não

AOS PRINCIPES DE PARMA. 109

Não ves qu'hũa MARLA mais que humana
 S'estima? & quebra as setas, que apontaſte?
 Outra Pallas ao mundo, outra Diana,
 Que nunca a amor nenbum a sogigaste?
 Ou tu mesmo a temeste, ou se ella engana
 Co fauor, que tẽgora lhe mostraste;
 Assim soberba viue em meu despeito,
 E só Diana, & Pallas traz no peito.

Eu digo das duas filhas a primeira
 Do Iffante clarissimo excellente
 Da clara mãy imagem verdadeira
 Neta do Rey primeiro do Oriente.
 Porque não farás tu que tambem queira
 Acrescentar a luz resplandecente,
 Com que o mundo se faz mais rico, & claro
 Co fruito de tal tronco ao mundo raro?

Tambem te defendiam CATHERINA
 Clarissima Princeſa as castas Musas;
 Em cujo chõro d'alto assento dina
 De Minerua te dana mil escusas:
 Venceſte em fim aquell' alma peregrina
 Com a força, de que tu, se queres, vsas,
 Lã ao seu sangue o seu amor juntaſte,
 E daquelle alto sprito triumphaste.

Por

EPITHALAMIO.

Porque consentirás que assi te offenda
 Soberbamente a Irmã? meu filho estende
 Pelo mundo teu mando, não se entenda
 Que quando alguém quizer se te defenda.
 Porque tal falta em ti se não comprehenda,
 Afia a sêta, hum nouo fogo acende:
 Hum nouo fogo, que aquella alma inflame,
 E quanto ella he d'amar, tanto & mais ame.

Não negue ao mundo hũa esperança certa
 Que ja concebem do alto ajuntamento,
 Quando SEBASTIAM a porta aberta
 Mostrar das altas obras alto intento.
 Não sô com ajuda da fortuna incerta,
 Mas do grande DVARTE, & d'outros cento
 Do Real sangue, & das Irmãs se espera
 Descobrir ind' ao mundo hũa noua sphaera.

Que veja os altos Reys, & Emperadores
 Seu claro sangue, tam ditosas plantas,
 Que a terra enchêram de seu fruto, & flores
 D'altas victorias, & os ceos d'almas santas.
 E que seria o mundo sem amores?
 Donde tantos Herões, & donde tantas
 Clarissimas Princesas nasceriam,
 Quantas do Real tronco floreciam?

Assi

AOS PRINCIPES DE PARMA. 110

Assi Venus falou: se tardei tanto,
 (Responde o filho) ô mãy, foi por ter fejo
 D'inda não descobrir no mundo quanto
 Conuem para alta empreza, que eu desejo.
 Sempre me fez temor, & fez espanto
 Aquelle Real sprito, que inda vejo
 Fôra da geral sorte, altiuo, & puro,
 Frio a meu fogo, ás minhas sêtas duro.

Mas já tenho buscado, já sei onde
 Entregue seu amor deuidamente.
 Hum alto sprito achey, que bem responde
 Em tudo ao seu, em nada diferente.
 Em quanto o Sol descobre, a & noite esconde,
 D'hum polo ao outro, do Tejo ao Oriente,
 Não pôde auer de amor tal igualdade
 S'eu de duas fizer hũa vontade.

Là onde os rayos seus Apollo esfria,
 E da sua fermosura mais reparte,
 Hum fermoso, & Real Principe se cria,
 Em quem juntos se vem Apollo, & Marte.
 Seu alto estado tem na Lombardia.
 D'Alemanha gouerna a melhor parte,
 Do altissimo sangue diriuado
 Do summo Imperio, & môr Pontificado.

Caro

EPITHALAMIO

CAROLO Quinto a Mãe, PAULO Terceiro
 O pay, lbe daõ por seus progenitores,
 Dous Monarchas do mundo, hum verdadeiro
 Padre da Igreja, exemplo õs soçessores.
 Outro Maximo Cesar derradeiro
 Dos que bem parecêram Emperadores,
 D'OCTAVIO herdeiro, a que Parma, & Plazẽ
 Em Real trono daõ obediencia. (cia

Estbe o nouo ALEXANDRE, Real planta,
 E da casa Farnes alta esperança,
 Qu'indã tem com MARIA parte tanta
 Do seu sangue, que os pays, & auõs alcança.
 Deu ao mundo DVARTE a Rainha santa
 MARIA, & o nome à neta por herança,
 Maria, & IOANA irmãs os Reys d' Hespanha
 Nos deram, de Panonia, & d' Alemanha.

Filhos das duas Irmãs, Carlo, & Duarte:
 Hum MARGARITA deu, outro Maria.
 Margarita Alexandre, assi se parte
 O sangue entr'elles, & genealogia.
 Assi no mundo todo tem igual parte;
 Ambos netos de Reys sobrinho, & tia,
 Ambos dos Reys d' Hespanha os mais chegados,
 E d'outros Reynos, d'outros Principados.

Quan

AOS PRINCIPES DE PARMA. 111

Quando em moço as tres Graças o criauam,
 Differas elle hum ser destes Amores.
 Somente as leues pennas lbe faltauam;
 Arco, & coldre trazia, & passadores.
 Já com seu medo as aues não voauam,
 Cansa os monteiros, cansa os caçadores,
 Per brauas matas, pelos bosques altos
 Voar faz o ginete, & dar mil saltos.

Igual ao teu Adonis o fermoso,
 Quando, mãe, o seguias na montanha,
 Hora derriba o Porco temeroso,
 Hora do Lião vence a força, & manha.
 Tal ALEXANDRE a todos espantoso
 Já alegre Italia, & Austria, & Alemanha,
 Sprito generoso inuicto, & grande,
 Que nem perigo, ou medo ha, que o abrande!

Viueo sempre tequi liure, & seguro,
 Sem nunca conhecer meu senhorio.
 Escolhi do meu coldre hum aço duro,
 Inda o peito achey duro, & o achey frio.
 Apontei outro de metal mais puro
 Em nome de MARIA, & eis que hum rio
 Já d'amorosas lagrimas derrama
 Dos olhos, que não vem inda quem ama.

Espan

EPITHALAMIO

Es­pantado entre si da for­ça noua,
 Es­pantado do fogo, em que a alma ardia,
 Hora ja hum exercicio, hora outro proua
 Por enganar, se pode, a fantesia.
 Elle se engana, a chaga mais renoua,
 A chaga, que abrio o nome de MARIA.
 MARIA chama, Maria, ah sospira.
 E para onde o Sol dece os olhos vira.

Quem fez hũa ferida tam secreta
 Neste meu peito? (diz o moço ardendo)
 Em que esphera, em que ceo, em que planeta
 Está este fogo nouo, em que me acendo?
 Senti o golpe duro, não vi a seta.
 Nunca amor entendi, agora o entendo.
 Chegoume a suauissima peçonha,
 Em qu' alma viue morta, & esperta sonha.

Ditosa vida, Amor, ditosa morte,
 Ditoso este meu fogo, & meu cuidado;
 Mais ditoso meu fado, & minha sorte,
 S'em ti me tinha tanto bem guardado.
 Empréstame essas asas, com que corte
 Este ar, que me tem cá eclypsado
 O meu dia, & meu Sol, que do Occidente
 Me abre hum nouo, & lúcido Oriente.

Ah

AOS PRINCIPES DE PARMA. 112

Ah triste! quanto mar se mete em meo!
 Quanto ceo entre mim, & o meu desejo!
 Quanto mais cresce o amor, cresce o receo
 De nunca ver hum bem, que eu mais desejo.
 Porque arte poderia, ou porque meo,
 Assim como arco cá por quem não vejo,
 A meus olhos fazer caminho aberto,
 Que de tam longe me possessem perto?

Nestas amiginações se consumia
 Aquelle sprito, & todo em amor brando;
 Nos retratos occupa, noite, & dia,
 Mas mais viua em sua alma a está pintando.
 Tanto pode a alta fama de MARIA!
 Tanto as Graças, & as Musas vão cantando
 Dos doês, que nella o ceo largo reparte,
 Que eu cuido, que fui nisto a menos parte.

Ajuntar quero, Mãe, estes amores.
 Tu ajuda tambem: assi o céu manda.
 Cá os suspiros ouço, & sinto as dores
 De quem tam longe lá a sua alma manda.
 De Myrtho coroada, & de alvas flores
 Venus o ceo serena, o vento abranda.
 Ambrosia os seus cabellos spirauam,
 E quanto os olhos viam, namorauam.

A

EPITHALAMIO

Ajunta ao carro os brancos Cisnes logo,
As ondas de Neptuno vay cortando;
Ardem as agoas em amoroso fogo,
D' Amor brandas Sereias vão cantando.
Os Amores em riso, em festa, em jogo
As Nereidas de flores coroando,
Mandam que no mar façam noua estrada,
E as ondas amansem à tornada.

Chegãra já a MARIA a clara fama
D' aquelle Real Príncipe deuido
Em tudo a seu amor, inda o não ama,
Mas já seu nome he della bem ouuido.
Assi d' ambos a Estrella os leua, & chama
Ao bem, que a ambos lhes tem Deos prometido,
A branda Deosa, que ella não conbece,
O peito brandamente lhe amolece.

Quantas vezes aos olhos lho presenta!
E quantas vezes suas grandezas canta!
Hora por hũa via, hora outra atenta,
E já a novos cuidados a leuanta.
O pensamento engana, a alma contenta.
E ella do que em si ve se peja, & espanta.
E quando mais duuida, & mais se enlea,
Então Amor espia, então saltea.

Forja

AOS PRINCIPES DE PARMA. 113

Forjava em tanto hũa sêta venenosa
Amor, & por sua mão lhe pos a berua,
Tres vezes a bambou n' agoa amorosa,
Tres vezes por sua mão lhe pos a herua.
Ali s' esconde a chãma deleitosa,
Que cria amor, do desamor preferua.
Todo inflamado em fogo se arma, & voa,
Ardendo fica o ar, & o coldre soa.

Clarissima MARIA, olha que se arma
O Amor contra ti, ati vay voando:
Alexandre, Alexandre, Parma, Parma
Os Amores com elle vão gritando.
Aqui não ha defensa, aqui não ha arma,
Obedece a quem vay ja triumphando
Desse teu puro peito tam benigno
De que ALEXANDRE sô pode ser digno.

Pos toda a força Amor no arco, & tiro:
Soou o golpe, & ao defarmar o estalo,
Elle ouviu hum brandissimo sospiro,
Que declarou o mais, que eu hora calo.
Venceo, & retirouse: & en me retiro,
Que não sey o que escreuo, nem que falo.
Digao Amor, que a tudo foy presente,
E digao quem o encobre, & quem o sentê.

P

Vem

EPITHALAMIO.

Vem o Hyminéo nũa mão a facha acesa,
 N'outra o anel do sancto ajuntamento.
 Vergonhosa, & contente está a Princeza,
 Contente, & honesta dá o consentimento.
 Eila em noua prisão, mas doce presa,
 Vese em seu rosto seu contentamento.
 E entãõ mais resplandece a fermosura,
 Que tam longe acendeo bũa chãma pura.

Batendo vay as asas a Alegria
 A Real casa de prazer enchendo.
 Naquelle grã cidade não cabia
 O aluoroço do bem que estam vendo.
 Viua ALEXANDRE, diz, viua MARIA,
 Assi do Tejo ao Nilo vay correndo.
 Recebe todo o mundo a alegre noua,
 Alegre o mundo o louua, o ceo o aprona.

Festeja o grande Rey sua tam amada
 Tia, & mostra de amor aberto o peito;
 D'altissima Raynha acompanhada,
 Que por filha a estima em seu conceito.
 Por quem podia ser feita, & tratada
 Obra tam santa, tam illustre feito,
 Senão por ti HENRIQUE Iffante santo
 Honra, & ornamento do purpureo Manto?

Vem

AOS PRINCIPES DE PARMA. 114

Vem as Nymphas do Tejo tomar parte
 Da alegre festa, & suas danças guiam.
 Com sua fermosura, graça, & arte
 Venus, Graças, & Amores desafiam.
 As Nymphas fauorece o grã DVARTE.
 E as Nymphas parecia que venciam;
 Nascem bandos de Amor, & do seu fogo,
 Mas todos são de amor, de festa, & jogo.

Ali os dons clarissimos Senhores
 Luz, & esperanca â casa Real d'Aueyro,
 Leuam d'alegre festa mil lounores
 Por juizõ das Nymphas verdadeiro.
 Ali amores se trocam por amores.
 Digao Amor, que estaua no terreiro,
 Quantos fogos ali entãõ se esfriãram,
 E quantos outros novos se criãram.

Neste geral prazer já vejo magoas
 Lá mil lagrymas vejo saudosas.
 Eis que cortando vem salgadas agoas
 Armada frota, velas amorosas.
 Ardẽ d'hũa parte, & d'outra em viuas fragoas
 Duas almas, hũa d'outra, desejosas.
 Triste de quem sua alma parte, & arranca,
 E dos olhos as fontes não estanca!

P 2

Clari-

EPITHALAMIO

Clarissima ISABEL, Princesa santa,
 De diuinas virtudes raro exemplo,
 Ditosa mãy de tam ditosa planta,
 Aquem a antiga Roma erguera hum templo:
 Quanta alegria, & saudade quanta
 Igualmente hora em ti juntas contemplo!
 Mas alegrate mais, pois que ja viste,
 E inda verás mais bens, que òs ceos pediste.

Venus com aquella alegre companhia
 Já prestes tem o seu carro fermoso,
 Configo em seu assento poem MARIA
 Saudosa da mãy a leua ao esposo.
 Ao Rey, à mãy, à patria se deuia
 Aquelle sentimento piadoso.
 Mas entre tanto os Cisnes vão nadando.
 E as lagrymas o Amor vay enxugando.

Sae sobre agoa Neptuno, honra, & obedece
 A neta do grã Rey, que o mar abrindo
 Lhe mostrou nouo mundo, & lhe offerece
 Manso todo seu reyno & a vay seguindo.
 De dia o Sol, de noite resplandece
 A clara Lua, a noite descobrindo,
 Quantos MARIA vem, se alegrã & espãtam
 Nereydas, & Tritões; & assi lhe cantam.

Nerey

AOS PRINCIPES DE PARMA: 115

Nere. Amor, & que cousa ha tam fera, ou crua,
 Que a filha à mãy arranques do seu seo,
 E faças que já mais não seja sua,
 E assi a entregues em poder alheo?
 Como es Amor, se esta cruz a he tua?
 Que mais faz o inimigo de ira cheo?
 Na entrada cidade a saco dada?
 Boa estrella te leue, hora dourada.

Trit. Amor, & que cousa ha mais piadosa?
 Que o puro amor, com outro puro pagas,
 E o doce fogo da chamma amorosa
 Com outro fogo, & doce chãma apagas;
 E que força he que a esposa vergonhosa
 A mãy a tomes, & ao esposo a tragas?
 Que mor bem ha, que hũa hora desejada?
 Boa estrella te leue, hora dourada.

Nere. Como o lyrio fermoso no cerrado
 Florto, co brando sol, co orualho crece,
 Nunca o gado o tocou, Pastor, arado,
 Sombra, ou geada, ou vento não lhe empece.
 Das moças he, & dos moços desejado,
 Mas se o mão toca, seca, ou s'emmurchece.
 Tal he a Dama antes que he casada.
 Boa estrella te leue, hora dourada.

P 3

Trito

EPITHALAMIO.

Trit. Como, a Vide, que só nasce em deserto
 Nunca já s'ergue, nunca fructo cria,
 Cortada cãe do frio, & ceo aberto,
 Nem Laurador a laura nem queria.
 Mas se for junta a Ulmo, que está perto
 Lá o Laurador a quer, já a Lauraria.
 Tal he a Dama, despois que he casada.
 Boa estrella te leue, hora dourada.

Nere. Leue o esposo a esposa promettida.
 Quem lba pôde negar? quem tal consente?
 Quem pode, a prometteo; he lbe deuida
 Afilha à mãy, & Amor obediente.
 Ajuntense duas almas nãa vida,
 Este o principio foy da humana gente.
 A cada hum sua estrella está guardada.
 Boa estrella te leue, hora dourada.

Trit. Viuey Principes altos, cedo vejam
 Os olhos, que vos amam, o que esperam.
 Day Principes ao mundo, que o bem rejam,
 Quaes já vossos aúds, & pays lbe deram.
 Outros Manueis & outros Carlos sejam,
 Honra do mundo, quaes aquelles eram.
 Serã de vós sua alta estrella herdada.
 Boa estrella vos leue, hora dourada.

Lã

AOS PRINCIPES DE PARMA. 116

Lã te leuam, Senhóra, forças grandes.
 Não valem, contra Amor nenhũs reparos.
 Mas môres foram as forças, que de Frandes
 Acenderam em ti fogos tam claros.
 Sempre de ti alegres nouas mandes.
 Sempre conformes sede spritos raros,
 Almas ditosas, almas bẽm trocadas.
 Em versos immortaes sejaes cantadas.

HISTORIA DE
 S. COMBA DOS VALLES.

A D. IORGE MARQUES DE
 Torres Nouas, & a D. Pedro Di-
 nis seu irmão.

DO barbaro Tyranno os crueis amores.
 A alta constancia da Pastora santa
 Honra da serra, gloria dos Pastores
 Humilde, & alegre minha Musa canta:
 Altos Heróas, Reys, Emperadores,
 Cujã soberba fama o mundo espanta,
 Confessem quanto menos he sua gloria,
 Da que COMBA ganhou em tal victoria.

P 4

Vos

Vos castissimas Nymphas de Diana,
De Louro, Palma, & flores coroadas,
Em quanto de Hyppocrene a fonte mana,
Ede COMBA as victorias faõ cantadas,
(Nãõ vos inuoco a fabula profana)
Cõ as Musas em choréas concertadas
Cantay comigo: & dayme hũa voz, que soe
Por todo mundo, onde COLOMBA voe.

Clarissimos Senhores verdadeiro
Ramo do Real tronco, & lume nouo
Dessa casa illustrissima d' Aveyro
Irmaõs iguaes àquelles de hũ mesmo Ouo:
Qu'inda estrellas fereis no derradeiro
Ceo Impirio: a quem de amor me mouo,
Posto que indigno de chegar a tanto,
Offerecer meu baixo, & humilde canto.

Quando hũa hora virã, que algũa parte
Do muito, que de vos o mundo espera,
(Que a tudo nenhum ingenho basta, ou arte)
Cante, que se ouça desta à outra sphaera.
Quando vos coroará por sua mão Marte,
E que eu de Phebo coroado de Hera
Faça que mais que em ouro, marmor cedro
Viã o grande IORGE, & o grãde PEDRO.

Ouui

Ouui da Virgem sancta o claro feito,
Vede d' Amor os tiros desprezados,
Sua aljaba quebrada, arco desfeito,
Seus temerosos fogos apagados.
D'hum brando, virginal, pastoril peito
Foram dous mãos Tyrannos triumphados,
Hum Cupido peruerso, outro hũ Rey Mouro
Que seu intento punha em força, & em ouro.

Nãõ tem forças Amor, que nos lhas damos.
Temer se faz de nossa couardia,
Nos do seu fogo, & sêtas o armamos,
Nos lbe damos do mundo a Monarchia.
Ah quam mal a vontade catiuamos
A quem de si nãõ tem força, & valia!
S'a experiencia pôde fazer proua,
Nem derradeira esta he, nem serã noua.

No tempo, que a infiel barbara gente
Da misera Hespanha occupaua a terra,
E o sangue derramaua cruelmente
Dos poucos, que escapãram da impia guerra,
Hũa moça bellissima, & innocente
Passaua a vida na mais alta serra,
Que entre Tamaga, & Tua hoje parece,
Onde o Sol, em nascendo, resplandece.

Em

HISTORIA

Em braua fraga, & penedia dura
 Andaua a moça o gado pastorando,
 Nada do mundo sabe, & nada cura,
 Aos ceos o sprito, & olhos levantando.
 Maior que humana he sua fermosura,
 Que os Tygres, & Liões vay amansando;
 E para onde quer q̄ olha o Tojo, & Cardo
 Em flores se conuertem, em Lyrio, & Nardo.

Em seus olhos se via huã gravidade,
 Que até as Féras mouia a acatamento,
 E no fermoso rosto huã magestade,
 Que indicio daua d'alto nascimento.
 Cabellos douro, na florida idade,
 Nem sol a queima, nem a corta o vento,
 Prudencia de Serpente, & o dom da Pomba
 Lhe deu entre todos nome de **COLOMBA**.

Nem tal Diana foy, nem tal Minerua,
 Nem tal pareceo Venus a fermosa.
 Ond'ella quer, ali a fresca herua
 Nasce, & huã fonte clara & graciosa.
 Qual na montanha a fugitiua Cerua
 Dos crueis caçadores temerosa
 A cada sombra, a cada vento treme,
 Tal a Pastora o mundo foge, & teme.

Quantos

DE S. COMBA.

118

Quantos cuidados vaõs, quantas vãs dores,
 A que sempre mostrou surdos ouvidos;
 Criaua entre Pastoras, & Pastores
 De ciumes, d'inueja, & amor nascidos!
 Chea erã a serra de competidores,
 Cheo todo ar de queixas, & gemidos,
 Cheo das frautas, que só **COMBA** soam.
 Ouneas o vento, & assi co vento voam.

Ab qu'outro pensamento, outro cuidado,
 Outros amores guarda **COMBA** n'alma.
 I, Pastores, curar do vosso gado,
 Fugi da noite o frio, & do Sol a calma.
 Outrem lhe tem o seu amor roubado,
 Que huã coroa lhe darã de palma,
 Sois rusticos, sois baixos, sois indinos
 D'olhados serdes d'olhos tam diuinos.

Não se temia a moça das requestas
 Vãs dos pastores, que passaua em graça.
 Via seus baylos, via suas festas,
 Mas nada qu'em seu peito assento faça.
 Temia mais os montes, & as florestas,
 Onde o Rey Mouro sempre andaua à caça,
 Que sô sem sua vista, da sua fama
 Por ella ardia em amorosa chama.

Conta

HISTORIA.

Conta-se que reynaua hum grã Rey Mouro
 Entre Tamaga, & Tua, & que occupaua
 Toda a terra de Lamas, rica d'ouro
 Rico do grosso gado, que criaua.
 Em cada serra tinha hum grã thesouro
 Junto do muito, que ôs Christãos roubaua,
 Eram os lauradores seus catiuos,
 Sô por este Tyranno os deixar viuos.

Foy o cruel pagaõ, & monstruoso
 (Segundo aquellas gentes fama daõ)
 Grande, membrudo, & como vffo velloso,
 E hũa orelha d'Asno, outra de Caõ.
 A todos feo, a todos espantoso,
 Chamado era de todos Orelhaõ.
 Pode com tudo Amor por sua brandura
 Naquella fera monstruosa, & dura.

O que de gado tinha, & de riqueza
 Mandara prometter à Virgem santa,
 Que Raynha a fará, & em grand'alteza
 A porã, qual nunca outra teue tanta.
 Tanto mais cresce a ira, & a pureza
 No peito constantissimo, & o leuanta
 Mais firme ao ceo, temendo em toda a parte
 Que ou por força lha leuem, ou por arte.

Chora

DE S. COMBA.

119

Chora a Pastora, chora seu perigo:
 Mal passa a noite, pior passa o dia.
 Não sabe onde terá seguro abrigo,
 Mais que o seu gado, sobre si vigia.
 A cada tronco, ou pedra ve o imigo.
 Das sombras, & dos ventos se temia.
 Não que tèmor da morte a tente, ou torça,
 Mas porque teme do Tyranno a força.

No mais alto da serra, no mais duro
 D'hum moço seu Irmaõ acompanhada
 Fazendo da montanha forte muro,
 Toda andã em seus amores enleuada.
 Leuayme, meu esposo, deste escuro
 Bosque (cantaua) ond'ando salteada.
 Chamay a vossa esposa, que vos ama,
 Por vòs suspira, a vòs sô chora, & chama.

Ay amor meu, ay saudade minha,
 Ô minha desejada fermosura!
 Se pera vos eu ver, senhor, conuinha
 Passar perseguição tam forte, & dura:
 Inda me softerã, quem me sostinha:
 Vosso amor sô me esforça, & me assegura.
 Doce por vòs me he a asperezã, & a serra,
 Tê que me deis victoria desta guerra.

Que

HISTORIA

*Qu'hymnos vos cantarey, ou que lououres
 Nouos, meu alto esposo, & meu senhor,
 Que hũa moça criada entre pastores
 Quifestes catiuar ao vosso amor?
 Ah dita minha grande! ah meus amores,
 Promettido vos tenbo fruito, & flor;
 Não sou minha, meu Deos, toda sou vossa.
 Fazey que pera vós guardar-me possa.*

*Isto COMBA cantaua; o Irmão tangia.
 Em ambos hũa alma ha, pura, & singella.
 Hora hum começa, hora outro respondia:
 Diuinas vozes eram delle, & della.
 Ditoso gado, que a tal som pascia!
 Ditosos olhos, que podèram vella!
 Lionardo as mais das vezes guia o gado.
 Ella enleuada fica em seu cuidado.*

*Cresce em tanto o fogo, em que o Mouro arde
 Quanto mais se ve della desprezado.
 Não ha passo, nem fonte, que não guarde,
 Noite, & dia vigia, & anda emboscado.
 Hum sô momento lhe parece tarde
 De a ter consigo, ou de se ver vingado,
 Que tal o seu desejo, & seu amor era,
 Qual entrar pôde em hũa besta fera.*

Cansa

DE S. COMBA.

120

*Cansado de cercar o valle, & o monte,
 Em fogo igual d'amor, & d'ira ardendo,
 Ao longo da clara agoa, que de bũa fonte
 Por entre altos penedos vay rompendo,
 Apeouse, & lauando mãos, & fronte,
 De câ, & de lâ o corpo reuoluendo,
 Contra si, contra Amor, contr'os ceos se irá,
 Hora COMBA ameaça, hora a sospira.*

*Ab Pastora cruel! (diz) quem cuidara
 Que tanto em mim podesse cousa algũa,
 Que por força, ou por manha me escapara,
 De quanto câ se ve abaixo da Lua?
 Inda nos ceos, inda no inferno entrâra,
 Que não ha contra mim força nenhũa.
 E tu me foges só? tu te me escondes?
 Não m'ouues? nem me ves? nem me respondes?*

*Mostrame hũ hora esse fermoso rosto,
 E veja eu, o que vem serras & montes.
 Não quero, ou peço mais que este só gosto,
 Nem de t'eu ver ha, porque assi te afrontes.
 Olha, Pastora, no que me tens posto.
 O peito he hũa fragoa, os olhos fontes.
 Isto te peço só, isto sô desejo,
 Que veja o fogo, em que arder me vejo.*

Que

HISTORIA.

Que dano temes sò da minha vista?
 Nunca a ninguem Reaes olhos empecem.
 Não ves qu'em fim nada ha que me resista?
 E não ves quantos ante mim estremeçam?
 Deixate, COMBA, deixate ser vista,
 Poderey com estes fogos, que em mim crecem.
 Mas se tanto arço sò polo que ouui,
 Que será, triste, vendo o que não vi?

Se tu me ves, se, o que mais quero, m'amas,
 Todas minhas riquezas, & manadas
 Serâm teu dote, & estes campos de Lamas,
 Ouelhas, que não podem ser contadas.
 Mas s'inda mais desprezas minhas chamadas,
 Que tu acendeste, em ti serâm apagadas.
 Não poderás tu ser tam dura, ou forte
 Que em ti não ache vida, ou ache morte.

Se tanto esta alta serra te deleita,
 Aqui leuantarey hūs Paços de ouro.
 E quanta terra em roda ves sogeita
 Te serà, & mais sogeito este Rey Mourro.
 Aceita meu amor, Pastora, aceita
 Tam rico reyno, tam rico thesouro.
 Tu viueràs isenta na tua ley:
 E eu em teu nome me chamarey Rey.

E

DE S. COMBA.

121

E se tam dura fores a meu rogo,
 Desprezadora de meus ricos doës,
 Vingarey tua soberba com tal jogo,
 Que antes me queiras dar mil coraçõs.
 Arderás, como eu arço, em brauo fogo.
 Essas tuas carnes comerám Lioës.
 Ah nescia moça! pois não amas, teme:
 E s'ati mesma não tens odio, veme.

Eu sou teu Rey, tu es minha catiua.
 Se tu senhora, que eu ferey catiua.
 Não t'he melhor seres Raynha, & viua,
 Que arderes cruelmente em fogo viuo?
 Que proueito te traz ser assi esquiua?
 Tam feo te pareço, ou tam esquiuo?
 Inda não ha tal Dama, ou tal Raynha,
 Que não s'honrasse muyto de ser minha.

Tu rustica, tu pobre, & tu perdida.
 Eu grande Rey de antiga geração.
 D'hua parte he meu sangue del Rey Mida.
 D'outra parte de Armenia do grã Cão.
 Olha os sinaes, de que he ennobrecida
 Minha cabeça, quam soberbos são.
 E tu minha catiua, & vil pastora.
 De teu Rey te desdenhas ser Senhora?

Q

Ouvia

HISTORIA.

Ouvia a caso COMBA dentr' as matas
 Os rogos, & ameaças de Orelhão,
 Escondida, & quieta entre huás latas,
 Onde passava as festas do veraõ.
 Se tu, grã Deos, as forças crueis não atas,
 Fracas as forças de hũa moça são.
 Ella treme, & s' encolhe, & aos ceos sospira.
 E inda ate então a el Rey não vira.

Chegãra ali a moça na alta festa,
 Banharse, como sõe, nũa fonte clara,
 Despois de vigiar serra, & floresta,
 Que pisada de gente não topara.
 Ali mais que Diana, mais que Vesta
 Seu castissimo corpo refrescara,
 A cuja vista o Sol, que antes ardia,
 Tempera o fogo, & faz mais claro o dia.

Parecelhe estar queda mais seguro.
 Força ao lento, quanto ella mais pode.
 Fazem as matas o lugar escuro.
 Nem vento as abre, por mais que as sacode.
 Vos, meu Deos (dizia ella) sois meu muro,
 Vossa grandeza aos miseros acode.
 Escondeyme, Senhor, que me não veja
 Quem vossa honra profanar deseja.

E

DE S. COMBA.

122

E se vos sois, meu bom Senhor, seruido,
 Que aqui o meu amor com sangue apure;
 Muito ha que volo tenbo offerecido,
 Nem este meu desterro mais não dure.
 Meu peito de vos sô fortalecido
 Que perigo ha, de que se não segure?
 Em vosso nome, em vosso esforço armada
 Quebrarey do Rey mouro a lança, & espada.

Ouvia o Ceo o humilde, & sancto rogo,
 Abriose c'um som doce, & rayo claro.
 Eis ja COMBA esforçada, eyla arde em fogo,
 Em fogo d'alto sprito ao mundo raro,
 Lá o seu medo tem por riso, & jogo.
 Lá tem certo o remedio, certo o emparo.
 São dentr' as matas contra o mouro irosa,
 E assi mais diuina, & mais fermosa.

Qual a casta Diana de sua fonte
 Afrontada sabio contra Acteaõ,
 Quando elle a caso a vio, andando a monte,
 E Ceruo o fez corrido do seu Caõ:
 E inda, por mais que a fabula vam conte,
 Mores os fogos de COLOMBA são;
 Nem tanto a honra propria ella estimava,
 Quanto a de Deos, que o Mouro blasfemava.

Q2

Tal

HISTORIA

Tal se lhe mostra, tal se poem diante:
 Mouro barbaro, diz, & donde tanta
 Vam soberba te vem, que te leuante
 Contra Deos, q̃ os soberbos vence, & espanta:
 Não vãs por tua vam porfia auante.
 Ajunta à tua crueza inda outra tanta.
 Busca generos mil de cruel morte,
 Que mais do que es cruel, he Comba forte.

Ah, cego! que não ves a fermosura
 Do meu esposo, nem a sua grandeza!
 Qu'he eterna, immortal, & sempre dura,
 E o mundo todo ant' elle he vil baixeza.
 Tu es a mim a mais baixa creatura,
 Qu'eu hoje sey em toda a redondeza.
 Ve pois se serey eu tam enganada
 Que o bom, & o tudo deixe polo nada.

Qual fica o laurador, que andaua perto
 D'onde cabio o rayo temeroso,
 Qu' o antigo Carnalho deixa aberto,
 Queimado, & negro, & a todos espantoso:
 Elle esmorece, & cãe, & tem por certo
 Qu' abrasado he do fogo riguroso,
 E quando acorda, & s'ergue, inda mal foge.
 E no souuidos inda o som lhe rôge.

De

DE S. COMBA.

123

De tal maneira o barbaro Tyrano
 Vendo da sancta Virgem o claro rayo,
 Que reluzia do seu mais que humano
 Rosto, attonito esteue, & c'um desmayo:
 De coração vencido ouuio seu dano,
 Aos peitos lança as mãos, & rasga o sayo.
 E ó ceos cruellissimos, exclama,
 Vi o meu fogo, & a minha cruel chama.

Não pode mais dizer, & vayse a ella
 Confiado nas forças de seus braços.
 Mas tempo lhe não dà a casta donzella,
 Cos pés rompe da serra os embarços.
 Mouta a não troua, nada traua della.
 Elle cuida que fica preso em laços.
 Salta a cavallo, a grossa lança a ferra,
 E assi gritando vay pela alta serra.

Tente, fermosa COMBA, tente, & espera.
 Que não com ira, com amor te siga.
 Por mais que digas, homem sou, não fera,
 E por meu mesmo tenho o teu perigo.
 Estarte vendo, & ouuindo sô quisera.
 Que não podes fazerme teu inimigo.
 Lã me leuas nos olhos alma, & vida
 Qu' ao mesmo risco vay offerecida.

Qz

Ab

HISTORIA.

*Ah tu sô es a fera, tu sô es a dura
 Mais que os rochedos desta brana ferra!
 Mais que morte, cruel tua fermosura,
 Que o meu amor pagas com odio, & guerra,
 Ah não corras, cruel! que a tua brandura
 Não hê pera sofrer tam agra terra.
 Não faças tal estrago de hūs cabellos,
 Que nunca mereceo o sol de vellos.*

*Em que perigo leuas esses olhos,
 Em que eu da vida sô tenho a esperanza?
 Como rompem tuas plantas mil abrolhos,
 Que cad'hum da minh'alma sangue lanca!
 Espera hum pouco: & volueme os teus olhos,
 De ti, & de mim não faças tal vingança.
 Espera hum pouco, & veme de mais perto,
 Que se estiueres queda, eu estarey certo.*

*COMBA pela alta fraga vay voando,
 Nada acha, que lhe faça impedimento.
 Das palauras do Mouro não curando,
 Olhos no ceo, cabelo solto ao vento.
 Algum sprito a vay encaminbando,
 Algum sprito lhe dà força, & alento.
 Mudafelhe a aspereza em cham planura.
 E abrandase a seus pés a pedra dura.*

Não

DE S. COMBA.

124

*Não com tanto feruor, & pressa tanta
 Daphne fugia o Pastor mais fermoso,
 Ate se conueter na verde planta,
 De qu'elle inda se mostra saudoso;
 Nem tam ligeira corria Athalanta
 No seu páreo cruel, & perigoso,
 Nem tras ellas ardendo em mor fogo hiam,
 Hyppomanes, & Apollo que as seguiam.*

*O Mouro a cada passo a redea volta.
 A cada passo acha ante si hum penedo.
 Hora trôta, hora vay de volta, em volta
 Rodeando hora o mato, hora o rochedo.
 Acefo todo em ira a redea solta,
 Fere o caualo, â morte perde o medo.
 Mudado o amor em odio, enresta a lanca
 Pera a banbar em COMBA, que já alcança.*

*Tu Virgem sancta, tu Pomba diuina
 Por quem Deos cousa fez de tanto espanto,
 Tu mesma o inspira, & canta, q̄ não he dina
 A minha Musa de subir a tanto.
 A ti o ingenho, a ti o sprito se inclina.
 De lá dos ceos me venha hum nouo canto,
 Com que eu o alto milagre teu não dane
 Nem do teu nome a honra mal profane.*

Q 4

12

HISTORIA

Já a pastora chegou ao alto cume
 Da serra, onde he mais alta a penedia,
 Dond' o olho abaixo olhando, perde o lume,
 E entr' ella & el Rey sò a lança se metia.
 Já lhe chega o Tyranno, & já presume
 Que nem em terra, ou ceo lhe escaparia,
 Quando COMBA gritou: ò rocha alta, onde
 Venho buscar abrigo, em ti me esconde.

O marauilha grande! abriose a pedra.
 Obedeceo á sancta a rocha dura,
 Obedeceo á sancta, & abriose a pedra,
 E defendeo da cruel ventura.
 Tambem a lança do Mouro abrio a pedra,
 Ao pé fica a smada a ferradura,
 Ao pé da rocha, onde hoje inda parece,
 E na pedra a lançada se conbece.

Tanto que em si a recolheo, cerrouse
 A dura rocha, a si de Deos mandada.
 Blasfemou o Tyranno, & a si indimouse,
 Que foy pera meter por si a espada.
 Mas vio Lionardo o barbaro, & vingouse
 No innocente fangue, em que banhada
 Foy a lança cruel, & o sancto moço
 Stripado lançou ali num poço.

esta

DE S. COMBA

125

Estava hũa coua ali d' agoa encharcada,
 Que do inuerno sò se recolhia:
 Nunca despois secou, nem foi minguada,
 E clarissima, & pura he hoje em dia.
 Por muitas experiencias a prouada,
 Agoa fresca em tam alta penedia
 Sempre igual, sempre clara inuerno, & estio.
 Nunca tal fonte deu, nem tal deu rio.

Senhores, conto o que meus olhos viram.
 Vi os sinaes da pedra milagrosa,
 Bebi a sancta agoa: & outros, que o sentiram,
 Agoa sancta lhe chamam, & preciosa.
 Isto os viuos ôs pays, & auôs ouviram.
 Historia diuina he, não fabulosa.
 Os templos, & os altares dão boa proua.
 E com milagres mil o ceo o a proua.

Ali vem mil cruces, ali vem mil votos.
 Chua hora leuam, hora o ceo sereno.
 Não espanta a alta serra os seus deuotos,
 Nem cansa o velho, nem o moço pequeno.
 Dos vezinhos lugares, & remotos
 Vem os Pastores pedir agoa, & feno.
 Ali offerecer vem brancas pombas
 Os moços Lionardos, moças Combas.

E

HISTORIA DE S. COMBA.

*E a fertil, & cham terra, que occupaua
Aquelle monstroso, & cruel pagaõ,
Que outros claros Senhores esperaua,
Inda se chama Lamas de Orelbaõ.
Ditosa terra, que sanctos criaua,
E ditosos tambem seus pouos saõ,
Que õs inclytos Marqueses obedecem,
De cujo tronco plantas, taes florecem.*

Sanctissima Pastora mal cantada

*Nestes meus versos do teu nome indinos,
Seja minba ousadia perdoada,
Não podem mortaes dar versos diuinos.
Tu lâ estãs n'alta gloria coroada.
Nos câ na terra te cantemos hynos.
Recebe o que de ti ao Sol, & â Lua.
Saudoso cantaua ao som de Tua,*



SEGUNDA PARTE DOS VERSOS DE AN- tonio Ferreira.

DAS CARTAS LIVRO I.

CONGRATVLACAM DE TO
do Reyno a el Rey D. Ioão III. na
morte do Principe Dom Ioão
seu filho, que soffreo pa-
cientissimamente.

CARTA I.

GRã Rey, Senhor das Casas do Sol ambas.
Bonissimo IOAM mais pay da patria
Que Brutos, ou que Augustos, ou Trajanos;
Por grã merce de Deos, & gloria nossa
Dado a estes Reynos teus do rico Tejo
Atê Eufrates, Nilo, Tigris, Gange;
Vencedor da braveza de Neptuno,
Senhor de seu Tridente, & ricas conchas,
De barbaros espanto, amor, & medo.
Luz clara de infieis: columna firme
Da catholica Fé; de idolatrias

Falsas

DAS CARTAS

Falsas destruydor, paz do teu Reyno.
 Fortissimo IOAM, graças te damos.
 Não por tuas victorias com que espantas
 O mundo todo; não por teus thesouros,
 Com que esta tua terra enriqueceste
 Iustamente ganhados; não por letras
 Com qu'as armas ornaste, honrado Phebo
 Igualmente com Marte, que florecem
 Agora mais que nunca: não por leys
 Sanctas, iguaes, & justas, com que os vicios
 Castigas nos mayores & menores.
 Não te louuamos; Rey, não te louuamos
 D'espectaculos vãos dados ao pouo,
 De prodigalidade de moedas
 Lancadas pelas ruas; não de mares
 Appetitosamente atraueffados
 De trabalhosas pontes semeadas
 De peças de ouro, & prata, & ricas pedras,
 De montes arrasados, rios secos,
 De sem necessidade agoas trazidas
 De longe por mil canos, mil rodeos.
 Não de popas douradas, velas ricas
 De purpuras, & remos de ouro, & prata,
 De tanques, de piscinas, de arcos, thermas,
 Bosques, parques, theatros, capitolios,
 Carros, litheras, Tigres, Lioes, Vffos,

De

LIVRO I.º

127

De feras monstruosas, nunca vistas,
 E de outras não grandezas, mas solturas,
 Que Reys Tyrannos liures costumauam
 Em tempos infelices, & costumam
 Pelo mundo ind' agora, em si sòmente
 Os publicos thesouros consumindo,
 Tirados do suor, do sangue, & vida.
 De seus catiuos pouos. Nos, bom Rey,
 De ti sò te louuamos: de ti sò
 Damos graças òs ceos, que te nos deram
 Rey justo, Rey clemente, Rey pacifico.
 Rey homem, Rey & pay, senhor & amigo.
 A fortaleza grande, & gloriosa
 Pera sempre a teu nome, a este teu Reyno,
 Que exemplo immortal fica d'outros Reynos;
 Aquella fortaleza nunca vista,
 Grã Rey, que contra a morte de hum ten filho,
 Vnico socessor do teu estado,
 Mostraste, quem a entende? quem não espanta?
 Como se pode crer dos que vierem?
 Ou em qual dos passados se vio nunca?
 Christianissimo Rey, crer-se ha de ti,
 De IOAM o Terceyro que constancia,
 Que espantos, que grandezas, que milagres
 Se não crerãm no mundo? teu bom nome,
 Por onde quer que soa, amase, & espanta.

E

DAS CARTAS.

E soa des'd'hum polo ao outro polo.
 Fere nouas estréllas, nouos ceos,
 De ti sô descubertos, & mostrados.
 Espantem outros, sejam mais temidos
 Que Tigres, que Lioês, & trema ant'elles
 Como ant' a mesma morte o triste pouo.
 Não ousem leuantar os olhos nunca
 A seus irosos rostos adorados.
 Se façam ser por forças, & por medos.
 Nouas cruezas vssem, com que tenham
 Seguros os estados de seus odios.
 Tu rege mansamente, & com justiça,
 Estas sejam tuas artes, a paz ama:
 A vencidos perdoa, que se entregam.
 A soberbos destrue, desfaze, & apaga.
 Amemo-te nos sempre, & te chamemos
 Clemente, bom, Christão, pay do teu Reyno,
 Filhos teus nos chememos: como pay
 Nos ama, nos castiga, & nos perdoa.
 Pendamos de teus olhos, mostraos sempre
 Seguramente rindo: essa tua graça
 Mais força tem que ferro, ou fogo de outros.
 Nossas almas nos leuas apos ti
 Onde quer que te viras, tu sô Rey
 Es verdadeiro nosso. Em seu lugar
 Deos na terra te pos de sua mão.

Amor,

LIVRO I.

128

Amor faz os bons Reys, não medo; amor
 Estados dá, & conserua: o que he temido
 De muitos, muytos teme. Nos te amamos.
 O nome, & a honra, que os bons Reys passados
 Com amor damos, viuo já ta damos.
 Esses Herôes antigos, & Monarchas
 Vencendo, edificando, acrescentando
 Imperios, repartindo grossos campos,
 Julgando justamente, & defendendo
 Seus pouos com amor, com leys, & armas,
 Choraram de não ver os iguaes premios
 A seus merecimentos em suas vidas.
 Romulo, Bacho, Castor, Pollux, Brutos,
 Décios, Scipiões, Fabios, & Iulios,
 Depois de suas façanhas increyueis,
 Hús foram recebidos nos vãos templos
 De sua idolatria, outros honrados
 Como Herôes illustres: atè aquelle,
 Que a grande, & cruel Hydra matar pode
 De tantos seus trabalhos rodeado
 Veo a crer, que com a morte se vencia
 A inueja, qu'espanta, & queima sempre
 Aquelles, que vencidos, cegos ficam
 Co resplendor de quem os cega, & vence:
 Mas morto s'ama mais, mais se desija.
 Alcança tu sô Rey o que nunca outro

Em

DAS CARTAS

*Em vida mereço : cre que assi já
Nos he grande teu nome, brando, & doce,
Como o poderà ser em toda idade.*

A PERO DALCAGOVA
Carneiro Secretario.

CARTA II.

DOs segredos Reaes segura guarda,
A cujos olhos s'abre o Real peito,
Em cujo peito seus intentos guarda:
Seja teu bom conselho sempre aceito
Ao melhor & mor Rey, que te escolhea
Conforme em tudo a seu Real conceito.
Quam ditoso aquelle he, que mereço
A prazer a tal Rey, quam aluo dia,
Em que tam claro ao mundo hum Sol nasceo!
Sancta alma, real zelo, a quem sô guia
Amor, justiça, & paz, cujos bons meos
Em ti busca, em ti acha, em ti confia.
Sans letras, justas armas, dous esteos
Firmisimos do Imperio sô tenhamos.
Mais bens, se o mundo os tẽ, a outros Reys deos.
O Portugal antigo, que louuamos
D' spritos rudes, de animos ousados,
Qu' arte à sua guerra, à sua paz achamos?

Não

LIVRO I.

129

Não escureço os feitos tam lembrados.
De tantos Capitaes, tantos Reys fortes,
Que por diuino sprito eram guiados:
As vidas desprezar, não temer mortes,
A mais inimigos, rostos mais seguros,
Ousados votos, & ditosas sortes
Aluos caualos, arcos mil em muros,
Mil palmas, & mil louros mereciam,
Mas não se honrauam disso spritos puros.
Venciam os sanctos Reys, pore[m] venciam
Mais por ousado esforço, que por arte,
Sem nenhum medo a tudo ousados hiam.
O grã poder de Deos deixado a parte,
Que espantos hoje soam, que façanhas
Do grande Portugal em toda a parte!
De tantos Capitaes que artes, que manhas!
De tantos caualeiros que ousadias!
Que victorias em terras tam estranhas!
Lá outros tempos outros claros dias
Nos nasceram: entrou arte, & sciencia
De nosso sprito mais seguras guias.
Cresce co tempo mais a experiencia.
Não louuamos já bons socedimentos,
Louuamos bom conselho, boa prudencia.
Em quanto tristes fins de bons intentos
Roma sofria, em quanto castigaua

R

Dito

DAS CARTAS.

Ditosos fins de maos commetimentos,
 Que mundos não vencia? que receava?
 Como tam grande Imperio, & paz sò tinba?
 Quanto da má fortuna triumphana!
 D'armas em justa guerra armada vinba,
 De letras em boa paz; & assi igualmente
 D'ambas sempre ajudada se sostinha.
 Ditosa idade; bem lembrada gente,
 Que exemplos ca deyxastes, que memoria
 Que do occidente soa até Oriente!
 Mas quanto mór, quanto melhor historia
 De Portugal já nasce, que escritura
 Noua, que noua fama, que alta gloria!
 Ah deuese àquella alma sancta, & pura
 Do nosso grande Augusto, bom Trajano,
 Que aquella clara idade torna escura.
 Seu sancto fim todo he desfuiar o dano,
 Que mal nos ameaça, destruyndo
 Mão desejo, mão zelo, & mão engano.
 A noua luz das letras foy seguindo,
 As fortes armas co'ellas governando,
 De que tamanho bem ao mundo he vindo.
 Entrâram mãos intentos, que danando
 Vão o conselho sancto, & já em mal
 Aquelle tanto bem se vay mudando.
 Inclinaçõs danadas! que o que val

Pera

LIVRO I.

130

Pera conseruar paz, destruyr guerra,
 Pera honra, & bem comum, & não pera al,
 Seguem sò polo seu. Aqui se encerra
 Todo estudo, tod'arte; que fins sanctos
 Se esperarã de quem nõ intento erra?
 De tantos liuros, tanto estudo, & tantos
 Anos que sae já agora? mã cobica,
 Riso de maos, & de innocentes prantos.
 Aquella sancta, aquella igual justica
 No bom zelo sò esta, não em liuros mudos,
 Que zelos maos a tornam injustica.
 Não culpo os liuros bons, os bons estudos,
 Como não culparia a boa espada,
 Bons elmos, bons arnezes, bons escudos.
 Culpo, & praguejo aquella tam danada
 Alma, que pera mal v'sa do bem
 De seu cruel proueito conselhada.
 Prudencia, & lealdade sò sostem
 Os bons Imperios: daqui nasce o amor,
 Que ao pouo o Rey, ao Rey seu pouo tem.
 Nunca os estados segurou temor.
 Nunca foy o bom zelo desprezado.
 Danou os bons desprezo, os maos fauor.
 O nosso bom IO AM tambem guiado
 De seu sprito, viua em ti seguro,
 E nos mais, de quem he bem conselhado!

R 2

Abra

DAS CARTAS.

*Abrasanse castellos, cae o muro:
 Cansam forças, & bracos, & ardidezas.
 No bom conselho só está o bom seguro.
 Do saber são as boas fortalezas.
 Escolhanse bons zelos, bons spritos,
 Mais no mundo soarãr nossas grandezas.
 Aquelles claros feitos, altos ditos,
 De que os liuros são cheos, desprezemos.
 Mores feitos ha cá, não tambem escritos.
 Vencamos no melhor, o outro imitemos.*

A PERO D'ANDRADE

Caminha.

CARTA III.

T*Eu nome, Andrade, de qu'be bem qu'esperem
 O de que se já sempre espantaraõ
 Quantos te vem, quantos despois vierem:
 Teu raro sprito, de que se honraraõ
 As Musas, que de si tanto deram,
 E que tarde outro como ati daraõ:
 Os bons escritos teus, que mereceram
 Ou ouro, ou cetro, pois já nessa idade
 Nos mostras nelles, quanto em ti quiseram
 As Musas renouar à antiguidade,
 Em teu amor aceso me leuãram
 A esta sam, & confiada liberdade.*

De

LIVRO I.

131

*Do que se antigamente mais prezãram
 Todos os que escreueram, foy honrar
 A propria lingua, & nisso trabalhãram.
 Cada hum andana pola mais ornar
 Com copia, com sentenças, & com arte,
 Com que podesse d'outras triumphar.
 Daquella alta ellegancia quanta parte
 Deues tu Grecia àquelle tam louuado
 Poeta, que assi soa em toda a parte!
 E tu grã Tybre, de que estas honrado
 Senão com a pureza dos escritos
 Daquelle Mantuano celebrado?
 Garcilasso, & Boscaõ, que graça & spritos
 Dêstes à vossa lingua, que Princeza
 Parece já de todas na arte, & ditos!
 E quem limou assi a lingua Francesa
 Senão os seus Franceses curiosos
 Com diligencia de honra, & amor acesa?
 E vos õ namorados, & ingenhosos
 Italianos, quanto trabalhastes
 Por serdes entre nos nisto famosos!
 Assi enriquecestes, & apurastes
 Vosso Toscano, que será já tido
 Por tal, qual pera sempre o vos deyxastes.
 Qual será aquelle pouo tam perdido
 Que assi não seja mais affeiçoado*

R3

Que

DAS CARTAS

Qu'a outro estranho, & pouco conhecido
 Que barbaro não diz: mais obrigado
 Sou eu a aproueitar a mim, & aos meus
 Que àquelle, que de mim está arredado?
 Getbas, Arabios, Persas, & Caldeus.
 Gregos, Romaões, & toda a outra gente
 Nascem, vinem, & morrem pera os seus.
 Avermos nós agora hum excellente
 Capitão Portugues de quantos temos,
 De que se espanta, & treme o Oriente,
 Querer mostrar a ordem, que deuemos
 Guardar na guerra em lingua estrangeira,
 Quam certo, Andrade, he que nos riremos.
 Este, dirias, em vez da maneyra
 Nos querer ensinar como vencamos,
 Faz outra gente contra nos guerreyra.
 E tanto he mais razão que o nos sintamos,
 Quanto mayor proueito nos cabia,
 E quanto mor o dano, que esperamos.
 O que entre a antiguidade mais se auia
 Por infamia, era desprezar a terra,
 De que hum era filbo, & em que viuia.
 Contra a qual não somente se diz que erra
 O que desemparrar, trahir, vender,
 Ou lhe mudar a boa paz em guerra,
 Mas quem com quanto dizer, & fazer,

Em

LIVRO I.

132

Em seu proueito pode, o não fazer,
 Ou seja com bom braco, ou bom saber.
 Duas cousas somente se ham mister
 Na Republica boa, corpo, & alma.
 Ditosa aquella, que ambos bons tiuer.
 O corpo, que por ferro, frio, & calma
 Rompa, & passe sem temor auante,
 Porque o inimigo lhe não leue a palma.
 A alma, que seja tam pura, & constante
 Em seu proueito, & honra, que pareça
 Ter sua gloria, & bem sempre diante.
 E que na paz, & guerra se offereça
 A com prudencia, & conselho a ajudar,
 Porque chamar se filbo seu mereça.
 Por isso o grande Deos nos quis formar
 Por suas santas mãos de carne, & sprito;
 Porque de ambos auiamos de vsar.
 Quem com armas não pode, com escrito
 Poderâ fazer tanto, que se ria
 Do qu'os escadroës rompe, & inda c'um dito.
 E não se honraua mais, & mais temia
 Aquella vencedora Esparta antiga
 Cos ditos de Licurgo, que a regia,
 Que des que ella das armas, & ouro amiga
 Os olhos lhe quebrou, & o desterrâram?
 Patria contra si mesma ingrata, & inimiga.

R4

0

DAS CARTAS.

Ô quanto quanto mór fama ganharam
 Coa boa penna, que outros com a espada!
 Quanto mais ricas estatuas cà deyxaram!
 Quanto foy mais sentida, & mais chorada
 A morte do alto Homero por seu canto,
 Que a tua, Achilles, que elle fez honrada!
 Pois com quanto razão m'eu mais espanto
 Do que em ti vejo, tanto ver perdido
 Sinto, o que me así moue a magoa, & espanto.
 Mostrastete tégora tam esquecido
 Meu Andrade, da terra, em que nasceste,
 Como se nella não foras nascido.
 Effes teus doces versos, com que ergueste
 Teu claro nome tanto, & que inda erguer
 Mais se verá, a estranha gente os deste.
 Porque o com que podias nobrecer
 Tua terra, & tua lingua lbo roubaste,
 Por ires outra lingua enriquecer?
 Cuida melhor que quanto mais honraste,
 E em mais tiveste essa lingua estrangeira,
 Tanto a esta tua ingrato te mostraste.
 Volue, pois volue, Andrade, da carreira,
 Que errada leuas (com tua paz o digo)
 Alcançaràs tua gloria verdadeira.
 Te quando contra nós, contra ti imigo
 Te mostraràs? obriguete a razão,

Que

LIVRO I.

133

Que eu, como posso, a tua sombra figo.
 As mesmas Musas mal te julgarão,
 Serás em odio a nos teus naturais,
 Pois, cruel, nos roubas o que em ti nos dão.
 Sejam à boa tenção obras iguais,
 E a boa tenção, & obra à patria sirua,
 Demos a quem nos deu, & denemos mais.
 Floreça, fale, cante, oucase, & viua
 A Portuguesa lingua, & já onde for
 Senhora vâ de si soberba, & altiua.
 Se tèqui esteue baixa, & sem louuor,
 Culpa he dos que a mal exercitaram.
 Esquecimento nosso, & desamor.
 Mas tu farás, que os que a mal julgarâm,
 E inda as estranhas linguas mais desejam,
 Confessem cedo ant'ella quanto erraram.
 E os que despois de nos vierem, vejam
 Quanto se trabalhou por seu proveito,
 Porque elles pera os outros así sejam.
 Sê me enganey, se tiue mau respeito
 Andrade, tu o julga: mas espero
 De te ser este meu desejo aceito.
 E em quanto mais não peço, isto sô quero.

A ANTONIO DE SA DE

Menezes.

Car

DAS CARTAS.

CARTA III.

MInha Musa, que baixa estava tanto,
 Que do chão não se erguia, já levanta
 Em teu grã nome diferente canto.
 Tu tam alta a poseste, que se espanta
 De como pode, & ousou subir tam alto,
 Que em ti s'ergue, em ti fala, ati já canta.
 E com quanto he tam perigoso o falso
 Em ti, Antonio, está tam confiada,
 Que não lhe chega medo, ou sobressalto.
 Alta nobreza em ti tambem empregada,
 E de tanta nobreza sprito digno,
 ò alma bem nascida, & tambem dada!
 Tal sprito direy eu claro, & dino
 D'immortal canto, & gloriosa fama;
 Que faz de hum mortal homem ser diuino.
 Não he aquella nobreza, nem se chama
 Que s'ennobrece sò de prata, & d'ouro,
 E nelle poem seu estado, gloria; & fama.
 Eu vejo aqui, & ali hum grã thesouro,
 Eu vejo armas antigas cà deixadas
 Deste, & daquelle, que matou Rey mouro;
 Mas que aproueita àquelle, de que olhadas
 Somente são, mostralas por vam gloria,
 Pois que por elle as vemos desbarradas.
 Que lhe aproueita o repetir da historia

Tan.

LIVRO I.

134

Tantas vezes, & como foy tomada
 A antiga sua bandeira na victoria,
 Pois assi como foy do auo ganhada,
 Por elle sò tornou ser tam perdida,
 Que quasi ella se mostra enuergonhada?
 A gloria, & honra à virtude he deuida,
 Della nasce, & se cria, & se sostem,
 Não se herda, não se compra, he como a vida.
 O ouro a terra o cria, a terra o tem,
 Se algũa cousa val, he sò por ser
 Hum instrumento bom pera vsar bem.
 Mas ah, vemos que agora tal poder
 Lhe tem o mundo dado; que elle manda,
 Elle a virtude julga, elle o saber.
 Por cima das estrellas já tal anda,
 Tam soberbo, & tyranno, que cos ceos
 Pouco, & pouco, o que pode, se desmanda.
 Lança aos olhos d'alma bñs negros veos,
 Com qu'assi a cega, & encanta, que não veja
 Se não suas ricas veas; nunca a Deos.
 Entam não lhe falece quem peleja
 Por elle fortemente, em toda parte,
 E telo por seu idolo deseja.
 Por suas mãos a vida se reparte,
 Por suas mãos a vida a gloria, a honra,
 E do qu'a melhor espera, he a pior parte.

0

O justo, & sabio jaz; & assi os deshonra
 Qu'he necessario aos tristes contentar-se
 Do que em si tem & saber que isso os honra.
 Esperam quem os erga; mas passar-se
 Vejo dias, & annos, sem o acharem,
 Té que de todo vem desesperar-se.
 Que de que vem perderen-se, ou cansarem
 Os bons ingenhos? de que vem a virtude
 Encolher-se? de a rirem assi, & pisarem.
 Entam rijos combates, tam a miude
 Que animo bastará, que fortalezá,
 S'em parte algũa se não ve saude?
 Tu ves em que consiste já a grandeza;
 Em abater o que merece erguido,
 E em levantar aos ceos toda a baixezá.
 Mas a este grande mal tem socorrido
 De pouco pera cá algum tanto as Musas,
 (Merce de quem nos foy tal dom trazido)
 Já agora vão sofrendo mais escusas,
 Vão confessando que foy bom o saber
 Ao Tyranno cruel de Siracusas.
 Hús por desimular, outros por ver
 A que sabe isto, de que tanto riam,
 Vejo já começar, & proceder.
 O bom Rey piadoso! estes não viam.
 Tu lh'es deste olhos novos, com que vem;

Por

Por dom tam grande as almas te deviam.
 Já esta nossa Terra ingenhos tem
 Das Musas bem criados, mas mal cridos,
 Que sempre o mal anda abatendo o bem.
 Ingenhos nascem já, que a ser erguidos,
 D' honrosos louros foram coroados,
 Mas téqui de quem são favorecidos?
 Os premios que os que correm são mostrados,
 Porque os ingenhos bons se negarã?
 Sejamos bons juizes nisto dados.
 Em tua grã presapia s'acharã
 Insignias triumphaes de Apollo, & Marte,
 Que os olhos, dos que as virem, espantarã.
 De quem se não conhece, ou em que parte
 Dos Sás o nome? onde se não fingem
 As proezas, que a fama em mil reparte.
 Onde tantos as Musas d' Hera cingem,
 Onde armas victoriosas dão final
 Do claro sangue, de que os campos tingem.
 S'estas sôs duas cousas immortal
 Podem fazer hum nome, que letreyro
 Se pode a este teu nome achar igual?
 De palma coroado, & de loureyro
 Por mão d' Apollo, & Pallas achará
 No ceo, & na terra o premio verdadeiro.
 Mas eu não louvo, Antonio, isto que já

De

DAS CARTAS.

De longe herdaste, louuo o que em ti vejo
 Que em só teu nome sempre viuirá.
 Esse bom zelo teu, esse desejo
 D'honrar as Musas, esse amor tam bom,
 Que eu tanto em nossos Principes desejo.
 Dom dos ceos dado à terra, ó raro dom,
 Que sempre aquelles, que o fauoreciam,
 Honraram as Musas com seu alto som.
 As leys se violauam, & se rompiam
 Por dar vida aos bons versos Mantuanos,
 Cidades sobre o Grego contendiam.
 Os bons ingenhos Gregos, & Romanos
 D'homens, como nos, foram, mas eram
 Entr'homens bons, & Principes humanos.
 As honras, que lhes dauam, são lhes deram
 Ssprito, com que assi tam altamente
 Seus nomes pelas terras estenderam:
 A honra cria, & faz a arte excellente.

A D. IOAM D'LANCASTRO.

filho do Duque d'Aueiro.

CARTA V.

Que dizes, meu Lancaastro, destes sabios,
 Destes cachopos velhos, que desprezam
 Quantos bons Catoes ouue, quantos Fabios?
 Que dizes destes graues, que se prezam

D'au

LIVRO I.

136

D'authorizar com seu juizo o mau,
 Por grandes contas entoado rezam!
 Que Iulgas d'outro louro Menelão,
 Que com seu corpo, & rosto capitaõ
 Se faz famoso mais que Agesilao?
 Que da carranca deste: da tenção.
 Dáquelle: dos spritos, do desejo,
 Dos fumos d'aquelloutro, & opiniaõ?
 Estas são as differenças, de que eu vejo
 Entre nos hoje tantas nouidades,
 Que de nellas cuidar me corro, & pejo.
 Aquelle, que entre tantas vaidades
 Não he vaõ, & não vendo hũa só verdade,
 Conbece, & segue todas as verdades:
 E entre tantas soberbas a humildade
 Ama sô, & quer, & onde se rim do casto,
 Louua, & se abraça com a castidade;
 Que chamarás a este: que eu não basto
 A titulo lhe dar delle tam dino.
 Sô me contento de seguir seu rasto.
 Ditofo tu que es este, a que hum diuino
 Sprito rege, & guia; & aos ceos direito
 Pisando a terra vas seguindo o tino.
 Riste deste viuer tam contrafeito,
 Que ves nos homens, & dos seus preceitos
 Nouos, em que não ha hum sô bom preceito.

E

DAS CARTAS

E quando ves hũs feitos, & desfeitos
 Outros, já não te espantas, como quem
 A toda a inconstancia os ve sojeitos.
 O bem sempre por mal, o mal por bem,
 Por virtude o mor vicio, & por prudencia
 O que menos o he, seguem, & crem.
 Ao vaõ prodigo dam magnificencia.
 Chamam o deshonesto, homem de damas,
 E louuam, & ham inueja à incontinnencia.
 Aquelle, que tu bom, & prudente chamas,
 Que lança suas contas bem lançadas,
 E seu pouco falar, bom, & raro amas,
 Frio, & malecioso; & o de danadas
 Entranhas, que c'um riso prazenteyro
 Encobre suas peçonhas simuladas,
 He sò prudente, & cauto: falso arteiro
 O que conbece bem, & sabe fazer
 Diferença do amigo ao lisongeiro.
 O cego pono, que não sabe crer,
 Nem estimar se não o que he pior,
 Como te saberà nunca entender?
 Do mais inchado titulo, & mayor
 Soberba, & fausto mais se espanta: & honra
 O mais sem honra, & rise do melhor.
 A fama serue sempre, & a cega honra
 Com' ao indigno a dà, sem mais cêrteza;

Asi

LIVRO I.

137

Asi lha tira, & deixa em vil deshonra.
 Mas esse Real sprito, essa grandeza
 D'animo, esse fugir do vulgo cego,
 De seus enganõs, erros, & baixeza,
 Por onde quer, Senhor, que o eu digo, & prego,
 Em saõs juizõs acha amor, & espanto.
 E que os mais o não entendam, não o nego.
 Porem seja cad'hum prudente, & santo:
 Sem vida não, em morte: os que o não crerem,
 O virãm crer com lagrymas, & pranto.
 Dos outros (por ventura se morrerem
 Antes d'elle) verã todos seus ventos
 Com elles juntamente perecerem.
 Quem, como tu, na vida traz taes tentos,
 Quando morrer, começará sua vida.
 Dos outros ficarãm os vaõs muymentos.
 Vine, bom loãõ, & seja conbecida
 Essa alma sancta, sabia & generosa
 Dos ceos, por nosso exemplo, em ti influyda.
 Despreza a cega gente sò ingenhosa
 Em seguïrem seu mal, & a quem imigo
 Sempre foy o saber, virtude odiosa.
 Ouui sempre dizer, que o môr perigo
 Para o homem erã o homêm: mas tenha eu
 Credito com Deos n'alma, & sò comigo
 Paz boa: & seja o mundo imigo meu.

S

A

A IOAM ROIZ DE SA DE
Meneses no Porto.

CARTA VI

Antigo pay das Musas desta Terra,
Illustre geraçã forte, & prudente,
Igual sempre na paz, igual na guerra.
Vistete já louuar da tua gente,
Vistete dos estranhos inuejado,
E veste hora viuer tam longamente.
Viste o bom socessor desse morgado
Claro Antonio com netos, que serã
Herdeiros teus, de teu sprito, & estado,
E ves o grã Francisco, a quem se daõ
As graças de tal Principe, qual vemos,
Que Deos nos quis formar de sua maõ.
Dos outros que direy? ou que diremos
De ti, se não ditos os tu, & elles,
Ditosos nos, pois entre nos vos temos?
Em ti os vemos, & a ti vemos nelles.
Qual foy aquella estrella, que influyõ
Tal pay, taes filhos, chamalabemos delles?
Mas minha ousada Musa mais subio
Do que pode, & não pode ir mais auante,
Querendote louuar, logo cabio.
Necessaria he tua maõ, que a leuante,

Neces-

Necessario esse sprito, que lb'inspire
Sprito nouo, com que s'erga, & cante.
Dalhe ta sò fauor, com que respire.
Form'a a tua douta maõ, verã grandeza
Tuas, que o tempo, nem a inueja tire.
Ati, grã Sã, que auendo por baixezas,
Por sombras, por enganõs, & por ventos
As que a cega opiniaõ chama riquezas:
Ati, que nos ceos pondo os pensamentos,
Dali olhando o vaõ pouo lbe fugiste,
(Eu chamo pouo onde ha baixos intentos)
Pergunto, se essa estrella, que seguiste,
T'a mostrou a baixa terra, ou onde achaste?
Ou porque meos, com que olhos a viste?
Que vendoa logo assi là te apartaste
Do que se tanto estima; & se na terra,
E entr'homẽs viues vaõs, como os deixaste?
Como viues em paz em tanta guerra?
Como assi estã seguro em taes perigos?
Como acertas em quanto câ o mundo erra?
Eu por onde quer qu'olho, vejo imigos
Nos homẽs, nas riquezas, nos estados:
Tu delles vsas sò como de amigos.
Outros olhos, grã loaõ, te foram dados,
Outro sprito dos outros diferente,
Outro alto pensamento, outros cuidados.

S 2

L 2

DAS CARTAS.

Leuante Phebo d'entre a cega gente
 Aquelle choro dos segredos seus;
 O mundo daly viste claramente.
 Dali sayste tal, que ja dos teus
 Serás chamado em vida só ditoso;
 Ab se mais alto voassem os versos meus!
 O como esse teu nome glorioso
 Vejo! quam altamente soará
 Sempre o teu epithaphio tam famoso!
 Lá ati em viuo te leua; & leuará
 Por ti aos ceos teus filhos o alto exemplo,
 Que em guerra, & em paz ao mundo ficará.
 Quando tal vida, tal saber contemplo,
 Lembrame, se tu foras n'outra idade,
 Que estatuas ja te ergueram, que alto templo.
 Mas aquella honra daua a Antiquidade
 As vezes cegamente, outras forçada,
 As mais vezes poreu por vaidade.
 A muitos foy injustamente dada.
 Ati só fora dada justamente:
 E tanto, quanto menos desejada.
 Tu segues o saber por si samente.
 A virtude amas só polo que val,
 Sem outra cor, & sem outro accidente.
 Aos mais dos homẽs parecerás mal,
 (Eu digo destes homẽs, que cá vemos

Fei-

LIVRO I.

39

Feitos todos de terra, & de metal.)
 Que julgam as virtudes por extremos,
 E os seus extremos sôs não chamã vicios:
 Mas elles samno, & nos os conbecemos.
 Reprebenderam teus sanctos exercicios,
 De ler, & d'escreuer, em que chorando
 Estás seus vãos desejos, seus officios.
 Mas entã te vejo ir ja leuantando
 Mais forte, & mais constante, pois pareces
 Tam differente dos que vas deixando.
 Igual premio, bom loãõ, ao que mereces,
 He poderes dizer tu: eu sou sô,
 Quem tu, profano vulgo, não conbeces.
 Ô que magoa tamanha, ô que grã dô
 Se deue ter de tam cegos enganios,
 Confiados em vento, em ar, em pô!
 Como se os mores bens fossem seus danos,
 Assim os a borrecem, & o mal por bem
 Seguem: quando crerã seus desenganos?
 Cegos, que não entendem, que não crem
 Que o homem no corpo he bruto: & semelhãte
 A Deos, sô no saber, que delle vem.
 Hũa aue se acharã, que melhor cante.
 Hum bruto mais ligeiro, brauo, & forte,
 Outro, que da so vista mate, & espante
 Tambem verás que algum de uinba a morte,

S 3

Outro

Outro sabe ferido a herua buscar:
 Em morrer tens com elles igual forte.
 De que te podes, homem, gloriar
 Senão so da razão? se a mal emprega,
 Que nome com razão te podes dar?
 Que as feras com ser brutas, com ser cegas
 Seguem o bem, & guardam suas leys:
 E tu quebras as tuas, ou as negas.
 Não são os Reys mais homẽs por ser Reys:
 Nem vos õ homẽs fortes, & ligeiros
 Mayor alma que os mais fracos tereis.
 Aquelles são sos homẽs verdadeiros,
 Que samente o que he seu, seguem, & amam.
 E quanto mais o seguem, mais inteiros.
 Aquelles são sos homẽs, que se affamam
 Com letras, com saber, com que alumiam
 O mundo; & tudo o mais fortuna chamam.
 Deste lume alumiaados quanto viam
 Desprezauam os sabios: neste està
 Aquelle summo bem, a que subiam.
 Com este viste a differença, que ha
 D'hum homem a outro homem; & que baixeza
 He quanto fõra disto o mundo dà.
 Em mancebo mostraste fortaleza,
 Mas despois no que leste, entãõ sonbeste
 Quando esforço se diz quando, fraqueza.

Com

Com isso o mundo, & a ti mesmo venceste,
 D'a hi sõ tomando os preceitos seguros,
 Seguro ahi entr'os homẽs bem viueste.
 Agora affirmarãs que cauas, muros,
 Baluartes, bombardas, armaduras,
 Petrechos, vallos, minas, contramuros,
 Nem por piques trepar, nem auenturas
 Vans de desprezar morte daõ victoria,
 Mas prudentes conselhos, & almas puras.
 Enriqueceste o peito, & a memoria
 D'altos exemplos dos antigos feitos,
 Que no mundo deixaram clara historia.
 Enchendo a alma sam de saõs conceitos,
 A razão segues, que te leue, & guie
 Pelos caminhos, qu'ao ceo vaõ dereitos.
 Dirãs que não he bem que se homem fie
 Nos homẽs, na fortuna: estaras rindo
 Do vaõ mundo, por mais que o contrarie.
 Quando mais ocioso, entãõ abrindo
 Os bons liuros, regendo estãs tua terra,
 Em ti as proprias leys tuas comprindo.
 Sempre prestes, & prompto a paz, & guerra,
 No mar descanso mais te temerãs,
 Crendo quanto a confiança às vezes erra.
 Ahi esse nobre assento, onde lã estãs,
 Lã de tam longe de teu sangue herdado

S 4

Cos

DAS CARTAS

Cos meos, porque se ouue, o softerás.
 De quem, grã Sã, não serás inuejado
 Em claro sangue, em feitos, em saber,
 Em que esse antigo nome he celebrado?
 Ditoso tu, pois soubestes assi viuer
 Ou mayor, ou igual aos teus passados.
 Ditoso, que não podes já temer
 Principes, ou fortuna, ou morte, ou fados.

A GARCIA FROIS FER-
 reira seu irmão.

CARTA VII

QUam differentemente Deos reparte,
 Irmão, cos homês as inclinaçõs!
 Ditoso, ao que combe a melhor parte.
 Quantas cabeças, tantas condiçõs,
 Quantas condiçõs, tantos appetitos,
 E quaes os appetitos taes tençõs.
 Irás achar num homem taes spritos,
 Que outra cousa mór qu'homem te pareça
 Nas obras, nos intentos, & nos ditos.
 Com outro irás topar, que nem mereça
 O nome de homem, antes elle só
 Dirás qu'os outros homês escureça.

E de

LIVRO I

E de quaes sobre todos eu hey dô,
 São destes, que não crem, nem lhes parece
 Que foram, como nos, feitos de pó.
 Homem ha hi, que cuida que merece
 A Deos ser immortal, & hum sô no mundo:
 Este dirás que a si, & a Deos conhece:
 Outro de vil, & baixo no mais fundo
 Da terra anda metido, entã dirá
 Que nem quer ser primeyro, nem segundo.
 Quem tanto engano desenganará?
 Quem por exemplo claro, ou por figura
 A luz a olhos tam cegos mostrará?
 Parece já a algũs homês sô ventura
 Fortuna, & caso incerto, o que nos traz,
 E volue de hũa em outra desventura.
 Mas longe va de nos, a quem apraz,
 A quem a prouue dar tal nome errado
 A summa prouidencia, que isto faz.
 Muito bem conheceo isto o enganado
 Gentio, que o alcançou naturalmente
 Pelo lame de Deos, que lhe foy dado:
 Mas temendo elle mais qu'a Deos a gente,
 Não quis crer o que via, & assi enganou
 Dobrado a si, & o pouo simpresmente.
 Aquelle Deos eterno, que criou
 Este mundo com quanto nelle vemos,

A

DAS CARTAS

Aquelle o regeio sempre, & conseruou.
 Nos, que isto confessamos, & entendemos,
 Quando mais nos combatem vãs mudanças,
 Então deuemos crer mais do que cremos.
 Como nossos cuidados, & esperanças,
 Todo nosso propôr, & profeguir,
 Todos nossos desejos, confianças
 Mais certas sempre estão em nos mentir,
 Que à quelle fim chegar, que lhe' esperamos,
 Que lá decima sô lhes pode vir.
 Estas sombras, irmão, tras que assi andamos,
 Como sombras se vão de nos fugindo.
 E nós tambem tras ellas caminhamos.
 Quem inueja auera ao que vay rindo,
 Se no meo do riso o ve chorando?
 Quem o vento, que passa, irá seguindo?
 Per' outro fim mais alto caminhandô
 Vamos, que tu grãq Deos de lá nos guias,
 E tinto de teu sangue o estás mostrando.
 As vãs mudanças nossas são as guias,
 Que nos pera lá leuam, & tu nos deste,
 Mas nós seguimos nellas outras vias.
 Por isso em quanto vemos nos quiseſte
 Mostrar pouca firmeza, & fundamento,
 Por isso inclinaçõs varias nos deste.
 Dêſte nos ligeireza ao pensamento,

Por

LIVRO I

142

Porque da terra aos ceos subindo viſſe
 Que tinhamos nos lá outro firme aſſento.
 E daquelle alto olhando a baixo riſſe
 Dos jogos, em que andamos todos vaõs,
 E logo elles deixados te ſeguiffe.
 Cansamos os ſprios, pés, & mãõs
 Tras couſas, cujo fim ſempre he mais certo
 As almas corromper, & peitos ſaõs.
 Por eſtas não tememos o deſerto
 Medonho, o mar inchado, a terra crua.
 Ab que deſpois de auído, he mais incerto.
 O quantos vão voando ſem a ſua
 Mina d'ouro deixada ao ingrato berdeiro!
 Como podes dizer hũa couſa tua?
 Eu vejo que as mais vezes o primeiro,
 Que quis ſer diligente, fica à quem,
 E paſſa entãõ por elle o derradeiro.
 Quem confia pois já no que ve? quem
 No mor ſeguro não ſe eſtã temendo?
 Quem debaixo do ceo pode eſtar bem?
 De quantas couſas ha ſe eſtã bem vendo
 Hũa roda continua ſuceſſina,
 Em que hũs eſtãõ morrendo, outros nãſcendo.
 Aquella parte sô, que em nos he viua,
 Aquella vine ſempre; eſta ſegura,
 Eſta liure nos he, nunca catina.

Eſta

DAS CARTAS.

Esta zomba de acertos, & ventura,
 Rise de quanto ha cá pela terra.
 Por nada cegamente s'aventura.
 Tu, em quanto o vaõ mundo enganado erra,
 E as confas de mor preço desestima,
 Com estas armas vence sua mã guerra.
 Não ha signo, não estrella, ou polo, ou clima,
 Que mudar possa a boa tenção constante,
 Qu'os olhos da terra alça, & os ergue acima.
 Em nossas mãos nos temos: & diante
 Bem, & mal; honra, infamia; pena, & gloria;
 Sigamos o melhor, por mais qu'espante.
 De nós nos nasce ou triste, ou clara historia.
 Vencamos cos bons fins principios duros,
 O môr perigo com a mor victoria.
 Ha dous caminhos: hum leua seguros,
 Inda que estreito, aos ceos spritos claros:
 Outro largo, & mais liure os deixa escuros.
 Figura antiga, & triste! Quem tam caros
 Nos fingio nossos bens? por que parecem
 Tantos maos caminhantes? bons tam raros?
 Os homês, que por homês se conhecem,
 Não vem sua natureza alta a que os chama?
 O que lhe não conuem? & o que merecem?
 Como do nosso fogo a viua chama
 Não levantamos, que vâ clara abrindo

A

A larga estrada da virtude, & fama?
 Larga estrada, não estreita, a quem seguindo
 Com claros olhos for a clara estrella,
 Que nos com neuoas vans estamos cobrindo.
 Apareça a Razão fermosa, & bella,
 Criada em nossos peitos. Ab que amores
 Nos nascerã tam viuos logo della!
 Cayrã os perigos, & os temores,
 O campo liure, o ceo claro, & sereno
 Veremos sem trabalhos, & sem dores.
 Vida tam larga por hum tam pequeno
 Momento de miseria, não de vida,
 Onde m'engana, o que mais fundo, & ordeno.
 Memoria gloriosa tam deuida
 A virtude, honra, & gloria, por hũa morte,
 Que as mais das vezes vem não conhecida.
 Quem tam enganado he, tam pouco forte,
 Que não troque por bens huãs sombras vãs?
 Por tudo o nada? o certo pola sorte?
 Passam os annos lédos, vem as cãs.
 Morrèram os prazeres, vem tristezas.
 Contentes estam sempre as almas sãs.
 Acham bem no trabalho, & nas durezas
 Descanso, vencem tudo, & a derradeira
 Hora ham por môr bem seu, mores riquezas.
 Fortissimos spritos, que a carreira

De

DAS CARTAS

De suas coroas lédos, & oufados
Correram desd'a sua hora premeira,
Sôs ricos, sabios, bemaumenturados.

A PERO D'ANDRADE.

CARTA VIII.

DEste meu peito saõ, em teu saõ peito
Candidissimo Andrade, vaõ seguras.
Minhas palauras chãs, meu nu conceito.
Luos daqui fingidas, iuos duras
Linguas, & condiçõs: pura clarezza
Saya de claros peitos, & almas puras.
Riome, bom amigo, da estreiteza
D'algũs curtos amigos, & da oufada
D'outros liures errada, & vam largueza.
Seja a amizade facil, confiada
Doce, apraziuel, branda; mas honesta,
Mas de sam liberdade acompanhada.
Pague se amor fingido aquem o emprsta,
Mas quem bom amor dà, recebeo bom,
Liure da tençaõ baixa, & deshonesto.
õ que doce armonia, que igual som
Faz a virtude em dous peitos, que della
Se ajuntam, se compoem! diuino dom!
Eu honro, & honrarey sempre a boa estrella,

Que

LIVRO I.

144

Que tal te me mostrou, & a mim te deu
De Apollo amor, fama de Filis bella.
Ditosa, & ingrata Filis, deste teu
Gentilissimo sprito tomo a parte,
Que os ceos me deram nelle por bem meu.
Antes deste mortal meu véo se a parte
Est' alma, meu Andrade, que hum só dia
Deixe, como assi mesma, já de amarte.
Tu em meus cegos passos foste a guia,
Qu' ao Muséo escondido me guaste:
Deuote quanto sem te ver perdia.
Cresco sempre este amor, com que m'amastê,
Cresceria tua fama, s'eu podesse
Cantarte igual ao nome, que ganbaste.
Dartebia metaes ricos, se os tiuesse,
Em marmor deixaria em viuas cores
Vino esse sprito teu, s'arte soubesse
Igual à dos antigos, hũs pintores,
Outros em pedras taes, que com suas mãos
Roubanam à natureza seus lououres.
Mas o ceo negoume isto: & effes tam saõs,
Tam modestos desejos se contentam
Tambem dos meus desejos todos saõs.
Folgas com versos; versos se presentam
Meus, quades saõ, ante ti: versos dão vida
Ao digno de memoria, & o acrescentam.

As

DAS CARTAS.

As Musas cantam: dellas he sabida,
 Não de metaes, de cedros, de esculturas.
 Afama aos claros feitos concedida.
 Caem a estatuas, gastanse as pinturas;
 Aquelle brando canto he sô mais forte
 Contr'o tempo, que ferro, ou pedras duras.
 Contra fogo, contra agoa, & contra a morte
 Fica soando sempre: ó tu ditoso,
 A quem tam grande sprito coube em sorte.
 Teu bom verso te canta, glorioso
 Faça teu nome, em todo mundo sayá
 Tal som, que seja amado de inuejoso.
 Qu'entam ingratos tempos hora caya,
 Em tam duros ouuidos, outra idade
 O cantarâ daqui à Oriental praya.
 Se tam vsada fosse a liberdade,
 Como he o engano falso, eu oufaria
 Mostrar contra mil erros a verdade.
 Em vão o desejo, em vão me queixaria
 D'estes juizos cegos, que igualmente
 Gostam da Musa doce, & Musa fria.
 Louuense os bons intentos, cega gente,
 Louuense as boas obras, bons spritos,
 Não seja o mau co bom indifferente.
 Hũs ditos serem graues, outros ditos
 Baixos, & despejados: d'hum louuor

Que

LIVRO I.

145

Quereis pagar os bõs, & os maos escritos?
 Que gosto, que esperanza, que feruor
 Acenderá hum peito, que s'inflame
 A cantar, ou chorar o fero Amor?
 Que os claros feitos erga? Herões affame?
 Armas de pò victorioso ornadas,
 Que milagres despois o mundo chame;
 Se tam rudes estão, se tam cerradas
 As orelhas ao som, que de Enio a Maro
 Não fazem as differenças a prouadas?
 Não sabem o escuro conhecer do claro,
 Proprio do improprio, não do brando o duro,
 O vulgar baixo, do bom graue, & raro.
 Isto está leue, & frio; isto maduro,
 E doce; o estylo aqui vence o conceito;
 Aquí o conceito he bom, o estyllo escuro.
 Como os sem arte, como os sem preceito
 Tal estreiteza de arte, & de preceitos
 Notar.ã? quem não tem mais alto obgeito
 Que seguir seu juizo nu, que aceitos
 Versos fará a Horatio, digo às Musas?
 Que os que desfaz, das Musas são desfeitos.
 O bom louuas Horatio, o mau accusas,
 De bons ingenhos mestre artificioso,
 Não sofres falsas cores, vãs escusas.
 Grande censor das Musas, quam irroso

T.

Te

DAS CARTAS

Te mostras contr' aquelles maos profanos,
 Que se ousam coroar de louro honroso!
 Suem, & tremam, gastem bem seus anos,
 Em teus preceitos, viram mais seguros
 Em ti; menos confiados em enganoso.
 Aquelles versos teus, doces, & puros
 Entenda eu sempre, & siga; elles abrandem,
 Elles dem graça aos meus frios, & duros.
 A ti leam, grã Flaco, apos ti andem
 Meus olhos, tras os que tambem te seguem,
 Como o bom Sã Miranda (a que os ceos mãdem)
 Cantar mil annos câ, & entã se entreguem
 D'aquelle raro sprito) a estes contente
 Meu verso, minha prosa; os cegos ceguem.
 Não sofrem as altas Musas meamente
 Serem tratadas: tanto que do extremo
 Hum pouco deco, cayo baixamente.
 Quem sprito me dà? como não tremo?
 Como ouso tentar tanto? vos sabeis
 Musas, quanto vos amo, quanto temo.
 Soberbas confianças não sofreis,
 Humilde imitação is leuando,
 De juizos vaõs, leues não pendeis.
 Andrade, eu vou seguro desprezando
 Ingenhos mal criados, a hum sã certo
 Juizo, bom, fiel sempre me atando

luc

LIVRO I.

146

Juizo, que conheça ao longe, & ao perto,
 Que saiba comparar a boa pintura
 O bom poema em tudo viuo, & esperto.
 A fria allegoria, a mà figura,
 A historia ou mal tocada, ou mal seguida.
 A fea afeitacão, sentença dura.
 Sentença boa, porem mal trazida.
 Palavras muito novas, muito antigas,
 Arte ou demasiada, ou esquecida.
 O decoro, que quer que hãa cousa digas,
 Outra cales, em outras vas detendo
 O leitor, isto fuja, isto siga.
 De quem m' isto apontar, irey pendendo,
 Ou me louue, ou reprenda gente cega,
 Nem os estimo, nem me vaõ mouendo.
 Negueme Louro Apollo, Pallas nega
 Teu bom feruor, & sprito, se eu mal quero
 Aquelle ingenho bom, que bem se emprega.
 Amoo, honroo, & sigoo; o inculto, & fero
 Em sã sã confiado não me apraz:
 Eu, Musas, a vos sigo, em vos espero.
 Já vosso nome baixo, & escuro, já
 Mal entendido; vinde, desfazei
 Tal guerra contra vós, deixaynos paz.
 Vinde Musas armadas, socorrey
 A vossos Louros, & Heras, que forçadas

T 2

Vos

DAS CARTAS.

Vos leuam os que não guardam vossa ley.
 Sejam as boas cabeças coroadas
 Das sempre verdes folbas, outras sejam
 De vossos sacros bosques desterradas.
 Trazeinos vossa luz, pera que vejam
 Quam longe estaes, quam altas quanto acima
 Dos que em vão a chegar nos se despejam.
 Doutrina, arte, trabalho, tempo, & lima
 Fizeram aquelles nomes tam famosos,
 Por quem a Antiguidade se honra, & estima.
 Ab quem sofre hūs Cheryllos tam pomposos
 Aquelles altos nomes ir tomando,
 Que foram aos que os ganharam tam custosos?
 Magoas' o bom sprito, se roubado
 Lhe vão seu preço, & aquem não he deuido
 Juizos enganados o estão dando.
 Hum bom ingenho quer ser entendido.
 Não quer thesouros, pede ouvidos puros,
 Em que seu verso caya bem sentido.
 Leuauam pedras, leuantauam muros,
 Amansauam Liões os doces cantos,
 Agora os homēs sōs lhes são mais duros.
 Quem me desse a tal magoa assi ignaes prantos,
 Que aquelles duros peitos desfizesse
 De quem socorrer pôde a males tantos?
 Quem vida liure, quem já tal tiuesse

An-

LIVRO I.

147

Authoridade, o Principes, que à honra
 Do verso, antiga & grande vos mouesse?
 Não vos honram thesouros, não vos honra
 Rico cetro, alto estado, o mar, & a terra:
 Quantos isso danou! quantos deshonra!
 Por escritos viueis muitos em guerra,
 Muitos em paz ja ganbarieis gloria;
 Mas sabeo a morte so que tudo enterra.
 Quanto mais câ soâra a alta memoria
 Que nos deixou o grã Grego, que o mundo
 Correndo foy com guerra, & com victoria,
 Se daquelle alto, heroico, & facundo
 Cantor de Esmyrna sô fora entoado
 Seu nome dos antigos sem segundo!
 De Lysippo esculpido, & sô pintado
 D'Apelles tauoas duras pereceram:
 Os papeis cremos sò, de que he contado.
 Nelles se ve com quanta gloria arderam
 De Grecia, os Frigiõs muros; da alta Roma
 Como da terra aos ceos outros s'ergueram.
 O Portugues Imperio, que assi toma
 Senhorio por mar de tanta gente,
 Tanto barbaro ensina, vence, & doma;
 Porque assi ficarã tam baixamente
 Sem Musas, sem sprito, que cantando
 Ou do Tejo seu, ao seu Oriente?

T 3

Prins

DAS CARTAS

Príncipe (magoa nossa, que chorando
 Sempr'estarey) tu cedo leuantâras
 Algum desses spritos, qu'bias criando.
 Quam docemente, grã loãõ, so'iras
 Em todo mundo viuo! morto soa:
 Honrente as Musas, que tu tanto honrâras.
 Quantos de tua mãõ justa coroa
 De louro receber am! quantos de heras!
 Herde teu filho tua tençaõ tam boa.
 Já ha muito, meu Andrade, que me esperas.
 Leuoume magoa grande do mal nosso:
 Iramme condiçoẽs de gentes feras.
 Não posso o que desejo, o que sô posso
 Te digo: estã este-tempo todo em preço;
 Não pôde hum ingenho já, Musas, ser vosso.
 Do que esperey algũ hora, em vãõ me deço.
 Cante, quem canta ao som dos seus lououros.
 Qu'eu nem os acharey, nem os mereço.
 Esfriaßense em mim meus vãõs ardores,
 Tiuesse boa paz sempre comigo,
 Outros cantassẽm Reys, & Emperadores.
 Sempre aos mais dos ingenhos foy perigo
 Escreuer: os bons temem; escreuam ousados
 Esses, que tem grã credito consigo.
 Ditosos os que viuem bem calados
 Metidos em si mesmos, & contentes

De

LIVRO I.

148

De não serem ouuidos, nem julgados.
 S'em mim algum juizõ, ou amor sentes,
 Ou não escreuas, ou s'escreues, pende
 D'hum sô juizõ certo, a que contentes.
 Daqui nasce o louuor, d'aqui s'estende
 Por todo mundo; em toda parte val;
 O que hũa vez he bom, nada o offende.
 As vezes se diz bem, melhor, & mal;
 Assim se faz o liuro: o bom prudente
 Louua o bom, risca o mal, em tudo igual.
 Não dissimula vicio: se o consente
 No amigo, falo seu; o amigo puro
 Em ti, como em si mesmo, he diligente.
 Cum olho sô, que vejas, mais seguro
 Irás, que com mil cegos: poem diante
 Outra idade, outro tempo menos duro.
 Dos mais claros Herdas hum, que cante
 Escolha teu sprito, Real sugeito
 Tens na alta geraçaõ do grande Iffantẽ.
 Erguete, meu Andrade, arça esse peito
 Inflâmado d' Apollo, cante, & soe
 Igual tua voz ao teu tam alto abgeito.
 Ouçase o grã DVARTE, por ti voe
 Pelas bocas dos homẽs; de sua mãõ
 Inda Pallas, ou Phebo te coroe.
 Em mim, Amigo, tens hum peito saõ.

L4

Q

DAS CARTAS.

O mór preço te dou, tal mo tens dado.
Ensiname no qu'erro: à tua razão,
Como a teu bom amor, fico obrigado.

A D. IOAM DE LANCAS,
tro, filho do Duque d'Aueiro
em Coimbra.

CARTA IX.

SE te conheço bem, dessas Athenas,
S'là achasses, Senhor, me mandarias
Pera fugir de câ ligeiras penas.
Que tristes horas câ, que tristes dias
Vejo passar em duuidosa sorte
Imiga de descanso, & de alegrias!
Não conheço eu hum coração tam forte,
Que não tremesse, vendo só pintada
Tal figura de vida, antes de morte.
De que fio tam fraco pendurada
Vejo tanta honra, tantas esperanças,
De que tanta soberba confiada!
Vio já o mundo, já chorou mudanças
De tempos, & fortunas; nãos choremos
Nossas tam mal seguras confianças.
Inda as almas magoadas, inda temos
Os olhos molles da dor nossa, & o sprito

LIVRO I.

Iã ao qu'antes andaua sometemos.
Quem sabe o que nos ceos estarã escrito?
Esperemos bem sempre, mas temamos,
Em quanto tarda, a Deos suspiro, & grito.
Com dores, & com lagrymas compramos
Nosso remedio: com crydados vaõs,
Com risos liures mal o seguramos.
Eis os arrependidos eis os saõs
Peitos ja outra vez, quaes d'antes eram,
Eis as linguas primeiras, eis as mãos.
Aquellas immortaes graças, que deram
Com tamanho feruor a Deos, quam cedo
S'esfriaram nas bocas, & morreram!
Passou a onda já, passou o medo
Apparecido o Norte, nos seguros:
Mas quem nolo terá senão Deos quedo?
Thesouros soterrados, altos muros,
Diligencias humanas ah que valem
Mais que innocentes mãos, & peitos puros?
Aos bõs nunca falta que bem falem.
Mas quantos ousam? de quem saõ ouvidos?
Dase câ grande preço a homẽs, que calem.
Outros em comum dano sã saõ cridos:
Falsos censores de innocentes, quantos
Saõ d'essas liures linguas destruydos!
Destruydores de conselhos santos,

DAS CARTAS.

Conselheiros crueis de vosso bem,
 Custe albeos suores, sangue, & prantos.
 Hum peito liure, que tyrannos tem!
 Quem se leuantará contra bñs imigos,
 Em que tantos adoram, tantos crem?
 Em toda a parte enganos, & perigos,
 Como se saluará hum perseguido
 D'irmaõs, & de parentes, & de amigos?
 O triste, que suspira, como ouuido
 Será entre tantos risos? mas s'em vão
 Aqui suspira, aos ceos sobe o gemido.
 Destes suspiros baixos quantos vão
 Buscar vingança! tarda ella, mas quando
 Chega, que altas grandezas poem por chaõ!
 Tantas mortes sobre outras, que espantando
 Sempre estaram, suspiros as trouxeram,
 Que aos ceos caladamente hi am-bradando.
 Nunca sem grandes culpas cá viêram
 Castigos grandes, grande foy o nosso:
 Quaes as culpas serâm, que o mereceram?
 Desejo falar liure, mas não posso.
 Nunca se veja o que eu daqui já vejo,
 S'ao longe, Musas, ve hum sprito vosso.
 Humanissimo loam, eu não desejo
 Viuer de pendurado de vaydades,
 Onde o bem he nenhum, & o mal sobejo.

Não

LIVRO I.

150

Não queria adorar huãs vontades
 Diuinas, que cá fazem cega gente
 Tornada a outras vans gentilidades.
 Não me sofre o sprito, não consente
 Que o qu'eu por mais vil tenbo, estime, & adore
 Polo mais precioso, & excellente.
 Não me poderey ter, que ao menos chore
 Baixissimos spritos leuantados,
 Em que, como forçada, a honra more.
 Merecimentos mal galardoados:
 Almas claras, sans linguas, peitos fortes
 Esquecidos de todo, & desprezados:
 Animo, & fé leal por tantas mortes
 Por tantos fogos, & ondas já apurada
 Igual como outra baixa, às comũs sortes.
 Que me aproueita a lança ensanguentada
 No peito do Rey mouro, se aventuro
 Perder a vida, & não ganhar cá nada?
 Não ha triumphos já, não quebrar muro,
 Não coroas de palma, não de louro.
 Ab tempo a todo bem ingrato, & duro!
 Esta he a idade, que chamãram d'ouro.
 Tudo obedece sò a este Tyranno.
 Tanto valbo, Senhor, quanto enthesouro.
 Mas eu queria, sò liure de engano
 De mim mesmo, & dos homẽs, viuer tal,

Que

DAS CARTAS.

Que sempre hum esperasse o dia, & o ano.
 Queria hum bom estado meão, igual
 Em todo tempo, hũa fortuna honesta,
 Que bastasse liurarme de obrar mal.
 O que conuém à vida, he o que presta.
 Mao sempre, ou perigoso o que sobeja,
 Que logo torce à via deshonesta.
 Fujo daquillo, que se mais deseja.
 Não quero eu amar tanto meus herdeiros,
 Que minha morte desejada seja.
 Não quero ser contado entre os primeiros;
 Disto sò me contento, a isto chegasse
 Que o primeiro fosse eu dos derradeiros,
 Nem inuejado fosse, nem inuejasse.
 Assim com meu sprito sossegado
 Em tudo a meu estado m'igualasse.
 Ah meu Lancastro, se me fosse dado
 Remedio de fugir das tempestades,
 Em que anda todo mundo leuantado;
 Em que por mim passassem mil idades,
 Por todas lédo, & rico passaria,
 Com sò fugir vãs cortes, vãs cidades.
 No verde campo me amanhecera,
 Veria o Sol saindo roxo, & claro
 A grossa neuoa alçar, dourando o dia.
 O que haõ no mundo por melhor, mais raro

Despre

LIVRO I.

151

Desprezaria; hum sò murmúrio brando
 D'agoa corrente me seria charo.
 Não às soberbas portas esperando
 D'alta casa acharia a triste gente,
 Que tam continua em vaõ anda velando.
 Não de marmores altos, & esplendente
 Pedra estranha, laurada por noua arte
 De finas tintas, & ouro reluzente
 Ergueria colūnas: não por parte,
 Qualquer que fosse, leuaria forçados
 Quantos achasse, não do fero Marte
 A funesta trombeta, os tristes brados
 Me soariam, não os golpes duros,
 Nem as quedas dos muros arrasados.
 As minhas torres, os meus altos muros
 Sejam quieto sprito, & vida pura,
 Em que meus pobres bês estem seguros.
 Meus pensamentos sejam na pintura
 Do ceo vario, & fermoso, que me está
 Mostrando outra mais alta fermosura.
 Outra alta fermosura, que eu de cá
 Vendo, quanto se ve na baixa terra,
 Fastio õs olhos, pejo ao esprito dá.
 O doce campo, o deleitosa serra,
 Valles sombrios, claras, & correntes
 Fontes, que bem secreto em vos s'encerra!

Em

DAS CARTAS:

Em vos viueram as primeiras gentes
 Antigos padres nossos, sancta idade
 Toda de mãos, & peitos innocentes.
 Em vos a alua innocencia, a sam verdade,
 Igual justiça andauam companheiras
 Da boa fé, da limpa castidade.
 Por vos, passando em vos, as derradeiras
 Pégadas cá deixaram aos ceos subindo
 Da terra, ás suas moradas verdadeiras.
 Ali as brandas Musas, que seguindo
 Vou com tanto desejo, de hera, & louro
 Algũ hora me estem a fronte cingindo.
 Partam outros o mar, sotterrem ouro.

A MANOEL DE SAMPAYO em Coimbra.

CARTA X.

DAs brandas Musas dessa doce terra
 Pera sempre apartado choro, & gemo
 Em vaõs cuydados posto, em dura guerra.
 Sampayo, ah que não viuo, ah que arço, & tremo,
 Com medo dos perigos, que cá vejo
 Taes, que do so seu rosto pasmo, & temo.
 Aristippo por mestre aqui desejo,
 Que com seu liure desuergonhamento

Solta

LIVRO I.

152

Soltasse minha lingua, & inutil pejo.
 Tudo se vence cá com atreuimento,
 Com lingua ousada, & mãos, com não temer,
 Compor a proa a todo mar, & vento.
 Mas eu vou-me com Diogenes meter
 Dentro em mim mesmo: & aquelle doce espaço
 Me não lembra mais mundo, ou mais viuer.
 Quanto mundo ali rio! ali desfaço!
 Que novos mundos crio! quantas vezes
 Mouro comigo ali, quantas renaco!
 Ditoso aquelle que contando os meses
 De sua idade vay alegremente,
 Sem ouuir de Hespanhoes, nem de Franceses.
 Ditosa, ô quam ditosa aquella gente,
 Que em sua simprez, sam rusticidade
 A noite tras o dia ve contente!
 Quam triste, & dura vida a da cidade
 Chea de pouo vaõ! quam perigosa
 A da corte a toda alma, a toda idade!
 Esta cidade em que nasci, fermosa
 Esta nobre, esta chea, esta Lisboa
 Em Africa, Asia, Europa tam famosa,
 Quam diferente em meus ouuidos soa,
 Quam diferente a vejo, do que a ve.
 O sprito enganado, que no ar vou!
 Este idôlatra pouo, que sô cre

No

DAS CARTAS.

No thesouro seu Deos, assi se cega,
 Qu' em al não cuida, ou escreue, ou fala, ou le.
 Que fé, que sangue já, que amor não nega
 Polo seu amor proprio? que alma, ou vida
 Lhe não dá, lhe não vende, ou não entrega?
 Aquella grã rua nona conhecida
 Por todo mundo, que outra cousa conta
 Senão da nao ganhada, ou nao perdida?
 Ah que triste miseria, ah grande afronta,
 Não ousar levantar se hum bom sprito
 A outro cuydado, outra mais alta conta!
 Quam claro aquelle, que ou por feito, ou dito
 Deixou nome immortal, & glorioso
 Exemplo aos seus em proueitoso escrito:
 Igualmente direy sempre ditoso
 Ou quem fez cousas dignas de memoria,
 Ou quem pos em memoria o proueitoso.
 Esta he a vida, esta honra esta he gloria
 Tam amada daquelles, que deixaram
 Em guerra, & em paz ao mundo clara historia.
 Quam prodigos das vidas derramaram
 Seu generoso sangue, quam contentes
 Por boa morte as vidas venturaram.
 Roma, a grã Roma Emperatriz das gentes
 Com que a soberba Grecia escureceo?
 Com que tornou suas terras obedientes?

Com

LIVRO I.

153

Com gloriosa inueja se moueo
 Vsar das gregas leis, com sua doutrina,
 Com suas proprias armas a venceo.
 Com ellas todo mar, & terra inclina
 As vencedoras Aguias, que voando
 Leuam por todo mundo a honra latina.
 Aquillo, a que se vão affeicoando
 Nossos olhos, & sprito, ou tarde, ou cedo
 Nos leuam, se os deyxamos ir leuando.
 Tambem tem seu começo o esforço, ou medo,
 Seu começo o desejo, ou odio d'honra,
 Vem azos, passa o tempo, não está quedo.
 Quem seus olhos alçou àquillo, que honra,
 E acefo de sua gloria o foy seguindo
 Té fim, tudo o mais baixo ha por deshonra.
 Quem a vontade assi zombando, & rindo
 Deixou leuar apos sen cego gosto,
 De todo mais saber s' esta forrindo.
 Ves aquelle tornar com lédo rosto
 Do sangue, & suor das armas bem corado
 Defendendo o lugar em que foy posto,
 Quam confiado chega, quam olhado
 Por onde quer que vay, quam recebido
 D'homês, quanto de damas festejado?
 Ves d'outra parte estoutro, que perdido
 Seu tempo, seu desejo, baixo, & vil,

V

Não

Não entr' aquella gente conhecido?
 Tantos dôbroës antigos num ceitel
 Infame, & vergonhoso se tornâram,
 Qu'is vezes anda em vão pedindo a mil.
 Ambos suas estrellas os leuâram.
 Mas hum seguiu sua boa; outro da má
 Não quis fugir, que ellas nenhum forçaram.
 Quam caro custa o bem, que o mundo dá!
 Sempre em dor, ah sempre em rependimento
 O môr seu gosto acaba, & acabará.
 Spritos vagos, vãos, como do vento
 Viueis? como seguis quem tanto dana?
 Em que assi descansaes o pensamento?
 Ah, que hum só doce canto nos engana
 De fereas crueis, que no môr mal,
 No môr perigo em vão nos desengana!
 Quanto, Sampayo meu, quanto mais val,
 Meu bom amigo, hum ocio, liure, & honesto,
 Que as Indias guerrear de Portugal!
 India, Guiné, Brasil, & todo resto
 Do mundo, a que nós chamâ, a que conuida
 Em mundo, assi ambicioso, & desbonesto?
 Que bem, que alegria ha, que destruyda
 Não seja de mil males, que em espregita
 Parece que tem sempre nossa vida?
 Busquemos hũa estrada mais direyta.

A-

Amigo, com saude, & com descanso
 De vida, inda que humilde, aos ceos aceita.
 Do fresco prado pelo rio manso
 Em leue barco verde de mil ramos,
 De mil flores rememos manso, & manso.
 Mais ondas, mores mares não queyramos,
 Com nossa baixa vella, mas segura
 Chegemos ao bom porto, a que guiamos.
 Tu em castos desejos alma pura,
 Sammente contemplando já mais que homem
 No que te deu teu sprito, não ventura.
 Eu em quanto hūs cuidados crueis me comem,
 No que me representam enlauado
 Iremos, tẽ que os veja, ou que mos tomem.
 Sprito meu, sprito tam cansado,
 Descansarias hora, se chegasses
 Aquelle teu bom fim tam desejado.
 Sesta minh'alma triste perguntasses
 Sampayo, de que viue, ou em que espera?
 Sey que de seus desejos sô chorasses,
 Quem me dera no mundo, ah quem podera
 Ter contigo hũa vida, qual desejo,
 Qu'a ambos prazer, & offensa a ningũ dera!
 Pendurado ando todo d'hum desejo.
 Seu algũ hora o visses, tu verias
 O claro fogo, em que arder me vejo.

V 2

O do

DAS CARTAS.

Ô doces, ô ditos os meus dias,
 S'a tal estado chegam, qu'igualmente
 Os passassemos inda em alegrias!
 Não alegrias, quaes as quer a gente,
 D'alvorocos, de festas, de pandeiros:
 Mas d'amor, de prazer, qu'alma sò sente.
 Ao som das agoas, sombra dos vimeyros
 No doce collo de sua mãy fermosa
 Fermosos visse eu inda os meus herdeiros.
 Não soberba, não seca, não pomposa,
 Mas branda, humilde, casta, sabia, & santa,
 Fermosa sempre a mim, nunca queixosa.
 Já a vejo, já se assenta, já me canta
 Ao som da doce lira, os doces cantos,
 Que eu não compunha em esperança tanta.
 Ali vejo acabar meus tristes prantos:
 Ali novos prazeres, novas festas
 Nascem d'amor, & de deleites santos.
 Tu chegas, meu Sampayo, & ali me emprestas
 Toda tu'alma, todo teu bom siso,
 Com que esta minha vida mais honestas.
 Temperas grauemente o folto riso
 De meu contentamento: & então m'ensinas
 Subir por este ao outro Parayso.
 Pisando hora a herua verde, hora as boninas
 Roxas, azueis, & brancas desfolhando,

Com

Com historias humanas, & divinas.
 Vejome estar ouuindo, a ti contando,
 Pendendo da tua boca, té que as horas
 De mudar o lugar nos vem chamando.
 Ajunta o precioso ouro, que adoras,
 Auaro cobicioso, taes riquezas,
 Que auidas temes, que perdidas choras.
 Procura honras, estados, & altezas
 Ambicioso não, farta esse peito,
 Que em fim contigo acabam essas grandezas.
 Visse eu do que desejo sancto effeito
 Com saude, com liuros, com meam vida,
 Com ter de mim em minh'alma bom conceito;
 Sella mais desejar, não seja ouuida.

A DIOGO DE BETANCOR.

CARTA XI.

Que poderosas heruas nessa Beyra,
 Que agoas tam esquecido te tornáram
 Tam cru, meu Betancôr, ao teu Ferreira?
 Se novas Nymphas nouo amor criáram
 Nesse teu brando peito doce fogo,
 Nas minhas tuas chãmas se esfriaram.
 Entra zombando, entra entre riso, & jogo

V 3

Branda

Brandamente o Amor, e então se mostra,
 Quando já não aprouveit a choro, ou rogo.
 Qu'arte, que graça poem nua sô mostra!
 Que vineza, que força, quando a esconde!
 Quam sabiamente finge o que demonstra!
 Minino, que não fala, nem responde,
 Mas com aquelle silencio pode tanto,
 Que sentimos a força, sem ver donde.
 Eu em suas cousas já perdi o espanto.
 Conhecido me fez em toda parte
 Com tristes vozes, com saudoso canto.
 Já prouou toda a força, já toda arte
 Nesta alma, em que sô quis fazer vingança
 D'offensas, em que a triste não tem parte.
 Moço cruel, que à minha conta lança
 As offensas, e as iras, de quem sabe
 Ter sô pera meu mal de mim lembrança!
 Não permittam meus fados, que en acabe
 Em tanto dano meu, tam grã perigo
 Em que nem força val, nem razão cabe.
 Inda que a sãz conselho tens contigo,
 Ouue poreu, em quanto sofre a idade,
 O que te lembra, amigo, bum teu amigo.
 Quanto vay do engano, à sam verdade
 Tanto vay d'hum amigo ao lisongeiro,
 Hum te fala à razão, outro à pontcade.

Esse

Esse sprito tam puro, tam inteiro
 Nascido pera honra, e pera gloria,
 Não o deças em baixo castineiro.
 Não to leuem em triumpho, em vam victoria,
 Mas vergonhosa a ti, baixos affeitos,
 Que à vida, e alma deixam baixa historia.
 Enche de tenções altas teus conceitos
 Iguaes àquella sancta alta doutrina,
 Que entra de liuros sanctos em sãos peitos.
 Sogiga teu juizo, e todo o inclina
 À firme, e verdadeira fé, sem que
 Nenhã alma criada be dos ceos dina.
 Enganase o olho fraco no que ve.
 Enganase o juizo confiado.
 Sô a humildade entende, adora, e cre.
 Dito sprito bem aventurado
 Que aprende sô de Deos, que de Deos fala
 Já em corpo mortal aôs ceos leuado!
 Começas; ouue agora; cre, e cala:
 Vay seguro na fé dos que te guiam,
 Tê que Deos pera os outros te dê fala.
 S'algũs maos mouimentos te desuiam
 (Por ventura d'Amor) do sancto estudo;
 Teme em ti o que em mim todos temiam.
 Quam pouco ha que me vias surdo, e mudo
 Pera ouuir, e pedir cura a meu mal,

V 4

Entrou

DAS CARTAS

Entrou conselho bom, curou ja tudo.
 Mudouse aquelle amor em outro igual,
 Mas d'outro nouõ fogo casto, & puro,
 Que quanto mais viuo he, tanto mais val.
 Não quero ser tam largo, nem tam duro
 Que t'ate todo, ou solte liuremente,
 Fazer' aqui samente forte muro.
 Causa sancta, mas rara, alma innocente
 Em poucos se acha: cabiràs hũ' hora,
 Logo em te levantar se diligente.
 Lã que a mór perfeicão não chega agora
 O mundo fraco, aquelle he melhor,
 Que menos mao dentro he, menos de fora.
 O pequeno erro publico he mayor
 Que os mayores secretos: o segredo
 O mór dos erros grandes faz menor.
 Tanto pôde a vèrgonha, tanto o medo,
 Que ou esconde, ou encolhe: onde falecem
 Estes, tras o mal vem castigo cedo.
 Mas os spritos bons não obedecem
 Por força: sò a razão, sò a virtude
 Os leua tras o bem, que ali conbecem.
 Ama tu' alma, ama tua saude:
 Não empeça hũa à outra, andem conformes,
 Iramamente hũa à outra sempre ajude.
 Se ris, s'estudas, vèlas, andas, dormes,

Não

LIVRO I.

157

Não receba do corpo o sprito dano,
 Nem todo em puro sprito te transformes.
 Cos homès, cos amigos se humano.
 Fuge de pesadumes, de tristezas,
 Que te farãm soberbo, ou deshumano:
 Quem se poem logo em duras estreitezas,
 Que a idade não sofre, esfria, & cansa;
 Vemse despois soltar em mil larguezas.
 Sam alma em corpo saõ, condiçãõ mansa,
 Boas falas, boas graças, brando riso
 Alegria a vida, & sua dũreza amansa.
 Conuem viuer assi entre jogo, & siso
 Com nossas horas sempre reuezadas,
 Não perdendo das almas bom auiso.
 No mór seõuro saõ mais salteadas
 D'honras vans, d'esperanças, crueis imigos,
 De que nos bons spritos saõ tentãdas.
 Trazem dissimulados seus perigos.
 Não te canses inda agora esses cuidados.
 Repousa o pensamento cos amigos.
 Nunca os sanctos desejos desprezados
 Foram dos ceos; quem de lá os ve nas almas,
 Os faz claros aqui, nos ceos honrados.
 Despreza os Louros vaõs, soberbas Palmas
 Dos que vencem os homès, não a si;
 Se te vences, ao ceo leuanta as palmas.

0

O que sempre em teu sprito conbeci
 Te leuantará cedo ao que mereces,
 Claros sinais desta verdade vi.
 Ditofo tu, que já por ti conbeces
 O que deues seguir, o que deixar;
 Mais ditoso, sejá bem te obedeces.
 Quando dos liuros sanctos te cansar
 O graue estudo, vayte a natureza,
 Em que aprendeste bem philosophar.
 Medirás com desprezo a redondeza
 Baixa da terra, quando os olhos cheos
 Trouxeres do alto ceo, da clara alteza.
 Rirtebás das cegas sombras, dos rodeos
 Com que aquelles Gentios foram dando
 Com a verdade por escuros meos.
 Outra mais clara luz alumiaando
 Nossa cegueira foy, luz que alumia
 Todo o que con bom zelo a vay buscánda.
 Acharás na moral philosophia
 Bons preceitos, a fim de amor, e paz
 Aos ceos da terra necessaria guia.
 E que sem bom amor a Deos apraz?
 Em vão viue, em vão obra, em vão deseja,
 Quem o bem, que deseja, a outro não faz.
 Nem de ti desprezada tambem seja
 Das noue Irmãs a graue, e doce lira,

Que

Que teu peito inquieto affente, e reja.
 Deleita suavemente, amansa a ira,
 Compoem nossos affectos: moue, abranda:
 Inspira altos conceitos, baixos tira.
 Dom diuino, dom raro, quam baixo anda!
 Mas tu o leuantarás cedo, se queres
 Soltar ao doce som tua voz tam branda.
 Se todo tempo ao graue estudo deres,
 Como arco sempre armado ficarás
 Com menos forca, quando a mais quiseres.
 Porque, meu Betancôr, não cantarás,
 S'ao som da harpa o sancto Rey cantaua?
 Porque o diuino dom desprezarás?
 Hora triste, hora alegre tempera ua
 Do psalteiro diuino as altas cordas,
 Em publico, em secreto a voz alcaua.
 Quam docemente dormes! como acordas
 Co peito soffegado, que adormece
 Ao doce som, que tu tambem concordas!
 Não te falece lyra, não falece
 Sprito: Grecia, Roma, Italia, Hespanha
 Sua lira a o teu canto te offerece.
 Hora entoarás o triste engano, e manha
 Do incendio Troyano ao som mais graue
 De quem lhe deu, cantandoo, honra tamanha.
 Hora daquell'emoço, que como aue

Voando

DAS CARTAS.

Voando entre nos anda, & despejando
 Seu coldre a elle leue, as almas graue.
 Meu Betancôr, assi se vay passando
 Este desterro nosso, tu procura
 Por contente viuer, tẽ que voando
 Vamos desta baixeza à clara altura.

A DIOGO BERNARDEZ.

CARTA XII.

Fez força ao meu intento a doce, & branda
 Musa tua, Bernardes, que a meu peito
 Dà nouo sprito, nouo fogo manda.
 Como hum juiz queres, que sogeito
 Viue a tantos juizos, se não guarde
 De tanto riso, & rosto contrafeito?
 Quanto em mim mais das musas o fogo arde,
 Tanto trabalho mais por apagalo,
 Quanto o silencio val, sabese tarde.
 A medo viuo, a medo escreuo, & falo,
 Ey medo do que falo sò comigo;
 Mas inda a medo cuido, a medo calo.
 Encontro a cada passo c'um imigo
 De todo bom sprito; este me faz
 Temerme de mim mesmo, & do amigo.

Taes

LIVRO I.

159

Taes nouidades este tempo traz,
 Qu'he necessario fingir pouco siso,
 Se queres vida ter, se queres paz.
 Vida em tanta cautella, tanto auiso,
 Quando me deixarás? quando verey
 Hum verdadeiro rosto, hum semprez riso?
 Quando a mim me creram, todos crerey
 Sem duuidas, sem cores, sem enganos,
 E eu, que de mim mesmo seja Rey!
 Ah tantos dias tristes, tantos anos
 Leuados pelos ares em desejos
 De falsos bens, & nossos tristes danos!
 A quem os deixa, & foge, quam sobejos
 Lhe parecem mais bens, que os que sò bastam
 Desuiar da virtude os cegos pejos.
 Quantos as vidas, quantos almas gastam
 Em buscar seu perigo, & sua morte,
 E tras ella seus jugos crueis arrastam!
 Aquelles viuem sò, a que coube em sorte
 Ao som da frauta, que dos ombros pende,
 O mundo desprezar com sprito forte.
 Toda minb' alma em desejar se estende
 A doce vida, que tam doce cantas,
 Que quasi a força quebra, que me prende.
 Mas ajunta a estas forças outras tantas,
 Todas quebraria eu, s'asas tivesse,

Coma

DAS CARTAS

Com que chegasse onde me tu leuantas.
 S'eu podesse, Bernardes, se eu podesse
 Ser senhor sô de mim, eu voaria
 Onde do vulgo mais longe estiuesse.
 Ali quam liuremente me riria
 De quanto agora choro! ali meu canto
 Liure por ares liures solitaria.
 Em quanto me ves preso, amigo, em quanto
 Sem sprito, sem forças, não me chames
 Com teus versos, que a ti sô honram tanto.
 Por mais que me desejes, mais que me ames,
 Não empregues em mim tam, cegamente
 Teu canto, com que he bem q' Herôes affames,
 Mas tratarey contigo amigamente
 Do conselho, que pedes. juizo, & lima
 Tem em si todo humilde, & diligente.
 Quem tanto a si mesmo ama, tanto amima,
 Que a si se favorece, & se perdoa,
 Que sprito mostrará em prosa, ou rima?
 Taes sam algũs, a que triste a Hera coroa
 Roubada do vado poro ao claro sprito,
 Que esconderse trabalha, & entãõ mais soa.
 Aquelle dá de si publico grito:
 Este cala, & s'encolbe: o tempo em fim
 Hum apaga; immortal faz d'outro o escrito.
 A primeira ley minha he, que de mim

Pris

LIVRO I.

160

Primeiro me guarde eu, & a mim não crea,
 Nem os que leuemente se me rim.
 Conbecame a mim mesmo: siga a vea
 Natural, não forçada: o juizo quero
 De quem com juizo, & sem paixãõ me lea.
 Na boa imitacão, & uso, que o fero
 Ingenho abranda, ao inculto dá arte,
 No conselho do amigo douto espero.
 Muito, ô Poeta, o ingenho pode darte.
 Mas muito mais q' o ingenho, o tempo, & estudo;
 Não queiras de ti logo contentarte.
 He necessario ser hum tempo mudo:
 Ouuir, & ler samente: que a proueita
 Sem armas, com feruor cometer tudo?
 Caminha por aqui. Esta he a direita
 Estrada dos que sobem ao alto monte
 Ao brando Apollo, às noue Irmãs aceita.
 Do bom escreuer, saber primeiro he fonte.
 Enriquece a memoria de doutrina
 Do que hum cante, outro ensine, outro te conte.
 Isto me disse sempre bũa diuina
 Voz á orelha; isto entendo, & creio.
 Isto hora me castiga, hora m'ensina.
 Cad'hum pera seu fim, busca seu meo:
 Quem não sabe do officio, não o trata,
 Dos que sem saber escreuem o mundo he cheo.

S'ora

DAS CARTAS.

S'ornares de fino ouro a branca prata
 Quanto mais, & melhor já resplandece,
 Tanto mais val o ingenho, s'á arte se ata.
 Não prende logo a planta, não florece,
 Sem ser da destra mão limpa, & regada,
 Co tempo, & arte flor, fruito parece.
 Questão foy já de muitos disputada
 S'obra em verso arte mais, se a natureza?
 Hũa sem outra val ou pouco, ou nada.
 Mas eu tomaria antes a dureza
 Daquelle, que o trabalho, & arte abrandou,
 Que destoutro a corrente, & vam presteza.
 Vence o trabalho tudo: o que cansou
 Seu sprito, & seus olhos, algũ hora
 Mostrará parte algũa do que achou.
 A palaura, que sae hũa vez fora,
 Mal se sabe tornar: he mais seguro
 Não tela, que escusar a culpa agora.
 Vejo teu verso brando, estylo puro,
 Ingenho, arte, doutrina: sô queria
 Tempo, & lima d'inueja forte muro.
 Ensina muito, & muda hum anno, & hum dia,
 Como em pintura os erros vay mostrando
 Depois o tempo, que o olho antes não via.
 Corta o sobejo, vay acrescentando
 O que falta, o baixo ergue, o alto modera,
 Tudo

LIVRO I.

161

Tudo a hũa igual regra conformando.
 Ao escuro dá luz; & ao que podera
 Fazer duuida, a clara: do ornamento
 Ou tira, ou poem: co decoro o tempera.
 Sirua propria palaura ao bom intento,
 Aja juizo, & regra, & differença
 Da pratica comum ao pensamento.
 Dana ao estylo às vezes a sentença,
 Tam igual venha tudo, & tam conforme
 Que em duuida estê ver qual delles vença.
 Mas diligente assi a lima reforme
 Teu verso, que não entre pelo saõ,
 Tornando, em vez de ornalo, entã disforme.
 O vicio, que se dá ao pintor, que a mão
 Não sabe erguer da taboa, fuge: a graça
 Tirãm, quando algũs cuidam que a mais dão.
 Roendo o triste verso, como traça
 Sem sangue o deixam, sem sprito, & vida:
 Outro o parto sem forma traz à praça,
 Ha nas cousas hum fim, ha tal medida,
 Que quanto passa, ou falta della, he vicio:
 He necessaria a emmenda bem regida.
 Necessario he, confesso, o artificio:
 Não affeisado, empece â terra planta
 O muito mimo o muito beneficio.
 As vezes o que vem primeiro, tanta

X

Natus

DAS CARTAS

Natural graça traz, que bñã das nouê
 Deosas parece que o inspira, & canta.
 Qual he a lingua cruel, que inda oufe, & proue
 Em vaõ ali seus fios? deixe inteiro
 O bem nascido verso, o mao renoue.
 Não mude, ou tire, ou ponha, sem primeiro
 Vir aos ouvidos do prudente experto
 Amigo, não inuejoso, ou lisongeiro.
 Enganase o amor proprio, falso, & incerto,
 Tambem s'engana o medo de aprazerse,
 Em ambos erro ha quasi igual, & certo.
 Per'isto he bom remedio as vezes lerse
 A dous ou tres amigos; o bom pejo
 Honesto ajuda entãõ melhor a verse.
 Ali como juiz entãõ me vejo.
 Sinto quando igual vou, quando descayo,
 Quanto d'outra maneira me desejo.
 Quando eu meus versos lia ao meu Sampayo,
 Minda (dizia) & tira: hã, & tornaua:
 Inda, diz, na sentença bem não cayo.
 O que mais docemente me soaua,
 O que m'enchia o sprito, por mao tinha,
 O que me desfranzia me louuaua.
 Entãõ conheci em a dita minha
 Em tal amigo, tãõ desenganado
 Juizo, & certo, em que eu confiado vinha.

Quem

Quem d'alhos tantos lido, quam julgado
 De tanto imigo as vezes a de fer,
 Conuem tempo esperar, & ir bem armado.
 Isto me faz, Bernardez meu, temer
 No teu, como no meu: não val escusa.
 Doe muito ves meu erro, & arrepende:
 Quem louua o bom? quem bõ, & mao não accusa?
 Mas tu não tens razão de temer muito,
 Assim te alça, & te leua a branda Musa.
 Deixa sô madurar o doce fruto
 Hum pouco: deixa a lima contentarse:
 Inuenta, & escolhe entãõ o melhor do muito.
 Eu vejo cada dia acrescentarse
 Em ti fogo mais claro, & o ingenho teu
 Cada dia mais vino leuantarse.
 Entãõ darás com gloria tua o seu
 Grã premio às Musas, que te tal criãram,
 Vida a teu nome, qual a fama deu
 A muitos, que da morte triumphãram.

AO SENHOR D. DVARTE.

CARTA XIII.

Quem tam igual sprito a meu desejo
 Criasse agoras m mim, grande DVARTE,

X2

Quem

DAS CARTAS

Quem canto nouo igual ao quem ti vejo!
 Com que daqui foasse em toda parte
 O teu Reakspírito, em que se cria
 Noua luz, noua gloria a Apollo, & Marte.
 Vejo Phebo coroado de alegria
 Teu nome estar cantando ao som diuino
 Das noue Irmãs, diuina companhia.
 Nouo som, nouo canto em peregrino
 Instrumento me soa, em nouo nome
 Indino desta terra, dos ceos dino.
 Mas viuenos tu nella, & em tanto tome
 Nossa idade essa gloria a nós mostrada,
 Que a dos antigos vença, a inueja dome.
 Ditoso, & aluo dia, hora dourada
 Estrella liberal, luz bem nascida
 Em que tanta esperança nos foy dada.
 Por ti vejo já ser restituyda
 A honra, & gloria antiga nouamente
 Minerva, a nouo estado, noua vida.
 Das mãos a liuraràs da baixa gente
 Gente cruel, & cega, & indouta, & indina
 De tal dom, sò deuido a quem o sente.
 Dom por nosso bem dado da diuina
 Mão aos mortaes, que com doces accentos
 Passar a dura vida nos ensina.
 Serena o ar escuro, abrandando os ventos,

Faz

LIVRO I. 163

Faz o dia mais claro, o Sal fermoso,
 Leuanta aos ceos da terra os pensamentos.
 O turuo rio faz correr gracioso:
 Enche o campo d'outra herua, d'outras flores,
 Com que o torna mais verde, & mais cheiroso.
 Dâ noua folha às aruores, dâ cores
 Às boninas, & às aues, que ou cantando,
 Ou chorando andam nellas seus amores.
 Ou as rusticas frautas imitando
 De Tityro, & Menalca, Galathea
 Com triste voz na praya em vão chamando.
 Ou do rustico Satyro a Napea
 Cantam, que foge ao bosque descorada
 Co tenro pé pisando a grossa areia.
 Ou de mais alto fogo outra inflamada
 Chamma, qual vemos inda clara, & pura
 Nas cinzas de Petrarca renouada.
 Hora nos mostra viua a mã figura
 Da fortuna cruel, cega, enganosa,
 No bem sempre mudavel, no mal dura.
 Hora em mais alta voz, mais sonora
 Trombeta em armas a custosa fama
 Renoua com memoria gloriosa.
 Quem a gloria não moue, nem inflama
 A generosa inueja dos Herôas,
 Qu'aquele graue som tanto alça, & affama?

X3

Quam

Quam doces são, quam altas as coroas
 Dos verdes Louros, & Heras concedidas
 Não a obras somente, a tenções boas!
 Mas quaes serãam ignaes, quaes as denidas
 A Real geração do Iffante claro?
 A tres spritos taes, a taes tres vidas?
 Em que voz caberãas? ond' ao teu raro
 Sprito, DVARTE, que aos ceos vay sobindo,
 S'achará nouo Homero, ou nouo Maro?
 Já te chega, Senhor, já quasi he vindo
 O tempo de tua idade desejado,
 Que teu glorioso sprito vas seguindo.
 Ditosa mãy, a dor do mal passado
 Abranda já: verãas engrandecido
 De tuas Reaes plantas o alto estado.
 Cresce, & cumpre, DVARTE, o prometido,
 Que te dos ceos estã: enche a alta historia,
 Que as tres Irmãs te tem de ouro tecido.
 Que triumphos já vejo da victoria
 Do sogigado Mauritano pouo,
 A que Andrade darã clara memoria!
 Com prazer a esperalo já me mouo,
 Com prazer a alta empresa vno, & pronto
 Vejo Andrade inflamado em furor noo.
 Que peregrino canto, o que alto canto
 Ouco, não de estranbezias fabulosas,

Que

Qu' em nome alas sò me pejo, & afronto!
 Verdades s'ouuirãam maranillofosas
 Em verdadeino, & graue, & doce estilo
 D'empresas sanctas, de armas gloriosas,
 Soará aquelle canto alem do Nylo,
 Acharã amor, & se em todo peito,
 Todo mundo trará apos si a ouuilo.
 Verseã a fortuna igual sempr'ãdo conceito,
 Ousadia, & prudencia tam conjuntas,
 Que parte igual terãam no alto effeitos
 Graues repostas às graues perguntas,
 Conselho, & esforço, ardis, & boa presteza,
 Em paz, & guerra as boas artes juntas,
 A tal gloria te chama, a tal alteza
 A Deosa, que já honras, leua auante
 Tal animo, tal zelo, Real grandeza.
 Por ti viuam as Musas, por ti espante
 Seu canto, Principe alto, & os baixos peitos,
 Que co a terra se rocam aos ceos leuante.
 Ahi deuam memoria os altos feitos
 Em poetico canto leuantados,
 Gloriosos no mundo, & sempre aceitos,
 Os Louros, & Heras, de que coroados
 Serãam os bons poetas, já crescendo
 Soberbamente vão por ti honrados.
 Nascey claros spritos, yenchendo

X4

De

De vossos som diuino este ar, cantando
 O grã DVARTE, em que o mundo vâ vendo
 Quãt' honra; quãta gloria lhe irã dando.

DAS CARTAS

LIVRO II.

A EL REY D. SEBASTIAM.

CARTA I.

Rey bem auenturado, em quem parece
 Aquella alta esperança já comprida
 De quanto o ceo, & a terra te offerere;
 Fermosa planta de Deos concedida
 A lagrymas d'amor, & lealdade,
 Sò noſſo bem, vida da poſſa vida;
 Em quanto eſſa innocente, & branda idade
 Por Deos creſcendo vay felicemente
 Tê o mundo encher de noira claridade;
 Em quanto eſte teu pouo, & o d'Oriente
 Nouo acreeſcentamento por ti eſperam
 D'outros Reys, d'outra terra, d'outra gente;
 Taes promeſſas os ceos de ti nos deram
 No teu tam milagroſo naſcimento,
 E ſprito igual em ti nellas poſeram.
 Eu leuado d'amor de ſancto intento
 (Quem ant'eſſa brandura temeria?)

Deterte

Deterte com meu verſo hum pouco tento.
 Deſpois virã hum tam dit'oſo dia,
 Que as tuas Reaes Quinas deſpregadas
 Na multidaõ de toda a Barbaria,
 As victorioſas frotas carregadas
 Das catiuas coroas, & bandeiras
 D'outro ſprito mayor ſejam cantadas.
 Agora ouue, Senhor, as verdadeiras
 Guias, que leuam os Reys a eſſa alta gloria,
 Não duras armas sò, velas ligeiras.
 Quantas armadas conta a antiga historia,
 Quantos grandes exercitos perdidos
 A mais poucos deixãram já vittoria!
 Eſſes tanto no mundo conhecidos,
 Cujos nomes venceram tantos anos,
 Não foram sò por força obedecidos.
 Não ſe ſogigam coraçõs humanos
 De boa vontade a força; hum peito aberto
 Os vence de bom amor, ſem arte, & enganos.
 Neſta ſombra, onde tudo anda encuberto,
 Quem da verdade ve mais que a figura?
 Quem ſeu paſſo direito leua, & certo
 Hũs falſos longes de hũã vam pintura
 Com ſua cor ao parecer luſtroſa
 Quantos detem co a falſa fermofura!
 Não tem cores, não dobrã a fermofura

Verda-

DAS CARTAS.

Verdade. Que buscaes, ó gente cega?
 Humilde, & nua está, não tam custosa.
 Não he hum só Cupido, que almas cega.
 Mais ha no mundo qu' hūs sōs vaōs amores,
 Que he tudo, o em qu' a vontade mal s'emprega.
 Aquelles, que do Amor foram pintores,
 Que os olhos lhe tiraram, & o descobriram,
 Pintaram per a Reys, & Emperadores.
 Altos ingenhos! que em figura viram
 As forças deste proprio Amor imigo,
 Que moço, & cego, & nu, & cruel fingiram.
 Cada hum traz em si mesmo seu perigo
 Herdado desta natural fraqueza,
 Que tanto faz hum homem de si amigo.
 Iguaes somos, Senhor, na natureza,
 Assim entramos na vida, assim saymos,
 O entendimento he nossa fortaleza.
 Igualmente de hum sō principio vimos.
 Igualmente a hum fim todos corremos.
 E hũa estrada comum, & igual seguimos.
 Na terra a morte, a vida nos ceos temos,
 Quanto esta terra mais que os ceos olhamos,
 Tanto o caminho do bom fim perdemos.
 Cegos de nos, que nos tam mal trocamos,
 Que a parte vil, & baixa senhorea,
 E o mais alto ao mais baixo catiuamos!

Força

LIVRO II.

166

Força cruel, que dentro em nós guerrea,
 Vence a cega vontade à razão clara,
 E leua assi de nós victoria fea.
 Aquelle lume, qu' a alma illustra, & aclara,
 Apagado por nós nella, & perdido
 Como mortos nos deixa, & desempara.
 Deu o remedio Deos: eis hum erguido
 Por elle em poder alto, de que o pouo
 Seja ou por bem leuado, ou constrangido.
 Não he nome de Rey titulo nouo:
 Com elle começou o mundo, & dura;
 Por fabulas antigas não me mouo.
 Depois que d'aquella alta fermosura
 Cabio o primeiro homem, & a triste sorte,
 O enuolueo nesta sombra grossa, & escura,
 Fugio a luz, entrou armada a morte:
 Cumprio noua vigia, guarda, & ley,
 Qu' ao cego mostre a luz, & obrigue o forte.
 Elegeo Deos pastor à sua grey,
 Vio tambem a razão necessidade,
 Eis aqui eleito hum Rey, eis outro Rey.
 Conforme, & junto o pouo nũa vontade
 Num sō, por bem comũ, pos seus poderes,
 Promettendo obediencia, & lealdade.
 Obrigaram suas vidas, seus aueres,

Prômê

DAS CARTAS.

Prometto o bom Rey justiça, & paz,
 E remedio, & socorro a seus misteres.
 Dali sogeito ao Rey o pouo jaz,
 Dali sogeito o Rey á boa razão
 Da mesma ley, que em si esta força traz.
 A quem todos seus bens, & vidas dão
 Polos liurar d'injuria, & de violencia,
 Se lhas elle fizer, quem s'iraõ?
 Seja juiz a justa consciencia,
 E aquelle sancto, & natural preceito;
 Deue á ley, o que a fez, obediencia.
 Quem o caminho áde mostrar direito,
 Se torce delle, & segue a falsa estrada,
 Como terá seu pouo á ley sogeito?
 Pos Deos na mão do Rey a vara alçada
 Pera guia do pouo errado, & cego,
 Mas não foy so á sua vontade dada.
 Como destro piloto no alto pego
 Co leme guia a nao, hora a húa parte,
 Hora a outra a desuia do vaõ cego:
 Ali não valem forças, val sô arte:
 Arte vence do mar a ira espantosa;
 Arte vence, & encadea o braco Marte.
 Hydra de mil cabeças enganosa,
 Pego de tantos ventos reuoluido
 Não se vence, Senhor, com mão forçosa.

Em

LIVRO II.

167

Em duas iguaes partes repartido
 Te deu Deos seu poder: em premio, em pena.
 Dê se á cada hum, o que lhe for denido.
 Aquelle, que suauemente ordena
 Todas as cousas, olha com que amor
 Paga o bem logo, & deuagar condena.
 Não se acha ali respeito, não fauor,
 Tanto val cada hum, quanto merece,
 Iguaes ant' elle são seruo, & senhor.
 Olhate bem, grã Rey, & ati conbece
 Nascido sô pera reger a tantos,
 E dessa grande alteza ao teu fim dece.
 Vertebas igual na humanidade a quantos
 Mandas, verás o fim tam duuidoso,
 Como quẽ tambem morre, & nasce em prãtos.
 Que presta ser na terra poderoso,
 Sô alto fim do ceo se poem em sorte,
 Que tê ao filho de Deos foy tam custoso?
 Corte o bom Rey primeiro por si, corte;
 Mais vence o exemplo bom que o ferro, & fogo,
 Não pòde errar quem contra si he forte.
 Nem a propria affeição, nem brando rogo
 Tire a força á razão, & á igualdade:
 Não se lhe faça sempre falso jogo.
 Sômente em Deos razão he a vontade.
 Absoluto poder, não o ha na terra,

Que

DAS CARTAS

Qu'antes serà injustica, & crueldade.
 Que vontade mortal, senbor, não erra,
 S'a ley justa, & a razão a não enfrea?
 De que nasce a injusta, & cruel guerra?
 Em seu peito cada hum pinta hũa Idéa,
 A qual ou mal, ou bem se s'affeicoa,
 Assim lhe sae fermosa, ou lhe sae fea.
 A boa guiã he a inclinaçã boa,
 A qual nasce do claro entendimento;
 E com facil discurso ao melhor voa.
 Tanto val, tanto pôde o sancto intento,
 Que sò por si honra, & louvor merece,
 E a obra, que val dez, faz valer cento.
 E quando humanamente erro acontece,
 (Quem pôde acertar sempre?) a culpa he leue;
 E todo bom juizo a compadece.
 Que justicia serã, que não releue
 Não sair à vontade a obra igual,
 Pois pelo intento sò julgar se deue?
 No liure peito, & coraçã Real
 Estê o bem comum sempre fundado,
 Não pôde de tal fonte manar mal.
 Ama o pouo o bom Rey, & he delle amado,
 Lèdo, & facil em crer, & em julgar bem,
 Imigo de todo animo dobrado.
 Sempre a mão larga, sempre aberto tem

O ge-

LIVRO II.

168

O generoso peito ao premio justo,
 E triste, & vagaroso à pena vem.
 Este he chamado bom, & grande, & Augusto,
 Da patria pay, prazer, & amor do mundo,
 Mortal imigo do tyranno injusto.
 Este logo d'hum alto, & d'hum facundo
 Ingenho tê as estrellas bem cantado
 Voando vay na terra sem segundo.
 Tal nos cresce, grã Rey, por Deos cã dado,
 Inda mayor que as nossas esperanças,
 Mayor que tua estrella, & alto fado.
 Cedo teu sprito vencerã as tardanças
 Da tenra idade, & cedo renouando
 Irás dos altos Reys altas lembranças.
 Começate ja agora ir costumando
 A por em nós teus olhos Reaes serenos,
 O mansissimo auo teu imitando
 Inteiro aos grandes, humano ôs pequenos.

AO CARDEAL IFFANTE
 D. Anrique Regente.

CARTA II.

E Ntre tantos negocios, & tam graues
 Hora da Fé, que tu tambem sustentas
 Co grã poder, que tens das sanctas chaues;

Hora

DAS CARTAS.

*Hora do Reyno, em que nos representas
 Em tudo o sancto Irmaõ, em quanto a idade
 Do tenro Rey não sofre taes tormentas,
 Com teu sancto exemplo a Cristandade
 Reformando, & este pouo, & o d' Oriente
 Conseruando em justiça, & em liberdade:
 Contrario ao bem comum serey, se tente
 Com meus versos, Senhor, pejar te hã hora
 De tempo, de que pendê tanta gente.
 Ouue antes a viuua, que te chora,
 Ouue o que pede o orfãõ desherdado,
 S' lbe às de dar despois, antes da agora.
 Ouue o que vem de tam longe arrastado,
 Que tremendo se chega, & não se atreue
 Queixarse de quem he tyrannizado.
 Lê o que Africa, Arabia, India te escreue,
 Nisto a menham comece, a tarde acabe;
 O tempo repartindo a quem se deue.
 Ama, & rege este pouo, que bem sabe,
 E assi o affirma, & cre, & só nisto acerta,
 Qu' outro assento mayor t'espera, & cabe.
 No mais não tem a opiniaõ tam certa,
 Nem das letras recebe mais que aquellas,
 Que ao doce ganho tem a porta aberta.
 Boas são leys: melhor o vso bom dellas.
 Boa he sua sciencia, quando pura*

Vem

LIVRO II.

169

*Vem das espinhas, que nascem entr' ellas.
 Quando o seu fim sò guia à fermosura
 Da justiça, que tam viua, & fermosa
 Chrysippo nos deixou mais qu' em pintura,
 Virgem no aspeito, graue, & temerosa,
 De viuos olhos, não de cruel, nem brando
 Vulto, mas quasi de hã tristeza honrosa.
 Auerá algũs, que o pouo estẽ mostrando
 Co dedo dados por hum dom diuino,
 Que a esta imagem sò se vãõ formando.
 Cada hum delles de grande honra he dino,
 Que se assentã se uero, inteyro, igual
 Ao rico, ao pobre, ao seu, ao peregrino.
 As obras dãõ de tudo bom sinal.
 Qual o fim se pretende, tal he o fruto,
 Cada hum corre, Senhor, ao que mais val.
 Nisto o costume, & o tempo pode muito,
 Que ao mal, & ao bem dã, como quer, valia;
 Das letras assi o preço he pouco, ou muito.
 Quando o outro mudaua a noite em dia,
 Eo dia em noite, & a menham na tarde,
 Quem n' grã Roma entãõ o não seguia?
 E quando o outro canta, que Roma arde,
 Quem vay entãõ lançar agoa no fogo?
 Quem ha, que em tão grã força ali leys gu arde?
 Passaua tal crueza em festa, & em jogo.*

Y

la

DAS CARTAS.

Já o tempo passou dos maos Tyranos.
 Senhor, inda ficâram preço, & rogo.
 Inda câ nos ficâram os maos enganos,
 Que o proveito ensinou: a mostra he boa,
 Em bens se vestem todos nossos danos.
 Tudo aparece, tudo logo soa;
 Ficou esta vingança aos innocentes,
 Que o mesmo mal a seu author pregoa.
 Cruéis, no mal alheo diligentes,
 Que obedecis à força, ao rogo, ao preço,
 Morrereis tristes, se viueis contentes.
 Sancta justiça, a que eu mal reconheço
 Tua alta magestade, tu nos julga,
 Que ves o nosso fim, nosso começo.
 Qual respeito o Rey tem, quando promulga
 A ley igual em publico proveito,
 Que com prazer do pouo se diuulga,
 Tal a tenba o juiz dentro em seu peito,
 Na justa execução constante, & forte:
 Nisto consiste a ley, nisto o direito.
 Aquem tam alto sprito coube em sorte
 Bem he que o Rey o estime, o pouo o ame,
 E honrado seja sempre em vida, & em morte.
 Mas nem por isso logo o pouo chame
 Vans outras letras, & o honesto exercicio
 Das brandas Musas tam mal julgae, & infame.

Em

LIVRO II.

170

Em nenhum estudo bom pôde auer vicio.
 As artes entrefi se communicam.
 Cada hũa ajuda â outra em seu officio.
 De area, & cal, & pedra, os que edificam
 (Baixas, mas necessarias miudezas)
 As torres erguem, que tam altas ficam.
 Tem tambem seus principios as grandezas,
 E ás confusas grandes pequenas ajudam.
 Boas letras, Senhor, não são baixezas.
 Pera o publico bem tambem estudam.
 E cantam os bons Poetas, deleitando
 Ensinam, & os maos affeitos em bons mudam.
 E ás vezes aos Reys vão declarando
 Mil segredos, que entãõ sô vem, & sabem,
 Mil rostos falsos, linguas más mostrando.
 Em poucas bocas as verdades cabem.
 Terãõ ás vezes a culpa os ouvidos.
 Os versos oufiam, & em toda parte cabem.
 Dos bons amados, & dos maos temidos.
 • Assim he a justiça, assim a verdade:
 Assim sejam tambem favorecidos.
 Vsem de sua honesta liberdade
 Rindo do pouo chamar sô letrados,
 Os que conselham roubo, & crueldade.
 Ou outros, que se fazem affamados
 Julgando, & interpretando duramente,

Y 2

Dos

DAS CARTAS.

Dos innocentes fazendo culpados.
 Outro se vende por piadoso á gente,
 Deixa o delito passar sem castigo,
 Da vam piadade vsando cruelmente.
 Tambem, senbor, contra mi falo, & digo,
 Qu'em noffas letras não esta a justiça:
 Está num peito da justiça amigo.
 Não tiram a ambiçã, não a cobiça;
 Se acrecentam, duuido: cada hum veja
 Quem lhe vence o trabalho & ingenho a tiça.
 Seja mais rigoroso o exame, & seja
 Grande das letras; mayor do letrado,
 Saiba se o fim, que o leua, & o que deseja.
 Da Patria pay serà o Rey chamado,
 Que a justiça começa dos que a tratam,
 Antes de ser do pouo prouocado.
 Onde todos se roubam, & se matam,
 Defende se cada hum da força injusta,
 E os que mais podem, seus inimigos atam.
 Nos, que viuemos por regra tam justa,
 Que os mesmos Reys às suas leys s'obrigam,
 Remedio temos certo, & à pouca custa.
 Que mal he, que os Poetas isto digam?
 Se o mal reprendem, à virtude inclinam,
 Porque assi injustamente os mal, perfigam?
 Almas indoutas, que ca peregrinam

Cati-

LIVRO II.

171

Catiuas em seus corpos, & forçadas
 A nenhum bem, nenhum saber atinam.
 Deixemos estas já em vida enterradas,
 Que os olhos abrem sòmente ao proueito,
 Como s'á terra sò fosse n criadas.
 O bem nascido sprito, & culto peito
 Mais deseja, mais quer, mais alto voa,
 Mais glorioso propoem seu obgeito.
 A gloria, à fama, à triumphal coroa
 Aspira; à alta trombeta, & viuo canto,
 Em que no mundo o grande Achilles soa.
 Não ha tam humilde sprito, não tam santo,
 Que não ame sua gloria: & quem não pede
 O louuor de suas obras tanto, ou quanto?
 Desejo he natural, que não impede,
 Mas acrecenta a virtude louuada,
 E a torpeza, & preguiça d'alma espede.
 De que vem tanta insignia em armas dada?
 Tantas capellas cheas de letreyros?
 E a triste sepultura tam dourada?
 Mais geraes, mais constantes pregoeiros
 São os bons versos, que continuo falam,
 E duram té os dias derradeiros.
 Nem as victorias, nem as grandezas calam
 Dos clarissimos Reys de gloria dinos,
 E o passado ao presente tempo igualam.

13

Chama-

Chamados foram os Poetas diuinos.
 (Quem tal, q̄ tal furor não moua, & espante?)
 Mas quantos foram de tal sorte inlinos!
 A quem sprito, & boca, com que cante
 Altas grandezas os ceos concederam,
 E que em môr voz, que humana se leuante,
 A este Apollo, & as Musas só teceram
 Verde coroa; a este justamente
 A honra, & nome de Poeta deram.
 Pois entre tanta confusão de gente,
 Que a Republica cria, quem mal nega
 Lugar honesto a sprito a si excellente?
 Quando se romperá esta nuuem cega,
 Que o cobicoso vulgo veja, & entenda
 Qu'outro saber ha mais, q̄ o em q̄ se emprega?
 Determine a razão esta contenda:
 O mau juiz rouba, o mau medico mata;
 O mau Poeta enfade, antes, que offenda.
 Demos bons todos: a razão não ata.
 Mais a justiça val, mais a saude:
 Mas nem por ouro se despreza a prata.
 Nem tira à mor virtude; a outra virtude
 Seu preço, antes s'abraçam, & entre si s'amam,
 Porque hũa irmãmente à outra ajude.
 As artes, que mechanicas se chamam,
 Baixas parecem; mas dão ornamento,

As

As illustres cidades, & as affamam.
 O raro sprito, que de cento, em cento
 Annos, & inda mais tarde o ceo nos eria,
 Em desprezo estárã, & esquecimento?
 Perdaõ ao condemnado concedia
 A ley (a si os interpretes o entendem)
 Se n'algũa arte aos outros excedia;
 Entendam mal, ou bem, certo comprehendem
 Por boa razão quanto fauor merece
 A rara arte, que a si tambem defendem:
 Quem isto affirmã, & julga, ind'escurece
 Das castas Musas os sanctos estudos?
 Inda seus louros lbes não offerece?
 Destes spritos nesta parte rudos
 As deuem defender, Principe raro,
 Os que lbes podem ser firmes escudos:
 Inda o Sol resplandece hoje tam claro.
 Inda as estrellas não perderam lume:
 Não falta ingenho, não faleça emparo.
 Vence tu nouamente o mau costume:
 Viuam por ti, & floream as boas artes,
 Que o tempo vencem, que tudo consume.
 Reforma, grã Senhor, em todas partes
 Este Reyno, que em ti, espera, & confia,
 Porque igualmente todo te repartes.
 As Musas se perdoe esta ousadia

Y 4

Acostu-

DAS CARTAS.

*A costumadas a Reaes fauores,
 Não percam em ti a antiga sua valia.
 Não fazem dano as Musas ós Doutores,
 Antes ajuda a suas letras daõ:
 E com ellas merecem mais fauores,
 Que em tudo cabem, pera tudo saõ.*

A LVIS GONCALVES DE CA
 mara, mestre del-Rey D.Sebastião.

CARTA III.

Porque não ousarey liure contigo,
*Clarissimo Luis sprito puro
 Sõ da virtude, & da verdade amigo,
 Porque não ousarey em tanto escuro
 Mostrar a clara luz, que tu descobres,
 Tomandote por guia, & por meu muro?
 São da terra os thesouros assaz pobres,
 Estes desprezas, mostras os diuinos
 Doës do ceo, quanto em ti mais os encobres.
 Foram por ti os nossos tempos dinos
 De ver aquella Idéa hum Rey formado,
 De que tantos atras foram indinos.
 Porque foy de Philippe festejado
 Do seu grande Alexandre o nascimento,
 Senão nõ polo mestre, a que fo idado?*

Quem

LIVRO II.

173

*Quem não vê o geral contentamento
 Das altas esperanças, em que crias
 Ao mundo hũa noua luz, nouo ornamento?
 Chegue SEBASTIÃO onde o tu guias
 Igualmente entr'as armas, & entr'as artes,
 Nascernosham outros mais claros dias.
 Assim o Real sprito lhe repartes
 Por todas as virtudes, & exercicios,
 Que inteiro, & todo està em todas as partes.
 Seus tempos, seus lugares, seus officios
 Conhecendo, vsará de cada cousa
 Sãmente, sem estremos, & sem vicios.
 Aquelle heroico ardor, que não repousa
 Naturalmente á fama, & gloria erguido,
 Sem Deos diante, a nada passar ousa.
 Dos ardentes affeitos seus mouido
 Tu lhe pões logo diante o sancto obgeito,
 A que o intento saõ vã dirigido.
 Não se pôde forçar o altiuo peito,
 Que arde em desejos de Reaes grandezas;
 Mas pôde se à razão fazer sogeito.
 Aquellas tam cantadas estranbezas
 Do soberbo Alexandre não contente
 D'hum mundo nõ, as prodigas larguezas
 Não o fizeram grande, a quem bem sente
 Da natural razão algũa parte,*

Que

DAS CARTAS.

Que força, & tyrannia não consente,
 Por outra via leuas, por outra arte
 Encaminbas, Luis, o Real sprito,
 Com Phebo temperando a ira a Marte.
 Aquelle alto preceito, & graue dito
 O Reyno do Senhor busca primeiro;
 Lhe tens lá dentro na sú alma escrito.
 Fazes hum Rey Christão, Rey verdadeiro.
 Que así seja primeiro, así obedeça,
 Porque dos outros seja Rey inteiro.
 No qual o mundo veja, & reconheça
 Que hũa cousa he espantoso, outra he ser grãde,
 E de a cad'hum o nome, que mereça.
 Mostras lhe quam errada cá a fama anda,
 Que honra o que o alto Deos culpa, & reproua,
 Porque outro sprito mór dos ceos lhe mande.
 Quem a Alexandre deu mais certa proua
 Desta verdade clara, que hum pirata
 Com sua resposta tam liure, & tam noua?
 Se por roubar com hũa vella a prisão me ata,
 Tu, que com tantas roubas, que justiça
 D'outras mores cadeas te desfata?
 Ah que não ambição, força, & cobiça
 Daõ ao Rey nome de grande, & Augusto
 Nem tudo o mais, que a tyrannia atica.
 Então será o Rey grande, se for justo,

Oa

LIVRO II.

174

Ou defendendo bem o bem ganhado,
 Ou despojando o occupador injusto.
 Não ha outra boa estrella, ou outro fado,
 Senão com as partes, que hũ Rey grande fazê,
 Com essas ter seu nome conseruado.
 A quem as Reaes virtudes não aprazem?
 Digo a clemencia, a liberalidade,
 Que entre os Tyrannos tam escuras jazem!
 Aquella graciosa humanidade
 De não deixar ninguem ir de si triste,
 Aquella fé Real, firme verdade:
 A que Principe nunca estes doês viste,
 Que de tropheos não enchesse a terra?
 Que Rey así à fortuna não resiste?
 Sempre felice em paz, felice em guerra,
 Amado do seu pouo, & obedecido,
 Por amor, & ninguem por temor lhe erra.
 Tambem lhe mostras como he mais seguido
 O exemplo do Principe, que a dura
 Força de ley, ou premio prometido.
 Bonissimo Luis, a tua brandura
 Me leua a tanto. Eu vejo hum grã perigo,
 Que todo Imperio poem em aventura.
 Por proueito comum, Senhor, o digo.
 Acuda o Rey com seu Real exemplo,
 Acuda co seuero seu castigo.

Aque

DAS CARTAS.

Aquella antiga idade, que contemplo
 Dos nossos affamados Portugueses,
 Dos quaes erguido ves hum, & outro templo,
 Suas lanças, seus caualos, seus arneses
 Por sò seus jogos, & delicias tinham,
 As couraças, adargas, & padefes.
 Trajos limpos, & honestos, quaes conuinham
 A boa temperança, & fortaleza,
 Com que mais duros òs trabalhos vinham.
 Tendo a mediocridade por riqueza,
 Todo o sobejo fausto aborreciam,
 Quam limpa, & fermosa era a sua pobreza!
 Nem ouro, nem vans purpuras cobriam
 Seus leitos, nem seus corpos tam mimosos;
 Afome, & sede pouco lhes pediam.
 Não eram seus banquetes tam custosos,
 Nem a vida tam larga, & tam profana,
 Nem sabiam viuer tam ociosos.
 Era no mundo a gente Lusitana
 Outra Lacedemonia, & Esparta antiga
 Liure de todo vicio, que os bons dana.
 Toda entresi conforme, quieta, & amiga
 A Deos honraua, ao Rey obedecia,
 D'engano, & trayção cruel imiga.
 Contento cada hum do seu viua,
 Iguaes de todos quasi as mesas eram,

Iguat

LIVRO II.

175

Iguat em todos quasi a cortesia,
 Os despojos, que os Barbaros lhes deram,
 Aquelles sanctos Reys, em que os gastauam,
 Se não nos templos, & torres, que erguéram?
 Por Deos, & pera Deos sò pelejauam.
 ò tempo sancto, idade tam ditosa,
 Que hūs Reys pera outros Reys enhte souauã.
 Em toda parte então victoriosa
 A bandeira Real se despregaua
 Rodeada da gente bellicosa.
 Que perigos, ou medos receaua
 Assim ao trabalho dura a forte gente?
 Que inimigos campos não desbarataua?
 Incansavel, constante, & obediente,
 De duras armas, coraçãoes mais duros
 Sofredores da neue, & sol ardente.
 Quando esquecidos, posto que assim escuros,
 Serão do grande AFONSO os grandes feitos
 Destruydor de Reys, & fortes muros?
 De cujo inuicto esforço, & fortes peitos
 Dos poucos do trabalho endurecidos,
 Tendo a verdadeira honra olhos direitos,
 Mil exercitas foram destruydos,
 Tejo, & Guadalquivir sangue correndo,
 Nòs à cativa Patria restituydos.
 Cos altos socessores estendendo

Fo-

DAS CARTAS.

Foram o Imperio, foram os thesouros,
Claros trophéos em toda parte erguendo.
Lançados alem mar de todo os Mouros,
À Africa os nossos Scipioës passando
Tornaram coroados de altos Louros,
Häs apos outros todos triumphando,
Vio o Athlantico mar victoriosas
Sempre as frotas Reaes indo, & tornando.
Depois d'Oceano grande as espantosas
Ondas vencendo, com espanto a Fama
Mil victorias cantava milagrosas.
Ah não se apague hũa tam clara chãma,
Que apagar quer a ociosa vida,
Se nisto o Real sprito não s'inflama.
Aqui, senhõr, aqui he bem deuida
Tua lembrança; mais denida a emenda,
Primeiro da esperança ser perdida.
Conheça o Rey prudente, saiba, entenda
Que na boa paz a guerra s'exercita,
Porqu'os vicios da longa paz reprecnda.
Por Deos, & polo pouo, o que milita
Iustissimo Rey he, Capitão sancto,
A que honra, & gloria se deue infinita.
Quanto he sempre a paz boa, a tempos tanto
Tambem a guerra he necessaria, & boa,
Dos inimigos defenfa, medo, & espanto.

Soe

Soe Portugal sempre como soa.
Tornem os jogos da Cavalaria.
Não se nos torne Capua Lisboa.
Assi o bom Rey, que em tuas mãos se cria,
(S'apronas do philosopho o desejo,
Que desejava ao Rey philosophia)
Grande, prudente, & justo por ti o vejo.

A DIOGO DE TEIVE.

CARTA IIII.

Promittite, meu Teiue, à tua partida
Mil profas, & mil versos; & em mil meses
Hũa carta tè outra terás lida.
Não sobiam mentir os Portugueses.
Entrou nouo costume, & he ley antiga
Romano em Roma, Frances cos Franceses.
Quem queres que por força câ não siga
A ley da terra? & mais tambem guardada
Dos que em mal noffo tem a fortuna amiga?
Seja com tanto honrado desculpada
Minha mentira: a sãm noffa amizade
Nunca esquecida foy, nunca mudada.
Mas entãõ chea, em tam grã cidade,
Onde o sprito, & a vista leua a gente,
Quem pôde ser senhõr da sua vontade?

Mora

DAS CARTAS.

Mora hum la fóra alem do grã Vicente,
 Outro cá na Esperança; & ey de ver ambos,
 Foge inda o dia ao muito diligente.
 Pelas ruas mil cambos, mil recambos,
 Cargas vem, cargas vão, mil môs, mil traues,
 Hã arranca, outro foge, & encontro entrãbos.
 Vay hora então compondo versos graues,
 Versos doces, & brandos, quaes mereçam
 Parecer ao meu Teiue la suaues?
 Onde os Loureiros, onde as Heras creçam
 La nos cerrados bosques, brandas fontes
 As Musas co as capellas versos teçam.
 Amam as castas Deosas altos montes,
 Valles sombrios, não cidades cheas
 D'homês, em que tam poucos ha que apontes.
 La liures abrem suas ricas veas,
 La suas doces liras encordoam,
 Ao brando som tecendo immortaes teas.
 Com tudo algũs ha ca, que se coroam
 D'outras Heras, contentes de si s'amam,
 A si tangem, a si cantam, a si bem soam.
 Tambem Musas inuocam, Apollos chamam,
 Outra Mantua pouoam, outras Athenas,
 Outros novos Parnasos por ca affamam.
 Voam cubertos de mil nouas penas
 D'aues nunca ca vistas, & fermosos

A se

LIVRO II.

177

A si mesmos, se vão entr'as Camenas.
 A todo tempo entoam os seus mimosos
 Versos, a toda hora à voz, & à lira
 Concordam seus accentos sonoros.
 Ditofo sprito, a quem toda hora inspira
 Outro Apollo outro ardor, que não se apaga,
 Mas sempre do seu fogo, fogo tira.
 Eu, meu Teiue, não sey que estrella, ou maga
 A lingua me ata; não sou de toda hora.
 Em fin esta he a desculpa da mã paga.
 Por hum momento, que em mim Phebo mora,
 Mil dias se me esconde, & desempara.
 E inda bem me não chega, já vay fora.
 Vejo esse peito aberto, essa alma clara,
 Onde me tens; bom Teiue, ouso contigo
 O que com outro eu, somente ousara.
 Temeria com outros o perigo
 De meus tam soltos versos, mas eu t'amo,
 Eu te honro, douto mestre, doce amigo.
 Quantas vezes saudoso cá te chamo,
 Quantas vezes contigo me desejo
 La à doce sombra d'algum verde ramo!
 Hora de cá teu sancto ocio lá vejo,
 Hora por só meu bem cá te queria
 Onde meu amor te chama, & bom desejo.
 Mais val, amigo, lá hum quieto dia

Z

Que

DAS CARTAS.

Que mil annos, & mil cã inquietos,
 D'onde eu, se tiueſſe aſas, fugeria.
 Não te ſão meus intentos lâ ſecretos,
 Puſte nas maõs minb' alma, à minba vida
 Sabes que deſejei portos quietos.
 Se vida temos pera ſer viuida,
 Se chaõ ſe a de eſcolher pera morada,
 Onde melbor que em campo he eſcolhida?
 Vida dos ſabios ſempre deſejada,
 Vida de paz, d'amor, & de brandura,
 Em meus verſos ſerás ſempre cantada.
 Onde eſtarã mais ſam, & mais ſegura
 A alma innocente? onde mais ſem cuidado
 De medos, de perigos, de ventura?
 Pera a ſaude onde mais temperado
 O frio inuerno? onde he do brando Norte
 Ou o Caõ, ou o Liaõ mais amansado?
 Mais larga vida, menos triſte morte;
 Sono doce, ſeguro, brando, inteiro,
 Sem ſobrefalto, que to quebre, ou corte.
 O verdadeiro goſto, o verdadeiro
 Deleite; he quieto ocio entr' heruas, & agoas
 Em Julbo frias, quentes em Janeiro.
 Não ves choros albeos, não ves magoas
 Ou tuas, ou dos teus: liure de inuejas,
 Em que cã ardem, como em viuas fragoas.

S'o

LIVRO II.

S'o que conuem á vida ſõ deſejas,
 Eſtimarás mais doce liberdade
 Que quantas minas d'ouro a outros vejas.
 Mais val a curta geira, a pobre herdade
 Que, ò rica Arabia, ò India, o teu theſouro,
 Se á juſtiça ſe rouba, ſe à verdade.
 Mais val no campo coroar o Touro
 No freſco Mayo de heruas de mil cores,
 Que altos teitos pintar de azul, & ouro.
 ò bemaumenturados os Paſtores,
 Se ſeus bens conheceſſem! a quem dá a terra
 A vida mantimento, aos olhos flores.
 Que he eſte fermoſo ouro ſe não guerra,
 Muito melbor quando de nõs ſe eſconde
 Ou na encuberta arã, ou n'alta ferra?
 Onde aſſi cheiram em Libia as pedras? onde
 Reſplandecem aſſi, como as cheiroſas
 Heruas, qu' o campo aberto a ninguem eſconde?
 Por ventura ſerã mais graciosas
 As agoas, que cã os canos vão rompendo
 Quãas que entre ſeixos correm ſaudoſas?
 Mas atadas aos marmores creſcendo
 Vão mil Heras, lardins dependurados,
 Que das altas janellas s'eſtam vendo.
 Artificios ſão como roubados
 A Natureza, que por mais que os forcem,

Zz

Não

DAS CARTAS.

Não podem longo tempo ser forçados.
 Inuejosos do campo assi em vão torcem
 As vergas, & os arames, mas c'um vento
 Ou que bram, ou se secam, ou se destorcem.
 Leua já a natureza hum mouimento
 A seus tempos contino sempre, & certo,
 Que arte imitar não pode, ou instrumento.
 Que gosto he ver do campo o ceo aberto,
 Tantos lumes, hum corre, outro está quedo,
 Hum tam longe apartado, outro tam perto!
 Quanto milagre ali, quanto segredo
 Contemplarás naquelle liuro escrito
 De quanto cá acontece ou tarde, ou cedo!
 E rompend'os ceos todos com o sprito,
 Que já a mores grandezas vay voando,
 Suspiras alto a Deos com baixo grito.
 Ali aprendendo estás como guiando
 Vas as simpres ouelhas ao seguro
 Curral, que anda o mao Lobo salteando.
 Outra cerca farás, outro alto muro
 De doutrina, de exemplo, & saõs costumes,
 Quaes eu conheço do teu peito puro.
 Do teu lume acendendo outros mil lumes,
 Ricos ganhos darás dos teus talentos
 Não de agoas, não de cheiros, nem perfumes.
 Despois receberá spor hum dozentos

Do

LIVRO II.

179

Do justo pagador, que hi te alugou,
 E as obras ve decima, & os pensamentos.
 Quem pera esse sancto ocio te chamou,
 Te chamará mais alto, viue, & espera,
 Olha como este mundo se mudou.
 Quem cuidau que tam cedo volta dera
 Esta roda inconstante? ah Reys que saõ?
 Tambem aquelle Rey pô, & sombra era.
 Rey manso, Rey benigno, Rey Christão,
 Ah quam depressa desapareceo!
 Quantas altezas caem abrindo a mão!
 Em fim ditoso, quem se bem regeo.
 Mais annos saõ mais carcer, & mais carga,
 Assaz viueo, quem sempre bem vineo.
 Deuemonos á morte: doe, & amarga
 O só seu nome: bñã hora chega em fim
 Triste, espantosa, fea, dura, amarga.
 Pareça bem a purpura, & o marfim,
 Os luzidos metaes, a prata, fina;
 Mas eu vou, elles ficam cá sem mim.
 Quanto melhor, meu Teiue, aquella atina,
 Que quanto cá dos ceos por se nos soa
 Dos secretarios seus, a outros ensina!
 Guardando em si aquella ordem tam boa
 De quem fazia, despois ensinava,
 Ah que borra a victoria, que coroa!

Z 3

O que

DAS CARTAS.

O que entendeo IERONIMO, ao que vouua
AGOSTINHO, BERNARDO o q̄ dizia,
Quando da Mãe de Deos se namoraua.

O que aquella divina companhia
De sanctos Gregos na alta sua escritura
Deixâram, lume he nosso, & nossa guia.

Ali, como dos ceos viua pintura
Se mostra. ò tu ditoso, pois podeste
Ir lá sô contemplar tal fermosura!

Mas com quanto tam alto te poseste
Das brandas Musas, desce: & outra vez proua
A doce lira, a que tal som já deste.

No teu verso Latino nos renoua
Hora outro Horacio, hora outro grãde Mâro:
Na graué prosa Padua, Arpyno em noua.

Por ti comêçou já ser grande, & claro
O Portugues Imperio: igual aos feitos
No mundo raros teu estillo raro.

Encheşte d'esperanças nossos peitos
Não nos detenhas encubertos tanto
Altos exemplos de obras, & conceitos.

Em quanto assi estâs liure, Teime, em quanto
Te não chama tua sorte ao que mereces;
Cria ao Portugues nome amor, & espanto
Lêdo, & confiado do que em ti conheces.

A An.

LIVRO II.

180

A ANTONIO DE SA DE ME-
neses. CARTA V.

A Quella proueitosa liberdade
Aos antigos Poetas concedida
De mostrar de mil erros a verdade,
E do mais liure pouo entãõ sofrida,
E do mais poderoso receada
Porque entre nós serà mal recebida?
ò claro Antonio, que segues a estrada
Da virtude mais cham, mais descuberta,
Dos teus grandes auôs, grã pay herdada;
S'hus cegos nos deixâram a porta aberta
Pera o ceo, pera honra, & pera gloria
Porque entãõ clara luz ninguem acerta?
Que espantos nos renoua a alta memoria
De tantos Gregos, & Romaõs gentios
Senhores do saber, paz, & victoria!
Postos ao ardor do Sol, postos aos frios,
Olhos nos ceos, o sprito nas estrellas,
Nas heruas, & nas pedras, & nos rios.
Quantos segredos nestas cousas bellas,
Que o mundo tam fermoso fazem, viram,
Erguendo todauia o homem sobre ellas!
Tanto cuidâram, tanto aos ceos sobiram
Por causas, por razõs, por natureza,

Z 4

Que

DAS CARTAS.

Que hum alto Deos, fim do homẽ descobriram.
 A virtude chamãram sò nobreza,
 Ao honesto, & bom, sò doce, & proueitoso,
 Ao alto saber do sprito, alta riqueza.
 Cada hum ao parecer mais ocioso
 Entã mores segredos descobria,
 Com que inda o mundo ficou mais fermoso.
 Hora hum a terra, hora outro o ceo media,
 Sem se mouer o Oceano nauegava,
 Deixando pontos certos por onde hia.
 Outro apos o Sol claro caminhaua,
 E despois da ligeira volta dada,
 Coa Lua, & com as estrellas se tornaua.
 Ali a altura, & a linba foi achada;
 O mouimento, os polos, a figura
 Redonda, a de tres cantos, & a quadrada.
 Outro na trabalhosa quadratura,
 Possuel de saberse, & não sabida,
 A alma cansaua, em vão trabalho dura.
 Daqui nasceo a fabula mal crida
 Que toda est' alma machina já hũ' hora
 Dos ombros do grande Athlas foi sostida.
 Senão somos ingratos, quanto agora
 Sabem os que mais sabem, àquella idade
 O denem, que o achou, & o deixou fora.
 Eu não falo na noua claridade,

Que

LIVRO II.

181

Que dos ceos milagrosamente veo
 Do saber, do poder, & da bondade:
 Falo daquelles, que por certo meo
 Das cousas, que cá viram, conbeceram
 Outras, que o ceo encerra lâ em seu seo.
 Mas ah s'elles fizerãm o que entenderãm!
 Todos erramos, mas quaes mais culpados?
 Hũs de dia, hũs de noite se perdêram.
 Bem poderam os spritos ir guiados
 Por sua escura luz ao que a fê mostra,
 S'em Deos poseram todos seus cuidados.
 Mas inda hoje pera honra he a vam mostra
 D'alta virtude, que o alto ceo sò pede,
 Entã mayor, quando se menos mostra:
 Quam enganadamente inda concede
 Louuor o mundo a muitos! clara he a obra;
 Mas Deos sò pelo intento a pésa, & mede.
 Seguro viue quem boa fama cobra
 Diz o vão pouo. O sabio estã dizendo:
 Quem Deos cuida enganar, contra si obra.
 Quantos ha agora, de que estamos crendo
 Que igual seja às boas mostras o conceito!
 Quantos, em que o contrario estamos vendo!
 Não deixaua porem de ser aceito
 A Deos o zelo da justica igual
 Daquelle pouo à fama sò sogeito.

Tanto

Tanto a virtude, tanto o honesto val,
 Que inda que o proprio fim, & direito s'erre,
 Aproveita o exemplo, & atalha o mal.
 Cada hum lá em si o secreto intento encerre,
 Mas faça bem verdadeiro, ou corado,
 Antes que a Deos, & ao mundo os olhos cerre.
 Com quanta razão deue ser chorado
 Hum tempo, em que por Deos, nem polo mudo
 Vemos hum do outro ser bem conselhado!
 Por não soffrer igual, não ver segundo
 A custa de mil honras destruydas
 Sobe o mais vil, mil bons mete no fundo,
 Ah que hoje custa hũa vida dez mil vidas,
 Vence a cega vontade a razão forte,
 As leys hora crueis, hora tortidas.
 Sprito bom, fora dá geral sorte,
 Pera publico bem dado, & nascido,
 Prompto pola verdade a soffrer morte,
 Inda bem não parece, eis perseguido.
 De mil maos olhos, de mil linguas más
 S'encolhe dentro em si, como vencido.
 Ab sancta liberdade, onde hora estás?
 Porque não soltas minha lingua muda,
 Pois aquelles se calam, a quem a dás?
 T. Tenham versos licença: quem não muda
 A. vergonha de si, mude o castigo,

Nome:

Nomeese na praça, o pouo acuda.
 Vinguese ali cada hum do cruel imigo
 Do comum bem; a pontenno co dedo,
 Aja sam liberdade sem perigo.
 Venha hum Horacio liure, a que aja medo
 Não o pobre, ou triste, ou innocente,
 Cuja voz ouue Deos, ou tarde, ou cedo.
 Mas pois o triste tempo não consente
 Verdade boa, & clara; corra, & vá
 Tras sua perdição a cega gente.
 Despreze se o saber, & vima a má
 Ignorancia soberba; & honra, & fama
 Sô seja, o que a fortuna, & engano dá.
 Seja sabio o que sabio o pouo chama,
 E rido, & desprezado o que de Louro,
 Ou Palma se coroa, & outro fim ama.
 Tenham por Deos o ventre: & o vil thesouro,
 Que a si mesmo roubou o triste auaro,
 Consuma o ingrato herdeiro imigo de ouro.
 Tu nas antigas armas, sangue claro
 Dos illustres auôs de parte, a parte
 Constante lá occupa o sprito raro.
 O nome grande a Apollo, grande a Marte
 Conserua, & acrecenta, antigo nome
 Que por outros tam grandes se reparte.
 Igualmente te dê sempre honra, & a toms

Apollo

DAS CARTAS.

*Apollo no deuido a ti seu canto,
E contigo, meu Sã, a inueja dome.
Eu tenha hum' quieto ocio, bonesto, & santo.*

A ANTONIO DE CASTILHO,
guarda mór da Torre do Tombo.

CARTA VI.

Castilho, de meus versos doua lima,
Que cuidarey que fazes lá escondido,
Donde me não vem prosa, nem vem Rima?
Trabalhas por ventura que vencido
Fique o grã Ferrares no doce canto
Te qui com tanto gosto, & fama lido?
Ou num alto sagrado bosque, & santo
Andas quieto, enchendo o peito puro
Do que soffega o sprito, & vence o espanto?
Colbendo de mil flores o maduro
Fruito, que alma sustenta, & no perigo
Te ensina poder sempre estar seguro?
Eu te conbeço, bom sprito, imigo
Naturalmente de ocio, sò de gloria,
Sò de virtude, & de saber amigo.
Quando serã que eu veja a clara historia
Do nome Portugues por ti entoada,
Que vença da alta Roma a grã memoria?

Não

LIVRO II.

183

Não me foy dado sprito, não foy dada
Igual boca ao grã canto. Bom desejo
Não basta: a ti a alta empresa estã guardada.
Desse sancto soffego, em que te vejo,
Desse tam raro sprito olha as grandezas,
Qu'o mundo espera, & eu ja ver desejo.
Abre já, meu Castilho, essas riquezas,
Que tanto ha já, que em ti Phebo enthesoura,
Solta o grã Rio, farta mil pobrezas.
Assã consentirã, cruel, que moura
Teu nome, & desse sprito o claro lume?
Assã a coroa, que te Phebo enloura?
Quanta arma, quanto sangue nos consume
O silencio cruel! terror, & medo
N' Africa ao Mouro, n' Astia ao brauo Rume.
Tu Castilho, tu là ocioso, & quedo
Vencerã de mil mundos os espaços,
Por onde voarã, se queres, cedo.
Solto de vãos desejos, de vãos laços
O bom sprito dentro em si sò posto
Mais largo viuirã, que em largos paços.
A todo tempo terã sempre hum rosto,
Nam turuarã sua paz nenhũa guerra.
Nenhũa mudança danarã seu gosto.
Ditoso a quelle, que em si sò se encerra,
E estimando o thesouro, que em si tem,

Pisa

DAS CARTAS.

Pisa soberbamente toda a terra.
 Sempre o dia pior he o que vem.
 Comece de viuer à primeira hora
 Quem poder, & a quem Deos quis tanto bem.
 Em quanto hum ri, em quanto c' outro chora,
 Passa a vida, la o tempo todo he teu:
 Lograo, & tua sorte ama, & a Deos adora,
 Que tantos, & t'ões d'ões te concedeu.

A IOAM LOPEZ LEITAM
 na India.

CARTA VII.

DO antigo Portugual, da grã Lisboa,
 Por nouos mares, nouos ceos, & climas
 Ao nouo Portugal, à clara Goa,
 Te vay saudar, Ioam Lopez, s'inda estimas,
 S'inda as noue Irmãs honras, minha Musa,
 Dem lugar duros Troës às brandas Rimas.
 Ou teu armado braço estê no que v'sa,
 Com Marte contendendo em fortaleza
 Sem ao Rume aceitar outro, ou escusa,
 Ou rompendo com furia, & com braueza
 As escumosas ondas, vas leuando
 Socorro à quasi entrada Fortaleza.
 Não deixes de ir cos olhos sô passando

Este

LIVRO II.

184

Estes versos, verás quanto às trombettas
 Mais animoso som estaram dando.
 Antes que com forte animo comettas
 A feroz multidão, & com honroso
 Despojo, humilde o imigo a ti somettas,
 Ou do triste successo temeroso
 (Como a fortuna quer) com arte, & rogo
 Tornes o teu soldado furioso,
 As Musas ouue sempre, acendem fogo
 Nos altos coraçõs, & o mór perigo
 Te fazem parecer prazer, & jogo.
 Tanto mais forte irás contra o imigo
 C'õ sprito aceso em doce som de gloria,
 Quanto das Musas mais fores amigo.
 Ao som da alta trombeta, que a memoria
 De Achilles fero ao mundo renouaua,
 Encheo o grã Macedonio su' alta historia.
 Quantas vezes gemia, & suspiraua
 Com generosa inueja do alto canto,
 Que a noua gloria, & fama o leuantaua!
 Aquelle sprito aceso, aquelle santo
 Furor do Rey Profeta, ao som da lira
 Hora era fogo todo, hora era pranto.
 Sobre si posto ja mais que homem a spira
 Aos ceos, & altos segredos, que la via,
 Deos chama, de Deos canta, a Deos suspira.

Ja

DAS CARTAS.

Lá aquelle fogo claro, que assi ardia
 Antigamente nūs spritos raros
 Torna inflamar a nossa idade fria.
 Lá os dias nascêr vemos mais claros,
 O mundo mais fermoso, & já das nove
 Musas os nomes mais ao mundo charos.
 Também algũa esse teu peito moue,
 E todo a honra, & gloria to leuanta,
 Por mais que em ti o Amor suas frechas proue.
 Mas tu com Marte t'arma, com Amor canta.
 Inda juntos verás Venus, & Marte,
 Juntos Apollo, & Pallas em paz santa.
 Ah quanto ceo, quanta agoa, loão, nos parte!
 Os spritos poreu de lá se chamam.
 Lá de mim tens, amigo, a melhor parte.
 Não são os olhos, não os corpos, que amam.
 Outra farça secreta nos conuida;
 Naturalmente hūs s'amam, hūs se desamam.
 Pôde hũa voz, hũa fama ao longe ouuida
 Juntar duas almas em amor igual,
 Fazendo em dous hũa vontade, & vida.
 Esta he a sancta amizade, esta a que val.
 Dos corpos, & olhos são baixos amores,
 Que ao bem se chegam, apartanse co mal.
 Dous em bom amor juntos são senhores
 De duas almas: nisto, loão, vencemos

Mil

LIVRO II

185

Mi' grandes Reys, & mil Emperadores.
 Elles tem seus Impérios: mas nós temos
 Nossa vontade, boa segurança.
 Reynem temidos lá, nós nos amemos.
 A estrada cham da bemaventuranca,
 Que desta vida à eterna vay sobindo,
 Que he, se não deste amor sam confiança.
 Em quanto tu teu braço estàs tingindo
 Nesse barbero sangue, & das honrosas
 Folhas essa tua fronte vaa cingindo,
 E inda às armas antigas, & fermosas
 Noua, & nôr fermosura vao ganhando
 Teu forte peito, & mãos victoriosas,
 Eu estou tua doce vista desejanço
 Com toda est'alma, com toda a vontade,
 Ah viue, & vem, loão, de câ gritando.
 Deuemos este amor ao nosso Andrade,
 De nosso amor seguro fundamento.
 Amigo tens em mim, tens sam verdade:
 Que seruidor nome he de comprimentoo.

A D. CONSTANTINO FI-
 lho do Duque de Bragança,
 indo gouernar a
 India.

Car

CONSTANTINO, tu vás provar tua sorte,
 E descobrirte ao mundo: olha o perigo
 Mor inda da fortuna, que dá morte.
 Fuge de ti, que em ti tens mor imigo,
 Se muito te amas, se te vence, e manda,
 Teu bom conselho, em ti tens mor amigo.
 Liure a Fortuna pelos ares anda
 De mil, e mil despojos carregada,
 A muitos dura, a muito-poucos branda.
 Não se vence a cruel com mão armada.
 Não obedece a rogos, ou branduras.
 Então mais falsa, quando mais amada.
 Se a tu vencida em tudo ver procuras,
 Confia de ti pouco, menos della.
 Terás a vida, e honra mais seguras.
 O sprito, e olhos postos na alta estrella
 Da nova gloria, que te leua, e chama,
 Ousado a forte lança, e solta a vela.
 Tua fé, teu Rey, tua terra, teu nome ama.
 Dos bons te ajuda: em Deos espera, e cre;
 Acenderás de amor hũa viua chama.
 Nenhum olho direito no Sol vê;
 Mas finge que com hũa nóda hoje amanheça,
 Todos a enxergaram onde quer que estê.
 Qualquer pequena culpa, que pareça

Em

Em ti, logo se ve, logo se sente,
 As obras vense, o peito Deos conhece.
 Aos olhos posto estas de toda a gente:
 Num descuido vê quanto s'aventuram em ti
 Teu nome, e o alto Imperio do Oriente.
 O que as estrellas vence, o que assegura,
 Altos estados he seguir razão,
 De nossas almas propria fermosura.
 Mil razões hūs, mil outros te daraõ,
 Este teu juizo firme, liure, e isento,
 Logo as boas das más se partaraõ.
 S'a vontade obedece ao entendimento,
 Elle naturalmente o melhor mostra,
 E com hũa só razão responde a cento,
 Mas quem conhecerá a fingida mostra
 Do que o conselho funda em comum bem
 Contrario dentro do que fora mostra?
 Logo a virtude, logo a razão tem
 Hũa diuina luz, com que esclarece
 A alma daquelle, que buscar a vem.
 Aquelle estatuas d'ouro sō merece,
 Que firme tem o generoso peito
 Té o fim bom chegar do que conhece.
 Constante, e forte, a medo não sogeito,
 Nem o ardor do pouo cego o moue,
 Nem o espanta o trabalho do alto feito.

42

Flora

Hora o fogo, hora o vento, & a onda proue
 O grande Capitão, que em si deseja
 Que o mais famoso nome se renoue.
 Quem primeiro consigo sò peleja,
 E com victória say, ponha seguro
 A fortuna seu peito, rosto à inueja.
 Cabirlheba ant' os pés o imigo duro
 Vencido do grã nome, & acender seã
 Em mais fermoso fogo o forte muro.
 Quem de tantos mil annos vida dá
 A tantos mortos? quem tam altos cantos,
 E a viua voz, que sempre soarã?
 Porque d'homês mortaes em templos santos
 Se guardauam as cinzas, & adoradas
 Eram de Emperadores, & Reys tantos?
 Tantas ricãs estatuas leuantadas,
 Tantos mil arcos, mil tropheos, mil aras
 A constante virtude eram sò dadas.
 Viuem, & viuerã as obras raras
 Eternamente, & em outra luz, que temos,
 Parecerã hum dia inda mais claras.
 Os antigos exemplos já deixemos:
 Vencem os nossos; vencem, ou certo igualam.
 (Te quando contra nós crueis serem?)
 Não espantam, não soam hoje, não salam
 Pelo mundo o grã Conde, & o Rey primeiro,

Por

Por mais que os tempos d'outros muitos cãbam?
 Hum Sancho hum sò Dinis, hum Afonso inteiro
 No alto sprito, & zelo da Fé santa,
 D'Españha outro Camillo verdadeira?
 Ah olha Constantino, & verã quanta
 Luz clara, que alta estrada vão mostrando
 Dous, de que tem teu sangue parte tanta.
 Dous Rayes loam, & Nuno, como ousando
 Com animos constantes, a coroa
 Real com grã vigor vão conseruando.
 Contra tantos dous sôs coa tençã boa,
 Olha o rico despojo, Reaes bandeiras,
 Olha a victória, que no mundo soa.
 Não fabulas fingidas, verdadeiras
 Historias ves de Reys; pois tu seu sangue,
 Corre com lèdo sprito taes carreiras.
 Faze inda mais temido ao Rume o Frangue.
 Leua diante os Capitães passados,
 Que esse Imperio ganhãram com seu sangue,
 Tantos Varões illustres, que igualados
 Com razão deuem ser aos mais antigos,
 Tantos a nenhũs outros comparados.
 D'hũs o conselho, d'outros nos perigos
 O animo inuenciuel, d'outros a arte
 De sem sangue vencer cem mil imigos.
 A que Bacho, a que Romulo, a que Marte

43

Conce

DAS CARTAS.

Concederam vantagem mil Scipioes,
 Fabios mil, Paulos mil em toda parte.
 Ajunta os Portuguezes coraçõs
 Naturalmente à gloria, & fama erguidos,
 Que mares temerã, ou que regiões?
 Poucos, mas bem conformes, bem regidos
 De que ondas, de que fogo, ou fortalezas
 Poderã n'alta empresa ser detidos?
 Vencem o credito já tantas grandezas;
 Tantas victorias em tam noua terra,
 Ganhadas pola Fé, não por riquezas.
 As innocentes armas, sancta guerra
 Dã Deos altã victorias: quem outro fim
 Leua diante, à gloria, & à fama erra.
 Nunca as pedras, as conchas, & o mar fim
 Deixãram ao que as amou, nome famoso.
 Ve de Fabricio, & Crasso o nome, & o fim.
 Dario com seus thesouros poderoso
 Rico despojo foy ao Grego pobre
 Sò d'honra; sò de fama cobiçoso.
 Ah quem o alto sprito liure, & nobre
 Tam vilmente catiua no baixo ouro,
 Que pera mal da honra se descobrê?
 Tu, Real sangue, tu outro thesouro
 Traras desse teu nome grande dino
 De noua palma, de fermoso Louro.

Suprir

Suprir a idade vãs de hum Rey ninho,
 Que Rey te faz por si de tantos Reys.
 Vence, triumphã, & deixa Constantino,
 Nouos Imperios postos às suas leys.

A FRANCISCO DE SA DE

Miranda.

CARTA IX.

Antes que minha sorte impida, ou mude
 A occasiã de praticar contigo
 Mestre das Musas, mestre da virtude,
 Antes que o tempo a todo bem imigo
 Me desuite forçado, onde eu já vejo
 Minha vida sem gosto, alma em perigo,
 Consenteme fartar este desejo
 O Francisco sò liure, & sò ditoso,
 Em quanto a carta ao longe não tem pejo:
 O tempo escuro, & triste, & tempestoso
 Mal ameaçã; assi viste o passado,
 E ves inda o por vir mais perigoso.
 Chamart'ey sempre bemaumenturado,
 Que tanto ha, que em bom porto co effas santas
 Musas te estã em sancto ocio apartado.
 Nam esperas, nem temes, nem te espantas,
 Sempre em bom ocio, sempre em saõs cuidados

A ti sô viues lá, & a ti sô cantas.
 Os olhos faltos pelos verdes prados,
 O pensamento liure, & nòs ceos posto,
 Seguros passos das, & bem contados.
 Trazes hũa alma sempre num sô rosto,
 Nem h anno te muda, nem o dia,
 Hum te deixa Dezembro, hũ te acha Agosto.
 Quam alta, quam Christam philosophia
 De poucos entendida nos mostraste,
 Que caminho do ceo, que certa guia!
 De ti fugiste, & lá de ti voaste,
 Lá longe, onde teu sprito alto sobindo
 Achou esse alto bem que tanto amaste.
 Nouo mundo, hom Sã, nos foste abrindo
 Com tua vida, & com teu doce canto,
 Noua agoa, & nouo fogo descobrindo:
 Não resplandicia antes o Sol tanto.
 Não era antes o ceo tam lumigoso,
 Nem nos erguia o sprito em seu espanto.
 Contigo nos nasce o anno mais fermoso,
 Mais rosada, & mais loura a Primavera,
 Co sêo de aluas flores mais cheiroso.
 Por toda a parte o Louro abraça a Hera,
 Por toda parte rios, & agoas claras,
 E outra môr natureza já da que era.
 Tu as fontes abriste, os ceos aclaras,

As

As estrellas dâs luz, vida aos Amores,
 Sanctos amores d'huãs Nymphas raras.
 Levantas sobre Reys, & Emperadores
 Ao som da lira doce, & graue, & branda
 A humildade innocente dos Pastores.
 Por onde vay teu sprito, por hi anda
 Sempre firme teu pê, & o peito inteiro;
 Obedece a vontade, a razãõ manda
 Nem ao Rey, nem ao pouo lisongeiro,
 Nem odioso ao Rey, nem leue ao pouo,
 Nem contigo inconstante, ou tençoeiro.
 Neste mundo por ti já claro, & nouo
 Lá hũs spritos s'erguem no teu lume,
 Por quem eu, meu Sã, vejo, & meus pés mouo.
 Lá contra a tyrannia do costume,
 Que tẽ qui como escrauos em cadeas
 Os tinha, subir tentam ao alto cume
 Do teu sagrado monte, donde as veas
 Desse liquor riquissimas abriste,
 De que já correm mil ribeiras cheas.
 Ali teus passos por onde subiste
 A tam alta virtude, & tanta gloria,
 Medindo iriam, como os tu mediste.
 Inda seguindo a tua clara historia,
 Que em vida de ti lemos, algum sprito
 Com teu nome honraria sua memoria.

Mas

DAS CARTAS.

Mas ab tempos crueis! (soë meu grito
 Por todo mundo) mas ab tempos duros,
 Em que não soa bem o bom escrito!
 Eu vejo hum valle, & hum monte, onde seguros,
 Onde saõs, & quietos os meus dias
 Teria em ocio bom, cuidados puros.
 Mas chama o mundo vãs philosophias
 A virtude, o repouso, a liberdade;
 E as sanctas Musas são fabulas frias.
 He fraqueza do sprito a humildade,
 O ser do homem são honras, são riquezas,
 E subir onde mais voa a vontade,
 Leuantar os spritos a grandezas,
 Entrar Cidades, & mostrar vencidos
 Imigos mil, queimando as fortalezas,
 Ser de Principes grandes conhecidos,
 Ao Rey aceitos, à gente espantosos,
 Ou por temor, ou por amor seguidos.
 Duros trabalhos fizeram famosos
 Alexandres, & Iulios, Scipioës,
 Não os bosques sombrios, saudosos.
 Aos que não bastaram os coraçõs,
 A subir alto, té os nomes perdêram.
 Aleuanta a fortuna altas tençoës.
 Outros suas terras em boa paz regeram,
 Armandoas com boas leys, & bons preceitos,

Com

LIVRO II

190

Com que igual honra ás armas mereçeram.
 Como? & he pouca gloria a dos direitos
 Iuizes, que guardando as iguaes leys,
 Tem té os que podem mais a si sogeitos?
 Em quem os seus poderes poem os Reys?
 Por quem se rege o mundo, & se sustenta?
 Assi ociosos a honra fugereis?
 Nem com dita cad'hum sua sorte tenta.
 Sentouse, o que temeo: mas quem ou sou
 O rosto, & peito ter firme á tormenta,
 Co generoso sprito ao fim chegou.
 Isto me diz o pouo. Eu lhe respondo,
 Vá, quem sua leda sorte alto chamou.
 Besta de mil cabeças, eu me escondo,
 Não dos trabalhos d'honra, mas de ti
 Que cegamente estàs pondo, & despondo.
 Já eu os olhos à virtude ergui.
 Já leuantey o sprito a gloria, & fama,
 Mas dentro inda de mim logo cabi.
 Este bom pouo, que a honra ca assi ama,
 Que assi de honra enche a boca, sô proueito,
 Sô doce ganho estima; este honra chama,
 Ouro primeiro (este he seu preceito)
 Ouro, despois virtude: ouro honra dá,
 Ouro ao Rey faz, & aos homës ser aceito.
 Logo quem nada tem, nada terá;

Essa

DAS CARTAS.

Essa he câ a ordem, essa a regra, & meo.
 Logo a quem muito tem, mais se darã?
 Logo em vaõ hum sprito ao mundo veo
 Simprez, nu, puro, aceso em fogo viuo
 D'virtude, & de amor de gloria cheo?
 O cega multidãõ! & assi catiuo
 Quereis fazer â baixa fex da terra
 Hum alto ingenho? assi enterralo viuo?
 Quem â gloria, & â honra assi o nome erra,
 Que honras darã? & quem tam ociosa
 Acha a virtude pera paz, & guerra?
 Onde a liure verdade, a tam fermosa
 Se vende por vil ganho, & mau engano;
 E a quem a segue, & ama he mais danosa?
 Onde mais justo chamam o môr tyrano,
 E a cega affeicãõ, juiz o certo,
 E o teu entendimento te he môr dano?
 Tenhas fê, tenhas lingua, & peito aberto,
 Se te falta o mais baixo, & que mais val,
 Como na cinza o fogo estã cuberto.
 Quanto he mais justo, quanto mais igual
 Dos mininos o jogo: serã Rey
 Quem o melhor fizer, preso, quem mal!
 Pois ô porque de ti não fugirey
 Pouo, & cruel, & cego? que esperança
 Me dãs? que nem mintir, nem servir sey.

Quem

LIVRO II.

191

Quem dos ceos hum soffego bom alcança,
 Mais não deseje: he liure, he Rey, he rico,
 E tem da vida a bemaumenturança.
 Que aprouveita o que ajunto, o que edifico
 Por agoa, & fogo, pondo a vida a preço,
 Se quanto ajunto mais, mais pobre fico?
 Porque a alma tam eustosa a Deos, offerço
 Ao baixo ganho, se hum momento d'hora
 Como hũa sombra ao Sol desapareço?
 Quanto viuem melhor os que estão fora
 Contentes do que são, mais não desejam,
 Viuem dia por dia, hora por hora!
 Sejam chamados ociosos, sejam:
 Bom he o ocioso, que do mal aparta,
 Inda, qu'outros mais bens nelle não vejam.
 Este desejo, que se nunca farta,
 Ali mais obedece â natureza,
 Que quer que o bem por todos se reparta.
 Mais magnifica âs vezes he a pobreza
 D'hum, que os thesouros d'outro; a alta tençãõ
 Estima Deos; as obras vans despreza.
 Tndo se torna em bem no que estã saõ.
 O doce, & aproneitoso amarga ao doente,
 Erra com cor de bem o pouo vaõ.
 Sõ andava Scipiaõ, fugindo â gente,
 Entãõ mais occupado, quando menos.

Fabri-

DAS CARTAS.

Fabrizio pobre sô, Fabio paciente.
 O campo ensina ser justo ôs pequenos,
 Desprezador dos maos, sô no bem forte,
 De si contente, & a si sô fomenos.
 Não acha, quando vem armada a morte
 Mais que o seu vil despojo, ô serra, ô monte,
 Ditoso aquelle, a que cabiste em sorte?
 Lâ me escondas, lâ onde ninguem conte
 Minhas ditosas horas, lâ sem nome
 No mundo coma o fruto, & beba a fonte.
 Antes co duro arado a terrâ dome,
 E della as mãs espinhas arrancando,
 Do meu trabalho sancto exemplo tome.
 Alma de maos desejos apartando,
 Nella, & na terra sans rayzes plante,
 Que vaõ fermoso fruto leuando.
 A ti, Marilia, a ti, & ás Musas cante,
 Ali meu todo, & teu, liure, & seguro,
 Nada me offenda, nada turue ou espante.
 Em mim metido, & forte em meu bom muro,
 Nem o exemplo do mau me mude ou dane,
 Nem me seja do pouo o riso duro.
 Antes que eu erre, antes que m'engane,
 A ti, Sâ, siga: que me estâs dizendo,
 Fuge antes que o mau vulgo te profane.
 A vos, ô castas Deosas, me encomendo.

Vos

LIVRO II

192

Vos me liuray em paz, vos me apartay
 Onde connoço lédo este viuendo.
 E o vosso bom Francisco me mostray.

A D. SIMAM DA SYLVEIRA.

CARTA X.

Dom Simão da Sylueira (este só nome
 Passe por claro titulo, em quem Marte
 Sempre igual honra, igual Apollo tome.)
 As victoriosas armas a de parte
 Do illustre sangue teu sempre esparzido,
 Co sprito, & fim sô posto em melhor parte:
 Em quanto aos claros feitos mais deuido
 He o teu raro, & graue, & doce canto,
 Em quanto do alto lume o meu vencido,
 Nas brandas Musas, que tu honras tanto,
 Mal a humilde meu verso se despeja
 Furtado hora a suspiros, hora o pranto.
 Quem poderia ser qual se deseja?
 Boa parte porem dá, quem dá a vontade,
 Inda que a algũs de pouco fruto seja.
 Porque, pois arde esta ditosa idade
 Em outro nono fogo, em melhor lume,
 Que já o mundo encheo de claridade,
 Terâ tam dura força o mau costume

Que

DAS CARTAS.

Que tẽ às suas leys os bons spritos,
 Que o Ceo liure nos dê, força, & consume?
 Deixâram boa materia a altos escritos
 Nossos Passados: não lhes tiro a fama,
 Mais dados a bons feitos, que a bons ditos.
 Mas se nos nasce agora hũa nova chãma,
 Que a sua sombra alumia, quem accusa
 A clara luz, & a sombra antiga inda ama?
 Vêse já Marte junto à branda Musa:
 Dantes todo diamante, & malha, & aceira,
 Sem esperar tempo, ou receber escusa.
 Posto à fortuna todo aventureiro
 Imigo de piadade, & de brandura,
 Tal era o Capitão, & o caualeiro.
 Eis já aquella brutal fereza dura,
 Da branda humanidade temperada,
 Que às armas deu sua propria fermosura.
 Eis Minerva de Marte namorada,
 Elle õs seus brandos olhos mil perigos
 Rompe co a forte lança, & aguda espada.
 A Deosa canta, elle arde: em tanto imigos
 Mil, & mil deixam armas, & bandeiras,
 A soberbos feroz, brando õs amigos.
 As fabulas antigas tisongeiras
 Ao pio Troyano, ao Grego forte
 Brandas Deosas não dão por companheiras?

Nem

LIVRO DEAC

193

Nem tudo á de ser ferro, & fogo, & morte?
 Ociosa nos foy logo esta vida,
 Se toda ade pender de furia, & sorte.
 Aja a Razão lugar, seja entendida,
 Fiquem aos Lioes, a força, & a bravẽza,
 Que em fim d'arte a grãde Hydra foi vencida.
 Mansos nos criou a mansa Natureza
 Ira à guerra pario, ira armas gera,
 Ira chamou à boa razão fraqueza.
 Inda naquella idade inculta, & fera,
 As forças toda dada, hum sprito raro
 Piadoso templo ao brando Apollo erguera.
 Sancto DINIS na Fé, nas armas claro,
 Da patria pay, da sua lingua amigo,
 Daquellas Musas rusticas empario.
 Com magoa o ciudo, ab com magoa o digo.
 Como hum pouo em seu bem sempre constante
 Veo assi ser da sua lingua amigo?
 Quem ao Grego deu voz, que soe, & cante
 Tam altamente? quem ao bom Latino
 Com que ja Grecia iguale, & o mudo espante?
 Quem se não arte, & uso, hum sò diuino
 Ingenho, que inflammado em nouo fogo
 Ousou roubar o canto peregrino?
 Os Pastores primeiro em festa, & em jogo
 Despigas coroados em suas canas

b

Seus

Seus Deuses invocaram a seu vão rogo.
 D'ali vem Nymphas, Faunos, & Dianas
 Musas, Graças, & Venus, & os Amores,
 Crescem co tempo as inuencões humanas.
 Eis despois Capitaes, & Imperadores
 Entr'armas, & estandartes tam cantados,
 Eis publicos theatros ôs cantores:
 Não correm sempre os Ceos iguaes: seus fados
 Teue ja Grecia, & Roma; acabou tudo.
 Perderamse os bons cantos cos estados.
 Ficou o mundo hum tempo frio, & mudo:
 Veo outra gente trouxe outra arte noua,
 Em que alçou hora som grane, hora agudo.
 Chamou o povo a sua inuencão troua,
 Por ser acbudo consoante nouo,
 Em que Hespanha tè qui deu alta proua.
 Eu por cego costume não me mouo:
 Vejo vir claro lume de Toscana,
 Neste arêo; a antiga Hespanha deixo ao pona.
 Ô doce Rima! mas inda ata, & dana,
 Inda do verso a liberdade estreita,
 Em quanto co som leua o juizo engana.
 Não foy a consoancia sempre deçeita
 Tam repetida, a si como a doutrina
 Continua o appetite cheo engena.
 Mas soframola em quanto hũa figura

Não

Não vemos, que mais viua represente
 D'aquella Musa antiga a boa soltura,
 Esta deu gloria à Itali, na gente
 Nesta primeiro ardeo cá o bom Miranda:
 Vinam Lasso, & Boscão eternamente
 Já com suas Nymphas Phebo entre nos ando,
 Já a lira a nossas sombras encordão,
 Responde o valle, & o bosque á sua voz brada.
 Porque mais Mantua, & Esmyrna que Lisboa,
 Se o claro Sol seu lume nos não nega,
 Terá (se s'arte vsar) mayor coroa?
 Aja estudo, aja vso, não aja cega
 Ousadia, na fonte beberemos,
 Donde o doce liquor mil campos nega,
 Porque, ô Simão, porque não oufaremos,
 O que tantos oufaram em tanta mingua,
 Tè quando descuidados viuiremos?
 Deonos o ceo spritos, não nós mingua
 Mais que mestre, & vso: Ferrara, ou Florença
 Quam rica teue em seu começo a lingua
 Geralmente foy dada boa licença
 As linguas: huás às outras se roubaram,
 Sò o bom sprito faz a differença.
 Quantos antes de Homero mal cantaram!
 Quanto tempo Sicilia, quanto Athenas,
 Que despois tal som deram, se calaram!

b2

Não

101 DAS CARTAS.
 Não criou logo Roma as altas penas,
 Com que de boca em boca foy voando,
 Iguaes fazendo as armas as Camenas.
 E nós inda estaremos duuidando?
 E o viuo fogo, que se em nós leuanta,
 A que a lingua, ab crueis, iremos dando?
 Docemente suspira, doce canta.
 A Portuguesa Musa, filha, herdeira
 Da Grega, e da Latina, que a si espanta.
 Vá sempre victoriosa a alta bandeira
 Ao som da noua lira, em paz, e em guerra,
 Vá Lusitania, se poder, primeira.
 Ô raro espirito, que da baixa terra
 Ao ceo voando vás aceso em gloria
 Longe do cego vulgo, que sempre erra:
 Acrescenta dos teus a clara historia
 Brandas Musas. Eu vejo o glorioso
 Grã Conde encomendarte sua memoria.
 Clarissimo Luis, rayo luminoso,
 Marte nas armas, Apollo entras Musas,
 Mas por ti, Simão, inda mais ditoso.
 Ao som da lira, de que tambem vsas,
 Vay a verde Hiera entretecendo o Louro,
 Que já honrou Mantua, Esmyrna, e Syracusas.
 Em ti nos mostra Apollo o seu thesouro.
 Ao

LIVRO II. 195
 AO CONDE DO REDONDO
 D. Francisco Coutinho, Regedor.
 CARTA XI.

Ilustre Conde dentre mil eleito
 Per a sancta justiga ter inteira
 Igual a todos no constante peito;
 Depois que de infieis a alta bandeira
 Mil vezes victoriosa recolbeste
 Na boa estrella, do teu sangue herdeira,
 Depois que a inueja com a fama venceste,
 E os claros nomes dos famosos Condes
 Não sey como inda mais esclareceste;
 E quanto foges mais tua gloria, e a escondes,
 Mais aos olhos se mostra, e inda a tua fama
 Com mais verdade, da que diz, respondes;
 Perdoa este furor meu, que me chama
 E me leua apos ti, como forçado
 A louuar, o que o mundo louua, e ama.
 Não foste sem diuino sprito dado
 A este regimento: no ceo escrito
 Está todo conselho bem fundado.
 Fortaleza, e justica estaõ no sprito;
 Serue o corpo somente de instrumento,
 Quando obedece ao bom conceito, ou dito.
 Primeiro iulga, e escolhe o entenlimento
 O que fugir, o que seguir se deue;

Nasce a obra conforme ao pensamento.
 Nem todo aquelle, que romper se atreve
 Pelo armado esquadraõ, & agudas pontas,
 Da boa fortaleza o nome teue.
 Quantos mortos vamente às suas mãos contas
 Mal prodigos das vidas! cegos de ira!
 Dã vagar à Razão, & lança contas.
 Aquelle, que a mór gloria, & fama aspira,
 Cuida o perigo, & o fim tam duuidoso
 Da ventura, que a tantos a honra tira.
 Tu vencedor Francisco, o animoso
 Não julgas polas forças, & ousadia,
 Mas polo sprito de erro arreceoso.
 Quem áquelle fermoso fim sô guia,
 Que as claras obras daõ, o corpo offrece.
 Ousado onde perdelo he mor valia.
 Manda a razão morrer, lèdo obedece;
 Vêda a razão morrer, conserua a vida,
 Donde o perigo à alma, & hõra a empece.
 Está toda virtude em boa medida.
 Em tanto he justiça, & fortaleza,
 Em quanto a razão he obedecida.
 O contrario he injuria, & he fraqueza.
 Sô no vencer o vicio está a victoria,
 Que o mundo mal conhece, & sô Deos preza.
 Mas despois nasce a tam fermosa historia,

Que

Que pera exemplo eterno ao mundo dura,
 Dos que fazendo bem, deixaõ memoria.
 Aquella tam escondida fermosura
 Da verdadeira gloria à sô virtude
 Se mostra, & dá na propria sua figura.
 Não ha falsa opiniaõ, que a turue, ou mude,
 Do cego vulgo, sempre em si constante
 Seruese da doença, & da saude.
 He fraca ant'ella a força do Alifante,
 E do braue Liaõ a ira espantosa,
 E a ligeireza da Aguia mais voante.
 Sô hãa firme vontade, hãa animosa
 Tençaõ de bem fazer a vence, & abraça,
 Esta he sua prisãõ rica, & fermosa.
 Nesta sô acha paz, amor, & graça.
 Esta ama, & louua, & honra adora, & estima,
 Não vozes vãs da ociosa praça.
 Ah quem me desse tam suaue rima,
 Que podesse cantar a viua força
 Da virtude, que em toda alma s'imprima?
 Que perigo, ou medo ha, que a vença, ou torça?
 Que espantos, que a espantem? que cadeas,
 Que não quebre? que nõs, que não destorça?
 As claras agoas, que das limpas veas
 Correm, campos regando, enchendo rios,
 Flores aos prados dando, ouro às areas,

b 4

Corre

DAS CARTAS.

Correndo vão seu curso por seus fios
 Direitos té o mar, ali descansam
 Vencendo no caminho mil desvios.
 Hãas seguindo as outras nunca cansam,
 A fonte sempre vinda, sempre mana,
 E ao caminhante a ardente sede amansam.
 Que exemplo dão à natureza humana,
 Que exemplo a terra, o mar, o ar, & o fogo,
 Que tudo ao mundo serue, & a ninguem dana!
 Communicase o bem, não espera rogo.
 Não ha onde elle está necessidade.
 Amor he seu prazer, amor seu jogo.
 Aborrece a mentira, ama a verdade.
 Não tem inimigo, todos são parentes,
 Quantos veste hãa mesma humanidade.
 Não tem unhas, nem pontas, nem maos dentes,
 Todo he simpreza sam, & bom desejo.
 Todo maos liberaes, & diligentes.
 Tal te temos, bom Conde, tal te vejo,
 Sprito generoso, inteiro, & forte,
 Liure de odio, d'amor, de medo, & pejo.
 Pois te chamou nossa ditosa sorte
 Das armas à justiça, outra coroa
 Espera, qual não gaste inueja, ou morte.
 Favorecem os ceos a tenção boa,
 Dos homẽs mal, mas de Deos bem julgada;
 Vence

LIVRO II.

197

Vence a verdade, vence, & fala, & soa;
 Evem té dos inimigos ser louvada.

A VASCO DA SYLVEIRA.
 CARTA XII.

Poëta queres ser, & ser letrado?
 (Diz hum roim, & ás vezes dous, & tres)
 Poëta, & Senador graue chamado?
 Que môr Chymera? que nouo entremes?
 Como s'entende o texto co soneto?
 Como, em quanto tercetas, as leys ves?
 Nesta contenda, neste duro reto
 Que farey, ô bom Vasco da Sylueira?
 A teu graue juizo me someto.
 Não he esta, não temas, a primeira
 Guerra, que padeceo hum sprito raro.
 Vay, rompe, vence, alçada tua bandeira.
 Nas mesmas Musas acharás emparo:
 Achaloás em spritos generosos,
 A quem o bom saber sempre foy charo.
 Largos sejam teus dias, gloriosos,
 Claro Sylueira, eu em mim não conheço
 Tam raros doês, nem fados tam ditosos.
 Ser chamado Poëta não mereço.
 Poëta seja Maro, & seja Homero,
 E seja o meu Horacio, a quem obedeço.

Mas

Mas aja hum barbaro, hum inculto, & fero
 Merecida reposta, aja vergonha,
 Em quanto eu suas cores dar lhe quero.
 A Atha da boa flor faz má peçonha.
 O estamago danado em mal conuerte.
 Qualquer que nelle bom liquor se ponha.
 Quem nega que a malicia não souerte.
 O bom juiz? & que a ignorancia cega
 Faz que nunca a verdade bem se acerte?
 Tal he o baixo sprito, & mau, que nega
 Ajudar o bom ingenho, à boa doutrina
 Quanto elle em mais estudos bons s'emprega.
 Esta alma, que he dos ceos cã peregrina,
 Que dom mór recebo, que a razão clara,
 Por quem se faz tam alta, & tam diuina?
 A qual razão, se Deos não inspirara
 Outra mór luz em nos do ceo influyda,
 Por quem sua escuridaõ se alumiara,
 Quam cega, & escura fora nossa vida!
 Quam incertos passos, os que cã andamos,
 E a estrada do ceo quam mal seguida!
 Nos dos antigos troncos somos ramos,
 Que secaram, perdendo sua virtude,
 Que de hum diuino tronco já cobramos.
 Perdeose a vida, perdeose a saude.
 Com a luz natural, vêo ontra noua

Luz

Luz do alto ceo, que nunca em nos se mude.
 Esta, como mais clara, fez mór proua:
 No natural ingenho, & rudês artes,
 Em que outro mór misterio se renoua.
 Cessaram Ioues, & Cessaram Martes,
 Apareceo o ceo claro, & fermoso,
 Fermoso o mundo em todas suas partes.
 Pois se naquelle tempo perigoso
 Assim escuro, assim triste, assim confuso
 Não era o bom saber tam desditoso:
 Louuauase o bom ocio, & o bom uso,
 Louuauase as boas artes, & o Tyrano
 Auaro a hum bom ingenho era profuso,
 Donde nos veo tal perigo, & engano
 Em tempo, em que mayor luz esclarece?
 Donde tanta malicia? tanto dano?
 Como? o saber o ingenho assim escurece,
 Que, por saber mais artes, menos sabe?
 Como? o saber tanto a si mesmo empece!
 Tam barbara razão não coube, ou cabe
 Senão em rude sprito ao bem imigo,
 A quem o saber mesmo tam mal sabe.
 Olha o medo, senhor, olha o perigo,
 Em que hum sprito raro, & bom se cria,
 Que uem louuor lhe dão, nem acha abrigo!
 Escuro, & triste foy aquelle dia,

Que

DAS CARTAS.

Que ao saber, & ingenho hũ juiz foy dado,
 Que nunca ao claro Sol olhos abria.
 Não obrigam estrellas, não ha fado,
 Mas quem negarã as claras influencias,
 De que o inferior mundo he governado?
 A vontade governa as consciencias:
 Eu asy digo: em minhas maõs minh'alma,
 Deixemos sombras vãs, vãs apparencias.
 Mas hora o mundo he todo fogo, & calma,
 Hora regelo, & frio, & tem mudanças.
 Certas, mas delle terã certa a palma
 Quem sô no ceo tiuer suas esperanças.

A FRANCISCO DE SA DE
 Meneses.

CARTA XIII.

Sofrêrãse melhor hũa Elgia
 Branda d' Amor de ti tambem cantado,
 Quando FILIS tua doce frauta ouuia.
 Mas fuja se de Amor o vaõ cuidado.
 Cantem de Amor, Francisco, os ociosos,
 Que inla o sprito não tem mais leuantado.
 Ah que esses fogos todos espantosos,
 Que pintaes, gente a vosso prazer dada,
 Vos mesmos mostraes bem ser fabulosos.
 Outro fogo he, o em que arde hũa magoada

Alma

LIVRO II.

199

Alma, que s'acha sò, onde se reparte
 A honra com balança, & mão errada.
 Quem sofrerã que leue a melhor parte,
 Que se deue à razão, a diligencia?
 E que Mercurio vença a Apollo, & Marte?
 Tantas vezes prouada a paciencia
 Não desesperarã desta justiça?
 E não trará mal quieta a sam consciencia?
 Aquelle alto furor, que moue, & atica
 Hum grande sprito, & o ergue a claros feitos,
 Quem o derriba mais, que hũa injustiça?
 Fez nos nossa fraqueza em fim sogetos
 As esperanças de honra, & premio justo:
 Tenha a honra, Senhor, juizes direitos.
 O titulo de Magno, Pio, Augusto
 Nem a todos se daua, nem o herdou
 No mundo algum Tyrano cruel, & injusto.
 Cada hum tene o nome, que ganhou
 Por sua morte, a vida he lisongeira,
 Mas nunca o vulgo nisto s'enganou.
 Dãse a coroa no fim da carreira.
 E ha in da de vir publico hum dia
 De publica justiça, & verdadeira.
 Ali o repartidor, que repartia
 Custosas honras, & vidas de tantos,
 Medido ferã asy, como media.

Ali

DAS CARTAS.

Ali dos mal roubados, justos prantos,
 Ali dos bons spritos mal julgados,
 A juizes crueis farãem espantos.
 Porque não julgam letras os letrados?
 Bons a bondade? & porque os Caualeiros
 De Caualeiros não seram julgados?
 Conselhem no que entendem os Conselheyros:
 E dos que entendem, quem melhor entende;
 Julgue cad'hum em su'arte os companheiros.
 Esta he a justa ordem, que comprende
 A boa parte da pbilosophia,
 De que o bom regimento inda depende.
 Assim fica vencida a tyrania,
 (Não s'erre a cada hum seu proprio nome)
 Assim florece a sancta Monarchia.
 Não se segue o bom Rey, não escolha, ou tome
 A caso, ou a montão; vença a verdade,
 Sogigue a inueja, & a malicia dome.
 Ó sancta paz! ó sancta liberdade!
 Ó doce jugo do bom Rey prudente,
 Que guarda esta justiça, esta igualdade!
 Menos se escandaliza, & menos sente
 Negarem-lhe o que he seu hum raro sprito,
 Que velo dêr a outrem cegamente.
 Sobe aos ceos logo hum lastimoso grito,
 Que alta justiça pede, alta vingança.

E fica

LIVRO II

200

E fica logo lá o castigo escrito.
 Não aja erro, ou engano na balança.
 Dar-seam seus nomes a cad'hum devidos,
 Seu premio aos bons liuros, & à boa lança.
 Descobrir-seam por si rostos fingidos,
 E mil titulos falsos, que roubando
 Estam os premios d'outros merecidos.
 So fim do bom gouerno he ir conseruando
 Na Republica paz, & paz nos vem
 De ir a justiça a todos igualando,
 A todos o Sol nasce, todos tem
 Nelle sua parte igual; porque no Rey
 Não terãem sua parte igual tambem?
 Porque, pois comum he a todos a ley,
 Ha na justiça tanta differença,
 Que inda premio me daõ pelo que errey?
 Tenha, Senhor, a justa dor licença.
 Que queres tu que faça hum liure peito,
 Que não sabe fazer co tempo auença?
 Assim estarã catino, assim sogeito,
 Que vê do entendimento seu se guarde,
 Que não julgue quem vay torto, ou derreito?
 Quem não diz, fogo, fogo, se a casa arde,
 Mas fique tudo a Deos, que vê bem tudo,
 E sempre dê o remedio ou cedo, ou tarde?
 Entre tanto he melhor ser cego, & mudo.
 F I M.

DOS EPITAPHIOS.

A EL REY D. AFONSO ANRIQ VEZ.

Epitaphio.

PRimeiro Afonso sou, filho de Anrique,
Entr'armas, ante inimigos Rey alçado,
Testemunha serà o campo d'Ourique,
Onde vi a IESV crucificado.

Esta alta gloria a meus herdeiros fique
Por mòr q' o Reyno por mi sò ganhado,
Que a cruz, & as armas lhes deyxey diuinias
Pera vencerem sempre em cinco Quinas.

A EL REY D. DINIS.

Epitaphio.

QVem he este de insignias diferentes
Cetro, & picaõ, & liuro, e espada, e arado:
Este foy paz de Reys, & amor das gentes,
Grande Dinis, Rey nunca affaz louuado.
Outros foram nũa só cousa excellentes:
Este com todas nobreceo seu estado.
Regeo, edificou, laurou, venceo,
Honrou as Musas, poetou, & leo.

Acl

A EL REY D. IOAMI.

Epitaphio.

SOberba sepultura, alta grandeza
Vés com espanto: lê a grande historia;
Lido seu nome, dirás que he baixeza
O que antes tinhas por heroica gloria.
Este he o Rey, que com sua fortaleza
Estes Reynos ganhou, & a boa memoria.
Foy gloria immortal dos Lusitanos,
Pranto, & terror fatal dos Africanos.

AO IFFANTE D. PEDRO

Regente.

Epithaphio.

Filho segundo del Rey Ioão primeiro,
Tio, & sogro del Rey Afonso Quinto,
Vesme em premio do amor taõ verdadeiro,
De pó cuberto do meu sangue tinto.
D'ingratos morto, & em morte prisioneiro,
Lê minha triste historia, que não minto.
A fama dà de mim fê verdadeira,
Do injusto, & cruel odio Alferrobeira.

c

Ao

A O MESMO.

Epitaphio.

Passa, amigo, não saibas a ventura
Cruel, que a hū triste Iffanre aconteeço?
A quem inda a piadosa sepultura
Por lagrymas de tantos se vendeo.
Meus ossos estiueram em prisaõ dura,
Tè que meu neto, & vingador nasceo,
Contra mim se quebraram fangue, & leys:
Aqui estou filho, fogro, & pay de Reys.

A EL REY D. IOAÕ II.

Epitaphio.

Aqui està o corpo sancto do Rey santo,
Cujõ sprito no mundo não cabia.
Amor dos bons, dos maos terror, & espanto,
A cujo nome Africa tremia.
Não lhe deixou a morte cruel ver quanto
Nouamente do mundo descobria.
Hera que já nos ceos reyna, & repoufa,
Confessa o mundo serlho pouca causa.

Ael

A EL REY D. MANOEL.

Epitaphio.

Qué não sabe a ventura, & sorte estranha
De Manoel em tudo ram ditoso,
Que Principe jurado foy d'hespanha
D'ambas casas do sol Rey glorioso?
Aqui em conhecimento de ramanha
Fortuna, alçou a Deos tropheo famoso.
Do sancto Rey Ioão seu primo herdeiro.
E pay do pio Rey Dom Ioão terceiro.

AO PRINCIPE D. IOAM.

Epitaphio.

EM paz, & em guerra hūa esperãça grãde
Principe Ioão, filho de Ioão terceiro,
De Carlos géro, a q̃ outro igual Deos mãde,
Despojo de Ioana, & amor primeiro;
Dor, que o tempo, nem ella quer q̃ abrande,
Dos tristes pays, & Rey vnico herdeiro,
Cobre esta pedra moço em flor cortado,
Que mais poderá dar do que tem dado?

62

Ael

A EL REY D. IOAM. III.

Epitaphio.

A Paz, a mansidão, a alta bondade,
Em que o Reyno viueo taõ docemete;
Em quãto em guerra, em quãto é crueldade
A sancta igreja ardia, & Christam gente:
A piadosa liberalidade,
Que todo mundo enchia a tè Oriente,
Aqui estão co bom Rey, pay verdadeiro
Da religiãõ, & letras Ioãõ terceiro.

A D. VASCO COVTINHO

Conde de Borba

Epitaphio.

A Qui o grã Capitãõ, & illustre Conde
De Borba, leal Dõ Vasco os pòs en terra.
O valeroso sprito lá està, onde
Ganhou seu alto assento em facta guerra:
A fama ao claro nome não responde
Igual, nem ao seruiço os Reys da terra.
Leal contra seu sangue, em armas forte.
Nunca vencido, & vencedor da morte.

Ao

203
AO GRANDE AFONSO D'ALBOQUERQUE.

Epitaphio.

VEjo Alexandre, Cesar, Scipiaõ;
Quê he, o q em meo delles respládece?
Afonso d'Albuquerque, a quem elles daõ
Cada hum seu lugar, que bem merece.
As grandezas de todos nelle estaõ;
Quê os tres nunca vio, nelle os conhece.
Tam liberal, tam casto, tam clemente,
Triumphador glorioso do Oriente.

A ANTONIO DESA DE

Mencses.

Epitaphio.

DOnas que sois? Sciência, Honra, Bõdade.
E que fazeis? aqui nos enterramos.
Quem vos enterra? amor, & faudade.
De que? d'Antonio, com q nos criamos.
Te quando? te que o Douro, & sua cidade
Tenha outro abrigo, onde nos metamos.
Inda o pay viue, & viuirã o irmaõ;
Hay, nos choramos, porque mortaes saõ.

Albãõ

A IOAÕ CAMINHA, E D. PHILIPPA De Soufa sua molher, ambos mortos & enterrados num dia.

Epitaphio.

Não paffes, Caminhãte, hũ pouco espera:
Duas almas, q̃ é nõ sancto Deos jũtou,
Das quaes o amor hũa alma sò fizera,
Iũtas no mesmo amor Deos as chamou,
Cada hum sua vida pola d'outro dera.
Hũ d'outro a morte não vio, nõ chorou,
O almas sanctas, bemaumenturadas,
Nunca na vida, nem morte apartadas!

A DIOGO DE BETANCOR.

Epitaphio.

Aqui jaz Betancor, chorou a morte;
Chorou a morte, & suspirou a vida:
Antes lhe deu eterna vida a morte,
Antes s'elle deuia a eterna vida.
Começo de sua vida foy a morte.
E nunca morte foy sua sancta vida.
A morte deixa a terra; a vida à fama.
O sprito ao ceo, que taes spritos chama.

AD.

A D. ANGELA DE Noronha.

Epitaphio.

Aqui d'hũa part' o Douro, d'outra o Lima
Angela choram, seu prazer, & gloria.
Ella nos ceos triumphã, & là decima
Mostrando a palma estã de sua victoria.
Seja cantado sempre em prosã, & em rima
Seu nome, seu sprito, sua memoria.
Nã choreis Nymphas, nã choreis Amores;
Offerecilhe aqui versos, & flores.

A MESMA.

Epitaphio.

Aqui as Graças, Virtude, & Fermosura,
Arte, Saber, Grandeza, & Cortesia
Angela choram, que de sombra escura
Morte cobrio tanto antes de seu dia.
Ay falsas esperanças da ventura!
Quanto àquelle alto sprito se deuia!
Mas não lhe era igual paga a baixa terra,
Que indignamete é si seu corpo encerra.

c 4

ADo

A DONA ANA DE TOAR.

Epitaphio.

A Quella em vida morta na vontade,
No ponto, que a sancta alma desatou,
Vestida já de noua claridade
Pondo aqui o mortal véo, aos ceos vouu.
Innocente Dona Ana, irmam d'Andrade,
Filha dos pays, que jutos Deos chamou,
Sanctos pays, sancta filha, sangue sancto!
Louua a Deos, Caminháte, deixa o prato.

A MARIA PIMENTEL.

Epitaphio.

Quem jaz aqui? hum corpo em que viuia
Húa alma sempre delle saudosa.
Que nome? & de que sangue? era Maria,
Dos claros Pimenteis planta ditosa.
Que bens possuyo cá? nella se via
Iguar corpo fermoso á alma fermosa.
Que perdeo tanto bê? o mūdo, & hū triste.
Que é vaõ suspira, é vaõ aos ceos reliste.

A mef.

A MESMA.

Epitaphio.

Que choras? cres que he isso sepultura?
He thesouro de amor, & sanctidade;
Reuolue a pedra: vès que fermosura?
Vès que nouos sinães de claridade?
Esta he inda de fora a vam pintura
Do sprito nunca visto em outra idade.
Iulga pois, Caminhante, qual seria
Em tal corpo a sancta alma de Maria.



C A S T R O.
T R A G E D I A.

P E S S O A S D A T R A G E D I A.

Castro.	Secretario seu.
Ama.	El Rey D. Afonso III.
Choro das moças de Coimbra.	Pero Coelho.
Infante D. Pedro.	Diogo Lopez Pacheco. Meffageiro.

A C T O I.

Castro. Ama. Choro.

COlhey, colhey alegres,
Donzellas minhas, mil cheirosas flores,
Tecey frescas capellas
De lyrios, & de rosas, coroay todas
As douradas cabeças.
Espirem suaues cheiros,
De que s'encha este ar todo.
Soem doces tangeres, doces cantos.
Honray o claro dia,
Meu dia tam ditoso! a minha gloria
Com brandas liras, com suaues vozes.
A. Que nouas festas, nouos cantos pedes?
C. Ama, na criaçã ama, no amor mãy,
Ajudam'ao prazer.

A.

T R A G E D I A.

206

A. Nouos estremos vejo.
Nas palauras prazer, agoa nos olhos.
Quem te faz juntamente leda, & triste?
C. Triste não pôde estar, quem ves alegre.
A. Mistura às vezes a fortuna rudo.
C. Riso, prazer, brandura n'alma tenho.
A. Lagrymas finaes são da mã fortuna.
C. Tambem'da boa fortuna companheiras.
A. A dor são naturaes. C. & ao prazer doces.
A. Que força de prazer tas traz aos olhos?
C. Vejo meu bem seguro, que receaua.
A. Que nouo caso foy? que bem te veo?
Porque me tens suspensa?
Abreme já, Senhora, essa alma tua.
O mal s'abranda, o bem contandoo cresce.
C. O Ama, amanheceome hum aluo dia.
Dia de meu descanso. Sofre hum pouco
Repetir de mais alto a minha historia,
Em quanto o sprito lêdo co a lembrança
De seu temor, de que já está seguro,
Ajunta ao mal passado o bem presente.
Daquelle grande Afonso forte, & sancto
Por poderosa mão de Deos alçado.
Entre armas, ant'imigos o Real cerro
Do grande Portugal, que inda está tinto
Do sangue de infieis por seu bom braço,
Por legitima herança rege, & manda.
O bom velho glorioso da victoria.
E nome do Salado, Afonso Quarto,
Dos Reys de Portugal ferimo em ordem,
Filho do grande Dinis, de Isabel sancta,
Ambos já no alto ceo claras estrellas.

Cuja

Cujá alta casa, & acrecentado Imperio
 Pelos grandes auós, espera alegre
 Seu desejado herdeiro o Iffante Pedro,
 Meu doce amor, minha esperança, & honra.
 Sabes como, em sayndo dos teus braços
 Ama, na viua flor da minha idade,
 (Ou fosse fado seu, ou estrella minha)
 Cos olhos lhe acendi no peito fogo,
 Fogo, que sempre arde, & inda arde agora.
 Na primeira viueza inteiro, & puro:
 Por mim lhe aborreciam altos estados.
 Por mim os nomes de Princesas grandes,
 Por tam grande mé auia nos seus olhos.
 Hum tẽmpo duro, mas em fim forçado
 Deu a Costança a mão, Costança aquella
 Por tantas armas, & furor trazida,
 Já quasi do seu fado triste agouro:
 Deu a Costança a mão, mas a alma liure,
 Amor, desejo, & fẽ me guardou sempre.
 Quantas vezes quisera honestamente
 Podela dar a mim! quantas mais vezes
 S'arrependeo despois de se ver preso!
 Não lhe apagou o amor a noua esposa,
 Não o tam festejado nascimento
 Do desejado parto: antes mais viuo
 Co tempo, & co desejo ardia o fogo.
 Que fará? se o encobre, entãõ mais queima.
 Descobri-lo nam quer, nem lhe he honesto.
 Mas quem o fogo guar dará no seo?
 Quem esconderá amor, que em seus sinas
 A pezar da vontade se descobre?
 Nos olhos, & no rosto chamejaua.

Nos

Nos meus olhos os seus o descobriam.
 Suspira, & geme, & chora a alma cariua
 Forçada da brandura, & doce força,
 Sogeiua ao cruel jugo, que pesado
 A seu desejo sacudir deseja.
 Não pôde, não conuem: a furia cresce.
 Laura a doce peçonha nas entranhas.
 Os homẽs foge, foge a luz, & o dia.
 Sõ passã, sõ fã, triste cuida.
 Castro na boca, Castro n'alma, Castro
 Em toda parte tem ante si presente.
 Elle â molher cuidado, eu odio, & ira.
 Arde o peito a Costança em furor nouo.
 Nem me ousam descobrir, nem vedar nada.
 D'antiga casa Castro em toda Hespanha,
 Já dantes do Real cetro deste Reyno
 Por grande conhecida, inda meu sangue
 Do Real sangue seu tinha grã parte.
 Mas inda à natureza dobram força,
 Arte ajuntando, & manha: elRey ao neto
 Por madrinha me dà, comadre ao filho.
 A. Cegos, que quanto mais vedam, mais chamã.
 Cresce co a força Amor: & o que â vontade
 Se faz mais impossuvel, mais deseja.
 C. Em fim, fortuna, que me já chamaua
 Esta gloria tam grande, quebra o nõ
 Daquelle jugo a meu amor contrario.
 Leua antẽ tempo a morte a Iffante triste.
 Herdo eu mais liurementẽ o amor constante,
 Que a mim se entregou todo, & todo viue
 Na minh'alma, onde estã seguro, & firme,
 Já com doces penhores confirmado.

Mas

Mas o espírito inquieto cos clamores
 Do pòuo, & rógos graues, que trabalham
 Apartar est' amor, quebrar sua força,
 Me trazia em medrosa receando
 A volta da fortuna, que hora amiga
 Hora inimiga cruel alça, & derriba,
 Que sempre do mór bem, mór mal promette
 Falsa, inconstante, cega, varia, & forte.
 Lograva como a medo os meus amores,
 Criara o grande amor desconfiança,
 E a consciéncia errada sempre teme.

A. Quem te tégurou já quem nouo espírito
 Te deu os temores? C. O meu medo.

A. Contrarias cousas falas. C. O medo oufa
 As vezes, mais que o esforço: tomo os filhos
 Co as lagrymas nos olhos, rosto branco,
 A lingua quasi muda, em choro solta
 Ant'elle assi começo: meu Senhor,
 Soam me as cruéis vozes deste pouo,
 Vejo del Rey a força, & imperio graue
 Armado contra mim, contra a constancia
 Que em meu amor tégora tens mostrado.
 Não receo, Senhor, que a fê tam firme
 Queiras quebrar a quem tua alma deste;
 Mas receo a fortuna que mais possa
 Com seu furor, que tu com teu amor brando,
 Por estes minhas lagrymas, por esta
 Mão tua, que em final de fê me deste,
 Pelos doces amores, doce fruto,
 Que delles tens diante, se me deues
 Amor igual ao meu, ou se algũ hora
 Fui a teus olhos vista alegre, & doce,

Mo

Me segues, me guardes, me consertes
 Contra os duros mandados de teu pay,
 Contra importunas vozes dos que podem
 Mudar a caso teu constante peito.
 Ou quando minha estrella, & cruel genio
 Te poder arancar dest'alma minha,
 Com teu armado braço enuoltra em sangue
 M'arranques deste corpo, que não veja
 Tam triste dia, tam cruel mudança,
 Eu tomarey por doce a minha morte:
 Por piadoso amor, tal crueldade.

A. Mouesteme a alma, & os olhos.

C. Assi disse. Elle então lançando os braços
 Estreitamente em mim, mudado todo
 Em vão trabalha de encobrir a magoa
 De meu temor, & lagrymas. E pode
 O Dona Ines, me diz, pôde teu peito
 Conceber tal recéo? aquelle dia
 Primeiro, que te vi, não mostrou logo
 Que esta minh'alma, à tua só se deue:
 Por ti a vida me he doce, por ti espero
 Acrecentar imperios; sem ti o mundo
 Duro deserto me pareceria.
 Não poderá fortuna, não os homés,
 Não estrellas, não fados, não planetas
 Apartarme de ti por arte, ou força.
 Nesta tua mão reponho firme, & fixa
 Minh'alma; por Iffante te nomeo,
 Dom meu amor Senhora, & do alto estado,
 Que me espera, & teu nome me faz doce.
 O grande mouedor dos ceos, & terras
 Inuoco, & chamo aqui o alto ceo m'ouça

E meu

- E meu intento sancto approue, & cumpra.
 A. Entendo o teu prazer, as tuas lagrymas.
 Tambem de prazer choro: tam contraria
 Nos he sempre a alegria, que inda toma
 Lagrymas emprestadas à tristeza.
 C. Já não temo fortuna, já segura
 E lèda viuirey. A. no Real sprito
 Não se deue esperar seue mudança.
 Ajuda tua estrella co' bom siso.
 Muitas vezes a culpa empece ao fado.
 Prudencia, & bom conselho o bem conserua:
 A soberba o destrue, & em grã mal muda.
 C. Rege tu, ama minha, este meu peito:
 O subito prazer engana, & erra.
 A. Encobre teu segredo. C. n'alma o tenho.
 A. Deos to conserue. C. humilde aos ceos o peço.

Iffante. Choro.

Poderoso Senhor, grã pay do mundo,
 Cujos poder immenso, altas grandezas
 Cantam os ceos, a terra, os elementos,
 A cujo aceno treme a redondeza,
 A cujo querer nada he impossivel,
 Fortalece meu peito, armame todo
 De paciencia igual à dura afronta.
 Soffegã os aluoroços deste pouo,
 A furia de meu pay, que em vão trabalha
 Arrancarme minh'alma donde viue.
 Sou humano, Senhor: tentações grandes
 Vencem animos fortes.
 Ferue o sangue, arde o peito, cresce me ira
 Contra quem me persegue: tu me amansa.

Não

Não poderey soffrer, não poderey
 A dura pertinacia, o cruel odio,
 Que ao meu doce amor mostram.
 Vence a dor a razaõ: vence Amor força.
 Tu conserua, alto Deos, a promerida
 Fè, a quem já de là darma mandaste.
 Tudo de ti procedê: sem ti nada
 Se moue cá na terra. Quem entende
 Teus meos, & teus fins, & teus segredos?
 Quantas vezes mal he, o que bem parece!
 Quantas vezes o mal causa bens grandes!
 Quanto tempo soffreste o grande Afonso
 No nome de Bolonha celebrado,
 Que nouas torres ajuntou às Quinas,
 Dura força fazendo ao matrimonio,
 Contr'as diuinas leys, contra as humanas!
 Quem entaõ não choraua a crueldade
 Contra o primeiro amor? & quem calãua
 A dura pertinacia do segundo?
 Mas tu querias dar ao mundo o grande
 Forte, prudente, & sancto, hum só Dinis
 Paz, & concordia entre altos Reys, q' Reynos
 Deu, & tirou, em armas claro & em letras.
 Eu de seu sangue, de seu estado herdeiro,
 Porque do meu amor tam mal julgado
 Nam esperarey grandezas? velasey,
 Velasey de ti, Castro, viue lèda,
 Viue segura, lança os medos fora,
 Que antes morte, que vida sem ti quero.
 Ch. Não he desculpa ao mal, outro mal grande.
 Quam danoso he no mundo hũ mau exemplo!
 Mas não pôde assi ser a Razaõ cega,

d

Que

Que o que reprende em outro, em si o aprone.
Cada hum leuar-se deixa da vontade.

Secretario. . . Iffante. . . Choro.

Quem ajuntar poder com agoa o fogo,
Quem misturar co dia a noite escura,
E quem o mau peccado com a virtude,
Este no amor ajuntará razaõ,
Este em falsa lisonja a lealdade,
Hum o amor não sofre, outro a virtude.
E eu destes ambos venho agora armado.
Não sey se poderey vencer com elles.
S'algum sprito bom me quisesse hora
Ajudar la dos ceos, & aqui acabasse
Esta vida, que fim mais glorioso
Que polos ceos deixar a baixa terra,
Antes que por temor honra, & verdade?
Aquelle he que la vejo pensatiuo,
Deos m'inspire que diga sem temor.
Confiança ha mister, & animo liure
Quem quiser resistir ao mau proposito
Do Principe, em que esta determinado.
Mas deixar de o fazer he vil fraqueza.
I. Que diras, Secretario, a tam grã força
Como querem fazer a esta minh'alma?
S. Senhor, mas antes querem darte liure
Donde está tam forçada, & tam cautiva.
I. Arrancam me as entranhas, que me querem?
Esta gente que quer, que assi me mata?
S. Queremte só, & procuramte tua honra.
E quebrar daqui as asas a fortuna
Que contra ti não tenha nunca forças.

Mas

I. Mas antes lhas vão dando quanto podem,
Procurando apartar-me donde viuo.
S. Se te visses, Senhor, verreyas morto:
Verreyas, cego, em quanto homem não viuo
Com tu'alma propria, pôde a tal ser vida?
I. Tambem tu me persegues? tambem vês?
Afiado cortar-me estas rayzes,
Que no meu peito ja tam firmes tenho?
S. Piadosa obra faz ao que está preso
Quem as prisoões lhe corta, & as más cadecas?
Oh clarissimo Iffante meu Senhor,
Muito ha que me conheces, teus segredos
De mim com razaõ sempre confiante.
Nunca te descobri as zombarias,
Nunca descobrirey o menor delles.
D'hũa parte me tens por secretario,
Mas d'outra me has de ter por conselheiro,
Comprirey eu contigo, & co que deuo;
Então venha tua ira, que eu não quero
Melhor morto, que aquella, que de infamia
Liurar a vida, & a alma de perigo.
Não ves, senhor, que o Sol, se escureceffe,
Quanto cobre, & descobre, ficaria
Tam triste, & escuro, como agora claro?
Pojs tal he o bom Principe: Sol nosso,
Com cuja luz nos vemos, & seguimos
A justiça que aos ceos nos vay leuando.
Se s'esta em ti perder, onde a acharemos?
Quem a virtude se guirá, quem honra?
Abarereste assi de Principe alto
A pensamentos baixos, que s'estranham
Nos homês baixos, parecer te pôde

d 2

Gran-

CASTRO.

Grandeza de ti digna? & do que deus
 A este estado tam alto, que te espera?
 I. Quem tam liure te faz, & tam oufado?
 S. Amor, & lealdade esta oufadia
 Me daõ: dâma a Razaõ, que tem tal força,
 Que inda que se não liga, não se nega.
 Lá dentro em ti te vejo estar sentindo
 Em teu animo Real, & generoso
 Quasi hũa reuerencia, a que te moue,
 Inda que com desgosto, a sam verdade.
 Não me queres ouuir, mas bem me julgas.
 Mouete o zelo honesto, a fê tam pura.
 Deixate reprimir de quem bem t'ama,
 Que ou te aproueita, ou quer aproueitarte.
 Não recebas enganõs de quem teme,
 Ou deseja, ou espêra, â custa tua,
 De tua honra, & dos teus, que a tantos mata.
 Louuas tu, ou alguem louuará aquelle,
 Que podendo illustrar a gloria antiga
 De seus passados com mór honra, & fama,
 Não sòmmente o não faz, mas escurece
 Daquella luz antiga o claro rayo?
 I. Mas antes não viuer merecia effe,
 Antes não ser nascido: que a Aguia vemos
 Os filhos engeitar, que ao Sol não olham.
 S. E que diras, que julgarás daquelle,
 Que em vez de se armar bem contr'a fortuna,
 Causas anda buscando de a ter sempre
 Contraria a sua vida, & seu estado?
 I. Quem não teme a fortuna, & não procura
 De contr'ella se armar, tela a inimiga,
 Que aos que se lhe mais daõ, sempre persegue
 S. Julga-

TRAGEDIA

211

S. Julgaste te a ti mesmo. I. em que? ou como?
 S. Aquelle claro sangue, aquelle nome
 Heroico, tam alto, & em todo o mundo
 Honrado, & conhecido dos Reys grandes,
 De cujo tronco vens, não fica escuro
 Misturado com outro differente
 Dos que foram nascidos, & criados
 Pera humildes. sofrerem teu Real jugo,
 Obedecendo ao Imperio, & aos acenos?
 Despois disto não ves o grã desprezo,
 Em que serás aos teus? o grã perigo
 Em que poés este Reyno, co a soberba
 De poucos, que ergues tanto, & tanto podera
 Com teu fauor, que mostram já desprezo
 A quem deuem mostrar a catamento?
 Que coufa mais destrue o Rey, & Reyno?
 Que coufa cria mór desprezo, & odio
 Que velo fogeitar-se a coufas baixas?
 Que velo fer mandado de seus vicios?
 Com que rosto, Senhor, darás castigo
 Aos que assi cometerem, o que cometes?
 Como conseruarás a obediencia
 Sancta deuida aos paes, pois tu a negas
 Aos teus no que te pedem justamente?
 Memoria deixarás de mau exemplo
 A teus filhos: darás licença larga
 A Reys, que isto souberem: ao mundo causa
 D'escurecer teu nome pera sempre.
 De hum mal vê quantos males nascem logo:
 Todos sobre ti caem: Senhor vere.
 Conhece-te melhor: entra em ti mesmo.
 Verás entaõ o porque te importunam,
 d; O que

O que te pede el Rey, o que teu pouo.
 Ch. Conselheiro fiel, oufado, & forte
 Feriste co a razão a alma, que dura
 Os olhos em vão cerra.
 I. Eu não sou, nem fuy nunca qual me julgas,
 Ou qual me julgaes todos. Outros olhos
 Diferentes dos vossos são os meus,
 Com que me vejo, & vejo que o que faço,
 Não he tamanho mal, como vos vedes.
 Eu não faço erro algum: figo o que o sprito
 Me diz, & me reuela, a quem eu creio.
 Cos Principes tem Deos outros segredos,
 Que vos não alcançaes, & como cegos
 Nos juizos errats de seus mysterios.
 Olhay esta molher, vede o que ha nella:
 D'hum fangote nos formou a natureza:
 Real he, de Reys vem, de Reys he digna:
 Do mundo qualera eu ser só monarcha,
 Monarcha de mil mundos, pera todos
 Debaixo dos pés pôr, de quem tanto amo.
 Muy baixa me parece esta coroa
 Para aquella cabeça. Olha o que mando:
 Tu jamais me não fales em tal coufa.
 Meus duros pays não curem de canfarme,
 Porque nem posso nisso obedecerlhes,
 Nem em o não fazer defobedeço.
 Arranquem me a vontade deste peito,
 Arranquem me do peito est'alma minha,
 Entam acabarâm o que começam.
 Não cuidem que me posso apartar dendo
 Estou todo, onde viuo: que primeiro
 A terra subira, onde os ceos andam,

O mag

O mar abrafará os ceos, & terra,
 O fogo sera frio, o sol escuro,
 A lua dará dia, & todo mundo
 Andara ao contrario de sua ordem.
 Que eu ô Castro, te deixe, ou nisso cuide.
 Deyte alma, deite fê, guardalaey firme.
 Confio isto de ti, não mo descubras.
 S. Oh Senhor, que me matas: Deos quifera
 Que nunca merecera honra tamanha.
 Pois me poem em perigo de deshonorã.
 Seguir tua vontade, he destruyrte,
 Destruyr este Reyno, & teu pay triste:
 Quererte apartar della he impossivel.
 I. Sigue minha razaõ, minha vontade.
 S. Não te vejo razaõ, vejo vontade.
 I. Sigue a vontade, que forçar não podês.
 S. Mandame o que te deuo que a não figa.
 I. Queres mandar teu Príncipe? S. mas firuo.
 I. Obedece ao que quero. S. manda o justo.
 I. Deos só me julga. S. & a razaõ te obriga.
 I. Liure â de ser hum Principe. S. catiuo
 He, quem de si se vence. I. inda importunas?
 S. Se te não conselhar, meus são teus erros.
 I. Eu te liurarey delles. S. a Deos temo.
 Tu no corpo só podês, elle n'alma.
 Eu aconselharte posso, forçar não.
 Testemunha me he Deos: & tu tambem.
 Amor em ti só reyna, amor te manda
 Peçonha doce d'alma, d'honra, & vida.
 Mas porque te não mouem tantos choros
 Da Raynha tua mãy? os tantos rogos
 D'el'Rey teu pay? os tam leaes conselhos:

D 4

De

De quantos a teus pés estaõ lançados
 Pedindote piedade deste Reyno,
 Que ameaçado está assi da fortuna?
 Não te declararás por honra tua,
 E proua pera o mundo, que t'infama
 Com nome de peccado pertinaz?
 Eu choro de assi ver húa molher fraca
 Mais forte contra ti, que quantas forças
 De Deos, do mundo estaõ por ti tirando.

I. O perfiguição forte, o odio estranho!
 O duros fados todos conjurados
 Cos ceos, & com as estrellas a perderme!
 Que me quereis? que sem razaõ vos faço
 Homés d'entranhas feras, & danadas,
 Em ter igual amor a quem mo tem?
 A quem he tam deuído? quem o mundo
 Todo merece ter, & inda he pequeno?
 Homés, que procuraes meu mal, & morto
 Vede bem o que eu vejo: que alto imperio
 Daquelle Real rosto não ferá
 Honrado, & acrecentado? aquelle rosto,
 Que tanto aborreceis, que mundos pede!
 Que estados, que grandezas, que triumphos!
 Em corpo tam fermoso a fermosa alma
 Tam sancta, tam honesta, casta, & pura
 Que racha podeis dar? ou que virtudes,
 Que graças das mais raras, & excellentes
 Não achareis em tudo, quanto mostra?
 Pôde ser mais cru odio, & mais injusto?
 Pôde ser mór inueja, & mais sem causa?

Ch. O quam perigoso he qualquer principio
 De mal, que hum só descuido pode tanto,

Que

Que traz hum animo alto a tal baixeza!

- I. Para onde fugirey, porque me deixem?
 S. De ti as de fugir, por teu remedio.
 I. Não me valerá ja ver que não posso?
 S. Tu mesmo te poseste em tal fraqueza.
 I. Não quero, nem desejo arrependerme,
 S. Acrecentas o erro co a vontade.
 I. She erro, como dizes, não ouue outros?
 S. Ouue, mas todavia fõram erros.
 I. Desculpe-me outros Reys, & Emperadores.
 S. Como o farã, pois a si não podêram?
 I. Não me perfigas mais? S. o mal perfigo.
 I. Hum Principe de hum Reyno tam catiuo
 A de ser, que não faça o que costuma
 Qualquer do pouo seu. S. Hum Principe antes
 A de ter seu sprito tam alçado
 Da terra, que della erga o pensamento
 Ao baixo pouo seu, pera que o siga.
 Sprito a de ser puro: hum ouro limpo,
 Sem fezes, & sem liga: exemplo claro
 De fortaleza, mansidão, & justiça.
 I. Vayto diante mim, fuge minha ira.
 S. Quem governara húa vontade liure,
 Que outro Senhor não tem, senão a si mesma?

Choro I.

Quando Amor nasceo,
 Nasceo ao mundo vida,
 Claros rayos ao Sol, luz ás estrellas.
 O ceo resplandeceo
 E de sua luz vencida

A escu

CASTRO.

A escuridão mostrou as cousas bellas.
 Aquella, que subida
 Está na terceira esphêra,
 Do brauo mar nascida
 Amor ao mundo dá, doce amor gêra.

Por amor s'orna a terra
 D'agoas, & de verdura,
 As arvores dà folhas, cor às flores.
 Em doce paz a guerra,
 A dureza em brandura,
 E mil odios conuerte em mil amores.
 Quantas vidas a dura
 Morte desfaz, renoua:
 A fermosa pintura
 Do mundo, Amor a tem inteira, & noua.
 Ninguem tema seus fogos,
 E chãmas furiosas.
 Amor he tudo, amor suare, & brando,
 Sogeito a brandos rogos,
 As agoas amorosas
 Dos olhos com brandura eflã alimpando.
 Douradas, & fermosas
 Sêtas n'aljaba soam
 A vista perigosas;
 Mas amor leuam, dos amores voam.
 Amor em doces cantos,

Em

TRAGEDIA.

214

Em doces liras soë,
 Torne seu brando nome est' ar sereno.
 Fugam magoas, & prantos,
 O lédo prazer voë,
 E claro o rio faça, o valle ameno.
 No terceiro ceo toë
 D'amor a doce lira,
 E de là te coroë
 Castro, d'ouro o grã Deos, que amor inspira.
 Ch. II. Antes cego Tyrano
 Dos poetas fingido,
 Cruel desejo, & engano
 Deos de vam gente, de ocio s'õ nascido.
 Geral estrago, & dano
 Da gloriosa fama,
 Com sua sêta, & chama
 Tirando a toda parte
 Ardendo fica Apollo, ardendo Marte.
 Vay pelos ares voando;
 Arde cá toda a terra,
 E d'aljaba soando
 O tiro empece mais, quanto o mais erra.
 Tem por gloria yr juntando
 Estados diferentes:
 Os mais conuenientes
 A Amor, & iguaes aparta.

Nun-

CASTRO.

Nunca de sangue, & lagrymas se farta.
 No tenro, & casto peito
 Da moça vergonhosa,
 Tempo esperando, & geito,
 Entra com força branda, ou furiosa.
 O fogo ja desfeito
 Da cinza outra vez cria,
 No frio sangue, & fria
 Neue outra vez se acende.
 Dos olhos no meo d'alma o rayo prende.
 Dali sua peçonha
 Vay por todas as veas.
 A alma dormente sonha
 Em seu engano, & tece doces teas.
 Foge a casta vergonha.
 Foge a constancia forte.
 Entra tristeza, & morte
 Debaixo de brandura,
 Que a razão mata, o coração endure.
 Quem a ferrada maça
 Ao grande Alcides toma?
 E quer que assi aos pès jaça
 Da moça, feito moça, quem liões doma?
 Quem da espantosa caça
 Os despojos famosos
 Lhe converte em mimosos

Trajos

TRAGEDIA.

215

Trajos de Dama, & o uso
 Das duras mãos lbe põem no brando fuso?
 Júpiter transformado
 Em tam varias figuras,
 Deixando desprezado
 O ceo, quam baixo o mostram mil pinturas!
 Poderosas branduras,
 Que assi as almas convertem
 No que amam! assi fouerem
 Por manha a grande alteza
 Do sprito, que s'enterra em vil fraqueza!
 De que outro fogo ardia
 Dos Teucros a alta gloria?
 De que deixou historia
 Tam triste ao mundo Hespanha a forte, & pia?
 Amor cego vencia.
 Amor cruel mataua.
 Hum moço triumphaua
 De tanto sangue, & vidas
 Por hum vaõ appetite mal vendidas.
 Ditoso, ô quam ditoso!
 Quem o seu peito armou
 Contra o rayo furioso:
 Ou em alcanando as chammas o apagou!
 Poucos, que Deos amou,
 Dos ceos tanto alcançaram.

E mil,

E mil, & mil choraram
 Do vão contentamento
 Ao cego Iffante seu rependimento.

ACTO III

El Rey D. Afonso. III. Pero Coelho.
 Diogo Lopez Pacheco. Conſelheiros.

OH cetro rico, a quem te não conhece,
 Com o esfermoſo, & bello! & que ſoubette
 Bem quam differente es do que promettes,
 Neste chaõ que te achaffe, quereria
 Piſarte antes cos pès, que leuantarte.
 Não louuo, os que ſe louuam por imperios
 A ferro, ſangue, & fogo deſtruyrem,
 O ſeu proprio eſtendo: mas aquelles
 (O grandeza eſpantofa, & animo liure,)
 Que tendo os muito grandes, os deixaram.
 Mor alteza, & môr animo he as grandezas
 Deſprezar, que aceitar: & mais ſeguro
 A ſy cada hum reget, que o mundo todo.
 O reſplendor deſte ouro nos engana.
 E he terra em fim, & terra a mais peſada,
 De hũa alta fortaleza eſtamos ſempre
 Poſtos por atalayas à fortuna:
 Por eſcudos do pouo, offercidos
 A receber ſeus golpes, não fazelo
 He uſar mal do cetro, & bem fazelo

He

He não ter vida mais ſegura, & certa
 Que quanto eſtes perigos nos prometem.
C. Gloriosos perigos, & trabalhos,
 Oh bemaumenturados, pois te lobem
 Da coroa da terra a que nos ceos
 Mais rica, mais glorioſa te daram.
P. Trabalho mais que eſtado tem os Reys,
 Os bons Reys, que não amam aſi ſeus vicios,
 Como as obrigações deſſe moſtrarem
 Contra ſi mais ilentos, & mais fortes
 Que o pouo baixo, que anda ſõ apos elles.
 E tal Rey como tu, Senhor, he Rey:
 Não te peſe de o ſer, que virá tempo
 Que te ajam mais inuteja a eſſes trabalhos
 Sofridos com paciencia, & bem regidos,
 Que a victorias famoſas com grã perda
 De homês, & de riquezas mal ganhadas,
 Iſto faz os Reys grandes dignos ſempre
 De memoria immortal, ſofrer trabalhos
 Polo publico bem, quebrar a força
 Do ſangue, & proprio amor, fazerſe exemplo
 De todo bem ao pouo, atalhar preſtes
 O mal em ſeu começo, antes que empeça.
 Deſpois nem forças baſtam, nem conſelho,
 Atalhando a eſte mal, que t'aſi agora
 Tam trabalhado traz, ficaras liure
 Rindote da fortuna, & de ſeus medos
R. Vence o mal ao remedio: vejo o Iffante
 De todo contra mim determinado,
 Duro a meus rogos, mais duro aos mandados,
 Que eſtrella ſoy aquella tam eſcura
 Que mão ſigno, ou que ſado, ou que planeta

P. Em,

- P. Em quanto ha occasião, dura o peccado:
Tirandolha, e ylo liure. R. forte coufa
Endurecerse, assi aquella vontade!
- P. Endureça se a tua: com justiça.
- R. Duro remedio: quanto melhor fora
Amor, & obediencia: meus peccados
Quam grauemente sobre mim cahiram!
- C. Senhor, pera que he mais? moura esta dança.
- R. Que moura todavia? P. Senhor moura
Por saluação do pouo. R. não he crueza
Matar quem não tem culpa? C. muitos poderes
Mandar matar sem culpa, mas com causa.
- R. Com que cor, com que causa esta matamos?
- P. Não basta que em sua morte só se atalham
Os males, que sua vida nos promete?
- R. Ella que culpa tem? P. dá occasião.
- R. Oh que ella não a da, o Iffante a toma.
Que ley ha, que acondene, ou que justiça?
- C. O bem comum, Senhor, tem taes larguezas
Com que justifica obras diuidosas.
- R. Assi que allentaes nisto? C. nisto: moura.
- P. Moura. R. húa innocente? C. que nos mata!
- R. Não ouera outro meo? P. não o temos.
- R. Metelaey num mosteiro. C. e ylo queimado.
- R. Mandalaey deste Reyno. C. o amor voa.
Este fogo, Senhor não morre logo.
Quanto lhe mais resistes, mais se acende.
Contra Amor que lugar daras seguro?
- R. Matala he cruel meo, & riguroso.
- P. Não ves, não oues quantas vezes morrem
Muitos, que o não merecem? Deos o quer.
Polo bem, que se segue. R. Deos o faça.

Cujá

- Cuja vontade he ley, & a minha não.
- P. Ella licença tem tambem os Reys,
Que em seu lugar estaõ. R. antes não tem
Licença pera mais, que quanto pede
A razão, & justiça: a mais licença
He barbara crueza de infieis.
- P. Pois que diras daquelles, que a seus proprios
Filhos, & a seu amor não perdoaram
Polo exemplo comum, & bem do pouo?
- R. Aos que o bem fizeram, hey inueja.
Os outros nem os louuo, nem os figo,
- C. Inda que ouesse excessos, todavia
Mais males atalharam, dos que deram.
- R. Não se ha de fazer mal por quantos bens
Se possam da hi seguir. C. nem bem nenhum,
De que se sigam males. R. mal parece
Matar húa innocente. P. não he mal:
Que a causa o justifica. R. antes Deos quer
Que se perdoe hum mão, q̄ hum bom padeça.
- C. O bem geral quer Deos que mais s'estime,
Que o bem particular. nas circumstancias
Se saluam, ou se perdem as obras todas.
- R. Enganaõ se os juizos muitas vezes.
- C. Os dos Reys bem fundados Deos inspira.
- R. Ey medo de deixar nome de injusto.
- C. De justo o deixarás, pois te conselhas
Cos juizos dos teus leaes prudentes.
- P. Ves, poderoso Rey, ves cos teus olhos
A peçonha cruel, que vay laurando
Gerada deste amor, cego: ves quanto
A soberba, & desprezo destes homês
Contrá ri, & contra todos vay crescendo.

e

Sem

S'em tua vida nos tememos tanto,
 Que faremos despõs de tua morté?
 Por dar saude ao corpo, qualquer membro
 Que apodrece, se corta, & pelo saõ,
 Porque o saõ não corrompa. Este teu corpo,
 De que tu es cabeça, está em perigo
 Por esta molher fo: cortalh'a vida,
 Atalha esta peçonha, teloas saluo.
 Medico, senhor, es desta Republica.
 O poder, que tem o medico num corpo
 Tens tu sobre nõs todos: vfa delle.
 Se te parece em parte isto crueza,
 Não he crueza aquella, mas justiça,
 Quando de cruel animo não nasce.
 Tua tenção não pecca, em si se salua.
 A aspereza dest'obra he medicina,
 Com que s'atalhá as mortes, que adiante
 Muitos he que por força te mereçam.
 A clemencia por certo he grã virtude,
 E digna mais dos Reys que outras virtudes,
 Polo perigo grande, que ha na ira,
 Em quem tam liuremente assi a executa:
 Mas com esta o rigor he necessario,
 Por não vir em desprezõ tal virtude.
 Este he o que se chamou feueridade,
 De que tantos exemplos nos deixaram
 Os famosos Romaõs em paz, & guerra.
 Estas colunas ambas saõ tam fortes
 Que bemaumentado este teu Reyno,
 Que nellas por ti s'õ está tam fundado.
 De tal modo, senhor, as de vsar dellas,
 Que hũa va sempre d'outra acompanhada.

Exem-

Exemplos tês mostrado de clemencia,
 Mostra agora, que he bem, feueridade.
 R. A parte que me cabe deste feito,
 Eu a ponha em vos toda, como aquelles,
 Que sem odio, & temor sois obrigados
 Aquillo conselhar-me, que he s'õ justo,
 Mais seruiço de Deos, & bem do pouo,
 Vos outros sois meus olhos, que eu não vejo.
 Vos sois minhas orelhas, que eu não ouço.
 Minha tenção me leue, ella me salue.
 O engano se he vosso, em vos s'õ caya.
 P. sobre nos descarrega esse teu peso.
 C. Eu tomo minha parte; ou tomo todo.
 Almas, & honras temos: estas ambas
 A ti, senhor, se deuem, a ti as damos.
 Estas s'õs te conselham, que bem vês
 Quã grande mal he nõsso, o que fazemos.
 Auenturamos vidas, & fazendas,
 Que em odio de teu filho ficam sempre,
 Sob cujos pês ficamos, & em cuja ira.
 Mas percamonos nõs, percamos vidas,
 Soframos crueis mortes, nõsso filhos
 Fiquem orfaõs de nõs, & desherdados;
 A furia de teu filho nos persiga,
 Antes que esse tal medo em nõs mais possa,
 Que o que a virtude manda, & te deucemos.
 R. Iuos aparelhar, que em vos me saluo.
 Senhor, que estas nos ceos, & vês as almas,
 Que cuidam, que propoem, que determinam;
 Alumia minh'alma, não se cegue
 No perigo, em que está: não sey que siga.
 Entre medo, & conselho fico agora:

e 2

Matar

CASTRO.

Matar injustamente he grã cruexa.
 Socorrer a mal publico he piedade.
 D'hũa parte receo, mas d'outra oufo.
 Oh-filho meu que queres destruyrme!
 Ha dô desta velhice tam cansada:
 Muda essa pertinacia em bom conselho.
 Não dês occasião pera que eu fique
 Fulgado mal na terra, & condenado
 Ant'aquelle grã luiz, que estã nos ceos.
 O vida felicissima, a que viue
 O pobre laurador fô no seu campo,
 Seguro da fortuna, & descansado,
 Liure destes desastres, que câ reynam!
 Ninguem menos he Rey, que quem tẽ Reyno.
 Ah que não he isto estado, he caritueiro
 De muitos desejado, mas mal crido.
 Hũa feruidão pomposa, hum grã trabalho
 Escondido sob nome de descanso.
 Aquelle he Rey sômente, que assi viue
 (Inda que câ seu nome nunca s'ouça)
 Que de medo, & desejo, & d'esperança
 Liure pãssa seus dias. O bons dias!
 Com que eu todos meus annos tam cansados
 Trocara alegremente. Temo os homẽs,
 Com outros dissimulo: outros não posso
 Castigar, ou não oufo. Hum Rey não oufa.
 Tambem teme seu pouo: tambem soffre.
 Tambem suspira, & geme, & dissimula.
 Não sou Rey, sou catiuo: & tam catiuo
 Como quem nunca tem vontade de liure.
 Saluome no conselho dos que creio,
 Que me feraõ leas: isto me salue,

Senhor,

TRAGEDIA.

219

Senhor, contigo: ou tu me môstra cedo
 Remedio mais seguro, com que viua
 Conforme a este alto estado, que me dêste.
 E me liurã algum tempo antes que moura,
 De tanta obrigaçam, pera que possa
 Conhecer me melhor, & a ti voar
 Com mais ligeiras alas do que pode
 Hũa alma carregada de tal peso.

Choro.

*Q*uanto mais liure, quanto mais seguro
 He aquelle estado, que de si contente
 Não se leuanta mais que quanto pode

Fugir misérias!

Tristes pobrezaas ninguem as deseje.

Cega riquezaas ninguem as procure.

Num meo honesto está a felicidade

Dos ceos, & terra.

Reys poderosos, Principes, Monarchas

Sobre nõs pondeis vossos pês, pisaynos.

Mas sobre vos está sempre a fortuna.

Nos liures della.

Nos altos muros soam mais os ventos.

As mais crescidas arvores derribam.

As mais inchadas vellas no mar rompem

Caem môres torres.

Pompas, & ventos, titulos incha los

Não dão descanso, nem mais doce sono.

e 3

At-

Antes mais cansam, antes em mais medo

Poem, & perigo.

Como se voluem nõ grã mar as ondas,

Assi se voluem estes peitos cheos.

E nunca fartos, nunca satisfeitos,

Nunca seguros.

S'eu me podesse à minha vontade

Formar meus fados, mais não quereria

Que me armente segurar a vida

Com necessário.

Quem mais deseja, muitas vezes s'acha

Triste, enganado: poucas vezes dorme.

Temendo o fogo, ventos, ares, sombras,

Temendo os homẽs.

Rey poderoso, tu porque desejas

Nunca ter Reyno, porque essa coroa

Chamas pesada: polo peso d'alma,

Que te carrega.

Quã poucas vezes vimos

Tardar a grã justiça,

Que não decesse sobre

Aquelles liures filhos,

Que contra a natural

Obrigação, & ley

Negaram obediencia

Aquelles, que os geraram!

Pecca-

Peccado torpe, & feo

Ante Deos, ant'os homẽs.

Mais pera Hyrcanos Tigres,

Mais pera Liões brauos,

Que razão não conbecem,

Que pera quem s'õ della

E par'ella he formado:

Aquelle amor tam grande

Dos pays, com que te criam

Co sangue do seu peito,

Que fereza há tamanha,

Que tal brutalidade,

Que contr'elle te moua?

Rey Dom Afonso, Rey,

Lembrate de ti mesmõ.

Aquelles erros feos,

Com que tu perseguiste

Teu pay tam cruamente,

Lhe dão de ti vingança

Por outro tu teu filho,

Que te desobedece.

Viramse as Reaes Quinas

Polo mesmo Deos dadas

Aquelle Rey primeiro,

De que herdaste esse nome

Com esse cetro rico,

e 4

Lez

Leuantadas por ti,
 Não contra cinco Reys,
 Com cujo sangue as oune,
 Mas contra el Rey teu pay,
 Mas contra teus vassallos.

Viram se as Reaes Quinas
 Cruéis contra si mesmas
 Em brauo fogo acesas
 Contr'ũa parte, & outra,
 De que tam cruelmente
 Corria hum mesmo sangue.
 Quantas vezes a sancta
 Raynha tua mãy
 Se metteo nesse fogo
 Por te saluar a vida
 Por ella era apagado.
 Por ti tornaua arder.
 Agora ardes nestoutro.
 Justiça de Deos grande!

ACTO III.

Castro. Ama.

Nunca mais tarde pera mim que agora
 Amanheceo. ô sol claro, & fermoso
 Como alegras os olhos, que esta noite
 Cuidâram não te ver! ô noite triste!
 O noite escura quam comprida foste!

Come

Como canstaste est' alma em sombras vãs!
 Em medos me trouxeste taes, que cria
 Que ali se me acabaua o meu amor,
 Ali a fardade da minh'alma,
 Que me ficaua câ: & vos meus filhos,
 Meus filhos tam fermosos, em que eu vejo
 Aquelle rosto, & olhos do pay vosso,
 De mim ficaueis câ desemparedos.
 Oh sonho triste que así me afombraste!
 Tremo ind' agora, tremo. Deos afaite
 De nos tam triste agouro. Deos o mude
 Em mais ditoso fado, em melhor dia.
 Crescereis vos primeiro, filhos meus,
 Que choraes de me ver estaruos chorando,
 Meus filhos tam pequenos! ay meus filhos,
 Quem em vida vos ama, & teme tanto,
 Na morte que fara? mas viuireis,
 Crescereis vos primeiro, que veja eu
 Que pisaes este campo, em que nascestes,
 Em fermosos ginetes arrayados,
 Quaes vosso pay vos guarda, com que o Rio
 Passeis a nado a ver esta mãy vossa:
 Com que canseis as feras, & os imigos
 Vos temam de tam longe, que não ousem
 Nomearuos fomite. entam me venham
 Buscar meus fados: venha aquelle dia
 Que me esta esperando: em vossos olhos
 Ficarei eu, meus filhos: vossa vida
 Tomarei eu por vida em minha morte.
 A. Que choros, & que gritos, fenhora, eram
 Os que t'ouui esta noite? C. ô ama minha,
 Vi a morte esta noite crua, & fera.

A. En-

A. Entre fônhos t'ouvi chorar tam alto,
 Que de medo, & d'espanto fiquei frias.
 C. Ind'agora minh'alma s'entristeceu
 Afombrada dos medos, em que estive.
 Cançada de cuidar na faudade,
 Que sempre leua, & deixa aqui o Ifante,
 Adormeci tam triste, que a tristeza
 Me fez tomar o sono mais pesado.
 Do que nunca me lembra que tiueffe.
 Então sonhei que estando eu só num bosque
 Escuro, & triste, de hũa sombra negra
 Cuberto todo, ouuia ao longe hũs brados
 De feras espantosas, cujo medo
 M'arrepiaua toda & me impidia
 A lingua, & os pes, eu co'alma quasi morta
 Sem me mouer, meus filhos abraçaua.
 Nisto hum brauo Lião a mim se vinha
 Co acatadura fera, & logo manso
 Para tras se tornaua; mas em s'indo,
 Não sey donde fahiam hũs brauos Lobos,
 Que remetendo a mim com suas vnhas
 Os peitos me rasgauam. então alçaua
 Vozes aos ceos, chamaua meu Senhor,
 Ouuiame, & tardaua: & eu morria
 Com tanta faudade, que ind'agora
 Parece que a cá tenho: & est'alma triste
 Se m'arrancaua tam forçadamente,
 Como quem ante tempo así deixaua
 Seu lugar, & deixaua pera sempre
 (Que este na minha morte era o mô mal)
 A doce vista de quem me ama tanto.
 A. Hay, & como estaria essa tu'alma

Tam

Tam morta! Deos te guarde. Mas as vezes
 O pensamento triste traz visões
 Escuras, & medonhas: do cuidado,
 Com que, senhora, andaste, & adormeceste,
 Se te representâram esses medos.
 C. Choro daquella dor, daquella magoa,
 Que ao meu Ifante dera a minha morte.
 A. Pera que choras sonhos? C. não sey que hey:
 Não sey que peso he este, que cá tenho
 Así no coração, que me carrega.
 Soya fer que quando sô ficaua,
 Como agora me vejo, em meu senhor
 Eram todos meus fônhos tam alegres,
 Que desejava a noite, pera nella
 Me lograr dos enganos que com elle
 Se me representauam, ali o via,
 Ali cria que o tinha, & que falaua
 Comigo, & eu com elle: & muitas vezes
 Muitas palauras, que elle em se partindo
 Me dizia chorando, ali chorando
 Mas tornaua a dizer. & eu o detinha
 Apertado em meus braços, senão quando
 Acordaua abraçada sô comigo.
 Aquelles meus enganos me softinham
 Das noites pera os dias. E esta noite
 Perdia estes enganos com a vida.
 A. Outro dia veras, que te amanheça
 Mais claro, & mais ditoso: em que a coroa,
 Que t'espera, terás sobr'esses teus
 Cabellos d'ouro. Alegrate entre tanto.
 Deixa vãs sombras, deixa tristes medos.
 C. Não sey que est'alma vê, que tanto teme.

A.A

CASTRO.

- A. A imaginação he perigosa.
 C. Que fara quem não pode fugir della?
 A. Cuidar no bem, lança a tristeza fora.
 C. Fazeme o bem seguro, que eu não vejo.
 A. Porque tenes o mal, de que estas liure?
 C. Porque temo perder o bem, que espero.
 A. Temer de longe o mal, he mal dobrado.
 C. Como estará alma leda em culpa sua?
 Julgam me mal os homês, & a Deos temo.
 A. Dos secretos, senhora, que parecem
 Ao mundo (que os não vê, & do de fora
 Julga fomento) feos, maos, & torpes,
 Basta a só consciencia, basta tanto,
 Que com está a de ter Deos toda a conta.
 Esta, senhora, he boa proua d'alma.
 Pois esta está segura no teu peito.
 Se peccado ouue ja, ja esta purgado
 Com esse animo firme, com que ja ambos
 Estaes confederados sanctamente.
 O tempo Deos trara com mór seguro
 Do que vos este da, pera mais claro
 O mundo conhecer quam grã perigo
 He as almas julgar, que só Deos vê.
 Entre tanto contente espera, & viue.
 Viue, pera que viua quem tanto ama
 Esta tua vida, em que toda está a sua.
 C. Nunca o tanto meus olhos desejarã.
 Nunca meu pensamento o imaginou
 De mim tam esquecido. Deos o guarde.
 Deos te guarde, senhor, que me parece
 Que algum mal te detem: algũ mal grande.
 Arrancafe a minh'alma de mim mesma,
 Parece

TRAGEDIA

223

- Parece que voar quer onde está.
 Parece que lhe foges, que me deixas.
 Ah pensamentos tristes, pensamentos
 Escuros, carregados! yuos, yuos.
 A. Ah não te agoures mal! que melhor fado
 O teu será, senhora, quem tristeza
 De sua vontade chama, mal a pode
 Lançar de si, que as vezes n'alegria
 Entra tam furiosa, que a destrue.
 Olha pera estes teus docês penhores.
 Tam seguros, & certos desse amor,
 De que forão gerados: em seus olhos
 Alegria hora effes teus, que assi desfazes
 Com effas crueis lagrimas, não chores.
 Danas esse teu rosto tam fermoso
 Filha, com tantas lagrimas: não chores:
 Não offendas teus olhos: ah não vejam
 Nelles sinaes tamanhos de tristeza
 Aquellês, cuja gloria he verte alegre.
 Olha as agoas do Rio como correm
 Pera onde está tam faudoamente.
 De la te vê, senhora, ellas lhe lembrã
 Este aposento seu, ou da su'alma.
 Estes campos fermosos, que parecem
 De paixo deste ceo dourado, & bello,
 Quem os vera, que logo não se alegre?
 Ouue a musica doce, com que sempre
 Te vem a receber os passarinhos
 Por cima destas aruores fermosas.
 Cuida, senhora, de logrãres isto.
 Em algum tempo com dobrado gosto,
 Segura da fortuna, & de seus medos,

Se-

Senhora do teu bem, & desta terra.

Choro. Castro. Ama,

TRistes nouas, crueis,
 Nouas mortaes te trago, Dona Ines.
 Ah coitada de ti, ah triste, triste!
 Que não merecês tu a cruel morte,
 Que así te vem buscar. A. que dizes? fala.
 Ch. Não posso. Choro. C. de que choras? Ch. vejo
 Esse rosto, esses olhos, essa. C. triste
 De mim, triste! que mal? que mal tamanho
 He esse, que me trazes? Ch. he tua morte.
 C. He morto o meu Senhor? o meu Infante?
 Ch. Ambos morreréis cedo. C. ó nouas tristes!
 Matam-me o meu amor? porque mo matam?
 Ch. porque te matarãem; por-ti só viue.
 Por ti morrerá logo. A. Deos não queira
 Tal mal, tal desventura, Ch. vem muy perto!
 Nam te tardara muito, poem te em saluo.
 Fuge coitada, fuge, que ja soam
 As duras ferraduras, que te trazem
 Correndo a morte triste. Gente armada
 Correndo vem, senhora, em busca tua.
 El Rey te vem buscar determinado
 D'em ti vingar sua furia. vé se podes
 Saluar tambem teus filhos, não lh'empça
 Parte de teus maos fados. C. ó coitada
 Sò, triste, perseguida! hay meu senhor
 Onde estas, que não vês? el Rey me busca?
 Ch. El Rey. C. porque me mata? Ch. Rey cruél!
 Cruéis os que o moueram a tal crueza!
 Por ti vem perguntando. esses teus peitos

Vem

Vem só buscar, pera com duro ferro
 Serem furiosamente traspassados.

A. Cumpriram-se teus sonhos. **C.** sonhos tristes!
 Sonhos crueis! porque tam verdadeiros
 Me quisestes sayr? ó sprito meu!
 Como não creste mais o mal tamanho
 Que crias, & sabias? Ama, fuge.
 Fuge desta ira grande, que nos busca.
 Eu fico, fico só, mas innocente.
 Não quero mais ajudas, venha a morte:
 Moura eu, mas innocente. Vós meus filhos
 Viuireis çá por mim: meus tam pequenos,
 Que cruelmente vem tirar de mim.
 Socorrame só Deos, & socorreime
 Vos moças de Coimbra. homés que vedes
 Esta innocencia minha, socorreime.
 Meus filhos não choreis: eu por vos choro.
 Lograyuos desta mãy, desta mãy triste,
 Em quanto a tendes viua. E vos amigas
 Cercayme em roda todas, & podendo,
 Defendeyme da morte, que me busca.

Choro.

Teme teus erros, mocidade cega.
 Fuge a ti mesma, lograte do tempo,
 Que así te deixa correndo, & voando
 Com suas asas.

O quanto hũa hora, quanto hum só momento
 Breue algũ' hora quereràs debalde!
 Poupa o presente, guarda o enthesoirao,
 Teloás seguro.

Todo

Todo ouro, & prata, pedras preciosas,
A que correndo vão todos perdidos,
Por agoa, & fogo, não temendo a morte

Caçar nas veas,

Nunca poderam, nunca poderã
Comprar hum ponto deste tempo liure,
Que assi atras deixa Principes, Senhores,

Como os mais baixos.

Igual a todos, igualmente foge.
Não valem forças, não val gentileza.
Por tudo passa, tudo calca, & pisa.

Ninguem o força.

Com sua fouce, cruel vay cortando
Vidas a moços, tarbalhos a velhos.
Sô boa fama, sô virtude casta

Pode mais que elle.

Esta se salua sômente em si mesma.
Esta o sprito segue, sempre viue.
Esta seguindo vencerás o tempo

Rirteás da morte.

Viue pois, viue, mocidade cega,
Viue co tempo, delle te enriquece.
Delle sô t'arma contr'aquelle dia

Do grande aperto.

A Pos amor vem morte,
Ou da vida, ou da honra,

E d'al-

E d'alma juntamente,
Que em noite escuma poem,
Sem ver, o claro dia
Da razão, que lhe diz
Os males, & perigos
Em que este amor acaba.

ô Principe tam cego!

ô Principe tam duro!
Que cerraste os teus olhos

Aquelles bons conselhos,
Que cerraste as orelhas
Aquelles bons auisos.

Tu dormes, ou passeas,

E pelos campos vem

Do Mondego correndo

A cruel morte em busca

Da tua doce vida,

Do teu amor tam doce.

Cruel morte, que vens

Buscar esta innocente,

Ha piadade, & magoa

Dos seus fermosos olhos,

Do seu fermoso rosto,

Não desates hum nó

Tam firme, com que doua

Corações ajuntou

E

Amor

Amor tam estreitamente.
 Cruza faras grande
 Partir hūs olhos d'outros;
 Hũa alma assi d'outr'alma;
 E derramar o sangue,
 O sangue tam fermoso
 Do seu fermoso corpo.
 Doante aquelles peitos
 De marfim, ou de neu.
 Doante aquellas faces
 De lyrios, & de rosas,
 Que jã perdem sua cor,
 Pola falta do sangue,
 Que no coração junto
 Lhe tens frio, & coalhado
 Com medo do teu nome.
 Aquella alua garganta
 De cristal, ou de prata,
 Que sostem a cabeça
 Tam alua, & tam dourada,
 Porque cortar a queres
 Com golpe tam cruel
 E derramar nos ares
 Aquelle sprito digno
 Do corpo em que viuia,
 Ha piedade, & magoa

De

De tanta fermosura,
 Daquelle triste lffante,
 E destes seus penhores.
 Detente, em quanto chega,
 Detente, em quanto tarda,
 Corre, ò lffante, corre:
 Socorre ao teu amor.
 Hay tardas! saberàs
 Como o Amor sempre acaba.

ACTO IIII.

Pacheco. El Rey. Choro.
 Castro. Coelho.

P. **A** Presteza em tal caso, he bom seguro.
 E piedade, senhor, ferã cruza.
 Cerra os olhos alagrimas, & magoas,
 Que te podem mouer dessa constancia.
 R. Esta he, que a mim se vem: ò rosto digno
 De mais ditosos fados! Ch.eis a morte
 Vem. Vayte entregar a ella: vay depressa,
 Teràs que chorar menos. Caf. Vou amigas,
 Acompanhayme vos, amigas minhas,
 Ajudayme a pedir misericordia.
 Chóray o desemparo destes filhos
 Tam tenros, & innocentes. Filhos tristes,
 Vedes aqui o pay de voffo pay.
 Eis aqui voffo auò, nosso senhor,
 Beijailhe a mão, pedilhe piedade
 De vós, desta mãy vossa, cuja vida

f 2

Vos

Vos vem, filhos, roubar. Ch. quem pode verter,
 Que não chore, & s'abrande? Cas. Meu senhor,
 Esta he a mãy de teus netos. Estes são
 Filhos daquelle filho, que tanto amas.
 Esta he aquella coitada molher fraca,
 Contra quem vens armado de cruza.
 Aqui me tens. bastaua teu mandado
 Pera eu segura, & liure t'esperar,
 Em ti, & em minh'innocencia confiada.
 Escusâras, senhor, todo este estrondo
 D'armas, & Caualeiros, que não foge,
 Nem se teme a innocencia da justiça.
 E quando meus peccados me acufaram,
 A ti fora buscar: a ti tomâra
 Por vida em minha mortê: agora vejo
 Que tu me vens buscar. Beijo estas mãos
 Reaes tam piadofas: pois quifeste
 Por ti virte informar de minhas culpas.
 Conheceas, senhor, como bom Rey,
 Como clemente, & justo, & como pay
 De teus vassallos todos, a quem nunca
 Negaste piedade com justiça.
 Que ves em mim, senhor? que ves em quem
 Em tuas mãos se mete tam segura?
 Que furia, que ira esta he, com que me buscas?
 Mais contra inimigos vens, que cruelmente
 T'andassem tuas terras destruindo
 A ferro, & fogo. Eu tremo, senhor, tremo
 De me ver ante ti, como me vejo.
 Molher, moça, innocente, serua tua,
 Tam sô, sem por mim ter quem me defenda.
 Que a lingua não s'atreue, o sprito treme

Anto

Ante tua presença, porem possam
 Estes moços, teus netos defenderme.
 Elles falem por mim, elles sôs ouue:
 Mas não te falarâm, senhor, com lingua,
 Que inda não podem: falante co as almas,
 Com suas idades tenras, com seu sangue,
 Que he teu, te falarâm: seu desemparo
 T'esta pedindo vida: não lha negues.
 Teus netos são, que nunca têqui visto:
 E velos em tal tempo, que lhes tolhes
 A gloria, & o prazer, qu'em seus spritos
 Lhe estâ: Deos reuelando de te verem.
 R. Tristes foram teus fados, Dona Ines,
 Triste ventura a tua. Cas. antes ditosa
 Senhor, pois que me vejo ante teus olhos
 Em tempo tam estreito: poem nos hora,
 Como nos outros soes, nesta coitada.
 Encheos de piedade com justiça.
 Vês me, senhor, matar? porque me matas?
 R. Teus peccados te matam: cuida nelles.
 Cas. Peccados meus! ao menos contra ti
 Nenhum, meu Rey, me accusa. contra Deos
 Me podem accusar muitos: mas elle ouue
 As vozes d'alma triste, em que lhe pede
 Piedade. o Deos justo, Deos benigno,
 Que não mata, podendo com justiça,
 Mas dá tempo de vida, & espera tempo
 Sò pera perdoar: afsi o fazes,
 Afsi o fizeste sempre: pois não mudes
 Agora contra mim teu bom costume.
 R. Tua morte m'estam outras muitas vidas
 Pedindo com clamores. P. fuge o tempo.

f 3

Cas.

Caf. Oh triste, triste! meu senhor não me ouves?
 Sofrega tua furia, não a sigas.
 Nunca conselhou bem: nunca deu tempo
 De remedio a algum mal a ira. Sempre
 Traz arrependimento sem remedio.
 Ouue minha razão, minh'innocencia.

Culpa he, senhor, guardar amor constante
 A quem mo tem? se por amor me matas,
 Que farás ao imigo? amey teu filho,
 Não o matey. amor amor merece,
 Estas são minhas culpas: estas queres
 Com morte castigar? em que a mereço?

P. Dona Ines, contra ti he a sentença dada.
 Despide essa tu'alma desse corpo
 Em bom estado. & seja prestes mente
 Não tenhas que chorar mais, que só a morte.

Caf. O meus amigos porque não tiraes
 El Rey de ira tamanha? a vos me vou,
 Em vós busco socorro: ajudayme hora
 Pedirlhe piedade. ô caualeiros
 Que as tristes prometestes defender,
 Defendeime, que mouro injustamente.
 Se não vos não defendeis, vós me mataes.

Co. Por mágoa dessas lagrimas te rogo
 Que este tempo, que tens, inda que estreito,
 Tomes pera remedio da tu'alma.
 O que el Rey em ti faz, faz com justiça.
 Nos o trazemos cá, não com tenção
 De sermos em ti crus: mas de saluarmos
 Este reyno, que pede esta tua morte.
 Que nunca, ô Deos quisera que tal meo
 Nos fora necessario: a el Rey perdoa,

Que

Que crueza não faz: se a nos fazemos
 Por ti ante o grã Deos será pedida
 Vingança justa, se te não parece
 Que perdão merecemos nas tenções,
 Com que el Rey conselhamos. ô ditosa,
 Dona Ines, tua morte! pois só nella
 Se ganha hũa geral vida a todo reyno.
 Bem ves por tua causa como estaua,
 Alem desse peccado, em que te tinha
 O Iffante forçada (que assi o cremos)
 Mas pois para remedio he necessario
 A morte sua, ou tua, he necessario
 Que tu soffras a tua com paciencia,
 Que isso te ficara por mayor gloria
 Que aquella, que esperauas ca do mundo.
 E quanto mais injusta te parece
 Tanto mais justa gloria la teras,
 Onde tudo se paga por medida.
 Nos, que a teu parecer mal te matamos,
 Não viuiremos muito: la nos tens
 Antes de muito tempo ant'esse trono
 Do grã Iuiz, onde daremos contra
 Do mal, que te fazemos. Não ouuiste
 Ia das Romãs, & Gregas com que esforço
 Morreram muitas só por gloria sua?
 Morre pois, Castro, morre de vontade,
 Pois não pode deixar de ser tua morte.

Caf. Triste pratica, triste cru conselho
 Me das. quem o ouuira? mas pois ja mouro,
 Ouue me Rey senhor: ouue primeiro
 A derradeira voz dest'alma triste.
 Co estes teus pès me abraço, que não fuje.

f 4

Aqui

Aquí me tês segura. R. Que me queres?
 Caf. Que te posso querer, que tu não vejas?
 Perguntate a ti mesmo o que me fazes.
 A causa, que te moue a tal rigor.
 Dou tua consciencia em minha proua.
 S'os olhos de teu filho s'enganaram
 Com o que viram em mim, que culpa tenho?
 Pagueilhe aquelle amor com outro amor,
 Fraqueza costumada em todo estado.
 Se contra Deos pequei, contra ti não.
 Não soube defenderme, deime toda.
 Não a imigos-teus, não a traydores,
 A que algus teus segredos descobrisse.
 Confiados a mim, mas a teu filho
 Príncipe deste Reyno. Ve que forças
 Podia eu ter contra tamanhas forças.
 Não cuidaua, senhor, que t'offendia.
 Defenderasmo tu, & obedecera.
 Inda que o grand'amor nunca se força:
 Igualmente foy sempre entre nós antebos:
 Igualmente trocamos nossas almas.
 Esta que te hõra fala, he-de teu filho.
 Em mim matas a elle: elle pedé
 Vida par'estes filhos concebidos.
 Em tanto amor. Não ves como parecem
 Aquelle filho teu? Senhor meu, matas
 Todos, a mim matando: todos morrem.
 Não sinto ja, nem choro minha morte,
 Inda que injustamente assi me busca,
 Inda que estes meus dias assi corra.
 Na sua flor indigna de tal golpe:
 Mas sinto aquella morte triste, & dura

Pera

Pera ti, & pera o Reyno, que tam certa?
 Vejo naquelle amor, que esta me causa.
 Não viuirá teu filho, dá-lhe vida
 Senhor, dandoma a mim: que eu me irey logo.
 Onde nunca appareça, mas leuando
 Estes penhores seus, que não conhecem
 Outros mimos, & tetas senão estas,
 Que cortar lh'õra queres, hay meus filhos
 Choray, pedi justiça aos altos ceos.
 Pedi misericordia a vosso auõ
 Contra vos tam cruel, meus innocentes.
 Ficareis cá sem mim, sem vosso pay,
 Que não poderá vertios, sem me ver.
 Abraçayme, meus filhos, abraçayme.
 Despediuos dos peitos, que mamaestes.
 Estes s'õs foram sempre: ja vos deixam.
 Ah ja vos desẽpara esta mãy vossa.
 Que achara vosso pay, quando vier?
 Acharuosá tam s'õs, sem vossa mãy:
 Não vera quem buscaua: vera cheas
 As casas, & paredes de meu sangue.
 Ah vejõte morrer, senhor, por mim.
 Meu senhor, ja que eu mouro, viue tu.
 Isto te peço, & rogo: viue, viue.
 Empara estes teus filhos, que tant'amas.
 E pague minha morte seus desaffres,
 Se algus os esperauam. Rey senhor
 Pois podes focorrer a tantos males,
 Socorreme, perdoame. não posso
 Falar mais. Não me mares, não me mates.
 Senhor não tomereço. R. õ molher forte!
 Vencẽsteme, abrandasteme. eu te deixo.

52

Viue,

Viue; em quanto Deos quer. Ch. Rey piadoso
 Viue tu, pois perdoas: moura aquelle,
 Que sua dura tenção leua a diante,
 Pacheco. Rey. Coelho.

O H Senhor, que nos matas! que fraqueza
 Essa he indigna de ti: de hum real peito?
 Vencete hũa mulher, & estranhas tanto
 Vencer assi teu filho? que ja agora
 Terà desculpa honesta. não te esqueças
 Da tenção tam fundada, que te trouxe.

R. Não pôde o meu sprito consentir
 Em crueza tamanha. P. mor crueza
 Fazes agora ao Reyno: agora fazes
 O que faz a pouca agoa em grande fogo.
 Agora mais s'acende, ardera mais
 O fogo de teu filho, a que viste?
 A por em mór perigo teu estado?

R. Vejo aquella innocente, chora m'alma.
 Co. O animo Real tam firme, & forte
 A de ser no que: az, que nunca possa
 Debaixo do ceo nada peruertelo.
 A justiça, Senhor, pintase armada
 D'espada aguda, contra cujos fios
 Não possa auer brandura, nem dureza.
 Cada hum destes estremos he grã vicio
 Em quem he pay comum de todo hum Reyno:
 Depois da contra feita, & razoës claras,
 Depois de taes conselhos em que viste
 Quam necessaria era esta tua vinda,
 Quam necessario o effeito, a que viste,

Se

Se muda assi, senhor, tam leuemente
 Por lagrýmias teu animo constante?
 Antes não cometeras, nem cuidaras
 Cometter isto, porque não vieras
 Acrescentar o mal, que agora vejo
 Que fica já de todo sem remedio.

R. Não vejo culpa, que mereça pena.

P. Inda hoje a viste, quem ta esconde agora?

R. Mais quero perdoar, que ser injusto.

Co. Injusto he quem perdoa a pena justa.

R. Peque antes nels'estremo, que em crueza.

Co. Não se consente o Rey peccar em nada.

R. Sou homem: Co: porem Rey: R. o Rey perdoa.

P. Nem sempre perdoar he piadade.

R. Eu vejo hũa innocente, máy de hús filhos

De meu filho, que mato juntamente.

Co. Mas dás vida a teu filho, saluas lh'alma,

Pacificas teu reyno: a ti seguras.

Restitues nos honra, paz, descanso.

Destrues a traydores, cortas quanto

Sobre ti, & teu neto se recia.

Offensas, senhor, publicas não querem

Perdão, mas rigor grande. Daqui pende

Ou remedio d'hum reyno, ou queda certa.

Abre os olhos às causas necessarias,

Que te mostramos sempre, & que tu vias.

Cuid: no que emprendeste, & no que deixas.

O odio de teu filho contra ti,

Contra nós tal sera, como qual fora,

Fazendose, o que deixas por fazer.

A ti ficam seus filhos, amaos, honraos,

Assi lh'amanaras grã parte da ira.

Senhor

Senhor, por teu estado, te pedimos:
 Polo amor do tempo, com que't'ama,
 Polo com que sabemos que vos amas,
 Por mais vida, & mais honra de teu filho,
 Principe nosso: & por aquelle seu
 Fernando unico herdeiro, cuja vida
 Te está pedindo justamente a morte
 D'esta mulher, em fim por honra tua,
 Pola constância firme, com que sempre
 Acodiste os remedios, & a justiça,
 Que a não deixes agora: que te mouam
 Mais estas razões fortes, que essa magoa
 Injusta, que despois choraras mais,
 Perdendo esta occasião, que Deos te mostra:
 R. Eu não mando, nem vedo. Deos o julgue.
 Vos outros o fazei, se vos parece
 Justica, así matar quem não tem culpa.
 Co. Essa licença basta: a renção nossa
 Nos saluara cos homês, & com Deos.
 Ch. Em fim venceo a ira, cruel imiga
 De todo bom conselho. ah quanto podem
 Palavras, & razões em peito brando!
 Eu vejo teu sprito combatido
 De mil ondas, o Rey. bom he teu zelo:
 O conselho leal: cruel a obra.
 R. Por crueza julgaes o que he justiça?
 Ch. Cruenza a chamara tod'outra idade.
 R. Minh'asma innocente he, conselho figo.
 Ch. Deos te julgue. eu não ouso. porem temo.
 R. Que temes? Ch. este sangue, q̄ aos ceos brada.
 Não culpamos a ti: nem desculpamos
 As descorteses. mãos de teus ministros

Con-

Constantes no conselho, crus na obra:
 Ay vês que crueldade? o nunca visto
 Mais innocente sangue! & como soffres
 O Rey tal injustica? ouues os brados
 Da innocente moça? ouues os choros
 Dos innocentes filhos? triste Ifante
 Ali passam tu'alma teus vassallos,
 De teu sangue os crueis tingem seus ferros:
 R. Afrontase minh'alma. o quem podera
 Desfazer o que he feito!

Choro.

I Amoreo Dona Ines, matoua Amor,
 Amor cruel! se tu tiueras olhos,
 Tambem morreras logo. o dura morte.
 Como oustaste matar aquella vida?
 Mas não mataste: melhor vida, & nome
 Lhe deste do que cà tinha na terra.
 Este seu corpo sô gastará a terra,
 Por quem estará chorando sempre o Amor,
 Honrando se sômente do seu nome.
 Mas quem a quiser ver com outros olhos,
 Outro nome, outra gloria, outra honra, & vida
 Lhe achará, contra a qual não pode a morte.
 Aquelles matas tu sômente, o morte,
 Cujos nomes esquece, & a quem na terra
 Fica de todo sepultada a vida.
 Mas esta viuirá, em quanto o Amor

En,

Entr' os homens reynar, & sempre os olhos
 De todos a verã, com melhor nome.
 Real amor, lbe darã Real nome.
 O que coroa lbe appareba a morte!
 Depois que lbe cerrou os claros olhos
 Indignos d' ante tempo irem a terra,
 Sem quem so fica, & desarmado Amor,
 Sem quem quam triste, lff ante, a tua vida!
 Tu es o que morreste, aquella vida
 Era tua; ja agora, aquella nome
 Que tam doce te fez sempre o Amor,
 Triste to tem, tornado a cruel morte.
 Chorando a andarã sempre na terra
 Te que nos, ceos a vejam esses teus olhos.
 Nem auerã ja nunca no muado olhos,
 Que não chorem de magoa de hũa vida
 Assim cortada em flor, & quem a terra
 For ver, em que estiuer escrito o nome
 Della, dirã: aqui està chorando a morte
 De magoa do que fez, aqui o Amor.
 Amor quanto perdeste nũs sôs olhos,
 Que debaixo da terra pôs a morte,
 Tanto elles mais terã de vida, & nome.
 Sãficos.

C Floremos todos a Tragedia triste,
 Que esta crua morte deixará no mundo.

La aquella spirito, que tambem viuia
 Em ti, ó Castro, vay aos ceos noando
 La aquella sangue purpureo, innocente
 Forçadamente, desempara os membros,
 A que elle dana aquella cor, & graça,
 Que a natureza mais perfeitamente
 Formar podera nesta, ou outra idade.
 Assim a regiaõ, que vê nascer o sol,
 Como a regiaõ, onde o sol se esconde,
 Assim aquella, que ao feruente Cancro,
 Como aquell'outra, que á fria mór Vrsa
 Estaõ sogetas, esta magoa cl'orem.
 Iaz a coitada no seu sangue enuolta,
 Aos pês dos filhos, pera quem fugia,
 Não lbe valerã, que não tinham forças
 Pera tomarem os agudos ferros,
 Com que seus peitos tam irosamente
 Traspassar viã, aquelles crueis.
 O mãos tam duras, ó corações duros,
 Como podestes fazer tal crueza?
 Outras mãos venham, que volas arranquem
 Com mór crueza.
 Que duros Getas, mãs que Liões, que Vffos
 Não amansãra tam fermoso rosto?
 Que ira tam braua não tornãra branda
 Hũa sô magoa de tam doce boca?

Que mãos tão cruas não acham logo
 Aquelles crespos e ricos cabellos
 Aquelles olhos em que pedras duras
 Não imprimiram brandaria que magoa
 O que cruez a tam fera, e tam brutal
 Moça innocente por amor só mortas
 Com gente armada, como forte inimigo
 Tu, Deos, que o viste, somue o clamor justo
 D'aquelle sangue, que t'está pedindo
 Crua vingança.

A C T O V.

Iffante. Messageiro.

O Vtro ceo, outro sol me parece este
 Diferente daquelle, que lá deixo
 Donde parti, mais claro, & mais fermoso:
 Onde não resplandecem os dous claros
 Olhos da minha luz, tudo he escuro.
 Aquelle he só meu sol, a minha estrella,
 Mais clara, mais fermosa, mais luzente
 Que Venus, quando mais clara se mostra:
 Daquelles olhos s'alumia a terra,
 Em que sombra não ha, nem nuuem escura:
 Tudo ali he tam claro, que té a noite
 Me parece mais dia, que este dia.
 A terra ali s'alegra, & reuerdece
 Doutras flores mais frescas & melhores:
 O ceo se ri, & se doura diferente
 Do que neste Orifonte se me mostra.

O so:

O soberbo Mondego dom tal vista
 Parece que ao grã mar vay fazer guerra:
 Doutros ares respira ali a gente,
 Que fazem immortaes os que lá valem.
 O Castro, Castro, meu amor constante
 Quem me do ti tirar, tire me a vida.
 Minha alma la má tens; tenho cá a tua.
 Momento hã de estas villas, ambas a ti e a mim.
 E auemos de morrer, podes ver tempo
 Que ambos nos não vejam os seus cu postos.
 Indo bufoarte, ó Castro, acharte la
 Nem achar os teus olhos tam fermosos,
 De que os meus tomam luz, & tomam vida.
 Não posso cuidar nisto, sem os olhos
 Mostrarem a saudade, que me fazem
 Tam tristes pensamentos. Viuremos
 Muitos annos, & muitos: viuremos
 Sempre ambos nest'amor tam doce, & puro.
 Raynha te verey deste meu reyno
 D'outra noua coroa coroadá
 Diferente de quantas coroaram
 Ou de homês, ou de mulheres as cabeças.
 Então seraõ meus olhos satisfeitos:
 Então se fártará da gloria sua
 Est'alma, que anda morta de desejos.
 M. O triste noua, triste messageiro
 Tens ante ti, senhor: I. que nouas trazeste
 M. Nouas cruas; cruel sou contra ti,
 Pois m'atrevi trazelas. mas primeiro
 Soffega teu sprito: & nelle finge
 A moç de saouatura, que te agora
 Podia acontecer: que grã remedio

g

He

He ter o foydo armado & má fortuna: **M. O**
I. Tens me suspenfo: conta: que acentas **M.**
 O mal com a tardança enquisitas te moço **I.**
M. He morta Dona Ines, que tanto amavas **O**
I. O Deos, ó ceos! que contas? que me dizes? **O**
M. De morte tam cruel, que he noua magoa
 Contarta: não me atreuo: **I.** he morta **M. fi.**
I. Quem ma matou? **M.** Mi teu pay, cõ gente armada
 Foy hoje saltala: a innocente, **I.**
 Que tam segura estaua, não fugio **M.**
 Não lhe valeo o amor, com que te amaua **I.**
 Não teus filhps, com quem se defendia **M.**
 Não aquella innocencia, & piedade **I.**
 Com que pedio perdão aos pés lançada **M.**
 D'el Rey teu pay, que teuc tanta força **I.**
 Que lho deu já chorando, mas aquellos **M.**
 Cruéis ministros seus, & conselheiros **I.**
 Contr' aquelle perdão, tam merecido **M.**
 Arrancando as espadas, se yão a ella **I.**
 Traspassandol' os peitos cruelmente **M.**
 Abraçada cos filhos a mararam **I.**
 Que inda ficaram tioros do seu sangue **M.**
I. Que direy? que farey? que clamarey? **M.**
 O fortuna! o crueza! o mal tamanho! **I.**
 O minha, Dona Ines, o alma minha **M.**
 Morta m'es tu? morte ouue tam oufada **I.**
 Que contra ti podesse buçoos, & viuo? **M.**
 Eu viuo, & tu es morta? o morte crua! **I.**
 Morte cega mataste minha vida **M.**
 E não me vejo morto? abraße a terra **I.**
 Soruame num momento: rompas' alma **M.**
 Apartese de hum corpo tam pesado, **I.**
 Que

Que ma dete: n' por força **M.**
 Ah minha Dona Ines, ah, ah minha alma **I.**
 Amor meu, meu desejo, meu cuidado **M.**
 Minh' esperança foy, minh' alegria **I.**
 Mataramte: mataramte? tua alma **M.**
 Innocente, fermosa, humilde, & sancta **I.**
 Deixou já seir lugat? ah de teu sangue **M.**
 S'encheram as espadas: de teu sangue **I.**
 Que espadas tam cruéis, que cruéis mãos **M.**
 Ah como se moueram contra ti? **I.**
 Como tiueram forças, como fios **M.**
 Aquelles duros ferros, contra ti? **I.**
 Como tal consentiste Rey cruel? **M.**
 Imigo meu, não pay, imigo meu! **I.**
 Porque assi me mataste? o Lioes brauos? **M.**
 O Tygres, ó serpentes! que tal fede **I.**
 Tinheis deste meu sangue, porque causa **M.**
 Vos não vinheis em mim faltar vossa ira? **I.**
 Matareis-me, & viuera. homés cruéis **M.**
 Porque não me matastes? meus imigos, **I.**
 Se mal vos merecia, em mim vingareis **M.**
 Esse mal todo. Aquella ouelha mansa **I.**
 Innocente, fermosa, simplex, casta **M.**
 Que mal vos merecia? mas quifestes **I.**
 Como imigos cruéis buscar-me a morte **M.**
 Não da vida, mas d'alma. ó ceos, que vistes **I.**
 Tamanha crueldade, como logo **M.**
 Não cahistes? O montes de Coimbra **I.**
 Como não souer testes taes ministros? **M.**
 Como não treme a terra, & s'abre toda? **I.**
 Como sustenta em si tam grã crueza? **M.**
M. Senhor pera chorar fica affaz tempo **I.**

Mas lagrimas que fazem contra morte
 Vay ver aquelle corpo, vay fazerlhe
 As honras, que lhe deues: L. triftos honras: A
 Outras honras, fenhora, te guardauas: diu M
 Outras se te deuiam. o triste, triftes
 Enganado, nascido em cruel signo,
 Quem m'enganou? ah cego que não cria
 Aquellas ameaças! mas quem crera
 Que tal podia ser? como podiam
 Como poderei ver aquelles olhos
 Cerrados pera sempre? como aquelles
 Cabellos ja não de ouro, mas de sangue
 Aquellas mãos tam frias, & tam negras
 Que antes via tam alvas, & fermosas
 Aquelles brancos peitos traspaffados
 De golpes, tam crucis? aquelle corpo
 Que tantas vezes tuc nos meus braços
 Viuo, & fermoso, como morto agora
 E frio o posso ver? hay como aquelles
 Penhores seus tam fofos? o pay cruel
 Tu não me vias nelles? meu amor
 Ia me não ouues? ja não te ey de ver?
 Ia te não posso achar, em toda a terra
 Chorem meu mal comigo quantos m'outem
 Chorem as pedras duras, pois nos homés
 S'achou tanta crueza. E tu Coimbra
 Cubrete de tristeza pera sempre
 Não se ria em ti nunca, nem s'ouga
 Senão prantos, & lagrimas: em sangue
 Se conuerta aquella agoa do Mondego
 As arnores se sequem, & as flores
 Ajudem me pedir aos ceos justiça

Deste

Deste meu mal tamanho,
 Eu te matey, fenhora, eu te matey
 Com morte te paguei o teu amor.
 Mas eu me matarey mais cruelmente
 Do que te a ti mataram, senão vingo
 Com nouas crueldades tua morte.
 Par'a a isto me dá Deos fômente vida.
 Abra eu com minhas mãos aquelles peitos.
 Arranque delles hús corações feros,
 Que tal crueza oularão: eítam acabe.
 Eu te perseguirey, Rey meu imigo
 Laurará muito cedo brauo fogo
 Nos teus, na tua terra, destruy dos
 Veraõ os teus amigos, outros mortos,
 De cujo sangue s'encherão os campos,
 De cujo sangue corterão os rios,
 Em vingança daquelle: ou tu me mata,
 Ou fuge da minha ira, que ja agora
 Te não conhecerá por pay, imigo
 Me chamo teu, imigo teu me chama.
 Não m'es pay, não fou filho, imigo fou.
 Tu, fenhora, estás la nos ceos, eu fico
 Em quanto te vingare logo la voõ.
 Tu seras ca Raynha, como foras.
 Teus filhos, so por teus serão Iffantes.
 Teu innocente corpo sera posto
 Em estado Real: o teu amor
 M'acompanhará sempre, te que deixe
 O meu corpo co teu, & la va est'alma
 Descansar com a tua pera sempre.

Fim dos versos do D. Antonio Ferreira.

ALCANTARA
DE DIOGO BERNARDES A

Pero d'Andrade Caminha.

NA MORTE DE ANTO-

nio Ferreira.

ELEGIA.

Com quem posso chorar senão contigo,
A morte, quanto a nós, do bom Ferreira
(Andradé) amigo teu, & meu amigo?
Fiquei da triste notícia da maneira,
Que se pode hũa vida dividir-se
Não me deixou a dor a minh'inteira.
Nem deuia de mim menos sentir-se,
Vendo quem deu sprito a mil spritos
Pera nunca o mais ver, de nós partir-se.
Ab lagrymas correj! ouca meus gritos,
No cristalino ceo, onde descansa,
Ficando immortal em seus escritos.
Passou alegre de incerta e speranza
A certos galardões, & da coroa
Do Louro á da glória sem mudança.
Como bom filho de sua mãy Lisboa
Não pode sofrer mais ver tanta magoa
Que não sey quem não tema, & se não doa.
Eterno Rey dos Reys a vna fragoa

Em

Em que tu irã forja as mortaes setas,
Apaguem tantas olhos fontes d'agoa.
Não a má influencia dos planetas
Tam rigorosamente nos castiga,
Mas nõssas culpas claras, & secretas.
Porem, senhor, não queiras tu que diga
O que não cre em ti, que não tens cura
Daquelle que aguardar tua ley s'obriga.
Olha que negam nesta desventura
As almas o remedio espirital,
Os corpos a deuida sepultura.
Cesse por quem tu es, tamanho mal.
Conuerta teu furor em piedade
A Fè nunca quebrada em Portugal.
Que me dirás a isto, amigo Andrade?
Ficaua, por ventura, por passar
Outro infurtunio algum em nõssa idade?
Tiemos poucas vezes que chorar?
Vimos hum dia sò hum bem perfeito?
E inda agora esta dor particular.
Sayndo o nõsso Antonio dest'estreito
E miseruel valle, onde viuendo
A terra, & ao ceo foy sempre aceito.
Bem vejo que com lagrimas offendo
A sua morte, que lhe deu tal vida
Que já não tem de que viuer temendo

Mas que farey á pena da partida
Que sinto dentro a alma que farey
A saudade a seu amor deuída?
Por onde quer que for, sempre darey
Lagrymas a meus olhos sempre tristes.
Suspiros pelos ares foltarey.
Nimphas do claro Tejo, que cobristes
A gram enuolta em neve, estrellas, & ouro
De negro véo, quando tal perda vistes.
Vinde de fresca Marta, de Hera, & Louro
Ornar de tempo em tempo a pedra fria,
Ond'a morte escondeo vosso thesouro.
Vinde cobrir as cinzas, onde ardia
Fogo d'amor diuino, de alias flores,
Em lembrança da magoa deste dia.
Venham tambem as Musas, & os Amores
Offerecerlhe dôes, que Arabia manda,
E cante Phebo em tanto seys louvores.
Despois pendure a lira doce, & branda
Em cima do seqalebro, por memoria.
E Cupido arco, & setas d'outra banda.
Ambos perdéram nelle sua gloria.
Quem d'hum cantarâ ja tanta belleza?
Quem d'outra a doce guerra, & a victoria?
Ah bom cultor da Musa Portuguesa!
Qual foy Virgilio a Roma, a Grecia Homero,
Tal

227
Tal foyte tu a tua natureza
Em quanto da triste ausencia o fim espera,
E Cleo não me corta a mortal teia,
Pois te não sey cantar, chorar te quero
Verey com secos olhos seca a vea,
Que dando á patria tantos versos raros,
Hum sonnuca lhe deu em lingua alheia
Verey serenas noites, dias claros
Ah nunca veja tall os duros fados
De gostos pera mim sejam auaros.
Chorem por ti, Antonio, bosques, prados,
As aues por ti gritem, & nos montes
Os animaes por ti andem pasmados.
Esmalte de cor triste os orizontes
O sol tarde, & menham não d'ouro, & neve,
Faltem flores no valle, agoa nas fontes,
Não moua a leue folha o vento leue
Branda, & docemente, antes irroso
Enuolta em seda pó ao ceo, a leue
Deixe o douro leite o caudaloso
Teu patrio Tejo, mude seu costume
Em turburo claro, o dace em amargoso.
Apagouse contigo hum mau lume
Tam contrario ás neuas de Parnaso,
Que ind' agora as desfaz, inda as consume.
Emmudeceo hum som, (ah triste caso!)
Que

Que fazia cobrir quando ouuido era
 De flores, e verdura do campo raso
 Hum som, que do profundo bem podera
 Eurdica tornar a luz do dia
 Mil vezes, se mil vezes lá desera
 Mas hoy que tek mais olhos me compita
 Pheo d'ouo e chorar, que aq'as passor, mult
 Do qual se diz, que cento passubias
 Que não podem os meus conforme á dor
 Derramar quantas lagrimas coalhad
 No peito a magoa tem cada vez mor
 Inda que bem sem fructo derramadas
 Sejam todas por ti, que já seguro
 Estás nessas altissimas moradas
 Onde ves outro Sol mais claro e puro
 Outra maná alua e outras estrellas
 Onde noite não ha, nem dia escuro
 Onde passando mais acima dellas
 Conuersar podes outros excellentes
 Spritos, que na luz passam por ellas
 Ouuido aquelles dous resplandecentes
 Francoscos, como em nome, a si iguaes
 No verso, s'oua patria differentes
 Hum de quem vós a morte inda choraes
 Nymphas do brando Neiu, e brando Lima,
 Outro que fez os louros valer mais
 O Bem-

O Bembo, e o Sannazaro, em prosa e em rima
 Digno d'alto louros, Boasão, e a Tasso
 Que leuantei o seu verso mais acima
 O Dolce, e o Ariosto, e o culto Tasso
 Que d'Amor, e de Marte versos dignos
 Foram juntando tanto passo a passo
 Com taes spritos, e outros peregrinos
 Que deu a Idade antiga, e a moderna
 Cantarás nouos psalmos, e novos hymnos
 Em descanso sem fim, em paz, e eterna
 Diant' aquella luz esclarecida
 Que luz a tudo dá, tudo governa
 Mas tu, triste Elegia, em dor nascida
 Não deixes de chorar, pois vás a parte
 Onde tambem chorando serás lida
 Não cures de ornamento, váy sem arte
 Fuge de ver prazer, fuge de quanto
 Poderá em menos perda consolarte
 A quem te mando, roga, que o teu pranto
 Ajunte co seu lá, pera que seja
 Ouuido com mais dor, menos espanto
 De te faltar na magoa, que sobeja

REPOSTA DE PERO
 d'Andrade.

Ele...

ELEGIA

Hã silencio, Bernardes, me rompesse
 La quasi a não falar determinado
 Na dor, que hora de nãoo em mim moueste.
 Igualmente a dor minha ser chorado
 Não podia em meu verso o meu Ferreiro
 Nem ser de mim sem sprito bem cantado.
 Entendia de mim que a verdadeira
 Fama do que elle em tudo merecia,
 Bem não chegaria a minha voz incerta
 Calaua: e a falar nelle me escondia,
 Por não offender morto hum bom amigo,
 Que me quis tanto, quando eu viua.
 Fizeste me chorar horas contigo
 Com noua magoa, noua saudade
 A dor, que eu cá choraua só comigo.
 Mouestem' alma a noua piedade,
 A noua pena, e nouo sentimento
 Daquelle grande perda, desta idade.
 Aquella grande perda, que hum momento,
 Despois de tanto mal acontecido,
 Não deixei de trazer no pensamento.
 Mas eu não choro ver de entre nos ido
 Este retrato só da Idade Antiga
 Do ceo á nossa lingua concedido,
 Mas faltarme hum ingenho, a que o meu siga,

E hã

E hã voz, que ouca, sprito de que aprenda,
 E os segredos das Musas m'abra, e diga.
 E quem o meu mau verso me reprenda:
 E o meão me concerta, e mó leuante
 Com douto auiso, e com seguro emenda.
 Sinto faltrar, Bernardes, quem m'espante
 Com seu bom canto, e com seu bom escrito,
 Com cuja imitação possa yr auante.
 Aquelle claro, aquelle puro sprito
 De saõ conselho cheo, e de prudencia
 Sempre será de mim cantado, e escrito.
 Agora em sua triste, e longa ausencia
 Quem acharey, que a dor me desagraue?
 E me mostre o remedio na paciencia?
 Faziam a tristeza menos graue.
 Mais branda a dura pena, a dor mais leue,
 Faziam alegria mais suaue.
 Se teue (magoa nossa!) a vida breue,
 Largo nome terá, larga memoria,
 Que a toda parte, e tempo a fama leue.
 Ia do tempo terá certa victoria
 Quem s'ouue assi na triste, e mortal vida,
 Qu'aspirou sempre á clara, e immortal gloria.
 Nella da mortal carne despedida
 Esquecida de tudo, nos amores
 Divinos estará toda embebida.

A voz

A voz leuantará a outros louvores
Mais deuidos, mais puros, & mais sanctos
Arrebatada d'immortaes feruores.
Mil versos, & mil hymnos, & mil cantos
Cantará sempre á eterna fermosura
Mais dignos de memoria, mais d'espantos.
Será nelles guiado de mais pura,
De mais fermosa, de mais rica Musa,
Mais ornada de copia, & de brandura.
Amará, & será amado: assi lá s'usa.
Cantará, & será ouuido de a quem canta
Que quem lá s'ama, de amar não s'escusa.
O sol, que sobre o mundo se leuanta,
Que com sua luz clara, & tam fermosa
Nos vence a vista, & o sprito nos espanta,
Em conta não terá: que outra gloriosa
Luz, que dá luz ao Sol, & ás almas lume,
Lhe terá mais que o Sol a alma lustrosa.
Hum tempo eterno, hum immortal costume
Seguirá sempre: tempo alegre, & puro,
Primauera, que nunca se consume.
La não verá inuerno triste, & escuro,
Não ventos, não tormentas, não mudanças.
Mas tudo quieto em Deos, tudo seguro.
Liurose das incertas esperanças,
Que nos desasossegam, & desbaratam,

E das

E das leues, & falsas confianças.
Não ves, Bernardes, como nos maltratam
Os mouimentos vaos, & os vaos receos,
Que as almas inquietam, & as vidas matam?
Quem pode defenderse a mil enleos?
Quem se pode valer em mil perigos
D'outros muitos perigos sempre cheos?
He perigo não ter, & ter amigos.
Mal se pode viuer nest'estreiteza,
Se me ey de velar delles, como de inimigos.
O nosso Antonio está em outra largueza.
Ninguem teme, ninguem delle se teme.
Em tudo vé pureza, & tem pureza.
E ca Bernardes nosso, quem não treme?
Quem não deue de si mesmo temer-se?
Quem ha, que contra tempo em vão não reme
Quem vé cousa, de que possa valer-se?
Olhos no ceo, & no diuino norte
Pôde guiar tod'alma a não perder-se.
Não chores já do nosso Antonio a sorte.
A minha sorte chora, & a sorte tua,
Pois nolo tem roubado a dura morte.
A nós dura, a nós aspera, a nós crua,
Que nos leuou o nosso amigo brando,
E a doce, & branda conuersação sua.
Por elle rindo, por mim vou chorando.

E por

E por elle contente, & por mim triste.
 Sem elle a vida irey toda passando.
 Tu que a nossa amizade clara viste,
 Claro verás que a dor da perda grande.
 D'hum claro amigo bom mal se resiste.
 Nunca tal perda, amigo, o ceo te mande.
 Dor he, que nunca a vida perde bñ hora.
 Remedio pode auer, com que s'abrande;
 Não que de todo a vengça, & deite fora.

DEO OPT. MAX.

Laus & honor

TABOADA DESTE LIVRO.

DOS SONETOS.

A

A	Quella cujo nome a meus escritos.	fol. 1
	Ah porque não posso eu em prosa, ou rima.	7
	A ti torno Mondego claro rio.	12
	A que alcarey os olhos pois não vejo.	15
	Asti da fonte cristalina, & pura.	13
	Aquelles olhos, que eu deixei chorando,	12
	Alegrame, & entristece a real cidade.	14
	Alma innocente que teu veo despindo.	24
	Aquella claro Sol que me mostrava.	17
	Aquella nunca vista fermosura.	17
	A Iupiter tres Deosas se queixaram.	20
	A esta lapa vimmos Virgem sancta.	25
	Anjo enuiado aparelhar as vias.	26
	Aguia diuina, que tam altamente.	26
B.	Bem podeis vos, senhora, ajuntar fogo.	5
	Bernardes, cujo sprito Apollo inspira.	22
	Bom Vasco de Lobeira, & de grã sem.	24
C.	Choras, Antonio, & leuam Lima, & Douro.	21
	Com que magoa ó Amor, com que tristeza.	16
	Co alma nos ceos pronta, o sprito inteiro.	18
	Clarissimo Marquez em cujo sprito.	20

h Des-

D. Despojo triste, corpo mal nascido.	18
Dos mais fermosos olhos, mais fermoso.	2
Donde tomou Amor, & de qual vea.	6
Doce amor nouo meu tambem tomado.	9
Do que em vós vi, senhora me presenta.	15
Despois que o meu sprito então só claro.	11
Daquella vista, de que se mantinham.	11
Desfeito o sprito em vento, o corpo em pranto.	19
Despois de cinco lustros ja aquella hora.	25
Diante do cutello riguroso.	26
E. Eu não canto mas choro, & vay chorando.	2
Em quanto solto ao sol brando ar mouia.	7
Eu vejo ind' aqui as sinaes das agoas.	13
Eu vi em vossos olhos nouo lume.	9
Em dia escuro & triste fui lançado.	9
Este peito que está de fogo cheo.	8
Em quanto tu lá Andrad' os votos sanctos.	21
Em duas partes deixey la partida.	22
Estas cinzas aqui chorando encerra.	18
Eu vejo arder teu peito em noua gloria.	21
Escreue Dom Diogo, escreue & canta.	21
Eis o mar eis o vento espanto, & medo.	25
G. Gloriosos espiritos coroados.	23
H. Hús olhos, que o sol claro o dia, o norte.	15
Hum tempo chorey lédo co a esperança.	17
L. Liuro se luz desejas, mal t'enganas.	1

La

Lagrymas costumadas a correrme.	3
Limiano, tu o som do claro Lima.	22
M. Mondego tam soberbo vas da vista.	4
Muitas vezes quisera (tal me vejo)	8
N. Não he minha tenção louuar aquella.	2
Não apparece o sol, triste está a terra.	4
Não lagrimas fingidas, não de cores.	10
Não Tejo, Douro, Zezzer, Minho, Odiana.	3
Nimphas do claro Almonda, em cujo seo.	16
Num concauo penedo onde quebrauam.	23
O. O olhos donde Amor suas frechas tira.	4
Onde está aquella imagem pura, & bella?	5
O cabellos d' Amor rico thesouro.	7
O fogo, que em meu seo guardo, & crio.	8
Onde quer que eu esteja, onde me vire.	8
Os dias conto, & cad' hora, & momento.	12
Os que a fortuna Deosa sua faziam.	23
O alma pura, em quanto cá viuias.	16
Onde m' esconderey, senhor de ti?	25
P. Parecerá senhora em outra idade.	3
Q. Quando entoar começo com voz branda.	4
Quem vio neue queimar, quem vio tam frio.	6
Quantas vezes Amor comigo cheo.	7
Quando eu vejo sayr a menham clara.	10
Quando vos vi, senhora, vi tam alto.	10

b 2

Quan-

Quantos suspiros, triste, & quã compridos.	14
Quando eu os olhos ergo àquelle rosto.	15
Quando s'enuolue o ceo, o dia escurece.	13
Quando eu os olhos ergo àquella parte.	14
Quando será que eu torne a ter diante.	14
Que Apelles, que Lisippos poderiam.	20
Quem pode ver hum coração tam triste.	17
Qual bõ planeta, qual boa estrella, ou signo.	18
Quanto d'Amor se pode humanamente.	23
R. Rey bemaumentado este he o dia.	19
Raynha sancta aos Reys exemplo claro.	26
S. Se saber fermosura, & Real estado.	19
Seu podesse igualmente mostrar fora.	2
S'erra minh'alma em contemplaruos tanto.	3
Sol, que já tantas voltas aos ceos deste.	6
Se vos podesseis com desprezo, ou ira.	5
Sae minh'alma às vezes a buscaruos.	6
Sepultado em tristeza, em dor, em pranto.	18
Solitario, que segues tam contente.	25
Se com vos ver, senhora, aßi la ardia.	14
Se meu desejo sô he sempre vernos.	9
Spritos coroados da victoria.	27
T. Temme Amor preso em hũas redes d'ouro.	11
Tejo triumphador do claro Oriente.	12
V. Valles, serras, & montes, bosques, prados.	10
Vay minh'alma cansada a vós buscando.	11
Vou	

Vou de suspiros todo este ar enchendo.	1
Vincio eu vejo do oriente a clara.	223
Vay nouo sol esclarecer o dia.	19
Vinha Amor pelo campo trebellando.	25

Os Epigrammas.	28
----------------	----

DAS ODAS.

Oda primeira.	30
Oda aos Principes D. loão, & D. loana.	31
Oda a D. loão de Lancastro.	31
Oda aos Reys Christãos.	33
Oda a D. Afonso de Castelbranco.	34
Oda a hũa nao d'armada, em q' hia seu irmão.	35
Oda a Manoel de Sampayo.	36
Oda a D. Antonio de Vasconcellos.	37
Oda ao senhor D. Duarte.	39
Oda a Pero d'Andrade.	40
Oda a Francisco de Sã de Meneses.	41
Oda a Afonso Vaz Caminha.	43
Oda a Antonio de Sã de Meneses.	44

DAS ELEGIAS.

Elegia a Francisco de Sã de Meneses.	47
Elegia na morte de Diogo de Betancôr.	50
Ele-	

Elegia a Mayo.	52
Elegia a D. Luis Fernãdez de Vasconcellos.	53
Elegia a Pedro d' Andrade.	55
Elegia a Afonso d' Albuquerque.	57
Elegia Amor fugido.	59
Elegia Amor perdido.	60
Elegia a sancta Maria Madalena.	61

DAS EGLOGAS.

Archigamia. Egloga I.	64
Ianio. Egloga II.	75
Tytiro. Egloga III.	77
Lilia. Egloga IIII.	80
Teuio. Egloga V.	82
Magica. Egloga VI.	84
Daphnis. Egloga VII.	84
Floris. Egloga VIII.	92
Miranda. Egloga IX.	95
Segadores. Egloga X.	97
Androgeo. Egloga XI.	102
Natal. Egloga XII.	104
Epithalamio ao Casamento da S. D. Maria.	108
Historia de S. Comba dos Valles.	116

DAS CARTAS.

Com-

Congratulação do Reyno a el Rey D. João III.	126
A Pero d' Alcacous Carneiro Secretario.	128
A Francisco de Sã de Miranda.	188
A D. Simão da Sylueira.	192
A D. João de Lancastro.	135
Outra ao mesmo.	148
A João Roiz de Sã de Meneses.	137
A Garcia Frois. Ferreira seu irmão.	140
A Pero d' Andrade Caminha.	130
Outra ao mesmo.	143
A Manoel de Sampayo.	151
A Diogo de Betancôr.	155
A Diogo Bernardes.	158
Ao senhor D. Duarte.	162
A el Rey D. Sebastião.	164
Ao Cardeal Iffante D. Anriq; Regents.	168
A Luis Goncalues de Camara.	172
A Antonio de Sã. de Meneses.	133
Outra ao mesmo.	180
Ao Conde do Redondo Regedor.	195
A Vasco da Sylueira.	197
A Francisco de Sã de Meneses.	198
A Diogo de Teyue.	176
A João Lopez Leitão.	183
A D. Constantino indo governar a India.	185
A Antonio de Castilho.	182
	Os

Os Epitaphios.	200
Castro Tragedia.	205
Elegia de Diogo Bernardes a Pero d'Andrade	
na morte de Antonio Ferreira.	235
Resposta de Pero d'Andrade.	238

